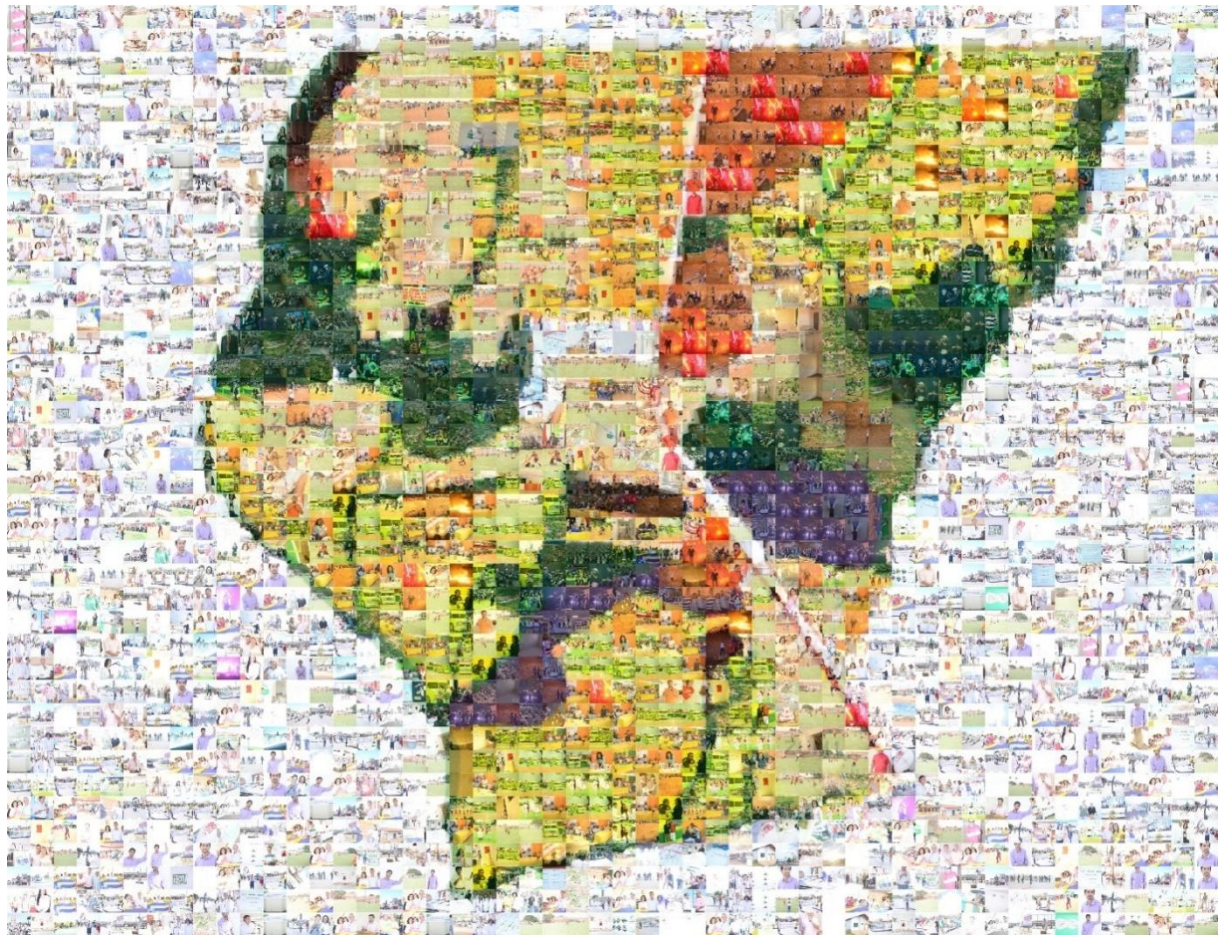


VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO



O LUGAR DAS IDENTIDADES, AS IDENTIDADES DO LUGAR

1995-2010



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL: MESTRADO**

**VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: O LUGAR DAS IDENTIDADES, AS IDENTIDADES
DO LUGAR
1995-2010**

Mestranda: Eliete Barbosa de Brito Silva

Orientador: Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha

Goiânia-GO
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Silva, Eliete Barbosa de Brito.

VALPARAÍSO DE GOIÁS: o lugar das identidades, as identidades do lugar. 1995-2010. 226f.: il., figs., grafs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Departamento de História, 2014.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas, gráficos e tabelas.

Apêndices.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL: MESTRADO**

**VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: O LUGAR DAS IDENTIDADES, AS IDENTIDADES
DO LUGAR
1995-2010**

ELIETE BARBOSA DE BRITO SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Mestre em História/Turma 2012.

Área de Concentração: Cultura, Fronteiras e Identidades,
na Linha de Pesquisa: Fronteiras, Interculturalidades e
Ensino de História.

Goiânia-GO
2014

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Eliete Barbosa de Brito Silva		
E-mail:	elietebarbosa1@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? ☒ Sim ☐ Não			
Vínculo empregatício do autor	Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás		
Agência de fomento:	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás	Sigla:	
País:	Brasil	UF:	Goiás
		CNPJ:	
Título:	VALPARAÍSO DE GOIÁS: o lugar das identidades, as identidades do lugar. 1995-2010		
Palavras-chave:	Valparaíso de Goiás. Migrante. Distrito Federal. Representação social. Identidade social.		
Título em outra língua:	Valparaíso de Goiás-GO: the place of identity, the identities of the place – 1995-2010		
Palavras-chave em outra língua:	Valparaíso de Goiás. Migrant. Federal District. Social representation. Social identity.		
Área de concentração:	Culturas, Fronteiras e Identidades.		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	15/09/2014		
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás- UFG		
Orientador (a):	Leandro Mendes Rocha		
E-mail:	leo19601965@gmail.com		
Co-orientador(a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: 26/ 08 / 2014

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha – Faculdade de História/UFG
Presidente da banca/Orientador

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro – IESA/UFG
Membro externo

Prof^a. Dr^a. Heloísa Selma Fernandes Capel – Faculdade de História/UFG
Membro interno

Prof^a. Dr^a. Cristina de Cássia Pereira Moraes – Faculdade de História/UFG
Suplente

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Eliete Barbosa de Brito Silva**. Aos 15 (quinze) dias do mês de setembro de dois mil e quatorze (2014), com início às 16h, nas dependências da Faculdade de História, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado da aluna, Eliete Barbosa de Brito Silva, que apresentou o Tema: **“VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: O LUGAR DAS IDENTIDADES, AS IDENTIDADES DO LUGAR / 1995 - 2010”**. A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº035/FH, de 15 de setembro de 2014, pelos seguintes Professores Doutores **Leandro Mendes Rocha-UFG (Presidente)**, **Eguimar Felício Chaveiro- UFG/IESA**, **Heloísa Selma Fernandes Capel-UFG**, e como suplente: **Cristina de Cássia Pereira Moraes- UFG**. Os Examinadores argüiram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. Às 18:20 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido o candidato aprovado.

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro-UFG/IESA Ass. 

Decisão(aprovado)

Profa. Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel-UFG Ass. 

Decisão(aprovado)

Presidente da Banca Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha- UFG Ass. 

Decisão (aprovado)

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a Sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, **Marco Aurélio Fernandes Neves**, secretário do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenador: 

Prof. Dr. Marlon Jeison Salomon

Secretário: 

Marco Aurélio Fernandes Neves

DEDICATÓRIA

Entender, essa a ação à qual me dispus ao iniciar esse estudo. Entender é também a ação que permeia nosso cotidiano. Estamos sempre buscando entender. Entender o ciclo vital que inexoravelmente nos confronta com momentos de perdas e ganhos. Percebo que nossas vidas são compostas, basicamente, por tais momentos. Ora perdemos, ora recebemos. Na trajetória percorrida até o presente momento, o da defesa de mestrado; observo quão intensos foram tais momentos em minha vida. Nasci perdendo, perdi minha mãe biológica, Isaura, pessoa a quem nunca conheci, mas a quem dedico esta dissertação em nome da vida a mim atribuída. Ganhei a melhor família que poderia almejar. Ilda, mãe extremosa e Coutinho, pai zeloso (*in memoriam*) – se disser Antônio, poucos saberão – pais amados a quem dedico minha existência. Sebastião Barbosa, meu pai biológico, a vida me fez perceber a grandeza de seu gesto. Glênia, Adriana, Dener (*in memoriam*) e Arley irmãos amorosos com quem compartilhei uma infância feliz. Ricardo, Queila e Vânia, cunhados queridos cuja convivência prezo imensamente. Thalia, Adrian, Maria Luiza, Rafaela, Richard, Kethlyn, Stefanny, Yasmin sobrinhos muito amados com quem compartilho a certeza de que o conhecimento transforma a vida das pessoas para melhor. Gracielle e Jefferson, sobrinhos queridos a quem a distância não viabilizou o afastamento. Gilmar, esposo querido e companheiro de estudos e ideais, contigo compartilho a certeza da resiliência. Guilherme, Jéssica e Matheus a vocês eu dedico o sentido de minha existência. Rafael e Aline filhos de meu coração, a vocês meu amor incondicional. Maciel, Eunice, Felipe, Vitória e Mariana família à qual agreguei meu coração. A vocês todo o carinho e a certeza de que o ser humano é em essência solidário. A Laurinda a consciência de uma vida mais feliz em função de sua amizade. A vocês Nelton, Wayrone e Hugo a certeza do reencontro de almas. Aos meus ex-alunos, com quem partilhei o sonho do mestrado e dos quais sempre recebi incentivo. Aos companheiros do Sindicato dos Servidores Públicos e Empresas Públicas Municipais de Valparaíso de Goiás – SINDSEPEN/VAL. À companheira e amiga Olízia a quem aprendi a respeitar por sua luta em defesa dos direitos de professores e alunos e pela retidão de caráter. À minhas amigas Mônica, Gislene e Brenda de quem sempre recebi estímulo e apoio para superar os obstáculos. A você Lucimar, por sua disposição para enfrentar desafios, por sua crença em um mundo melhor a partir da educação. A todos aqueles que acreditam na força de seus sonhos. A vocês dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa dissertativa é um construto coletivo. Muitos foram os que contribuíram para a materialização de minha pesquisa de mestrado. Quer seja ministrando disciplinas, indicando referencial bibliográfico, aceitando ler os textos produzidos, emitindo sugestões e críticas. Dessa forma externalizo nesta página meus agradecimentos.

Ao Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha, meu orientador. Pela leveza na orientação, por seu compromisso com a produção do conhecimento, pela disponibilidade e pelo riso sempre presente nos momentos de tensão.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG, pelos doze meses de bolsa a mim oferecidos. Sem essa ajuda financeira certamente o caminho trilhado teria sido mais penoso.

Aos professores Dr^a Cristina de Cássia Pereira Moraes, Dr. Danilo Rabelo, Dr^a Maria Geralda de Almeida, Dr. Eguimar Felício Chaveiro, Ms. Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, Dr^a Heloísa Selma Fernandes Capel, Dr^a Maria João Cantinho, Dr. Sven Schuster, Dr. Leandro Mendes Rocha pelas disciplinas ministradas. Os conhecimentos apreendidos foram de extrema importância.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás pelas oportunidades de crescimento oferecidas a partir da convivência nestes dois anos.

Aos Professores Dr^a Heloísa Selma Fernandes Capel e Dr. Eguimar Felício Chaveiro pela disponibilidade de participação nas bancas de Qualificação e Defesa. A leitura de vocês muito enriqueceu o presente trabalho.

Aos colegas do Grupo de Estudos “Dona Alzira: Espaço, Sujeito e Existência” pela oportunidade do diálogo, pela participação em debates. As discussões aí materializadas ampliaram minha percepção do objeto de estudo.

Aos queridos Gilmar Elias, Hugo Lacerda, Maciel Pereira e Maria Mônica pela disponibilidade para a leitura dos textos.

A Nelton, Nezivânia e Ângela pela confiança em abrigar-me em suas residências.

A Esdra Basílio pela sensibilidade ao dispor de seu tempo na elaboração do quadro catalográfico.

Aos moradores da cidade de Valparaíso de Goiás que responderam ao questionário e às entrevistas orais e a meus ex-alunos que se prontificaram a aplicar os questionários.

À Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás na pessoa da Secretária Ana Cláudia Malta Paulino, pelo incentivo à qualificação profissional em Valparaíso de Goiás.

Plantei flores nas ruas por ti carpidas

Semeei tempo

Trilhei os caminhos da cidade

Me perdi na cidade

No meio da rua

encontrei a mim mesma.

Eliete Barbosa

RESUMO

VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: o lugar das identidades, as identidades do lugar – 1995/2010

A pesquisa que ora se apresenta – “VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: o lugar das identidades, as identidades do lugar – 1995/2010” – objetiva entender as relações identitárias e simbólicas estabelecidas entre os moradores de Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal. Mais: expressa as singularidades de uma cidade cujos moradores, em uma condição de “ubiquidade”, almejam estabelecer residência no Distrito Federal. Valparaíso de Goiás tem sua gênese no movimento migratório para a construção de Brasília. A capital do país continua a atrair pessoas que para aí se deslocam e não conseguem estabelecer-se. O destino desses sujeitos são os municípios goianos da Área Metropolitana de Brasília-AMB, dentre eles Valparaíso de Goiás. Embora fixem residência em outra cidade é em Brasília ou em suas Regiões Administrativas-RAs que significativo número de pessoas busca por trabalho e pelos equipamentos públicos de saúde, educação e lazer. É comum essas pessoas deixarem a cidade de moradia muito cedo e somente retornar à noite. Observada a condição de Valparaíso de Goiás no que tange à oferta de mão de obra ao Distrito Federal, percebemos a posição de centralidade do município em relação ao referido distrito. A essa peculiaridade nomeamos “Centralidade invertida”. O município, por essa lógica, é elemento essencial para a desoneração do espaço distrital da busca por moradia e da mão de obra. As relações apontadas promovem uma aparente dificuldade para que se estabeleça entre os moradores da cidade o senso de pertencimento à mesma. O problema que guiou as presentes reflexões foi: como se estrutura a identidade social de sujeitos que vivem em condição de ubiquidade? Consideramos a Triangulação de métodos como sendo aquela que melhor atende aos objetivos da pesquisa. Para tal empregamos a Pesquisa Qualitativa, a Quantitativa e a Pesquisa Participante. À referida metodologia foram acrescidos fontes e recursos que visaram enriquecer a coleta de dados, dentre estes citamos o emprego de entrevistas orais. O pressuposto teórico central da pesquisa é de que os parâmetros sociais da população de Valparaíso de Goiás foram estabelecidos com o Distrito Federal em detrimento do estado de Goiás. Com base neste pressuposto ficou evidente que o senso de pertencimento dos moradores de Valparaíso de Goiás se dá em relação a Brasília.

Palavras-chave: Valparaíso de Goiás. Migrante. Distrito Federal. Representação social. Identidade social.

ABSTRACT

Valparaíso de Goiás-GO: the place of identity, the identities of the place - 1995/2010

The research presented here - "Valparaíso de Goiás-GO: the place of identity, the identities of the place - 1995/2010" - aims to understand the identity and symbolic relations between the residents of Valparaíso de Goiás and the Federal District. More: expresses the uniqueness of a city whose residents, in a condition of "ubiquity", aims to establish residence in the Federal District. Valparaíso de Goiás has its genesis in the migratory movement to the construction of Brasília. The capital of the country continues to attract people that want to live there, but cannot settle. The fate of these people is the cities of Brasília's Metropolitan Area - BMA, including Valparaíso de Goiás. Though they fix residence in another city is in Brasília or in its Administrative Regions - ARs that significant numbers of people search of work and for public equipment of health, education and leisure. It is common for these people to leave the city housing too early and only return at night. Observed the condition of Valparaíso de Goiás, about the supply of labor to the Federal District, notice the position of centrality of this city in relation that district. This peculiarity was named "inverted Centrality." The city, by this logic, is essential to relieve the district space of housing search and labor. The relationships pointed promote an apparent difficulty to establishment between city dwellers of a sense of belonging to it. The problem that led to these reflections was: how to structure the social identity of these people who live in a state of ubiquity? We consider the triangulation of methods as being the one that best meets the objectives of the research. For this we use the Qualitative and Quantitative research plus the Participant Research. At this methodology was added various types of sources and resources that enriched the data collection, among these we mention the use of oral interviews. The central theoretical assumption of the research is that the social parameters of the population of Valparaíso de Goiás were established with the Federal District to the detriment of the state of Goiás. Based on this assumption became evident that the sense of belonging of the residents of Valparaíso de Goiás occur in relation to Brasília.

Keywords: Valparaíso de Goiás. Migrant. Federal District. Social representation. Social identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 01: Planta do Macro Zoneamento Urbano do Município, 2012.....	54
Figura 02: Festas nordestinas na cidade.....	57
Figura 03: Vista aérea de Valparaíso de Goiás.....	64
Figura 04: Valparaíso de Goiás na Microrregião do Entorno de Brasília.....	66
Figura 05: Fases de expansão populacional do município de Valparaíso de Goiás/GO.....	108
Figura 06: Representação da interdependência entre o município de Valparaíso de Goiás/GO e o Distrito Federal.....	114
Figura 07: Foto de família na Torre de TV de Brasília-DF/2103.....	123
Figura 08: Presença dos imobiliários no município de Valparaíso de Goiás.....	134
Figura 09: Condomínio em construção – Setor de Chácaras Anhanguera C.....	136
Figura 10: Padrão das casas construídas em Condomínios particulares.....	137
Figura 11: Dados sobre a violência na AMB publicados na mídia.....	142
Figura 12: Representações da violência em Valparaíso de Goiás nas redes sociais.....	143
Figura 13: Comércio fechado na Etapa “A”	147
Figura 14: Transformação de área de lazer em condomínio fechado.....	159
Figura 15: Mercado Imobiliário – Outdoors colocados às margens da BR-040.....	161
Figura 16: Praça Central da Etapa A, bairro Valparaíso I em Valparaíso de Goiás.....	163
Figura 17: Praça construída pelos moradores do Bairro Valparaíso I, etapa E.....	164
Figura 18: Ponto de Cultura Companhia Vem Viver.....	166
Figura 19: Áreas destinadas à construção de espaços de lazer.....	169
Figura 20: Encaminhamentos da pesquisa dissertativa.....	203

GRÁFICOS

Gráfico 01: Valparaíso de Goiás: Origem dos moradores -2013.....	56
--	----

Gráfico 02: Relação de dependência: Valparaíso de Goiás/Distrito Federal.....	76
Gráfico 03: Pirâmide etária de Valparaíso de Goiás, Goiás e Brasil, 2010.....	82
Gráfico 04: Intenção dos moradores de Valparaíso de Goiás de mudar de cidade, 2014.....	112
Gráfico 05: Intenção de voltar para a cidade natal, 2013.....	125
Gráfico 06: Valparaíso de Goiás: relação com as cidades do Distrito Federal.....	130
Gráfico 07: Valparaíso de Goiás: motivos pelos quais vai ao Distrito Federal.....	131
Gráfico 08: Valparaíso de Goiás: satisfação por morar- 2014.....	132
Gráfico 09: Valparaíso de Goiás: comentários negativos - 2014.....	146
Gráfico 10: Valparaíso de Goiás: motivos que levam à migração.....	151
Gráfico 11: Valparaíso de Goiás: relações de vizinhança.....	155
Gráfico 12: Espaços de lazer em Valparaíso de Goiás, 2014.....	158
Gráfico 13: Valparaíso de Goiás: locais de lazer da família, 2014.....	170
Gráfico 14: Documentos pessoais: origem, 2014.....	174
Gráfico 15: Satisfação por residir em Valparaíso de Goiás, 2014.....	181
Gráfico 16: Valparaíso de Goiás: motivo de mudança para o município-2014.....	207
Gráfico 17: Valparaíso de Goiás: local de residência-2014.....	208
Gráfico 18: Valparaíso de Goiás: local anterior de residência-2014.....	209
Gráfico 19: Valparaíso de Goiás: problemas apontados -2014.....	210
Gráfico 20: Dificuldades para obtenção de trabalho: local de moradia-2014.....	211
Gráfico 21: Valparaíso de Goiás: cinco vantagens do município-2014.....	212
Gráfico 22: Valparaíso de Goiás: chegada de novos moradores-2014.....	213
Gráfico 23: Valparaíso de Goiás: percepção ao chegar-2014.....	214
Gráfico 24: Valparaíso de Goiás: Origem do Registro Geral/RG-2014.....	215

LISTA DE TABELAS

TABELAS

Tabela 01: Movimento migratório e Saldo líquido migratório da Região Centro-Oeste, 2000/2004/2009.....	53
Tabela 02: População total residente: 1940-2010/ Brasil, Centro-Oeste, Goiás, Goiânia, Distrito Federal e Valparaíso de Goiás.....	68
Tabela 03: Microrregião do Entorno do Distrito Federal: População residente e Densidade demográfica – 2010.....	69
Tabela 04: Microrregião do Entorno do Distrito Federal População residente: Naturais e não-naturais/2010.....	71
Tabela 05: Goiás: Ranking dos 10 municípios com maior participação no Valor Adicionado (VA) 2010.....	74
Tabela 06: Ranking de municípios da Microrregião do Entorno do Distrito Federal que executam movimentação pendular: Estimativa da população e movimentação pendular acima de 10% do total de habitantes dos municípios/2010.....	79
Tabela 07: Principais fluxos de migrantes do Distrito Federal para seu entorno 1995/2000 - 2005/2010.....	94
Tabela 08: Demandas anuais nas ligações interestaduais com o Distrito Federal e seu Entorno/GO.....	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMB – Área Metropolitana de Brasília

AMIB – Área Metropolitana Integrada de Brasília

APL – Arranjo Produtivo Local

CAESB – Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal

CEASA – Central de Abastecimento do Distrito Federal

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENCOL – Engenharia Comércio e Indústria

FAP- DF – Fundação de Amparo à Pesquisa Distrito Federal
GDF – Governo do Distrito Federal
G100 – Grupo dos Cem Municípios populosos com baixa renda per capita
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IESA – Instituto de Estudos Socioambientais
IMB – Instituto Mauro Borges
IML – Instituto Médico Legal
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JK – Juscelino Kubistchek
NEPO – Núcleo de Estudos da População
ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
OMS – Organização Mundial da Saúde
PAC – Programa de Aceleração do Crescimento
PIB – Produto Interno Bruto
PMAD – Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios
PMCMV – Programa Minha Casa Minha Vida
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PRORIDE – Programa Especial de Desenvolvimento do Entorno do Distrito Federal
RAs – Regiões Administrativas
RIDE/DF – Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno
RMG – Região Metropolitana de Goiânia
RS – Representação Social
SE – Secretaria do Entorno
SEE-DF – Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal
SEGPLAN – Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento
SEPIN – Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação do Estado de Goiás
SEPLAN – Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás
SIA – Setor de Indústria e Abastecimento de Brasília
TERRACAP – Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal
UFG – Universidade Federal de Goiás
UnB – Universidade de Brasília
UNICAMP – Universidade de Campinas
USP – Universidade de São Paulo

ZEE/DF – Zoneamento Ecológico-Econômico do Distrito Federal

LISTA DAS UNIDADES FEDERATIVAS E REGIÕES BRASILEIRAS

BA – Bahia

CE – Ceará

CO – Centro-Oeste

DF – Federal Distrito

GO – Goiás

MA – Maranhão

MG – Minas Gerais

NE – Nordeste

PA – Pará

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

PI – Piauí

PR – Paraná

RJ – Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

SE – Sudeste

SP – São Paulo

TO – Tocantins

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT.....	12
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	13
LISTA DE FIGURAS.....	13
LISTA DE GRÁFICOS.....	13
LISTA DE TABELAS.....	15
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	15
LISTA DAS UNIDADES FEDERATIVAS E REGIÕES BRASILEIRAS.....	17

INTRODUÇÃO

Introdução.....	21
Desafios para o estudo do objeto.....	24
Dimensão dos sujeitos da pesquisa.....	30
Apresentação dos capítulos.....	37

CAPÍTULO I

Valparaíso de Goiás: um ponto e vírgula no caminho até Brasília.....	40
1.1 Valparaíso de Goiás, relações estabelecidas com o estado de Goiás: uma digressão necessária.....	41
1.2 Valparaíso de Goiás: os embates travados para desbravar as fronteiras do antigo e do novo.....	59
1.3 Valparaíso de Goiás: um município goiano no contexto metropolitano de Brasília.....	65

CAPÍTULO II

Valparaíso de Goiás e Distrito Federal: uma simbiose urbana.....	85
---	-----------

2.1 Brasília: a capital da segregação socioespacial.....	86
2.2 Valparaíso de Goiás e a dinâmica urbana: o desafio da migração.....	89
2.3 A vida materializada na metrópole: um contexto de relações conflituosas.....	95
2.4 Valparaíso de Goiás: a urdidura de uma identidade metropolitana.....	102
2.5 Valparaíso de Goiás: caminhos que levam a Brasília.....	105
2.6 Valparaíso de Goiás: uma centralidade possível.....	110

CAPÍTULO III

Valparaíso de Goiás, o Eu, o Tu, o Nós: representações de um município na Área Metropolitana de Brasília.....	118
--	------------

3.1 Valparaíso de Goiás: representações de uma cidade.....	120
3.2 Valparaíso de Goiás: a moradia, o trabalho e o lazer como estatutos para o pertencimento.....	127
3.3 Valparaíso de Goiás: a fragilidade expressa na violência urbana.....	139
3.4 Valparaíso de Goiás: a dimensão do trabalho na Área Metropolitana de Brasília.....	148
3.5 Valparaíso de Goiás: o lazer em um espaço de ubiquidade.....	157
3.6 Tornar-se valparaisense: um exercício para o devir.....	172

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	187
--	------------

APÊNDICES

Nota Metodológica.....	201
------------------------	-----

Apêndices A – Gráficos

Apêndice A1 – Gráfico 16: Valparaíso de Goiás: motivo de mudança para o município - 2014.....	207
Apêndice A2 – Gráfico 17: Valparaíso de Goiás: local de residência- 2014.....	208
Apêndice A3 – Gráfico 18: Valparaíso de Goiás: local anterior de residência- 2014.....	209
Apêndice A4 – Gráfico 19: Valparaíso de Goiás: problemas apontados - 2014.....	210
Apêndice A5 – Gráfico 20: Dificuldades para obtenção de trabalho: local de moradia- 2014.....	211
Apêndice A6 – Gráfico 21: Valparaíso de Goiás: cinco vantagens do município- 2014.....	212
Apêndice A7 – Gráfico 22: Valparaíso de Goiás: chegada de novos moradores- 2014.....	213
Apêndice A8 – Gráfico 23: Valparaíso de Goiás: percepção ao chegar- 2014.....	214
Apêndice A9 – Gráfico 24: Valparaíso de Goiás: Origem do Registro Geral/RG- 2014.....	215

Apêndices B – Roteiros de Entrevistas

Apêndice B1 – Questões para entrevista oral.....	217
Apêndice B2 – Questões semielaboradas para entrevista.....	219
Apêndice B3 – Termo de Consentimento de participação em pesquisa.....	222
Apêndice B4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	223

ANEXO

Anexo I – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás - UFG: Parecer Consubstanciado.....	225
--	-----

VALPARAÍSO DE GOIÁS: o lugar das identidades, as identidades do lugar -1995/2010

Introdução

O texto dissertativo aqui exposto resulta de um estudo sobre o processo de formação identitária da população de Valparaíso de Goiás/GO² em sua relação com Brasília/DF. Intitula-se, **Valparaíso de Goiás: o lugar das identidades, as identidades do lugar – 1995/2010**. Ao nomearmos o trabalho, consideramos a importância do “ser” na vida do sujeito. A forma como nos percebemos e somos percebidos por nossos pares é o que nos identifica, singulariza. Logo, o lugar da identidade é uma alusão à experiência do “existir” em um dado espaço. A cidade encontra-se recortada por uma multiplicidade de pessoas. Cada qual com suas características individuais. Entretanto, é no coletivo, quando todas essas singularidades se unem, que o tecido da *pólis* é urdido. Assim, “as identidades do lugar”, torna-se uma menção aos múltiplos habitantes da cidade. Estes vão, dialogicamente, negociando sua existência entre duas realidades diversas.

É nosso objetivo, a partir do recorte temporal que compreende os anos de 1995 a 2010, investigar o processo de construção das representações sociais e do pertencimento social dos moradores³ de Valparaíso de Goiás. O recorte temporal se justifica por ser o ano de 1995 aquele no qual ocorreu a instalação do município de Valparaíso de Goiás e o ano de 2010 por ser o ano do último Censo do IBGE, cujos resultados serão empregados para o embasamento da presente pesquisa. Esta opção temporal não se torna impeditivo para que recorramos aos anos anteriores ou posteriores visando um melhor entendimento do contexto dado.

Valparaíso de Goiás localiza-se ao sul do Distrito Federal. Dista de Brasília, capital federal, aproximadamente trinta e cinco quilômetros. É um município da Área Metropolitana de Brasília - AMB⁴. O seu processo de povoamento é anterior à construção da

² Município goiano da Área Metropolitana de Brasília cuja população é composta em sua maioria por migrantes da região Nordeste do país. Cf. Silva, G. E. R. da. **Valparaíso de Goiás-GO: migração e dinâmica socioespacial -1995/2010**. Dissertação de mestrado. Goiânia. UFG, 2012. 195f.

³ Embora a condição de migrantes tenha resultado na inserção destes sujeitos no tecido urbano da cidade, estes serão considerados aqui a partir de seu estabelecimento em Valparaíso de Goiás. Assim sendo é na posição de moradores que suas relações com a cidade serão analisadas. Isso se dá por entendermos que, ainda que sejam “estrangeiros”, ao fixarem residência perdem a condição de “errante” própria do ser em passagem que é o migrante. Pelo exposto, serão nomeados no *corpus* deste trabalho como “moradores”.

⁴ Nomenclatura empregada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal/CODEPLAN divulgada em jan./2013; que abrange o Distrito Federal e mais 12 municípios goianos da chamada Área Metropolitana Integrada de Brasília – AMIB. A AMIB é composta pelos municípios de Águas Lindas de Goiás, Alexânia,

nova capital do Brasil. A cidade era, até a primeira metade da década de 1990, distrito de Luziânia, centenária cidade goiana. Entretanto, é a partir do projeto de interiorização do país com a construção da nova capital que a migração se intensifica para a região. A vinda de pessoas para o Distrito Federal deve ser vista dentro de um contexto onde significativas transformações ocorreram desde o início da década de 1960 no Brasil.

As referidas transformações relacionam-se ao desenvolvimento do capitalismo. Estas podem ser percebidas através da substituição das importações e da implantação de parques industriais no país. Pela primeira vez percebe-se uma tendência migratória do campo para a cidade. Esse processo de deslocamento da população nacional para as *urbes* acentua-se na segunda metade do século XX em decorrência da modernização da agricultura. É durante esse processo de urbanização vivenciado pelo Brasil que Brasília é construída.

Desde os primórdios de sua construção, Brasília surge como polo atrativo para as massas de migrantes. Estes, expulsos do campo, partem para as cidades em busca de novas oportunidades. Em um momento no qual o país vibrava com a construção de sua nova capital, era de se esperar que oportunidades fossem buscadas em seu canteiro de obras. A construção de Brasília desperta nos brasileiros um estado de euforia poucas vezes presenciado na história do país⁵.

Quando o assunto é a construção da capital, logo nos reportamos à epopeia de Juscelino Kubitschek e ao esplendor propalado sobre esta. Ali fluiria “leite e mel”, segundo o sonho de Dom Bosco⁶ (Silva; Silva, 2008). Embora no imaginário popular Brasília simbolizasse a “Capital da Esperança”, os migrantes que para aí se deslocaram e continuaram a vir encontraram um espaço de profundas contradições sociais, econômicas e de trabalho. As

Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Novo Gama, Padre Bernardo, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás. As cidades de Alexânia e Luziânia, embora não sejam contíguas ao Distrito Federal, possuem também forte grau de integração com este. Cf. Silva, G. E. R. da. 2012 e CODEPALN/PMAD, 2013. Brasília apresenta dentro das leituras realizadas quer seja pela concepção simmeliana de metrópole quer seja pela concepção geográfica elementos que a definem como uma metrópole nacional. Cf. Santos, Milton. **A urbanização Brasileira**, São Paulo: Hucitec, 1993. Simmel, G., *A Metrópole e a Vida Mental*, in Velho, Otávio Guilherme (org.), **O Fenômeno Urbano**, 4ª Edição da Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil, 1979.

⁵ Acerca das representações sobre Brasília à época da construção da capital conferir Silva, L. S. D. da. **A construção de Brasília: modernidade e periferia**. 2ª edição. Editora UFG, 2010.

⁶ Em 30 de agosto de 1883, Dom Bosco (santo italiano, nascido em 1815 e fundador da Ordem dos Salesianos) teve um de seus famosos sonhos. Alguns trechos do que ele relatou: Entre os paralelos de 15° e 20° havia uma depressão bastante larga e comprida, partindo de um ponto onde se formava um lago. Então, repetidamente, uma voz assim falou: "(...) quando vierem escavar as minas ocultas, no meio destas montanhas, surgirá aqui a terra prometida, vertendo leite e mel. Será uma riqueza inconcebível..." In: Tamanini, L. F. **'Brasília - Memória da Construção'** Projecto Editorial, Brasília. 2003.

relações humanas no mundo da grande cidade configuraram-se diferentes do mundo do qual eram oriundos.

Foram principalmente essas contradições econômicas verificadas na capital federal, aliadas a outros fatores, que inviabilizaram a permanência desses migrantes em Brasília ou em suas cidades satélites⁷. Estes foram então constrangidos a se deslocarem para além do Distrito Federal; provocando um “espraiamento”⁸ para a região fronteira a este distrito, região que ficou conhecida como “Entorno do Distrito Federal”. Posteriormente denominada Área Metropolitana de Brasília⁹.

Sua proximidade com Brasília pode explicar o intenso fluxo de pessoas para seu território. Os números expressos nos levam a inferir que Valparaíso de Goiás configura-se em uma cidade de “sempre chegantes”. Tal característica parece dificultar, ou mesmo torna singular o processo de construção da identidade local. Considerando-se que a formação de uma identidade local perpassa pela construção de uma história local, que ao migrar o indivíduo torna-se anônimo, destituído de importância e pertencimento (Smith, 1995) e mais, que os embates travados no campo das expectativas criadas e a realidade vivida na cidade, realidade essa que evidencia a segregação socioespacial a que se encontra relegado por vezes o sujeito migrante, surgem os questionamentos que seguem.

Que espécie de identidade coletiva e/ou individual se constrói a partir da experiência migratória? Que elementos culturais permanecem ou surgem a partir das experiências vivenciadas para a constituição das identidades locais? Como é forjada e fortalecida a noção de pertencimento social desses sujeitos? Como se evidencia a questão da alteridade na relação entre os moradores de Valparaíso de Goiás e do Distrito Federal? Que representações são construídas a partir de tais relações? O estudo da temática abordando a elaboração das representações e das identidades sociais torna-se essencial para a elucidação de tais questionamentos.

⁷ É o antigo nome que se dá para as regiões administrativas localizadas no entorno de Brasília, aqui entendida como o Plano Piloto. Atualmente são 31(GDF/2012). Elas não têm autonomia política e, por isso, são dirigidas por administradores nomeados pelo governador local. Originalmente, foram planejadas para serem núcleos urbanos e para funcionar como cidade-dormitório. Cf. **Revista Nova Escola**. Seção: Na dúvida? Nova Escola responde. Edição 219 – Jan./Fev. 2009.

⁸ Cf. Santos, M. **A Urbanização Brasileira**. 5ª ed. Editora Edusp. São Paulo, 2009. 176p.

⁹ Até a data de 27 de fevereiro de 2013 a hoje denominada Área Metropolitana Integrada de Brasília era conhecida por Entorno do Distrito Federal. Por Região do Entorno do Distrito Federal ou Área Metropolitana de Brasília leia-se o conjunto de municípios goianos que circundam o referido distrito. A mudança foi resultante da ação de combate ao preconceito toponímico desenvolvida pelo pesquisador professor emérito da UnB Aldo Paviani. Cf. Silva, G. E. **VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: migração e dinâmica socioespacial – 1995/2010**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012. 195f. e Correio Braziliense. Caderno Cidades. Brasília, 26 de março de 2013.

Desafios para o estudo do objeto

Partimos dos pressupostos que a migração para Valparaíso de Goiás é resultante do processo de expropriação efetivado pela lógica capitalista; a cidade encontra-se socialmente vinculada ao Distrito Federal; os moradores de Valparaíso de Goiás aparentemente não vivenciam a cidade onde se estabeleceram. O que dificulta o enraizamento destes no local de moradia. É recorrente entre os moradores a noção de segregação ou inferioridade mediante o Distrito Federal. Por fim, os parâmetros sociais da população de Valparaíso de Goiás foram estabelecidos com o Distrito Federal em detrimento do estado de Goiás.

Com base nestes pressupostos, o presente estudo arcabouça-se na hipótese de que o senso de pertencimento¹⁰ dos moradores de Valparaíso de Goiás se dá em relação a Brasília. Este se encontra vinculado às práticas socioespaciais e aos espaços de representação estabelecidos no Distrito Federal. Percebe-se que a identidade social é sempre construída em relação ao contexto no qual se insere. Os moradores de Valparaíso de Goiás aparentemente encontram dificuldades para construir uma identidade arcabouçada no senso de pertencimento a esse município.

Propusemo-nos a entender as adaptações e transformações pelas quais os moradores da cidade passaram a partir da mudança de sua cidade de origem até o estabelecimento em Valparaíso de Goiás. Sua adaptação ou não ao lugar de moradia. As representações sociais construídas acerca desse lugar no qual se fixam ao desfecho de sua aventura migratória.

As relações que envolvem a capital do país e as cidades de sua Região Metropolitana¹¹ têm sido tema de recentes debates ocorridos entre o governo do Distrito Federal, os gestores dos referidos municípios, representantes do governo do estado de Goiás e representações universitárias visando ao aperfeiçoamento e à implantação de políticas públicas que venham a sanar os problemas nas áreas de transporte, saúde, segurança, meio

¹⁰ Para Weil, S. (1979, pp.347-348) é o enraizamento que redundará no senso de pertencimento do sujeito. Segundo a autora o “enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana”. Pressupõe o experienciamento do lugar. Cf. Weil, S. **A Condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

¹¹ Principalmente aquelas localizadas em território goiano e classificadas na Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno-RIDE/DF como de alta integração com o Distrito Federal. A classificação é feita tomando por critério o grau de dependência dessas cidades nos setores de emprego, educação, equipamentos públicos, relações comerciais e espaço de atração migratória em relação ao Distrito Federal. De acordo com a RIDE as cidades goianas com maior grau de integração correspondem a: Águas Lindas de Goiás, Cidade Ocidental, Luziânia, Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás.

ambiente e educação. Em face do exposto foi criada em fevereiro de 2013 a Área Metropolitana do Distrito Federal-AMB¹².

Ao visibilizar o processo de elaboração das representações sociais dos moradores de Valparaíso de Goiás em sua relação com Brasília e as implicações destas na composição da identidade social dessa população poderemos contribuir para que haja uma visibilização da problemática que envolve o estabelecimento, ou não, do senso de pertencimento destes em relação ao município que habitam, e que, a nosso ver resultam das representações construídas no instante da decisão por migrar.

Este trabalho integrou-se à série de pesquisas, alhures mencionadas, que vêm sendo desenvolvidas na região¹³ e que visam estudar as relações estabelecidas entre o Distrito Federal e os municípios que compõem sua área metropolitana e destes com os estados a que pertencem. O contexto do fluxo migratório intenso na cidade de Valparaíso de Goiás e a intrínseca relação de seus moradores com a capital do país são fatores por nós analisados. Consideramos que o descortinar desses fatores será importante para entendermos a construção do sentimento de pertencimento desenvolvido por esses atores que são ao mesmo tempo objetos e sujeitos dessa construção.

Elegemos como categorias históricas de estudo o migrante, a identidade social, a representação e o lugar. Entendemos que a escolha de tais categorias coadunou com o objetivo proposto para o presente estudo. Qual seja, entender as ações, transformações e/ou acomodações sociais dos moradores de Valparaíso de Goiás em seu processo de construção de representações acerca de sua condição de dependência em relação ao Distrito Federal.

O ato de migrar implica em romper não apenas com as fronteiras físicas, mas também, com as simbólicas. Com um universo de representações acerca do “eu” elaboradas no lugar de origem. O deslocar-se exige do migrante a invenção de formas subjetivas de interconexão entre o mundo deixado alhures e o que se anuncia no espaço de chegada.

¹² Cf. **Companhia de Planejamento do Distrito Federal-CODEPLAN/fev.2013.**

¹³ Estudo inédito definiu o impacto do Entorno sobre o Distrito Federal. A Pesquisa foi realizada entre os meses de junho a agosto de 2013; foram coletadas informações socioeconômicas, vocacionais, saneamento básico e educação. O estudo foi fruto de uma parceria entre a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal- FAP/DF e a Universidade de Brasília-UnB e conta com o apoio da Secretaria de Ciência, Tecnologia e inovação do Distrito Federal. Correio Braziliense. Caderno Cidades, 14/03/13. A Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) realizou, também em 2013, a coleta de informações para a Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílio (PMAD). Foram treinados pela Codeplan para participar da PMAD 78 servidores de municípios que compõem a Área Metropolitana de Brasília (AMB). O objetivo da PMAD foi delinear o perfil dos 12 municípios da AMB. A pesquisa servirá de subsídio para o delineamento de políticas públicas pelos governos de Goiás e do DF, de forma integrada. Ao encerrar o curso de capacitação dos pesquisadores, o presidente da Codeplan, Júlio Miragaya, enfatizou a importância da parceria. Cf. **CODEPLAN** Abril/2013.

Barbosa (2009:356) sugere que o estudo cujo objeto é o migrante deve pautar-se em pressupostos outros além daqueles que vigoram até então. Afirmo o autor:

Trabalho com o pressuposto de que aqueles que se deslocaram, ao se afiliarem a outro espaço social, investiram no aprendizado e na reinvenção de novos códigos sociais, apresentando-se sob outras identidades, e não só através da condição de “migrante”. O termo “migrante” refere-se muito mais a formas sociológicas de categorização, nomeação e distinção do que a uma situação vivenciada por quem se desloca entre universos distintos em busca de outras formas de inserção social. Aqueles que migram, ao se instalarem em seu local de destino, confrontam-se com uma série de reordenações em diferentes planos. O próprio deslocamento espacial implica contatos a partir de inúmeras fronteiras que entrecruzam visões de mundo, valores e práticas culturais. A integração em si já se refere a um universo de significações. Mesmo havendo mediações de familiares, de parentes e de amigos, elas próprias já indicam que se trata de adesão a outros universos que têm que ser descobertos e confrontados.

A leitura do “migrante” efetuada por Barbosa vai ao encontro do proposto para o estudo em questão. Isto é apreender as relações estabelecidas no processo migratório, as adaptações ao espaço de chegada, as interferências e negociações efetivadas aí para a materialização da sobrevivência. A integração deste no novo local de moradia. Dito de outra forma, nos propusemos a uma leitura do migrante a partir de sua inserção social. Para tal torna-se importante que delineemos os reajustes efetivados que redundarão na elaboração de uma nova forma para sua identidade social. Isso nos remete à segunda categoria de análise.

O conceito de identidade tem sido tema de vários debates e o meio acadêmico encontra-se longe de um consenso. Muitas são as abordagens que buscam explicar o conceito em questão. Hall afirma ser o conceito de identidade algo “estratégico e posicional”. Para o autor, a identidade encontra-se em um permanente reajustar-se. Recebe influências dos diversos ambientes nos quais o sujeito se insere. Desta forma, torna-se inevitável que “negociações identitárias” se efetivem para que o migrante melhor se adapte ao destino de chegada. Levando em consideração tais argumentos, afirma Hall (2011:108):

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Pelo exposto, infere-se que as identidades encontram-se em um contínuo reajustar-se. O próprio enunciar do lugar de ocorrência destas ações e/ou transformações já coloca em evidência outra categoria de análise por nós elegida, as representações. Para que novas concepções identitárias se estabeleçam mister se faz que sejam estruturadas na

diferença. As representações construídas a partir da decisão por migrar vão já agindo na constituição identitária do sujeito migrante. A materialização de tais representações será a responsável pelo estabelecimento de vínculos com o espaço de chegada tornando-o um lugar dotado de significados.

As representações se estruturam, segundo Chartier (1991), em coletividade. Ou seja, se constituem a partir de experiências sociais da comunidade e são ressignificadas pelo indivíduo. Em um contexto coletivo, os moradores de Valparaíso de Goiás, estruturam suas representações de “bem morar” no Distrito Federal. A partir deste construto coletivo, cada qual vai conotando as referidas representações em acordo com as experiências vivenciadas.

Estabelecer-se-á dessa forma o senso de pertencimento à cidade. Chegamos assim à última das categorias elencadas para a análise que se propõe: o “lugar”. Afirma Tuan (1983) que o “espaço” somente é alçado à categoria de “lugar” quando a ele é atribuído valor. Assim sendo, a sensação de espaço e lugar resulta diferente. A forma como se dá a transição de um para outro vai sendo definida a partir das experiências vivenciadas. Fato é que um encontra-se imbricado no outro. Como também se encontram imbricadas todas as categorias acima elencadas e que guiarão nossos postulados acerca das relações identitárias dos moradores de Valparaíso de Goiás.

No que diz respeito aos moradores de Valparaíso de Goiás, percebemos certa dificuldade para transformar o “espaço” da cidade em “lugar”. Atribuímos este comportamento à condição de ubiquidade¹⁴ na qual se encontram. Migraram para o Distrito Federal, porém foi em Valparaíso de Goiás que estabeleceram residência. Apesar de residir na cidade goiana é no Distrito Federal que materializaram sua existência. Resulta assim conflituosa a integração destes sujeitos ao local de moradia.

A pesquisa que tem como objeto o sujeito social e sua interrelação com o local de vivência deve considerar as subjetividades presentes neste contexto. As representações construídas pelo sujeito acerca de si mesmo, de seus pares e do espaço que o circunda são o

¹⁴ Ser ubíquo segundo definição do **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** (1986:1732) implica na condição daquele que está presente em toda a parte; onipresente. Aplicado ao contexto em estudo, consideramos ubíquo o morador de Valparaíso de Goiás que embora tenha fixado residência no município, encontra-se simbolicamente vivendo o espaço do Distrito Federal. Essa condição é reforçada pelo fato de esse morador desempenhar no dito distrito atividades de trabalho, lazer, estudo dentre outras. Essa situação gera nos moradores um estado aparente de desenraizamento que dificulta o estabelecimento do senso de pertencimento em relação ao município. Essa negação é reforçada pela impossibilidade de o município ofertar-lhes um aparelhamento estatal coletivo de qualidade, inclusive os espaços públicos de lazer. Viver em ubiquidade significa, pois, habitar um espaço e em representação se transferir para outro. Tal fato faz com que o município onde estabeleceu residência assuma um caráter utilitário. Dificulta o estabelecimento com o município onde habita de um vínculo de pertencimento.

objeto fim dos estudos das ciências humanas. Entender esse sujeito contemporâneo e suas interrelações com o espaço é, portanto, tarefa para os teóricos dessa área.

A História, em conjunto com as diversas ciências sociais, dentre elas a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia tem se empenhado por compreender os fenômenos urbanos e as consequências destes para a vida do indivíduo. As categorias acima explicitadas são apropriadas pelas ciências como mecanismo para o alcance da referida compreensão. O campo disciplinar que rege a presente pesquisa é, pois, o campo das humanidades. O que se propõe é uma análise interdisciplinar que viabilize, através de múltiplas leituras, um entendimento amplo do objeto em estudo: Valparaíso de Goiás.

Por se localizar em uma região de fronteira (Silva, L. 2010), diariamente os moradores do município transitam entre duas unidades da federação, Valparaíso de Goiás configura-se em um espaço de constantes conflitos socioeconômicos, onde se manifesta de forma subjetiva as diferenças existentes entre uma e outra unidade federativa. É também o lugar de oportunidades, no qual se materializam para o migrante: descontentamento, enfrentamento e possibilidades, uma vez que a fronteira não se apresenta somente enquanto espaço físico, mas como o lugar das diferenças e da interculturalidade. Justifica-se dessa forma a opção pela referida linha de pesquisa.

Viver a metrópole¹⁵ é algo prenhe de oportunidades e experiências. Provoca estranhamento no sujeito. É perpassada de situações e relações sempre fluidas. Diferentemente das pequenas e médias cidades, viver na metrópole implica viver em um tempo rápido. O sujeito é conclamado a ressignificar cotidianamente suas relações sociais. A metrópole é por excelência o espaço das manifestações do capital. A lógica que a rege é, também, a econômica.

Mumford (1998) ao tratar a origem da cidade considera que na análise deve ser levado em conta não apenas o aspecto econômico. Este é marcadamente um elemento significativo no processo, porém, não é o único. É pertinente, segundo o autor, que sejam considerados também o aspecto social e o político. Uma proposta de estudo das relações estabelecidas em área metropolitana que se pretende representativa deve considerar os aspectos cultural, econômico, social, político e simbólico aí presentes. Para o contexto da presente pesquisa consideraremos também os aspectos subjetivos.

¹⁵ O conceito de metrópole pode ser entendido pelo viés geográfico, sociológico, antropológico dentre outros. O presente texto arcabouça-se para o entendimento do conceito de metrópole na leitura simmeliana da mesma. Para o autor (Simmel, 1979:13) a metrópole seria a mediação espacial entre a troca monetária e a produção social. Procuraremos, pois, entender a metrópole a partir de suas nuances econômica, social e simbólica.

Na cidade estabelecem-se relações de trabalho, lazer, estudo. Embates pelo poder se efetivam em níveis que oscilam do micro ao macro, ou vice-versa, no cenário urbano. Nessa perspectiva é pertinente a concepção de que a cidade deve ser tratada como uma realização humana onde forças sociais se coadunam para o estabelecimento de um campo cultural (Park, 1979). As representações sobre esse universo são ingredientes que ajudam a compor o referido cenário urbano.

A cidade possui nuances para além do universo material. Extrapola a estrutura de ferro e concreto¹⁶. De acordo com os estudiosos da História Urbana, dentre eles Pesavento (1995), Lepetit (2001), Freitag (2002), Vidal (2008), Raminelli (2010) e outros mais, devemos conceber a cidade como universo cultural, social, simbólico. Neste, representações são urdidas e alteridades se estabelecem. Dito de outra forma, a cidade deve ser pensada enquanto espaço habitado por sujeitos históricos. Um logo de acontecimentos históricos incessantes que agem e interagem no meio urbano¹⁷.

Assim sendo, diversidade, identidade e representações são temáticas recorrentes quando o mote são os estudos sobre a cidade. A cidade deve ser vista enquanto espaço de múltiplas memórias, diversificadas culturas, diferentes leitores (Pesavento, 1995). Nesta ótica a cidade configura-se objeto de estudo da História Urbana. Um objeto que se faz mister registrar, permeado de memórias, manifestações culturais, conflitos. Um objeto de estudos multifacetado, pluridimensional, complexo, interdisciplinar. Diversos autores¹⁸, em diferentes momentos, debruçaram-se sobre o estudo das cidades. Não é recente a atenção que se volta para esse estudo. Assim como não é exclusividade da História Urbana a adoção da temática enquanto eixo de estudos. Há nas ciências sociais e humanas uma recorrência no interesse pelas problemáticas do meio urbano.

Em meados do século XX iniciaram-se as primeiras articulações para a constituição de um campo de conhecimento específico, dentro da História, do meio urbano. A concepção de História Urbana que nos orienta foi cunhado por Raminelli (2010) e refere-se

¹⁶ Cf. Freitag, B. **Cidade dos Homens**, 2002, pp.233-234.

¹⁷ Acerca dessa forma diferenciada de se estudar o espaço urbano Silva e Oliveira afirmam que “A maneira de compreender as cidades por meio das práticas espaciais ou mesmo corporais indica uma discussão teórica, como também envereda pelos caminhos das territorialidades e da identidade do lugar.” Cf. Silva, L. S. D.; Oliveira, A. M. V. de. In: **Revista Princípios**. Ago./set.-2008. pp. 17-21.

¹⁸ Dentre eles Fustel de Coulanges (1864), Max Weber (1864-1920), Walter Benjamim (1892-1940), George Simmel (1858-1918), Pirenne (1927) Estes três autores, Fustel de Coulanges, Walter Benjamim e Simmel, dedicaram toda uma existência ao estudo das cidades. Os dois últimos realizaram abordagens e estudo das cidades considerando os aspectos subjetivos e culturais dos indivíduos. Estes foram percebidos pelos autores enquanto seres históricos em interação com o meio urbano. Cf. Kohlsdorf, M. E. In: Farret, Ricardo L. **O espaço da cidade**. Editora Projeto. São Paulo, 1985.

aos estudos sobre a cidade. Estes se arcabouçam na busca por compreender a origem e formação das cidades. Entender os problemas oriundos da metropolização ou mesmo da implantação do neoliberalismo. Entender a ação do sujeito que habita a cidade, o meio urbano em sua busca pela sobrevivência.

Ao elegermos a cidade como objeto de estudo, partimos da premissa de que o estudo do ambiente urbano viabiliza o entendimento dos processos de transformações aí efetivadas. O poder do capital enquanto baluarte e motor de tais transformações é algo a ser considerado. Buscamos então apreender no presente estudo os problemas advindos da metropolização dos espaços urbanos¹⁹. A alteridade nas relações cotidianas.

A cidade deve ser pensada, considerando Pesavento (1995), enquanto espaço de produção de textos e de múltiplas leituras. Pela ótica da autora, nos propomos a pensar a cidade de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal enquanto texto a ser lido e interpretado. A lente para a leitura desse texto será cunhada nos conceitos e diretrizes da História Urbana numa perspectiva da História Cultural, uma história interdisciplinar.

Dimensão dos sujeitos da pesquisa

Pensamos o mundo a partir de nosso entorno. Relacionamo-nos com o mundo a partir das experiências vivenciadas neste universo circundante. O indivíduo contemporâneo deve, pois, ser considerado como parte de um todo. Ele é resultado, mas é também produto de seu tempo. Interfere de forma ativa e participativa em seu mundo.

As relações estabelecidas pelo sujeito em seu meio social criam uma acentuada tensão. Assim sendo, na busca por entender os conflitos que o envolvem devemos partir dele mesmo e do contexto no qual se insere. Dito de outra forma, sujeito e sociedade se interrelacionam para a garantia de sobrevivência mútua. Um não pode prescindir do outro.

O estudo da cidade, do universo urbano viabiliza o entendimento do processo de transformação desse meio. A metropolização, a alteridade presente em suas relações, a forma pela qual a cidade percebe seus habitantes e é por eles percebida é ainda alternativa para tais estudos. O desafio que orientou nossos estudos foi entender as construções identitárias e representações simbólicas acerca do universo urbano dos moradores da cidade de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal.

¹⁹ Sobre do processo de metropolização conferir Moysés, A. **A questão metropolitana no Brasil: Desafios e perspectivas**. In: Moysés, A. **Cidade, Segregação Urbana e Planejamento**. Editora, Editora da UCG, 2005.

Para tal buscamos apreender o simbolismo enunciado na fala dos moradores da cidade. Entendemos que as representações sociais são cunhadas no cotidiano. Nos encontros e ações são materializados os elementos compositores dos simbolismos que permeiam o universo urbano. Os diversos ambientes sociais nos quais o sujeito interage configuram-se espaços de fomento para o surgimento das representações e interferem diretamente na composição das identidades.

Por todo o exposto, consideramos o estudo das relações estabelecidas pelos moradores de Valparaíso de Goiás com o próprio município e/ou com Brasília a partir do enunciar das representações sociais construídas, pertinente para o alcance de nosso desiderato. Os moradores de Valparaíso de Goiás, sujeitos de nossa pesquisa, desenvolveram com o Distrito Federal vínculos simbólicos de grande intensidade. É no referido espaço que os valparaisenses materializam sua sobrevivência. É para o Distrito Federal que seu imaginário aponta quando o tema é “ser bem sucedido na vida”²⁰.

Para que possamos apreender o processo a partir do qual os moradores de Valparaíso de Goiás urdem suas representações sociais em relação ao espaço onde residem e ao Distrito Federal faz-se necessário dar voz a esses sujeitos. São eles que atribuem sentido e significado a tais representações. Nas palavras de Guareschi e Jovchelovitch (2012:65):

O sujeito constrói, na sua relação com o mundo, um novo mundo de significados. De um lado, é através de sua atividade e relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói. De outro lado, as representações permitem a existência de símbolos – pedaços de realidade social mobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às circunstâncias nas quais eles se encontram. (...) Sua tarefa é elaborar a permanente tensão entre um mundo que já se encontra constituído e seus próprios esforços para ser um sujeito.

Ser um sujeito em um espaço permeado por múltiplos conflitos sociais implica em constante renegociação identitária. Faz-se necessário um ajuste cotidiano aos desafios do novo modo de viver. Desta forma, julgamos procedente ouvir os moradores de Valparaíso de Goiás, adentrar nos simbolismos de sua existência para materializarmos os anseios que perpassam a difícil tarefa de “ser” em um espaço de fragilidades sociais.

As representações sobre a cidade e seus cidadãos são uma construção daqueles que a habitam. Cada um deles constrói a cidade a partir de sua vivência. Existem tantas

²⁰ Para o contexto em estudo consideramos, pelas respostas obtidas nas entrevistas, que ser bem sucedido implica na posse de uma casa própria, de um automóvel e ser um trabalhador estável, ou seja, trabalhar com carteira assinada ou ser concursado.

idades quantos o são os seus cidadãos²¹. Há que se evidenciar, pois, a partir do estudo da cidade as outras cidades da cidade. A cidade construída por cada um de seus moradores a partir de sua experiência na cidade.

Dito de outra forma deve ser considerado em tais estudos a polissemia presente no espaço da cidade, bem como, na construção das representações sociais acerca desta (Ferreira, 2004). A busca por apreender as várias cidades coexistentes na cidade de Valparaíso de Goiás, as relações estabelecidas com o Distrito Federal como também a significância destas para a formação identitária de seus moradores configurou-se no eixo de orientação do presente estudo.

Pretendemos, nesta pesquisa entender as representações sociais acerca do município de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal e as implicações destas na construção da identidade dos moradores do referido município. Para tanto se tornou pertinente a escolha dos próprios moradores como interlocutores neste estudo. A partir de uma triangulação metodológica que consistiu no emprego das Pesquisas Quantitativa, Qualitativa e Participante²², as informações recebidas foram estruturadas em dados que auxiliaram no entendimento do tema proposto.

Considerada a premissa de uma cidade desnudada por seus próprios moradores, optamos por dialogar com pessoas acima de 18 anos residentes na cidade de Valparaíso de Goiás. O corte etário se justifica pelo fato de nessa idade os moradores já possuem uma vivência na cidade. Encontram-se ingressando no mercado de trabalho. Assim, muitos aguardam a convocação para o estágio em alguma das Regiões Administrativas do Distrito Federal-RAs ou mesmo encontram-se já trabalhando na condição de estagiário. A experiência de estágio inicia-se bem cedo no município, em torno dos 14 anos.

Além do corte etário, que compôs o perfil dos entrevistados, optamos por realizar entrevistas em diversos setores da cidade. Foram escolhidos, na crença de assim obter-se maior representatividade da população, os bairros Céu Azul; Santa Rita; Ipanema; Cidade Jardins; Esplanada V; Etapas A e B de “Valparaíso I”; “Valparaíso II”²³; Parque São Bernardo; “invasão”²⁴ Vila Guaira, Jardim Oriente e Chácaras Anhanguera A, B e C.

²¹ Cf. Lynch, K. **A imagem da cidade**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1994. pp. 1-15.

²² Em nota no apêndice deste texto explicamos detalhadamente os encaminhamentos metodológicos da pesquisa.

²³ Cf. Valadão; Nascimento (2004:29), Silva; Silva (2008:34-35). Estes autores explicam a grafia dos bairros com “z”.

²⁴ Embora o emprego do termo “invasão” não esteja mais em uso no meio técnico, o utilizamos aqui por se tratar da forma cotidiana à qual os moradores se referem ao bairro Vila Guaira. A expressão foi substituída na literatura pelo termo “aglomerados subnormais”. O IBGE define aglomerados subnormais da seguinte forma: É um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua

Para a aplicação dos questionários semielaborados que compõem o arcabouço desta pesquisa treinamos uma estagiária que se encarregou de aplicá-los nos bairros Céu Azul, Vila Guáira e Setor de Chácaras Anhanguera A, B e C. Tal medida se fez necessária mediante o fato de se caracterizarem, os bairros mencionados, em áreas de vulnerabilidade social. Nestes bairros o índice de criminalidade é alto e pessoas estranhas à comunidade são encaradas como uma ameaça à ordem estabelecida. Pelo contexto inferimos que somente uma pessoa que residisse no local poderia aplicar os questionários. Surgiu daí a necessidade de um estagiário.

Ressaltamos que, no decorrer da aplicação do questionário, a referida estagiária presenciou cenas nas quais jovens empunhavam armas de fogo na defesa de seu “território”. As cenas explicitadas foram assinaladas pela jovem, que é moradora do bairro Céu Azul, como “normais e corriqueiras”. Corriqueiro é também, segundo ela, o fato de todos os dias ocorrerem assassinatos nos bairros enunciados. Algumas informações por ela obtidas foram de suma importância na análise dos dados da pesquisa, certamente não teriam sido reveladas a nós. Consideramos, pois, que a atitude de contratar uma estagiária mostrou-se eficaz e pertinente.

Outro critério norteador de nossas escolhas foi o de papéis sociais²⁵. Entrevistamos professores, comerciantes, trabalhadores braçais, funcionários públicos, empreendedores imobiliários, estudantes. O intuito que regeu nossa escolha foi de apreender as variadas representações construídas a partir da posição social do sujeito.

maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação dos aglomerados subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios: a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há 10 anos ou menos); e b) Possuírem pelo menos uma das seguintes características: •urbanização fora dos padrões vigentes – refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; ou •precariedade de serviços públicos essenciais (IBGE, 2011, p. 19). Em Goiás, dos 12 aglomerados subnormais identificados, 7 se localizam na capital, Goiânia; seguida por Anápolis, com 2; e dos municípios do Entorno de Brasília, Novo Gama (2) e Valparaíso de Goiás (1). No aglomerado Vila Guáira, em Valparaíso de Goiás, se encontra o maior número de pessoas residindo em aglomerados subnormais (1.909).

²⁵ Nas palavras de Worsley (1983), “Um papel social é aquilo que se espera de alguém que tem um certo estatuto social. É o conjunto de deveres ou funções que a pessoa tem. Por exemplo: espera-se que um professor explique as matérias, que avalie os alunos, etc. O que compete a um certo papel social pode estar formalmente definido num regulamento ou estabelecido de modo informal nas tradições de uma sociedade. Cada pessoa desempenha vários papéis. Uma mesma pessoa pode ser mulher, mãe, esposa, filha, amiga, professora, sindicalista, etc. Quando a diversidade de papéis diz respeito aos vários papéis que uma mesma pessoa desempenha costuma designar-se *multiplicidade de papéis*. Quando a diversidade de papéis diz respeito a papéis relacionados entre si, mas desempenhados por pessoas diferentes, costuma designar-se *conjunto de papéis*. Por exemplo: avô, avó, pai, mãe, filho”. Cf. Worsley, P. **Introdução à Sociologia**. 5ª edição. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1983. pp. 287-291.

Em uma pesquisa que se almeja representativa torna-se fundamental ouvir também os representantes políticos, sindicais, líderes comunitários, representantes do governo do Distrito Federal e do estado de Goiás. Foram esses indivíduos, juntamente com os demais moradores de Valparaíso de Goiás, que nos apresentaram o perfil institucional do município.

O cruzamento dos dados quantitativos e qualitativos aliados ao aspecto participante da pesquisa possibilitou a partir da triangulação de métodos uma leitura ampla e aprofundada do cenário em estudo. Compondo o quadro metodológico da presente pesquisa e em consonância com o até então exposto consideramos pertinente a aplicação da “Teoria das Representações Sociais”²⁶ enquanto aporte teórico.

A referida teoria concebe a vida em sociedade. Aplica-se a todas as ciências que buscam entender o homem e suas relações com o meio. Respalda ou busca elementos que a reforcem nas ciências humanas. As representações sociais são, pois, um construto coletivo no qual cada indivíduo possui especificidades que irão compor o quadro das representações coletivas. De acordo com os pressupostos da teoria das representações sociais o indivíduo nunca se define de forma autônoma, sua definição somente ocorre em oposição ou mesmo em relação aos seus semelhantes. Assim é que se mostra pertinente quando objetivamos o entendimento dos fenômenos coletivos (Farr, 2012).

É inegável que a construção do “eu” se dá na existência e percepção do outro. No exercício da alteridade. Essa percepção, aliada às construções simbólicas do mundo vivido, vai compor o quadro identitário do sujeito. Nessa ótica, o comportamento dos moradores de Valparaíso de Goiás em relação à Brasília, relação essa que, aparentemente, dificulta o enraizamento desses moradores em seu município, pode ser entendido a partir da teoria das representações sociais. Uma vez que a referida teoria se propõe entender o comportamento humano em sua relação com a sociedade na qual se insere, coaduna com os objetivos alhures expostos para o presente estudo.

Na perspectiva das representações sociais enquanto elementos que influem no cotidiano, podemos então considerar que: o objeto de desejo dos moradores de Valparaíso de Goiás é viver no Distrito Federal. O modelo é o padrão de vida dos brasilienses e os sujeitos são todos os moradores da cidade que almejam conquistar tal objeto. A impossibilidade ou dificuldade de materialização do desejo cria a situação de conflito que redundará na violência

²⁶ Para o embasamento teórico na leitura das representações sociais presentes no município de Valparaíso de Goiás foi-nos de grande importância a leitura de Chartier (1990) e Guareschi; Jovchelovitch (2012). Cf. Chartier, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.; Guareschi, P. A. e Jovchelovitch, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 262p.

expressa na cidade de Valparaíso de Goiás. A violência é, na atualidade, ingrediente que marca a formação das identidades dos sujeitos que vivenciam o espaço metropolitano.

Diversos autores, dentre eles René Girard (1978), nos possibilitaram entender como diferentes atores com práticas culturais múltiplas coexistem em um espaço permeado por fragilidades sociais. Foram também as leituras ancoradas nestes autores que nos levaram ao entendimento da formação identitária a partir de uma relação de alteridade e fragilidade das identidades pós-modernas.

Os estudos dos referidos autores quando aplicados a Valparaíso de Goiás coadunam com as pesquisas realizadas em campo e reforçam o aspecto de fragilidade das identidades aí construídas. O desejo de morar na cidade polo da Área Metropolitana de Brasília perpassa toda a existência desses sujeitos. Este desejo não realizado é, em nossa concepção, elemento que dificulta aos moradores de Valparaíso de Goiás “viver a cidade”. Em não experienciando o espaço do município o enraizamento destes encontra-se dificultado. A ocorrência do que nomeamos “centralidade invertida” ²⁷ afigura-se como alternativa para incentivar o enraizamento dos moradores de Valparaíso de Goiás.

Os conflitos identitários e representações sociais originários dessa condição transfronteiriça de desejos não realizados dos cidadãos de Valparaíso de Goiás são inevitáveis. Consideramos que aplicados ao contexto da cidade os pressupostos girardianos coadunam com a “Teoria das Representações Sociais” ²⁸ desenvolvida por Chartier (1990), Moscovici (2012) e também com as análises do meio urbano realizadas por autores tais como Simmel (1979), Fischer (1994), Sayad (1998) que desenvolveram seus estudos na busca por entender o papel das representações na vida do sujeito em suas relações com o meio. A conjugação de todos esses autores nos possibilitou uma leitura ampliada do tecido urbano de Valparaíso de Goiás.

²⁷ O conceito de centralidade pressupõe a existência de uma forte polarização econômica que atrai o capital e a força de trabalho. Segundo Gottdiener (1993: 244), “as forças econômicas e políticas requerem centralidade a fim de organizarem as atividades sociais”. No caso de Valparaíso de Goiás, se considerarmos que a oferta de mão de obra concentra-se no município e que o movimento em torno desta oferta organiza as atividades sociais no referido município, podemos afirmar que em relação à Brasília, quando a carência de mão de obra da capital é suprida, principalmente em Valparaíso de Goiás, a centralidade inverte-se da cidade polo para sua adjacência. Para um aprofundamento maior sobre a questão da centralidade, conferir os estudos de Lobato Corrêa e Rosendhal (1999), Gottdiener (1993), Villaça (1997), Teles (2010).

²⁸ Segundo Moscovici (2012:8), “O conceito de representação social ou coletiva nasceu na Sociologia e na Antropologia. Foi obra de Durkheim e de Lévi-Bruhl.” Ainda de acordo com o autor, a Teoria das Representações Sociais aplica-se ao estudo de todas as ciências que buscam entender o homem e suas relações com o meio. Vide Guareschi, P. A.; Jovchelovitch, S. **Textos em representações sociais**. 13 ed. Editora Vozes. Petrópolis/RJ, 2012. 262p.

Quando nos propusemos o estudo das representações sociais construídas na cidade de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal e também a forma pela qual o estabelecimento de tais relações repercute na formação identitária da população da referida cidade, nos deparamos com um entrave de ordem analítica. Como detectar, mensurar, comprovar as repercussões de tais elementos?

A resposta parecia natural. O caminho a percorrer seria o trabalho de campo²⁹. Segundo Minayo (2006:63), existem dois instrumentos essenciais para o trabalho de campo.

Embora haja muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação e a entrevista. Enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores.

A entrevista é, segundo a autora acima referenciada, a principal estratégia empregada pelo pesquisador no trabalho de campo. Encontra-se dividida em cinco eixos: sondagem de opinião, semiestruturada, aberta ou em profundidade, focalizada e projetiva.³⁰ Considerando o exposto e a necessidade de melhor conhecer os sujeitos da pesquisa decidimos pela realização do trabalho de campo. Uma vez em campo a estratégia por nós adotada foi ouvir os moradores a partir da aplicação de questionários semiestruturados e sondagem de opinião a partir do relato oral.

Antes, porém, de nos lançarmos a campo pensamos todos os caminhos a percorrer. A entrevista oral³¹ surgiu, neste contexto, como descortinar natural do processo de pesquisa. Foi a partir da entrevista oral que se delineou a forma pela qual se desenvolve a memória coletiva e afetiva dos moradores de Valparaíso de Goiás em relação ao município e ao Distrito Federal. Também por esse caminho foi-nos possível apreender a existência ou não de laços identificadores dos sujeitos de pesquisa com o lugar onde habitam.

²⁹ O trabalho de campo é uma atividade que exige observação e análise do meio. A realização do trabalho de campo viabiliza um estudo holístico do ambiente da pesquisa. Desta forma, a prática do trabalho de campo configura-se uma importante experiência na qual se somam o conhecimento empírico e o referencial bibliográfico já estudado (Minayo, 2006). Depreende-se do exposto que o trabalho de campo imprime uma nova forma de olhar, observar o sujeito e/ou objeto de investigação.

³⁰ Sobre a classificação das formas de entrevistas Cf. Minayo, idem.

³¹ Alguns programas de história oral e centros de pesquisa, em função de dificuldades técnicas e metodológicas, bem como do alto custo da transcrição de entrevistas, têm usado o recurso de deixá-las à disposição da comunidade de pesquisadores somente sob a forma de “escuta”. Cf. DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte, 2006. p.28. Optou-se nessa pesquisa por empregar tal orientação.

Em uma relação de interatividade com o universo pesquisado descortinou-se para nós elementos outros que não aqueles pensados no momento da estruturação das entrevistas. Um gesto, uma expressão, um olhar, uma lágrima foi, nesse contexto, mais eloquente que todas as palavras registradas. Confirmou-se desta feita que o pesquisador necessita estar atento a todas as nuances que se revelam a ele no ambiente do campo. A conjunção entre prática e teoria resulta, pois, na produção do conhecimento histórico.

Apresentação dos capítulos

A presente dissertação foi estruturada em três capítulos. Nestes, nosso objetivo foi delinear desde as ações de visibilização do estado de Goiás no contexto histórico brasileiro até o estabelecimento dos vínculos dos moradores de Valparaíso de Goiás com o Distrito Federal e as consequências daí decorrentes. Discorreremos a seguir sobre os eixos norteadores de cada um destes capítulos.

No primeiro capítulo nomeado: **VALPARAÍSO DE GOIÁS: um ponto e vírgula no caminho até Brasília**; procedemos a uma contextualização histórica acerca do surgimento do município. As políticas nacionais para o povoamento do estado de Goiás, a visibilização e inserção deste estado no cenário nacional a partir da construção de Goiânia, capital do estado em questão; o adensamento populacional da região Centro-Oeste a partir da construção de Brasília e o surgimento de Valparaíso de Goiás neste contexto foram temas por nós privilegiados. Abordamos questões relacionadas à gênese da cidade de Valparaíso de Goiás. A condição de distrito de Luziânia, a busca pela emancipação. A posição de Valparaíso de Goiás enquanto destaque na economia goiana e suas relações institucionais com Goiás foram também temas que permearam este primeiro capítulo.

Ressaltamos que não houve aqui a intenção de se produzir um texto digressivo. O contexto descortinado no desenvolver da pesquisa, no qual percebemos a dificuldade dos moradores de Valparaíso de Goiás em se perceberem enquanto uma cidade de destaque no estado de Goiás apontaram a necessidade de uma abordagem mais aprofundada deste cenário que, em princípio, seria tratado de forma *en passant*.

No segundo capítulo: **Valparaíso de Goiás e Distrito Federal: uma simbiose urbana**, imbricado no momento anterior, abordamos o crescimento do vínculo entre a cidade de Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal. Onde os moradores de Valparaíso de Goiás buscam a materialização de sua sobrevivência. Neste capítulo afigurou-se para nós a necessidade da cunhagem de dois conceitos que abrangessem e explicassem o cenário de

dependência dos moradores de Valparaíso de Goiás em sua relação com Brasília. Surgem então os conceitos de “Centralidade invertida” e “Ubiquidade”. Tais conceitos serão por nós empregados no terceiro capítulo para entender as representações sociais construídas a partir do contexto dado. Acreditamos que a partir de uma leitura pautada nos conceitos cunhados, foi-nos possível entender e explicar as complexas relações que se estabelecem no referido espaço, bem como, suas repercussões na composição da identidade social desses indivíduos.

Finalmente, no terceiro capítulo: **VALPARAÍSO DE GOIÁS O EU, O TÚ, O NÓS: representações de um município na área metropolitana de Brasília**; abordamos as representações construídas pelos moradores de Valparaíso de Goiás em relação a Brasília bem como os conflitos oriundos da incompatibilidade dessas representações com a realidade vigente. Em uma leitura do tecido social de Valparaíso de Goiás a partir daquilo que a cidade tem a oferecer ao Distrito Federal aplicamos neste capítulo o conceito de uma “Centralidade invertida” desenvolvido no capítulo II. Buscamos a partir desta abordagem visibilizar e apresentar elementos que contribuíssem para a valorização da posição de centralidade de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal³². Analisamos as representações construídas e o estabelecimento ou não do senso de pertencimento decorrentes da experiência de vida no espaço de Valparaíso de Goiás.

³² No contexto do presente texto o referido distrito será nomeado também de Brasília que é a forma usual de os moradores da região de se referirem ao mesmo.

CAPÍTULO I

VALPARAÍSO DE GOIÁS: UM PONTO E VÍRGULA NO CAMINHO PARA BRASÍLIA

CAPÍTULO I

1. VALPARAÍSO DE GOIÁS: um ponto e vírgula no caminho para Brasília

A proposta para o presente capítulo foi pensar o estado de Goiás enquanto espaço de relevância na economia do país, bem como de atrativo populacional. Revisitamos o contexto de transformações ocorridas no estado a partir da descoberta das minas de ouro na então Capitania dos Guayazes. A movimentação política dos anos de 1930 que possibilitou a ascensão de Getúlio Vargas à presidência da república. A ascensão de uma nova oligarquia regional ao governo de Goiás. O processo de inserção do estado de Goiás à economia nacional. O projeto de fortalecimento econômico do país elaborado pelo governo Vargas que teve por desdobramento a Marcha para o Oeste. A construção de Goiânia. A culminância desse projeto já nos anos de governo de Juscelino Kubitschek, com a construção de Brasília. Neste contexto evocamos a gênese do município de Valparaíso de Goiás.

Desde o tempo colonial que o governo português envidou esforços para “povoar” o interior do país. A notícia da descoberta das minas de ouro na Capitania dos Guayazes fez com que muitos se aventurassem a povoar o inóspito sertão brasileiro³³. Movimento migratório inédito para a época tinha como destino as minas dos Guayazes. Embora efêmero, a vinda dessas pessoas para o interior do país foi considerada no presente texto como um dos fatores de adensamento populacional da região.

Outro elemento de relevância para o adensamento populacional do estado foram as transformações políticas efetivadas no governo Vargas. Estamos a nos referir às décadas que compreendem os anos de 1930-1960. Estas foram marcadas por transformações políticas, econômicas e sociais que alteraram a vida do país e consequentemente do estado de Goiás. É neste período, conforme dito, que significativo deslocamento populacional se efetiva em Goiás.

³³ Para uma abordagem mais aprofundada sobre o significado e as ressonâncias do conceito de sertão na construção de uma identidade nacional, sugerimos a leitura de Souza, C. V. Cf. **Fronteira no pensamento social brasileiro: o sertão nacionalizado**. In: Revista Sociedade e Cultura, 1(1): 55-61, jan./jun. 1998.

1.1 Valparaíso de Goiás: relações estabelecidas com o estado de Goiás

Para abordarmos o surgimento de Valparaíso de Goiás e as especificidades de suas relações institucionais com o estado de Goiás não podemos nos furtar a uma inserção pelo contexto histórico que antecede ao nascimento da cidade. Consideramos a pertinência, para o entendimento do período proposto, de um recuo no tempo de Goiás enquanto Capitania do Estado português. Quando a então Capitania já atraía grande contingente de migrantes interessados no enriquecimento através da mineração.

As questões que envolvem o povoamento e o papel de relevância da economia do estado de Goiás para o país datam de longos tempos. Entretanto, a concepção de um ambiente de atraso e decadência criou no imaginário popular uma visão distorcida do que representou esse estado para o desenvolvimento do país desde a monarquia. Já a essa época, conforme exposto alhures, por ocasião da descoberta das minas de ouro em Goiás, a capitania apresentava-se como espaço de atração populacional.

Embora tenha sido um período de intensa migração para Goiás, não existe um consenso acerca deste enquanto fase de adensamento populacional. Chaveiro et al. (2009:19) ao tratar das transformações demográficas ocorridas no território goiano aponta para três momentos a serem considerados:

O primeiro se refere ao Goiás das políticas expansionistas (Construção de Goiânia, Marcha para o Oeste, CANG, PNDs, os Planos Rodoviários, etc.) que se delineia dos anos trinta até final de sessenta, do século XX (...) Já o segundo período, principalmente após setenta, representa um Goiás, amparado por uma infraestrutura consolidada (rodovias, energia elétrica, comunicação) mas cindido (separação de Tocantins); um Goiás que sofre influência da construção de Brasília, um território com uma modernização conservadora que se articula à economia nacional e se prepara para, posteriormente, se aglutinar à economia internacional. (...) a modernização do território goiano não é completa mas é hegemônica, pois quem domina a dinâmica econômica do território, agora é a agroindústria.

Concordamos com Chaveiro quando este afirma que “o processo de ocupação e povoamento de Goiás” se deu de forma “induzida” ³⁴. Consideramos pertinente a periodização por ele estabelecida das transformações ocorridas na dinâmica populacional do estado. Entretanto, acreditamos que deva ser considerado neste contexto também um período anterior ao século XX, estabelecido pelo autor como o primeiro período de significativas transformações demográficas no estado.

³⁴ Para um maior aprofundamento sobre o tema sugerimos cf. Chaveiro et al. **A dinâmica demográfica de Goiás**. Goiânia: Ellos, 2009. 130p.

Trata-se, a nosso ver, de inserir nessa periodização a época referente à segunda metade dos anos de 1700. Nesse momento com a descoberta de ouro no sertão dos Guayazes, inicia-se um intenso movimento migratório para a região. Esse processo migratório é incentivado pela Coroa portuguesa como estratégia para promover o povoamento efetivo do sertão dos Guayazes. Segundo Moraes (2011:77):

A Coroa portuguesa estava convencida de que a doação de pequenas parcelas do território a um grande número de pessoas haveria de contribuir para a ocupação e o povoamento efetivo do mesmo, resolvendo desse modo o problema de não fixação populacional em áreas de mineração. (...) Parece-nos que a propaganda feita pelas autoridades portuguesas logrou êxito, e muitos dos que atenderam ao chamado se enriqueceram, se nobilitaram e se enraizaram.

Os migrantes portugueses estabeleceram assim, vínculos com a terra. Utilizaram aspectos de sua cultura, inclusive a religiosidade, para enfrentar a rusticidade da colônia. Em que pese a afirmativa de Chaveiro de que o período minerador em Goiás foi breve e não fixou as pessoas, a literatura não aponta para uma migração de retorno. O que nos leva a concluir que ao exaurirem-se as minas de ouro este contingente populacional tenha se deslocado para a agropecuária.

Moraes (2011:66) atenta para o fato de que “a produção bibliográfica relativa à migração para Goiás desde o século XVIII tem merecido pouca atenção por parte de diferentes especialistas” resultando nas palavras da autora “na quase inexistência de trabalhos sobre o tema”. Entretanto, apesar da escassez de trabalhos, é possível encontrar referência aos migrantes que vieram para o estado de Goiás em documentos do período colonial. Porém, não há referência quanto ao retorno. O que nos leva a inferir o seu deslocamento para as atividades agropecuárias.

A partir dos referidos documentos pode-se constatar que o processo de povoamento do estado de Goiás em seus primórdios se deu tradicionalmente pela atividade mineradora. Foi essa atividade, conforme exposto alhures, a responsável por um grande afluxo de pessoas ao sertão dos Guayazes no século XVIII. A atividade de extração do ouro, entretanto, por si só não era garantidora de fixação dos migrantes na colônia.

Tal se explica por ser esta uma atividade fluida; o ouro podia se esgotar a qualquer momento. Esgotado o ouro nada mais reteria os aventureiros do “El dourado” em terras dos Guayazes. Em função do caráter de efemeridade da atividade mineradora, os povoamentos que dela se originaram foram rápidos e dispersos. Esgotavam-se na mesma medida em que se

esgotava a abundância aurífera (Moraes, 2011). Reter essas pessoas na terra era o grande desafio. A solução veio através da atividade agropecuária.

Com o esgotamento da produção aurífera os moradores da Capitania de Goiás voltaram suas atividades para a agropecuária. Segundo Palacín (1994) “com a decadência da mineração, a população se dispersa e se dedica a formar fazendas”³⁵. Entendemos que nesse momento começa a se construir uma identidade coletiva para Goiás com orientação no mundo rural. Nas palavras de Moraes (2006:27):

A urbanização de Goiás foi sustentada por uma ocupação arcaica. Com predominância rural, desde os tempos coloniais até a década de 1930 no século XX. As cidades goianas retratam características rurais na sua estrutura urbana, na sua arquitetura e nas características de seu povo, a maioria de origem sertaneja.

A “goianidade”³⁶ expressa por Moraes aponta para indivíduos que mantêm estreitos vínculos com o campo. Tais vínculos tornar-se-ão evidenciados e serão incentivados quando da expansão da fronteira agrícola nacional por ocasião da política desenvolvimentista do governo de Getúlio Vargas nos idos de 1930. Em função da referida política Goiás tornou-se destino para considerável número de migrantes.

Segundo Chaul (2010:193) o contexto político até o ano de 1930 no estado encontrava-se sob “aparente calma e obediência aos domínios dos grupos políticos liderados pelos Caiado”. Ainda de acordo com Chaul, o estado carecia de um acontecimento externo a

³⁵ Cf. Palacín, L.; Chaul, N. F.; Barbosa, J. C. **História política de Catalão**. Goiânia: Ed. da UFG, 1994. 289p. In: Pinheiro, Antônio César Caldas. **Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção das tradições**. Goiânia, 2003. 164f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2003. Conferir também Estevam, L. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. 2ª Ed. – Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

³⁶ Ressaltamos aqui que embora a temática seja instigante, não nos aprofundaremos para o contexto do presente trabalho nesta questão. Segundo Nogueira (2008): “A noção de goianidade reveste-se de dimensão simbólica. Através dela captam-se imagens que se formam e se transformam no que pode vir a ser goianidade. É importante ressaltar que no campo simbólico não existe um discurso único de goianidade, tampouco uma imagem unitária, mas um conjunto de diferentes aspectos e traços que se abrigam sob essa noção. Existe, sim, uma pluralidade de imagens de natureza, da culinária, da música, da festa popular, de formas de ser, de sentir e de interagir que, interligadas, exprimem um ideal de goianidade. Não há um perfil único que simboliza a goianidade, porque ela não se traduz em uma imagem homogênea. A goianidade se traduz em imagens múltiplas, que se vão colando em torno do forte sentimento de “ser” goiano, de tal maneira que se pode pensá-la como uma forma continente de muitas imagens. Ela pode ser a expressão dessas imagens formadas e retratadas pela historicidade, pela interpretação literária e pelas relações cotidianas no espaço vivido dos goianos. Os ritmos da natureza se entrelaçam com os processos de vida das pessoas. (...) a goianidade está presente no imaginário do goiano, preenche de símbolos originários da tradição rural de Goiás, que vem desde a descoberta do Estado pelos bandeirantes paulistas até os dias atuais.” Para maior aprofundamento cf. Nogueira, M. F. M. **O imaginário da goianidade: turismo e cultura**. Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia. Ano VIII, n. 11, jan./dez. 2008. Cf. também Freitas, L. C. B. F. **Goiás e a goianidade**. Revista da Aflag- Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás - Goiânia, n. 1, pp. 183-191.

seu universo que fosse capaz de “aglutinar em torno de si as vozes oposicionistas e as forças políticas e econômicas ainda dispersas”.

O acontecimento necessário veio sob a forma da Revolução de 1930³⁷. De início foi destituída do poder a oligarquia dos Caiado. O domínio destes se manteve por todo o período da Velha República. Sob a chancela da qual comandavam com poder de vida e morte os caminhos políticos de Goiás. Afirma Chaul (2010:185) que:

Uma vez no controle do aparelho de Estado, a oligarquia dos Caiado estabeleceu íntimas relações com o governo central, através do chamado “pacto oligárquico coronelístico”. Em virtude do forte apoio com que contavam dentro e fora das fronteiras goianas, de suas alianças com grupos familiares de importantes centros político-econômicos, como Porto Nacional e Morrinhos, os Caiado governaram com grande autonomia o estado.

Com as transformações ocorridas no cenário nacional em decorrência da Revolução de 1930, os Caiado perderam influência política. Tal fato possibilitou a ascensão da família Ludovico. Os Caiado foram relegados a um ostracismo político. Foi nomeado interventor do estado de Goiás o médico Pedro Ludovico Teixeira. A implantação do Estado Novo trouxe para Goiás um projeto modernizante que visava a integração do estado ao Brasil “civilizado”. O projeto foi posto em execução no estado de Goiás, pelo grupo político de Pedro Ludovico.

Embora não apresente ações de ruptura, a ascensão de Pedro Ludovico ao governo de Goiás inaugurou um período mudancista. O discurso de inserção do estado na era da modernidade³⁸ configurou-se em baluarte para a manutenção dos Ludovico no cenário político goiano. Afinal, cabia a eles a tarefa de visibilizar o estado através da modernização deste.

³⁷ O período de 1930 é assinalado por mudanças econômicas internas e externas ao Brasil. No cenário internacional, o mundo se ressentia dos efeitos da crise de 1929. No contexto nacional, para além da referida crise, ascende um novo grupo social que, a partir de então, definirá os rumos da economia e da política brasileiras. Para um maior aprofundamento sobre o tema cf. Fausto, B. **Revolução 1930: A historiografia e história**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1972. 118p.

³⁸ Vários foram os autores que abordaram as concepções de modernidade. Dentre estes podemos citar Baudelaire, 1996; Habermas, 1991; Hegel, 1991; Giddens, 1991; Berman, 1986; Lefebvre, 1962; Marx, 1986; Weber, 1997. Considerando a modernidade enquanto um projeto de racionalização e burocratização do estado evidenciou-se para nós que o projeto de modernidade foi, em Goiás, subsidiado pelo Estado. Assim sendo, a nossa leitura de modernidade para o presente capítulo será pautada na concepção weberiana de que o Estado, através da detenção do poder físico e institucional, manifesto na racionalidade através da burocracia torna-se o responsável pela estrutura construída pela modernidade. Cf. Weber, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12ªed. Trad. M. Irene Szmrecsányi e Tamás Szmrecsányi. Ed. Pioneira. São Paulo, 1999. 119p.

Importante salientar que a concepção de modernidade para Goiás à época encontrava-se vinculada ao desenvolvimento econômico³⁹. Assim sendo, a modernidade no estado chegou com uma roupagem capitalista sob a chancela do governo federal. Buscava-se consolidar o processo de incorporação econômica do estado à dinâmica capitalista nacional. As ações modernizadoras previstas para Goiás se efetivaram sob a égide do Estado. Estevam (2004:10) assevera que:

A estrutura socioeconômica de Goiás somente pode ser compreendida, na sua inteireza, levando-se em conta o movimento de sua transformação resultante da interpenetração dos condicionantes nacionais e regionais. A reflexão, de um lado, leva em conta que Goiás é resultado histórico particular do processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, que não se trata de um espaço isolado e sim de uma fração integrante e interdependente da sociedade nacional.

Tal assertiva nos leva a considerar a pertinência de uma leitura do processo de inserção de Goiás na modernidade, conforme exposto alhures, pela lógica weberiana. Para Weber o Estado desempenha papel de relevância na condução da lógica moderna. Cabe a este o emprego da racionalidade através da burocracia. Em Goiás, o Estado torna-se regente da orquestra da modernidade que se pretende para o país.

Os estudos sobre o período em questão⁴⁰ apontam para uma ação do Estado no sentido de impulsionar e assegurar o crescimento econômico de Goiás. As políticas de modernização propostas por Pedro Ludovico para Goiás subsidiavam tais objetivos. Ludovico propunha a construção em Goiás de uma nova capital. Estevam (2004:100) sobre o alinhamento da política de Ludovico com o desenvolvimentismo de Vargas afirma que:

No âmbito político nacional as condições eram favoráveis. No discurso de Getúlio Vargas tornava-se “imperioso localizar no centro geográfico do país poderosas forças capazes de irradiar e garantir a nossa expansão futura”. A implantação de uma nova cidade no planalto traduzia o desejo do presidente e alimentava a “expansão capitalista” em seu processo de incorporação de novas frações do território nacional, representando ainda um símbolo do Estado Novo e constituindo marco significativo na política de interiorização.

³⁹ Acerca do trinômio desenvolvimento econômico/progresso/modernidade, Carvalho (2002:160) aponta para uma leitura de progresso para além da visão econômica. Embora concorde com a relevância da ordem econômica para o estabelecimento do progresso, afirma o autor que: “(...) essa ideia de progresso não se restringia à ordem econômica. Era preciso avançar nas transformações dos hábitos e práticas políticas, bem como eliminar tudo que se identificava com o passado que se queria esquecer. Vislumbrava-se, assim, um progresso também no âmbito da política e dos costumes.” Cf. Carvalho, E. R. de. **Construções de Goiânia**. In: Botelho, T. R. et al. **Goiânia: cidade pensada**. Ed. da UFG. Goiânia, 2002. 184p.

⁴⁰ Cf. Silva, E. R. da. (2007); Estevam, L. (2004); Luz, G. M. (2001); Borges, B. G. (2000).

Na esteira do desenvolvimentismo proposto por Vargas, Pedro Ludovico consegue alcançar seu desiderato: extirpar o “ranço” da influência política dos Caiado que persiste e promover a inserção da economia goiana no circuito nacional. Para tal verificou-se a necessidade de ruptura com as tradições passadas. Urgia superar o “atraso” em detrimento do “moderno”. O desejo era tão premente que não se tratava apenas da mudança de localidade da capital, mas sim, da ruptura com os simbolismos políticos que a então capital carregava.

A concepção do estado de Goiás como um lugar atrasado foi cunhada a partir do olhar de estranhamento dos viajantes.⁴¹ Estes tinham por parâmetro as cidades europeias de onde provinham. Afirma Pereira (2002:34) que:

Os viajantes reafirmaram a ideia do sertão goiano como uma região de população dispersa com núcleos urbanos pouco significativos e com enormes carências materiais. Entretanto, a descrição da realidade goiana, vivenciada por esses testemunhos, resultava, igualmente, de um estranhamento característico da visão dita civilizada sobre uma realidade que não correspondia aos parâmetros estabelecidos pelo **mundo desenvolvido** [grifo nosso]⁴².

Goiás, por essa lógica, é apresentado ao restante do país e ao mundo como um lugar de atraso, de indolência. Um mundo que destoa do Brasil “civilizado” do litoral. Na simbologia dos habitantes do litoral a região Centro-Oeste do país era povoada por bugres e/ou aventureiros. Convergir esse estado atrasado para uma modernidade possível era algo premente que se impunha às novas lideranças políticas.

Nasce daí, a necessidade de superação do dito atraso e da inserção do estado de Goiás no projeto de nação estado novista. Para tal o projeto de construção de uma nova capital para o estado foi um dos referenciais para a sua modernização. Encontrava-se subjacente a esse projeto o desejo de inserção do estado em um tempo de modernidade e o apagamento dos

⁴¹ Nas primeiras décadas do século XIX o estado de Goiás foi perscrutado por viajantes europeus que, a partir de suas experiências de vida, construíram relatos que corroboraram para o desenvolvimento da concepção de atraso e decadência do supramencionado estado. Cf. Johann Baptist von Spix e Karl Friederich von Martius (1818); Johann Emanuel Pohl (1818-1820); August de Saint-Hilaire (1819); Willian John Burchell (1827-1829); George Gardner (1839-1840); Francis Castelnau (1844).

⁴² Consideramos a pertinência de aqui ressaltar que, em nosso entendimento, a partir da leitura de Furtado (1978) a concepção de “desenvolvimento” é uma evolução da “ideologia do progresso” e esta, encontra-se subserviente às demandas do sistema capitalista mundial. Com o fim da II Guerra Mundial, acreditava-se que as práticas econômicas dos “países adiantados” eram o caminho para a ascensão ao nível de desenvolvimento destes. Tal concepção permeou o discurso político-ideológico nacional e, em um efeito de rede, esteve presente também no discurso das lideranças regionais do país. Estes ansiavam por igualar-se aos centros econômicos nacionais. Tornar-se, eles mesmos, molas propulsoras do dinamismo econômico do país. Assim foi com o estado de Goiás em sua ânsia por integrar a economia nacional. Para uma abordagem mais ampliada do tema sugerimos as obras de Furtado, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Círculo do Livro. São Paulo, 1974. 122p. e **Criatividade e dependência na civilização industrial**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1978. 181p.

Caiado no cenário político regional. De acordo com Chaul (2010: 179) para adentrar a “era da modernidade”:

Os arautos de 30 em Goiás subestimaram a tradição, negaram o passado histórico e propuseram uma completa ruptura, acreditando que incorporavam o novo, o moderno, em nome do progresso. [Intencionavam um] novo Goiás, em seu contraste com a velha ordem deposta.

Desse universo de disputa pelo poder, emerge a ideia de construção de uma nova capital para o estado. Pedro Ludovico alegava que a capital de então, a cidade de Goiás, apresentava condições inadequadas para abrigar o centro administrativo do estado. Ressaltava nesta as condições insalubres, bem como, o isolamento geográfico como elementos desabonadores de sua posição de capital do estado. Nos anos de 1933 inicia-se o projeto de construção de Goiânia. Pereira (2002:49) acerca da aventura da construção de Goiânia afirma que a construção desta

(...) era parte de uma utopia que Pedro Ludovico compartilhou com parcela significativa da população regional. Para as pessoas que construíram material e culturalmente a nova capital, Goiânia representava uma grande promessa futura: a visibilização de uma caminhada rumo ao progresso e à civilização, o início de novos tempos para a região e um símbolo de modernidade que se edificava em oposição ao passado que encarnava a decadência e o atraso ao longo de sua história.

O projeto de construção de uma nova capital despertava na população um sentimento dual. Uns criam que o futuro se apresentava promissor, o estado de Goiás a partir daí seria visibilizado no cenário nacional. Outros, porém, vislumbravam neste projeto o apagar das luzes de uma era. Para os moradores da cidade de Goiás, alijada de sua condição de centralidade administrativa, restava a incerteza de sua significância no cenário político de então. Isso porque a construção desta cidade que se tornaria a nova capital do estado de Goiás, muito mais do que o simples deslocamento da capital do estado simbolizava a ruptura de uma hegemonia política.

A construção de uma cidade planejada no interior do país marcou na concepção de alguns estudiosos o ingresso de Goiás na dita modernidade. Goiânia, nova capital do estado de Goiás, passou a representar no imaginário popular e no discurso político dominante o símbolo de superação do atraso. Representou mais, no jogo político, foi também arma poderosa usada nos embates pelo poder entre Caiado e Ludovico. O elemento de inserção do estado de Goiás na “modernidade”. Elo integrador entre o sertão e o Brasil “civilizado” (Pereira, 2002).

Goiânia mexeu com a dinâmica populacional do estado de Goiás. Esta alteração da dinâmica regional não ocorreu de forma isolada, apenas em função da organização regional. Ela encontra-se também vinculada à realidade nacional. Os esforços do governo por integrar sertão e litoral se consubstanciam no incentivo para o deslocamento de pessoas para o Centro-Oeste do país. A ausência de mão de obra para a materialização da nova capital impulsionou o incentivo à migração.

Para aí se deslocaram pessoas que buscavam uma colocação na construção civil e também aqueles que, atraídos pela qualidade das terras em derredor da área onde se erigia Goiânia, almejavam adquirir um quinhão dessa terra. Retomamos aqui a questão alhures abordada sobre os vínculos estabelecidos pela população de Goiás com o meio rural. As palavras de Estevam (2004:104-105) veem corroborar para a concepção de um atrativo do meio rural goiano no processo migratório em questão.

Goiânia, ao representar uma “possibilidade geográfica” no interior do país, foi palco de elevada imigração desde seus primeiros anos de existência. O atrativo real para o surto migratório foi a existência de largas faixas de terras férteis e matas – até então inexploradas – na área de abrangência da nova capital.

A construção de Goiânia marcou novos rumos para a economia, a política e a sociedade goianas. As transformações, se não vieram com a rapidez desejada, foram delineadas com a inauguração da nova capital. Ainda no contexto de desenvolvimento do país, vamos assistir a partir dos anos de 1940 ações do governo que buscavam “povoar” o sertão brasileiro⁴³. A mais significativa dessas ações ficou conhecida como a “Marcha para o Oeste”.

A política da referida marcha pregava a interiorização do país a partir do povoamento de regiões ditas “marginais” no interior do Brasil (Cassiano, 2002). A Marcha para o Oeste procurou visibilizar o “Coração do Brasil”. Entretanto, se no discurso oficial a justificativa era dar maior visibilidade ao interior do país, o real motivo foi o fortalecimento do poder econômico a serviço do capital. Urgia criar mercados para a expansão capitalista do país. No rastro das medidas governamentais vai originar-se uma intensificação das migrações. Estas se davam principalmente em direção ao estado de Goiás

⁴³ Almeida (2008:47-74) faz uma leitura de sertão pautada em elementos da identidade territorial e cultural dos sertanejos. Cf. **Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo**. In: Almeida, M. G.; Chaveiro, E. F.; Braga, H. C. (Orgs.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Editora Vieira. Goiânia, 2008. 313p.

As décadas de 1940 e 1960, sob o influxo da Marcha para o Oeste, assistiram a um aumento significativo de migrantes no estado de Goiás. A referida marcha daria novos contornos ao panorama populacional do estado de Goiás. Se a construção de Goiânia pode ser apontada como ação inicial do projeto de interiorização do país, a criação de frentes pioneiras e de expansão devem ser vistas como a continuidade de tal projeto⁴⁴.

Para atrair a vinda de migrantes e sua fixação em terras goianas o governo federal formulou políticas de incentivo para a aquisição de terras. Atenuou as barreiras alfandegárias. Investiu na infraestrutura dos transportes. Fomentou e incrementou as atividades agropecuárias. A criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás-CANG⁴⁵ representou, dentre as políticas empreendidas pelo Estado para a fixação de migrantes em Goiás, uma experiência exitória. Afirma Estevam (2004:113) que:

Nas décadas de 1940 e 1950 a imigração para Goiás avolumou-se substancialmente e a implantação da CANG foi responsável pelo assentamento de significativa parte dos imigrantes. FAISSOL referiu-se à existência de “mais de 10.000 pessoas na CANG” e, de fato, em 1950, a população recenseada em Ceres atingiu 29.522 habitantes. Contingente relativamente significativo para menos de uma década de ocupação.

Os números expressos evidenciam em curto período de tempo uma grande concentração populacional em Goiás. Entretanto, o que os números não exprimem é que, em verdade, o discurso de um país cuja força produtiva se encontra alicerçada na pequena propriedade somente se aplicava às áreas de expansão da fronteira agrícola. Dito de outra forma, Vargas, em função das alianças realizadas com o setor rural na década de 1930, encontrava-se impossibilitado de alterar a estrutura agrária do país sem incorrer na quebra de tais alianças.

Desta forma, tornava-se mais cômodo e propício para o presidente incentivar o estabelecimento desse contingente populacional nas grandes áreas de “vazio demográfico” existentes no Brasil. Em detrimento do discurso progressista de ocupação do Centro-Oeste, Getúlio Vargas nada fez para alterar a ordem fundiária estabelecida no restante do país. De acordo com Borges (2005:154):

⁴⁴ Martins, em seu livro *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*, em seu capítulo 04, aborda a relevância das frentes pioneiras e de expansão para a interiorização do país. Cf. Martins, J. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. Editora Hucitec. São Paulo, 1997. 213p.

⁴⁵ Para maiores informações sobre a relevância da CANG para a política econômica do estado de Goiás ver Estevam, L. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. Ed. da UCG. 2ª ed. Goiânia, 2004. 238p.; BORGES, B. G. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Ed. da UFG. Goiânia, 2005. 172p.

A própria natureza social e política do Estado brasileiro torna compreensível a não-alteração do regime de propriedade da terra no país. A aliança política entre a burguesia industrial e o setor agrário tradicional no pós-30, barrava no Governo e no Congresso Nacional qualquer projeto institucional de reforma agrária no Brasil.

O estado de Goiás, neste contexto de cenário econômico tradicional, reafirmou-se enquanto mercado agrícola. Além de fornecer gado de corte para as regiões Norte, Nordeste e Centro-Sul, o estado, como consequência direta da expansão da fronteira econômica, passou a fornecer produtos agrícolas para o Sudeste. Em decorrência de tais transformações, Goiás ampliou sua participação no circuito comercial do país. Deixou de ser uma economia periférica para inserir-se definitivamente na lógica capitalista nacional (Borges, 2005).

Como desdobramento da política de fortalecimento do capitalismo, a partir da Marcha para o Oeste, assistimos ao nascimento de Goiânia, à expansão das fronteiras agrícolas, à criação da CANG. Vimos também que o projeto da marcha coadunado com outras ações políticas do governo Vargas promoveu a “visibilização” da região Centro-Oeste do país. Desse modo visibilizou-se também o estado de Goiás. Entretanto, restava uma ação a ser realizada. Denota-se neste momento uma intencionalidade para a realização do projeto de mudança da capital federal.

A mudança da capital do país do litoral para o interior era tema de discussões desde os tempos do império. O governo Vargas retomou o projeto como uma das etapas da Marcha para o Oeste. Entretanto, coube a Juscelino Kubitschek a materialização do projeto de construção de uma nova capital no sertão brasileiro. Portanto, se a construção de Goiânia deu início ao projeto de interiorização, Brasília simbolizou a consolidação deste projeto. A escolha do sítio ideal já havia ocorrido desde o ano de 1894 quando o relatório da expedição Cruls⁴⁶ foi dado a conhecer.

Poucos eram os que apostavam na mudança da capital do litoral para o interior.⁴⁷ A construção de Brasília alterou a ordem nacional estabelecida. Outras capitais planejadas haviam sido construídas no Brasil ao longo dos anos⁴⁸. Porém Brasília desde o início exerceu

⁴⁶ A expedição encarregada de encontrar o sítio propício à construção da nova capital federal foi chefiada pelo astrônomo belga Luis Cruls. A expedição, entre os anos de 1892-1893, percorreu o Planalto Central brasileiro para conhecer as condições do meio ambiente daquela região que havia sido apontada na constituição de 1891 como ideal para o intento.

⁴⁷ Cf. Vidal, L. **De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)**. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 2009. 352p.

⁴⁸ As capitais às quais nos referimos são Teresina (1851), Belo Horizonte (1897) e Goiânia (1937). Estas, segundo Lopes (1996:56), embora tenham sido também planejadas “ocorreram em âmbito de suas respectivas regiões em contextos históricos diversos e não causaram impacto nacional.” Cf. Lopes, L. C. **Brasília: o enigma da esfinge, a construção e os bastidores do poder**. Ed. Universidade/ UFRGS/ Ed. Unisinos. Porto Alegre/São Leopoldo, 1996. 247p.

forte fascínio sobre a população como um todo. O sentimento expresso pela nova capital era de efusividade, de anseio pelo novo. Brasília foi, antes mesmo de sua materialização, uma representação impactante para o país como um todo (Lopes, 1996).

Em Goiás, as cidades de Anápolis e Goiânia configuravam-se importantes centros econômicos. A notícia da construção de uma nova capital para o país no Planalto Central, preocupou em princípio as autoridades goianas. Uma capital federal poderia ameaçar o monopólio de Anápolis e Goiânia na economia de Goiás. Temia-se também o deslocamento populacional em direção a Brasília. Entretanto, a cidade foi pensada para ser um centro administrativo. Em pouco tempo as autoridades locais perceberam que poderiam auferir ganhos com a transferência da capital para o sertão brasileiro⁴⁹.

A construção de Brasília alterou o quadro urbano regional do Centro-Oeste do país. Mais especificamente podemos afirmar que a sua construção adensou a população do estado de Goiás. Este adensamento populacional se deu nas áreas goianas próximas àquela escolhida para abrigar a capital do país. Mais uma vez, Goiás encontrava-se no centro dos destinos migrantes. O estado conheceria uma nova fase em seu desenvolvimento urbano.

Ao tratar do desenvolvimento urbano em Goiás, Chaul e Silva (2005), consideram que este pode ser dividido em três fases distintas. Uma primeira fase caracterizada pelo surgimento de cidades oriundas da atividade mineradora; uma segunda fase na qual a gênese das cidades encontra-se vinculada às manifestações da fé. São as cidades-patrimônio; em uma terceira fase os autores identificam as cidades fruto do “ciclo de planejamento urbano”. Nesta terceira fase encontram-se inseridas as cidades nascidas a partir da construção das estradas de ferro, aquelas resultantes da expansão a partir da construção de Goiânia e, finalmente, aquelas que nasceram com ou em função de Brasília.

A cidade de Valparaíso de Goiás surge no contexto da terceira fase do desenvolvimento urbano do estado. Sua gênese está, pois, condicionada à construção da nova capital⁵⁰. A construção de Brasília reorganizou as práticas socioeconômicas do estado de Goiás. Entretanto, as referidas modificações não conheceram uma homogeneidade. A região do estado que mais de perto sentiu os efeitos da construção da nova capital foi a do Leste goiano. De acordo com Estevam (2004:143):

⁴⁹ Não abordaremos aqui as representações construídas sobre o sertão brasileiro. Para uma leitura sobre o tema sugerimos a obra de Lima. Cf. LIMA, Nísia Trindade. 1999. **Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM. 232p.

⁵⁰ Discorreremos mais aprofundadamente sobre a cidade em questão no tópico que segue.

(...) a implantação de Brasília aprofundou as modificações socioeconômicas no território. O Distrito Federal foi delimitado em área praticamente desabitada que – a partir de 1958 – recebeu um fluxo significativo de migrações e um ritmo acelerado de construções; as rodovias que demandavam a capital federal atravessaram necessariamente o território goiano, proporcionando o surgimento e consolidação de centros urbanos em suas margens. Em pouco tempo Brasília tornou-se um aglomerado urbano e demográfico sem precedentes no planalto central – com gente de todas as camadas sociais – alterando o quadro socioeconômico regional, eminentemente a partir de 1960.

As considerações de Estevam suscitam-nos algumas observações. Mesmo não interferindo diretamente nas estruturas socioeconômicas das demais regiões do estado, a construção de Brasília apresentou em maior ou menor intensidade alterações nestas regiões. Nem todos os que para Brasília vieram, instalaram-se em seu território. Justifica-se desta forma o surgimento e a consolidação de centros urbanos ao longo das rodovias que lhe davam acesso. Depois da construção de Goiânia, a construção de Brasília significou importante fator de adensamento populacional para o estado de Goiás.

A região Centro-Oeste do Brasil apresenta, em cada uma de suas divisões administrativas peculiaridades próprias. Estas se devem à forma pela qual se deu, dentre outros fatores, o povoamento de suas áreas. O Centro-Oeste brasileiro entre as décadas de 1950-1980 conheceu significativas alterações em sua configuração territorial. A construção de Brasília, a divisão do estado de Mato Grosso, na qual se conservou o nome do primeiro e nominou-se o segundo por Mato Grosso do Sul e a criação do estado do Tocantins (Silva, 2007).

Destas reconfigurações territoriais duas dizem respeito diretamente ao estado de Goiás. A perda de território para a criação do Distrito Federal e neste a construção de Brasília e a origem do estado do Tocantins. A construção da nova capital movimentou toda a área que envolve o quadrante do Distrito Federal e suas adjacências. Grande foi a quantidade de pessoas que para lá se dirigiu. No local onde surgiu o Tocantins, as transformações territoriais a partir da criação do novo estado não impactaram de forma acentuada o contexto populacional do estado de Goiás. Isso porque, Brasília continuou atraindo para o estado grande quantitativo de migrantes.

Pela lógica da migração apontada até então, o estado de Goiás apresenta-se como centro receptor de migrantes. De acordo com o censo IBGE/2010, em relação ao Distrito Federal, o estado de Goiás recebeu um quantitativo 14,8 vezes maior de migrantes. Se observarmos a tabela abaixo será possível perceber que esta é uma tendência que já se anunciava nos anos de 2000, 2004 e 2009. A partir do ano 2000 o Distrito Federal apresentava já significativas perdas em relação ao estado de Goiás. Chegou mesmo a ter um saldo líquido

migratório negativo no ano de 2004. Os números expressos na tabela são representativos do que se afirma.

Tabela 01⁵¹- Movimento migratório, Saldo líquido migratório/Região Centro-Oeste: 2000/2004/2009

Unidades da Federação	2000			2004			2009		
	Imi-grantes*	Emi-grantes	Saldo líquido migratório	Imi-grantes*	Emi-grantes	Saldo líquido migratório	Imi-grantes*	Emi-Grantes	Saldo líquido migratório
MS	97.709	108.738	(-)11.029	90.071	97.271	(-)7.200	57.900	50.205	7.695
MT	166.299	123.724	42.575	192.691	81.011	111.680	78.627	90.654	(-)12.027
GO	372.702	169.900	202.802	315.571	168.574	146.997	264.087	135.031	129.056
DF	216.200	188.577	27.623	152.073	199.982	(-)47.909	149.903	138.037	11.866

Movimento migratório e Saldo líquido migratório da Região Centro-Oeste, 2000/2004/2009.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2000/ 2004/2009. *Inclusive os estrangeiros.

Adaptação e organização: SILVA, Gilmar Elias Rodrigues da. 2012.

Por se localizar no estado de Goiás, na linha fronteira ao DF essa tendência atrativa de migrantes se repercutiu nos municípios da AMB. Foi assim que Valparaíso de Goiás apresentou-se como uma possibilidade de fixação para tais migrantes. O município localiza-se geograficamente ao sul do Distrito Federal (Vide mapa). Faz divisa com as cidades goianas: Luziânia (sua cidade de origem), Cidade Ocidental e Novo Gama. No Distrito Federal faz divisa com a RA13, Santa Maria. É das cidades goianas que compõem a região do Entorno Sul, o mais próximo de Brasília. O espaço que acolhe o município de Valparaíso de Goiás encontra-se conurbado com suas cidades limítrofes.

⁵¹ A nomenclatura aqui empregada segue as orientações do Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos na UFG. Goiânia, 2005. Cf. **Guia para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos na UFG**. 2005. 48p.

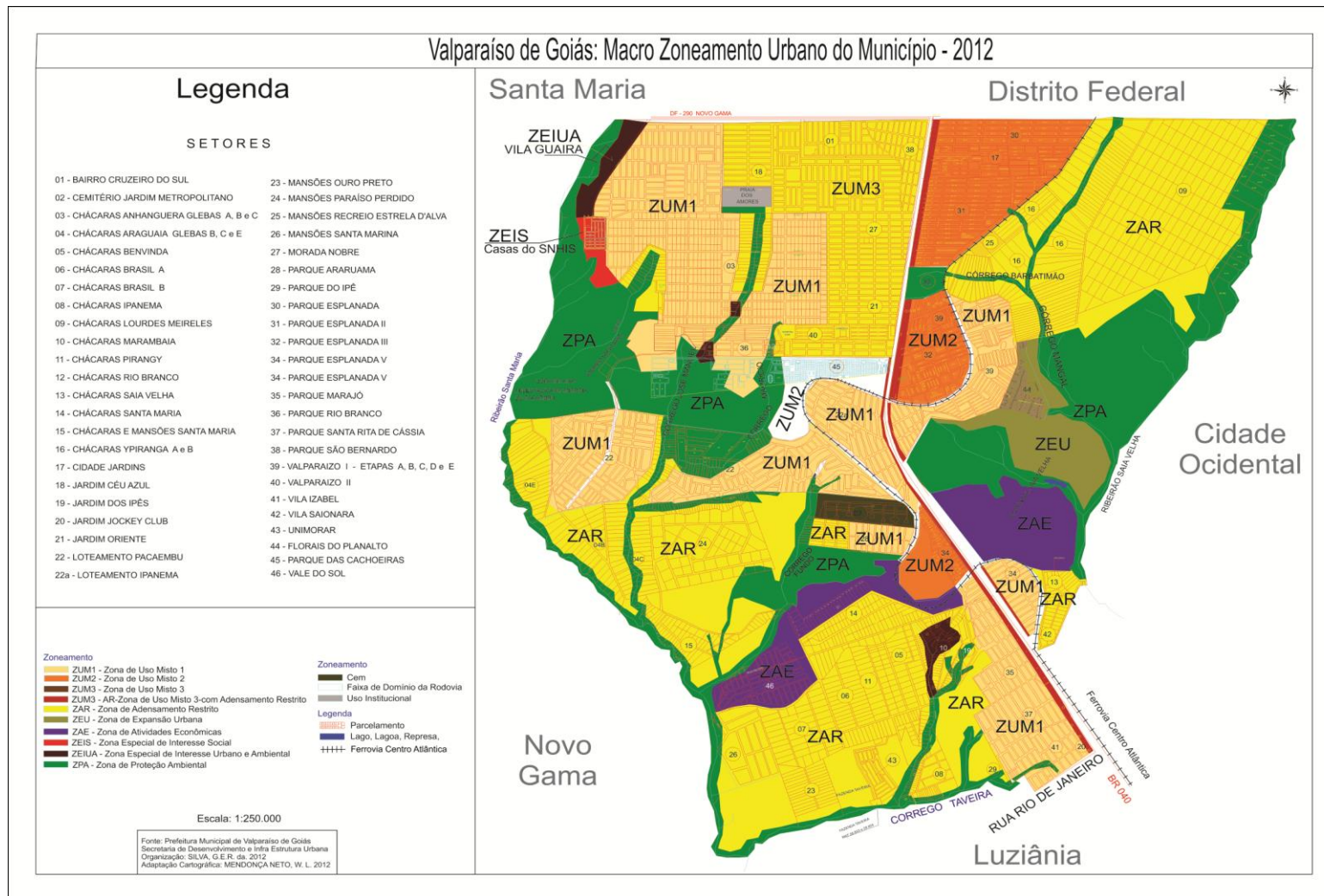


Figura 01- Planta do Macro Zoneamento Urbano do Município, 2012. Fonte: Secretaria de Desenvolvimento e Infraestrutura Urbana, 2012.

Organização: SILVA, Gilmar Elias Rodrigues da. 2012. Elaboração: NETO, Wilson L. Mendonça. 2012.

A cidade de Valparaíso de Goiás possui uma área eminentemente urbana e territorialmente encontra-se entre os três menores municípios do estado de Goiás. É no contexto das cidades que surgiram em função da migração de trabalhadores que vieram para a construção de Brasília, o de maior densidade demográfica (Silva, 2012). As informações aqui registradas são em si mesmas suficientes para dar a esse município um caráter de singularidade. Outros elementos, porém, devem ser enunciados, uma vez que corroboram para melhor caracterizar a cidade de Valparaíso de Goiás.

Embora seja uma cidade goiana, Valparaíso de Goiás guarda pouco ou nada das cidades do interior do estado. Poder-se-ia dizer que “vai longe” na mente dos moradores o tempo em que esta cidade era distrito da também cidade goiana Luziânia. É na capital federal que significativa parcela da população de Valparaíso de Goiás trabalha, estuda, se diverte ou efetiva consulta na área de saúde. Dessa forma, as relações institucionais se efetivam no estado de Goiás e o cotidiano se materializa em terras distritais. O quadro exposto nos remete à necessidade de melhor conhecer como se deu a gênese da cidade de Valparaíso de Goiás.

Do universo pesquisado⁵² o principal elemento compositor do quadro populacional de Valparaíso de Goiás é oriundo do Distrito Federal. Dos moradores da cidade 25,5% já moraram no referido distrito. Quando questionados afirmam seu desejo de retornar às plagas distritais. Se somarmos os estados da região Nordeste, obteremos um quantitativo de aproximadamente 57% dos moradores compondo o ingrediente populacional de Valparaíso de Goiás. Declarados oriundos do estado de Goiás, 4,9%. Se considerarmos que este quantitativo se pulveriza entre os 245 municípios restantes do estado, é lícito afirmar que este configura-se um percentual pouco significativo.

⁵² Foram aplicados 406 questionários e realizadas 20 entrevistas orais entre os moradores da cidade de Valparaíso de Goiás.

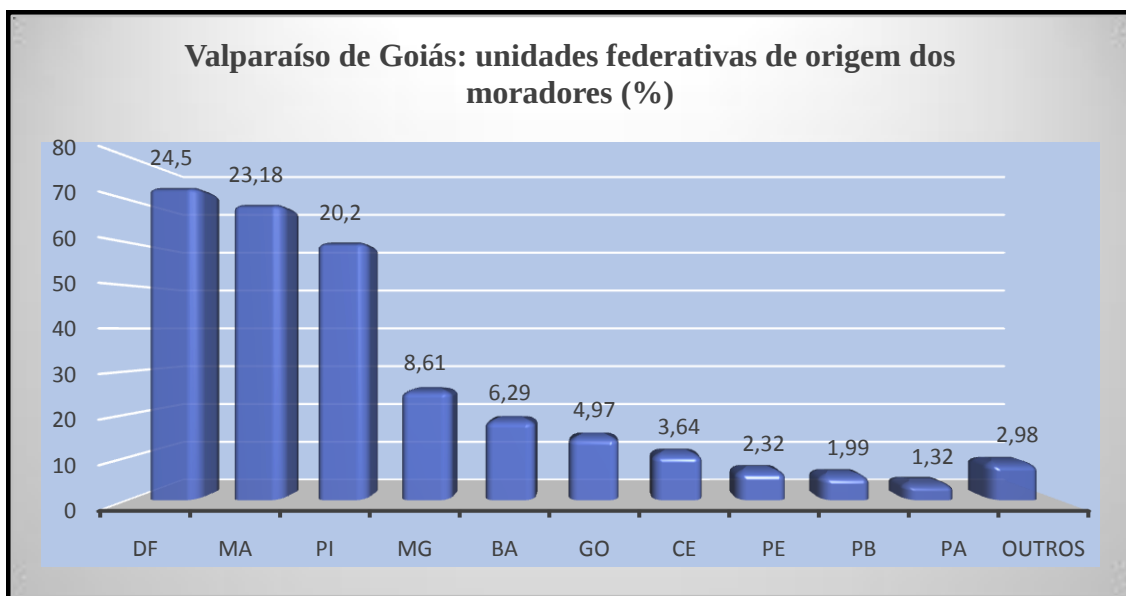


Gráfico 01- Valparaíso de Goiás: Origem dos moradores-2013. Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2013. Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

A análise dos dados expressos aponta para a região Centro-Oeste como sendo aquela de maior incidência na origem dos moradores de Valparaíso de Goiás. Este fato aparentemente contradiz o acima exposto. Entretanto, faz-se mister assinalar que as pessoas que afirmaram sua origem no Distrito Federal são compostas em sua maioria por migrantes oriundos da região Nordeste do país⁵³. Assim sendo, se considerado o quantitativo de nordestinos que compõe a região Centro-Oeste somado àqueles declarados na região Nordeste, esta região se torna a responsável pelo maior percentual na composição populacional de Valparaíso de Goiás.

Esses sujeitos vêm de uma região que sofre os flagelos da seca. As dificuldades para sobreviver podem ser aqui registradas como principal fator para a migração. Ao deixarem seu lugar de origem trazem consigo resquícios de uma vida pretérita. Dessa forma buscam recompor alguns elementos de sua vida no local de chegada. Podem ser considerados exemplos de reminiscências as festas reproduzidas na cidade de Valparaíso de Goiás ao estilo daquelas que ocorriam na cidade de origem.

⁵³ Cf. **Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios**. CODEPLAN, 2013.

palco o bairro Céu Azul. Segundo Zuleica⁵⁴, organizadora da feira, concentra-se no referido bairro o maior quantitativo de moradores nordestinos da cidade de Valparaíso de Goiás.

Informou-nos que a feira já se encontra em sua terceira edição e que a cada ano aumenta o número de visitantes. Alguns vêm de Brasília, para aproveitar o evento. Disse ter presenciado várias cenas de pessoas que se dizem saudosas de sua terra e que buscam na feira um “cadinho” de seu lugar de origem.

Ontem mesmo [a entrevista foi realizada no dia 13/07/14] estive aqui uma senhora que trouxe os netos para experimentarem um bom Sarapatel [prato da culinária nordestina cuja base são as vísceras de porco, bode ou cabrito] nordestino. Quando chegou na barraca de comidas típicas ela não resistiu e pediu para ajudar no preparo do prato. É que aqui nós fazemos uma quantidade para vender e na hora vamos fazendo mais. É pra as pessoas matarem saudades. Essa senhora mesmo, dona Raimunda, agora me lembrei do nome dela. Então...a dona Raimunda, seus olhos ficaram cheios de lágrimas. Ela falou que esse era o prato preferido de seu pai e que por ser a única filha mulher coube a ela aprender a prepará-lo pra ele. Disse-nos ainda que o pai lambia os beiços e dizia que igual ao dela não tinha nenhum. Superou a mãe no preparo da iguaria.

No final ela me deu um grande abraço e falou que a feira era pra ela uma oportunidade para que mesmo de mentirinha retornar ao sertão tão querido. Essa declaração me deixou bastante emocionada. Afinal a ideia da feira surgiu justamente por causa dessas pessoas que vinham pra Brasília e nunca mais voltaram pras brenhas do sertão.

O nordeste transmuta-se para Valparaíso de Goiás quando da realização de tais eventos. Reinventa-se nas quadrilhas juninas, na culinária de sabores e temperos fortes, como forte é o sertanejo. Os espaços onde as festas acontecem são preparados com minúcia para reproduzir o cenário evocado. No decorrer das festividades, muitos são os que se emocionam ao adentrarem esses espaços. Sua memória afetiva é acionada e torna-se difícil para alguns conterem as lágrimas. Por breves dias esses sujeitos rememoram sua infância, adolescência, os sonhos de juventude. Os embates e vitórias na luta pela sobrevivência em condições adversas. O migrante de ontem, morador da atualidade, será para sempre o saudoso de um tempo passado. Porém, esse mergulho no tempo não implica no desejo de retorno. A vida aqui, certamente é mais amena do que no lugar de origem. A decisão por migrar revelou-se acertada.

⁵⁴ Optamos pelo uso de pseudônimos quando citarmos as falas registradas em nossas entrevistas. Sempre que houver uma citação direta de nossos entrevistados estes serão nomeados por nomes fictícios. Assim agimos no afã de deixá-los à vontade para se expressarem. Todo o material fonográfico oriundo das entrevistas encontra-se à disposição com esta pesquisadora para quaisquer consultas, quer dos entrevistados, quer de interessados em aprofundar-se na problemática. Foi assinado por cada um dos entrevistados um Termo de concessão no qual o pesquisador fica autorizado a fazer uso acadêmico do material fonográfico.

1.2 Valparaíso de Goiás: os embates travados para desbravar as fronteiras do antigo e do novo

Os processos migratórios sempre estiveram presentes no decurso da história da humanidade. Geralmente são incentivados pelos grupos familiares ou de amizade que, tendo migrado, instigam aqueles que ficaram a fazer o mesmo. Indifere para estes sujeitos que as metas e objetivos traçados encontrem-se longe da realização. Ainda que o caminho percorrido seja árduo, o desejo por uma vida melhor faz com que essas pessoas abandonem o lugar de sua experiência histórica de vida e partam rumo ao desconhecido.

Ao partir, o indivíduo reorganizou seu espaço mental. Criou representações acerca do local de sua chegada. Passou a transitar em dois tempos, o da partida, que representa experiências a serem superadas e o da chegada. Este, permeado de expectativas em uma vida melhor. No qual as dificuldades cotidianas são superadas e as conquistas marcam o advento de uma nova era. A “era da prosperidade”. O entremeio destes tempos é percebido pelo sujeito como uma fase de transição na qual tudo deve suportar. Afinal, ao fim do arco-íris existe sempre um pote de ouro. Somente os que perseveraram conseguem alcançar seus objetivos. Enfrentam com galhardia as vicissitudes que surgem nessa jornada rumo ao desconhecido.

Os processos migratórios experienciados pelo ser humano no decorrer de sua história são abordados por Telles (2010:17). Afirma a autora que:

No curso de suas vidas, indivíduos e suas famílias atravessam espaços sociais diversos, transitam entre códigos diferentes, seus percursos passam através de diversas fronteiras e são esses traçados que podem nos informar sobre a tessitura do mundo urbano, seus bloqueios e seus pontos de tensão, mas também os campos de gravitação da experiência urbana nesse cenário tão modificado. Entre os deslocamentos espaciais e expedientes mobilizados para o acesso à moradia, os percursos do trabalho e suas inflexões recentes, os agenciamentos da vida cotidiana e os circuitos que articulam moradia e cidade, seus espaços e serviços, essas trajetórias são pontuadas por situações que podem ser vistas como pontos de condensação de práticas, mediações e mediadores nos quais estão cifrados os processos em curso.

A cidade de Valparaíso de Goiás tem sua origem em um desses fenômenos migratórios. Ao nos propormos o estudo dessa sociedade, tentamos muito mais que entender a sua malha urbana. Buscamos deslindar as imbricações ocorridas entre este e seu *corpus* social. Decifrar mesmo o processo efetivado para a consolidação desta sociedade migrante, desde a partida até seu aportar em terras goianas. Isso porque uma sociedade somente é dada a compreender a partir de uma análise socioespacial de seu processo histórico de formação.

O local onde hoje se encontra erigida a cidade de Valparaíso de Goiás era parte da zona rural de Luziânia, sua cessionária. Esta, à época, era uma tradicional cidade do interior goiano cuja base econômica alicerçava-se na agropecuária. Apresentava um efervescente centro urbano onde reinavam absolutas as tradicionais oligarquias rurais da região. Conheceu um efêmero período aurífero, após o qual orientou sua economia para as atividades rurais. A ordem reinante nesta cidade vai ser abalada com o advento da mudança da capital federal em 1960.

Brasília, desde o canteiro de obras mexe com o imaginário nacional. E Luziânia não estava imune ao seu “canto de sereia”. Segundo Pimentel (2006), por sua localização próxima ao sítio onde se construiria a nova capital, os administradores de Luziânia encontravam-se eufóricos com o advento. Vislumbravam oportunidade para auferir ganhos pessoais e para a economia local. A então Região Administrativa V – RA V, de Luziânia, por fazer divisa com o quadrilátero do DF, figura como promissora aos intentos dos gestores da cidade. Explica-se: Luziânia, pela condição de proximidade de sua RA V poderia prestar-se a fornecer gêneros alimentícios para os trabalhadores da capital. Ou mesmo servir enquanto espaço de lazer e descanso para os novos moradores de Brasília.

Desta forma, o então prefeito de Luziânia “vê com bons olhos” e até mesmo incentiva a vinda de pessoas para a cidade. Esse adensamento populacional vai paulatinamente se descortinando na área limítrofe à área da nova capital que surge. Doravante neste espaço teria origem a cidade de Valparaíso de Goiás. A aposta no futuro não estava de todo equivocada. Até então, a referida RA V era pouco populosa. Os poucos moradores tinham grandes dificuldades para deslocar-se até a cidade. O que impunha um quase isolamento dos mesmos. Estes, somente buscavam o centro de Luziânia para fazer compras, para usos médicos, para pagar suas contas e impostos (Valadão e Nascimento, 2004).

Nas décadas que compreenderam o período de construção da capital federal assistimos a um afluxo intenso de migrantes para a região Centro-Oeste. Em específico para o canteiro de obras de Brasília. Luziânia, neste contexto, recebia sua “cota” de migrantes. Toda a vida da cidade foi “sacudida” pela construção de Brasília. Parecia mesmo que o clima de transformação que se operava no cerrado brasileiro propagou-se a sua volta. Deslocavam-se diariamente de Luziânia rumo ao canteiro de obras em Brasília trabalhadores, caminhões de areia, cascalho, terra, esperança. A azáfama era intensa, todos buscavam, de uma forma ou de outra, participar do momento de construção da nova capital do país (Pimentel, 2006).

Os trabalhadores “candangos”⁵⁵ criam que estava se construindo no Planalto Central brasileiro um espaço de prosperidade e transformações. Um lugar onde as desigualdades sociais seriam superadas e a isonomia e o sucesso pessoal seriam uma constante. Onde poderiam recomeçar suas vidas em bases mais auspiciosas. São múltiplas as referências a esse estado de espírito dos pioneiros. Silva (1997) sobre a crença na construção do novo que permeava principalmente o imaginário candango, afirma que aquelas pessoas acreditavam que a construção da nova capital representava a oportunidade de uma vida nova.

Porém, a dita “Capital da Esperança” constituir-se-ia doravante na “Capital da Exclusão”. Ficaria claro a esses indivíduos que esta não fora construída para abrigar o cidadão comum. Estes são obrigados então a reelaborar seus planos para assegurar a sobrevivência. É nesse contexto que surge a chamada região do Entorno de Brasília⁵⁶. Valparaíso de Goiás por inserir-se nessa região é parte do processo de readaptação dos planos candangos.

Conforme dito, já existia na região um considerável adensamento populacional. Desse intensivo movimento surge o bairro Parque São Bernardo. Este terá relevância na constituição do histórico da cidade. Sobre o referido bairro falaremos mais detalhadamente em momento oportuno. Luziânia, embora vivenciando uma atividade atípica, não sofre significativas transformações no período. A vida dos moradores seguia seu fluxo. Porém, parte desta cidade tem sua estrutura totalmente alterada a partir da construção da capital

⁵⁵“Candango” é o termo dado aos trabalhadores que migravam à futura capital para sua construção. De origem africana, Candango significa “ordinário”, “ruim”, e era a denominação que se dava aos trabalhadores que participaram da construção de Brasília. Segundo o Dicionário de Folclore para Estudantes, “candango” é palavra do dialeto quimbundo, da região de Angola, com a qual os africanos escravizados nomeavam os senhores de engenho. Pela importante atuação na criação de Brasília, hoje o nome “candango” é dado também às pessoas que nascem no Distrito Federal, uma forma de homenagear os pioneiros. Cf. Luiz, Edson Beú. **Os filhos dos candangos: exclusão e identidades**. 2007. 140f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

⁵⁶ Embora seja na atualidade considerada uma expressão pejorativa, entende-se por Entorno o espaço de influência do Distrito Federal em articulação com os 22 municípios (19 goianos e três mineiros) adjacentes a este: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa no estado de Goiás; Buritis, Cabeceira Grande e Unai em Minas Gerais. E Brasília como cidade polo. Conforme o grau de dependência dos municípios do Entorno nos setores de emprego, educação, equipamentos públicos, relações comerciais e espaço de atração migratória classificam-se em: Entorno Imediato, com alta polarização (Águas Lindas de Goiás, Cidade Ocidental, Luziânia, Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto e Valparaíso de Goiás); Entorno Intermediário, com média polarização (Abadiânia, Alexânia, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa e Planaltina de Goiás); Entorno Distante, com baixa polarização (Água Fria de Goiás, Buritis, Cabeceira Grande, Cabeceiras, Mimoso de Goiás, Padre Bernardo, Pirenópolis, Unai e Vila Boa). Cf. Zoneamento Ecológico-Econômico do DF, Subproduto 3.2- Relatório do Diagnóstico: Articulações com a RIDE. Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do DF, 2010. Cf. Silva, G.E.R. da. **VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: migração e dinâmica socioespacial - 1995/2010**. 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais/IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

federal. O bairro Parque São Bernardo é o destino daqueles que não podendo morar em Brasília, não queriam perdê-la de vista.

Dessa forma, vai se construindo a trama do tecido que resultaria no ano de 1995, no município de Valparaíso de Goiás. Para vivenciar esse momento, o da emancipação política, o então Distrito de Valparaíso de Goiás passou por três plebiscitos na tentativa de tornar-se de fato independente administrativamente de Luziânia. As duas primeiras tentativas foram frustradas. Segundo relatos de Angélica, moradora de Valparaíso de Goiás que vivenciou o período em questão o que justifica o fracasso das duas primeiras tentativas foi o fato de que:

Existia um sentimento das pessoas de não pertencimento à cidade. As pessoas viviam aqui mas elas estavam muito ligadas ao Distrito Federal. Muitas delas inclusive com o desejo de voltar a morar no Distrito Federal. Então você veja, elas não tinham muito interesse da participação. Não tinham interesse... e... não estavam assim... motivadas a participar, porque não tinham interesse de viver aqui. Aqui era...para aquelas pessoas...tanto fazia, sendo ou não Distrito, para elas não fazia muita diferença. Elas estavam muito ligadas ao Distrito Federal. De certa forma isso dificultou para atingir o quórum. Porque atingir o quórum não é fácil e as pessoas não estavam interessadas no processo.

Pela fala da entrevistada é perceptível desde então o forte sentimento de pertencimento que as pessoas que se deslocaram para o município nutriam em relação ao Distrito Federal. Tanto assim que somente na terceira tentativa é que se obtém o número mínimo para a emancipação do município de Valparaíso de Goiás.

Tendo em vista as leituras realizadas, concluímos que tradicionalmente os municípios emancipados tendem a ressignificar as tradições culturais de seu município de origem. A população que se emancipa guarda em parte algumas características dessa cultura cessionária.⁵⁷ Valparaíso de Goiás, entretanto, foge a essa “regra”. Ao observar as práticas cotidianas da cidade percebe-se que esta pouco ou mesmo nada guarda de sua cidade de origem. O seu tecido urbano encontra-se multifacetado pela quantidade de migrantes que o povoam. Estes oriundas de todas as regiões brasileiras.

Infere-se, que daqueles que compõem o quadro populacional de Valparaíso de Goiás, a minoria é composta de antigos moradores. Ou seja, poucos são os que guardam relações com Luziânia. A bicentenária cidade de Luziânia, é em sua estrutura condizente com as características de uma “tradicional” cidade goiana. O tempo aí é regido pelo ritmo lento das

⁵⁷ Não nos foi possível identificar em Valparaíso de Goiás práticas oriundas do período em que a cidade encontrava-se vinculada à Luziânia.

idades do interior. Os moradores do município conservam nos dias que correm hábitos de um Goiás rural, ainda que vivam na denominada Área Metropolitana de Brasília/AMB.

Em Luziânia é comum ocorrerem rodeios, quermesses, novenas, folias. As pessoas ainda se identificam neste município pelo sobrenome de família. Os vizinhos cultivam o hábito de se visitarem. Tais ações podem ser consideradas como marcos típicos de tradição e enraizamento. De afirmação identitária. Ainda que transformações impostas pelo tempo rápido da vida contemporânea se façam sentir, hábitos e tradições são perpetuados. O cenário que se descortina em Valparaíso de Goiás, porém, é bastante diverso. Não se percebe aí manifestações que remetam à “cidade mãe”. Os vínculos parecem ter se esvaído na multiplicidade de encontros e culturas presentes em seu meio social.

Valparaíso de Goiás nesta conjuntura vive o tempo da metrópole. O tempo ditado pelas premências de Brasília. Com a “emancipação política” a cidade rompeu as amarras que a ligavam à Luziânia. A partir de então, as relações de trabalho, saúde e/ou sociais dos moradores de Valparaíso de Goiás que já se efetivavam com o Distrito Federal, tornaram-se mais intensas. A Goiás ficou reservado apenas as relações institucionais. Que pouco ou quase nada simbolizam no cotidiano de pessoas que materializam sua existência em outra unidade federativa, o Distrito Federal.

As palavras de seu Josias, morador no bairro Valparaíso I, etapa B, quando questionado acerca do tema respaldam tal assertiva. Segundo ele:

Essa cidade vive em função do DF, os seus habitantes trabalham e estudam no DF, ganha e gasta lá. Olha minha filha, eu moro aqui desde 1962. E foi sempre assim...é assim até hoje, as pessoas vem pra cá obrigadas. É só porque não tem alternativa mesmo. Procê tê uma base, logo que a Encol construiu as casas da A e da B [as etapas estão localizadas no bairro Valparaíso I] intão...ninguém queria morar aqui. Foi um Deus nos acuda pra arranjar gente pra ocupar as casinha. Sabe o que eles tiveram que fazer pra trazer gente pra cá? Oferecem uma quantia em dinheiro...no dinheiro de hoje é mais ou menos uns quinhentos reais, isso pra quem quisesse vim morar aqui. As pessoas chegavam e podiam escolher a casa que quisessem. Eu mesmo num ganhei não. É que eu já tinha minha casa. Mas cumpadre Adalberto, que Deus o tenha, ele mesmo foi um dos que ganhou o dinheiro e pode escolher a casa pra apossar. Pra esse pessoal foi um golpe de sorte. Trabalho eles tinham em Brasília e a casa que faltava ganharam assim ó de mão beijada. Não sei te dizer quem deu não...mas acho que foi a Encol. É...parece que foi ela sim.

Procuramos outros moradores que confirmassem a informação dada por seu Josias. O relato foi sempre repetido com algumas variações. Os proprietários da Encol realmente haviam bonificado aqueles que quisessem deixar Brasília e estabelecer residência na cidade de Valparaíso de Goiás. As narrativas dos moradores não se configuram em um tom

isolado no fluxo urbano local. Elas encontram eco inclusive nos meios de comunicação que costumam propalar a ideia de que Valparaíso de Goiás surgiu em função de Brasília.



Figura 03- Vista aérea de Valparaíso de Goiás.

Fonte: Jornal de Brasília, 23/04/11 – “TUDOCASA”, encarte de divulgação imobiliária.

A foto acima apresenta uma visão aérea da cidade. Ela é parte integrante de um encarte de jornal de circulação no DF e AMB. Traz em mensagem no canto superior direito uma frase que atribui a criação do município de Valparaíso de Goiás à construção de Brasília: *“Criada em 1979, cidade surgiu para abrigar os trabalhadores da capital.”* O referido jornal, em suas páginas faz alusão à fundação do “Núcleo Habitacional Valparaíso I”, no qual se localiza o sítio urbano da cidade. Segundo informações obtidas o município surge em função da pressão imobiliária, da necessidade de “acolher” os trabalhadores candangos que não podendo fixar residência em Brasília, não desejavam retornar às suas localidades⁵⁸. Para entendermos a relação entre Valparaíso de Goiás e Brasília faz-se mister conhecermos um pouco mais sobre o município em estudo.

⁵⁸ Este tema será por nós tratado com maior zelo no capítulo II deste trabalho, quando abordaremos as relações estabelecidas entre Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal ou Brasília, como por aqui é chamado o referido distrito.

1.3 Valparaíso de Goiás: um município goiano no contexto metropolitano de Brasília

A Microrregião do Entorno de Brasília, representada no mapa abaixo, é uma região de franca expansão demográfica. Apresentou no ano de 2010, segundo dados do IBGE, um aumento no crescimento em torno de 29,1% comparado aos dados do censo de 2000. Esta capacidade de atrair migrantes se acentua principalmente nos municípios goianos adjacentes ao Distrito Federal. Apresenta uma concentração populacional que se caracteriza como uma das maiores do estado de Goiás em espaço totalmente urbano. Valparaíso de Goiás, dentre os municípios da Microrregião do Entorno do Distrito Federal é daqueles que mais tem recebido esse contingente populacional.

Microrregião do Entorno de Brasília

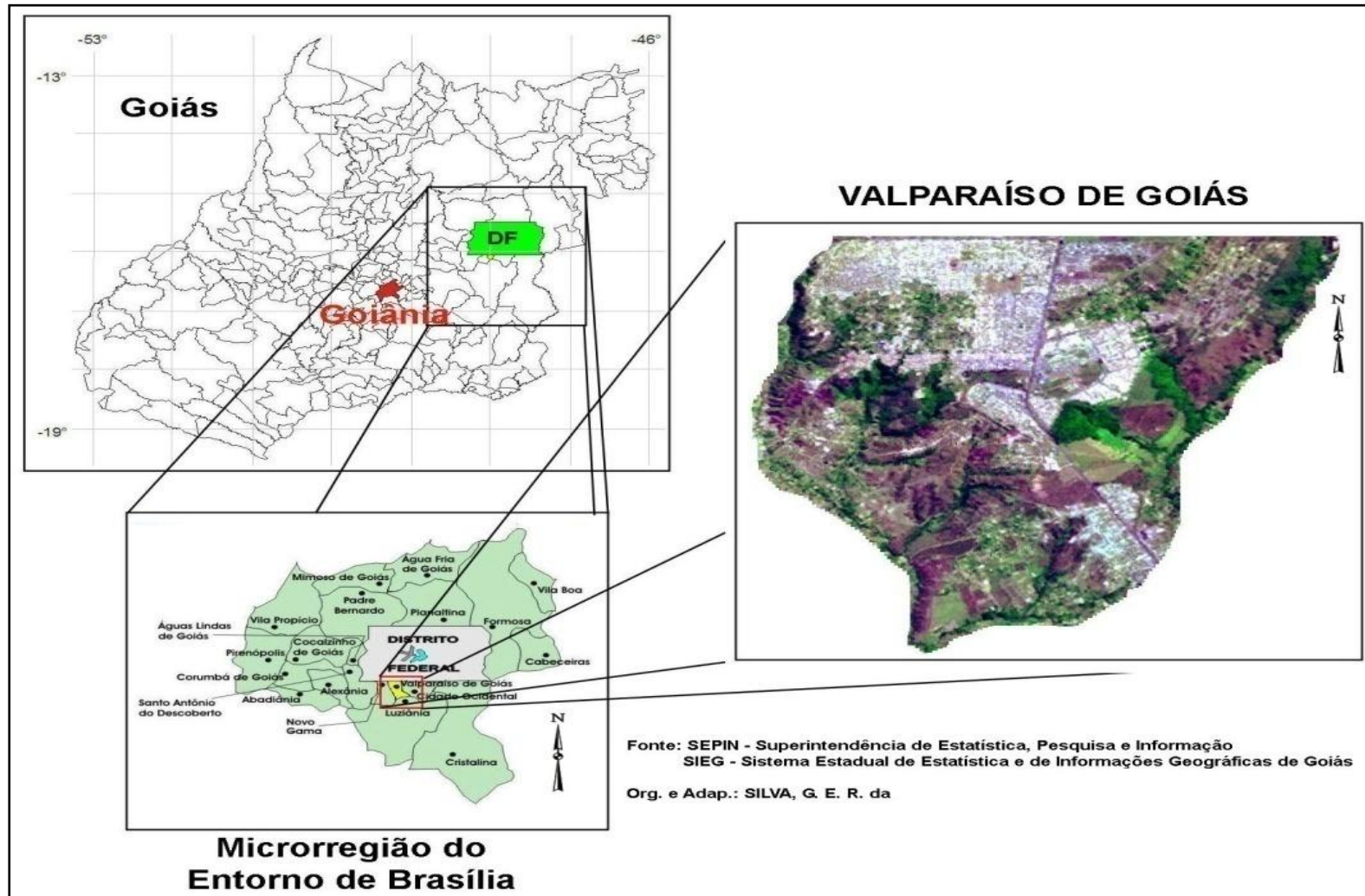


Figura 04: Valparaíso de Goiás na Microrregião do Entorno de Brasília. Fonte: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2010.

Os vinte municípios que compõem a Microrregião do Entorno de Brasília são: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás, Vila Boa e Vila Propício (IBGE, 2010). Os municípios que compõem a Microrregião compartilham um quadro de acentuado contingente populacional e de fragilidade social⁵⁹

Tomemos por base a cidade de Valparaíso de Goiás. A tabela que segue apresenta dados relativos ao crescimento populacional de Goiás entre as décadas de 1940-2010. Estes podem ser comparados aos dados do país, da região Centro-Oeste e do Distrito Federal, também presentes na tabela. Pelos números expressos inferimos que Brasília foi e continua a ser um vetor para o crescimento populacional de suas adjacências. Observe que entre as décadas de 1950-1960, períodos que compreendem, respectivamente, a construção e a inauguração da capital o aumento populacional para a região Centro-Oeste e o estado de Goiás é bastante significativo.

⁵⁹ A condição de fragilidade social de Valparaíso de Goiás será abordada no capítulo III.

Tabela – 02 População total residente: 1940-2010

ANOS								
Localidades	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	41.236.315	51.944.397	70.070.457	93.139.037	119.002.706	146.825.475	169.977.579	190.732.694
C. Oeste	1.258.679	1.736.965	2.942.992	5.073.259	7.544.795	9.427.601	11.636.728	14.058.094
Goiás	826.414	1.214.921	1.913.289	2.938.677	3.859.602	4.018.903	5.003.228	6.004.045
Goiânia	48.166	53.389	151.013	380.773	717.526	920.836	1.092.607	1.302.001
DF	–	–	140.164	537.492	1.176.935	1.601.094	2.051.146	2.562.963
Valparaíso de Goiás	–	–	–	–	8.591 [*]	52.500 [*]	94.856	132.947

População total residente: 1940-2010/ Brasil, Centro-Oeste, Goiás, Goiânia, Distrito Federal e Valparaíso de Goiás Fonte: IBGE/SEPLAN-GO/SEPIN/Gerência de Estatística Socioeconômica. Elaboração e organização: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013. * Anos anteriores à emancipação do município. Os dados aqui expressos são estimativos e constam do acervo do IBGE-Luziânia.

Ainda que o destino de grande número de migrantes seja Brasília, nem sempre é em seu espaço que os mesmos se estabelecem. A capital do país não acolhe a todos aqueles que para aí migram. Estas pessoas empreendem nova migração. Desta feita para as cidades goianas da AMB. Configura-se desta forma um movimento denominado por Silva (2012) de Trampolim Demográfico⁶⁰. Tal constatação nos conduz a outra. Uma vez que os municípios adjacentes ao Distrito Federal encontram-se no estado de Goiás, este apresentará um ganho populacional. O que consequentemente elevará também os números para a região Centro-Oeste do país.

Por todos os aspectos observados conclui-se que essa região goiana adjacente ao Distrito Federal configura-se em uma das mais densamente populosas do estado de Goiás. A ela se sobrepondo apenas a da Região Metropolitana de Goiânia-RMG com um quantitativo de 2.262.677 hab. (IBGE, 2010), que correspondem a 35% da população do estado de Goiás.

⁶⁰ O termo foi desenvolvido pelo autor no decorrer de sua pesquisa de mestrado que tinha por objeto de estudo as transformações socioespaciais efetivadas no município de Valparaíso de Goiás entre os anos de 1995-2010. De acordo com o autor, “O termo ‘Trampolim Demográfico’ foi cunhado no desenrolar da presente pesquisa para atender à necessidade de nomear as relações de migração estabelecidas entre o Distrito Federal e os municípios goianos de seu Entorno. Mais especificamente as relações estabelecidas entre esse distrito e o município de Valparaíso de Goiás. Conceitua-se como ‘Trampolim Demográfico’ as relações que se estabelecem pelo fenômeno da migração intrametropolitana na RIDE/DF. Nestas o migrante almeja estabelecer moradia no DF. Chega a residir aí por determinado período ou não. Porém, em decorrência dos obstáculos da existência na capital se vê obrigado a deslocar-se para os municípios goianos mais próximos ao local de chegada. A consolidação desse fenômeno se dá pela migração diária para trabalho e/ou estudo em direção ao DF. Adentrando à subjetividade percebe-se que o fato de diariamente se encontrar em terras distritais ou estando próximo a estas, por si só satisfaz, em parte, ao desejo de morar. Isso porque, o imaginário desses indivíduos é permeado pelo sonho de um dia morar na capital do país. Esse ‘morar’ deve aqui ser entendido enquanto elemento conferidor de *status* e mobilidade social. Vai daí que ao serem perquiridos acerca de seu local de moradia é comum ouvir dos moradores desses municípios que residem em Brasília.” Cf. Silva, G. E. R. da. 2012.

A posição geográfica de Valparaíso de Goiás pode ser um dos fatores que justificam a escolha deste município pela maioria daqueles que optaram por residir na AMB.

A proximidade com Brasília, o fácil acesso à mesma a partir da BR-040, que corta a cidade em questão, o baixo preço dos imóveis em relação aos preços praticados no Distrito Federal, são fatores que tornam Valparaíso de Goiás o destino preferido dos migrantes que não conseguem estabelecer moradia aí. Das cidades que compõem a Microrregião do Entorno do Distrito Federal, Valparaíso de Goiás é uma das mais densamente populosas. Os dados mencionados podem ser observados na tabela que segue:

**Tabela 03 – Microrregião do Entorno do Distrito Federal
População residente e Densidade demográfica – 2010**

Municípios	População Total	Situação do domicílio		Densidade demográfica hab./km ² (2010)
		Urbana	Rural	
Abadiânia	15.752	10.773	4.979	15,09
Água Fria de Goiás	5.095	2.137	2.958	2,51
Águas Lindas de Goiás	159.505	159.265	240	834,24
Alexânia	23.828	19.701	4.127	28,10
Cabeceiras	7.346	5.497	1.849	6,51
Cidade Ocidental	55.883	43.613	12.270	143,97
Cocalzinho de Goiás	17.391	6.448	10.943	9,73
Corumbá de Goiás	10.344	6.416	3.928	9,74
Cristalina	46.568	38.430	8.138	7,56
Formosa	100.084	92.035	8.049	17,54
Luziânia	174.546	162.835	11.711	44,06
Mimoso de Goiás	2.685	1.242	1.443	1,94
Novo Gama	95.013	93.967	1.046	495,70
Padre Bernardo	27.689	10.794	16.895	8,82
Pirenópolis	23.065	15.589	7.476	10,35
Planaltina de Goiás	81.612	77.583	4.029	32,14
Stº. Antº. do Descoberto	63.166	56.721	6.445	67,32
Valparaíso de Goiás	132.947	132.947	00	2,212
Vila Boa	4.742	3.494	1.245	4,47
Total da Região	1047261	939.490	107.771	29,13
Total do Estado	6.004.045	5.421.069	582.976	17,65
Região/Estado (%)	17,44	17,33	18,49	–

Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: SEPLAN-GO/SEPIN/Gerência de Estatística Socioeconômica / 2010. Adaptação e organização: SILVA. E.B.B /2012.

Pela observação dos dados registrados na tabela confirma-se que no estado, Valparaíso de Goiás é a única cidade de um município cem por cento urbano. A tabela aponta ainda para o fato de que existem na referida microrregião municípios cuja população rural sobrepuja a urbana. São municípios que fogem à realidade goiana. Segundo Moysés (2010:24) mais de 90% da população goiana vive em áreas urbanas. Afirma o autor que:

A maior parte do crescimento populacional de Goiás ocorreu nas áreas urbanas. A taxa de urbanização do estado chegou a 90,30% em 2010 – bem acima das taxas nacional que foi de 84,36% e do Centro-Oeste que foi de 88,80% (...) Pela divisão mesorregional observa-se que aproximadamente 70% da população goiana se concentram nas mesorregiões Centro e Leste Goiano [que abrigam a RM Goiânia e RIDE DF].

Pelo exposto por Moysés e observados os dados da tabela, podemos indicar os municípios de Água Fria de Goiás, Mimoso de Goiás e Padre Bernardo, localizados em território goiano, como exemplos de municípios com preponderância de população rural. Configuram-se assim, em uma exceção nesse universo urbano. Prosseguindo na análise dos dados, verifica-se que os municípios goianos contíguos ao Distrito Federal apresentam acelerado crescimento. Resulta daí expressiva concentração populacional urbana. Esse fator pode justificar as elevadas densidades demográficas.

Devido ao elevado nível de integração com o polo, que é Brasília, as cidades goianas da AMB apresentam problemas institucionais, sociais e econômicos. Configuram-se em atrativos para os migrantes que não conseguiram estabelecer-se na capital federal. Seu espaço é constantemente alterado pelos “sempre chegantes”⁶¹. Os dados expressos na tabela 04 evidenciam o quão forte é a presença dos migrantes na constituição populacional das cidades da Microrregião do Entorno do Distrito Federal.

⁶¹ Foram nomeados por nós como sempre chegantes os sujeitos migrantes oriundos de diversas regiões do país que aportam nos municípios adjacentes ao DF em busca da sobrevivência. Para a região foram atraídos pela influência exercida por Brasília no imaginário destes. A capital da república brasileira é considerada por eles como espaço de oportunidades.

Tabela 04 – Microrregião do Entorno do Distrito Federal
População residente: naturais e não-naturais/2010

Municípios	População Total	Situação do domicílio			
		Naturais	%	Não-naturais	%
Abadiânia	15.752	12.017	76,28	3.740	23,74
Água Fria de Goiás	5.095	2.353	46,18	2.737	53,72
Águas Lindas de Goiás	159.505	24.725	15,50	134.653	84,42
Alexânia	23.828	13.828	58,03	9.986	41,91
Cabeceiras	7.346	4.694	63,90	2.160	29,40
Cidade Ocidental	55.883	11.085	19,84	44.830	80,22
Cocalzinho de Goiás	17.391	9.118	52,43	8.289	47,66
Corumbá de Goiás	10.344	7.623	73,69	2.738	26,47
Cristalina	46.568	24.581	52,78	21.999	47,24
Formosa	100.084	63.945	63,89	36.140	36,11
Luziânia	174.546	80.812	46,30	93.719	53,69
Mimoso de Goiás	2.685	1.534	57,13	1.151	42,87
Novo Gama	95.013	21.555	22,69	73.463	77,32
Padre Bernardo	27.689	11.384	41,11	16.287	58,82
Pirenópolis	23.065	17.136	74,29	5.870	25,45
Planaltina de Goiás	81.612	29.042	35,58	52.607	64,46
Stº. Antº. do Descoberto	63.166	22.185	35,12	41.053	64,99
Valparaíso de Goiás	132.947	22.028	16,57	110.954	83,46
Vila Boa	4.742	2.013	42,45	2.632	55,50

Fonte: IBGE/2010 Elaboração: SEPLAN-GO/SEPIN/Gerência de Estatística Socioeconômica / 2010. Adaptação e organização: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2012.

Quando analisadas as variáveis populacionais de “naturais” e “não-naturais” percebe-se que dentre as cidades mais afastadas do meio metropolitano o índice percentual de naturais é superior. Já nas áreas mais próximas do polo atrativo metropolitano invertem-se esses valores. Valparaíso de Goiás destaca-se como a segunda cidade na AMB onde a taxa de moradores residentes não-naturais se sobrepõe aos naturais. É precedida apenas por Águas Lindas de Goiás, que apresenta um quantitativo de 84,42%, enquanto Valparaíso de Goiás possui em seu gradiente populacional 83,46% de não naturais.

Valparaíso de Goiás é cortada pela BR-040 e Águas Lindas de Goiás pela BR-070. Tais vias são importantes eixos de ligação entre a capital e demais regiões do país. Ambas as cidades encontram-se respectivamente no Entorno Sul do DF e Entorno Oeste deste. Infere-se daí que a proximidade com Brasília e a presença dos citos eixos rodoviários se constituem em elementos facilitadores para o afluxo de migrantes às cidades.

A busca pelo “bem-viver” torna-se nestas cidades, mais penosa. A violência urbana, em suas variadas manifestações, mais evidente. São inúmeros os casos de pessoas que são constrangidas a buscar por atendimento médico em Brasília. Que omitem o endereço de residência para conquistar uma vaga na escola pública do GDF. Poderíamos nos estender em

muitos outros exemplos, porém, estes são ilustrativos da violência urbana que impera no espaço dessas cidades da AMB. Viana (2002:29-44) ao tratar da violência urbana assim se expressa:

A violência urbana não é a violência que ocorre no espaço urbano e sim a violência derivada da organização do espaço urbano. A violência é resultado dos conflitos e problemas urbanos. (...) Assim, a violência urbana não se confunde com toda e qualquer forma de manifestação de violência que ocorre na cidade. (...) o espaço urbano é um espaço social, isto é, um espaço caracterizado por ser ele mesmo um conjunto de relações sociais derivado de outras relações sociais (as relações de produção capitalistas). (...) O espaço urbano capitalista gera diversos problemas e conflitos e isto, por sua vez, gera uma forma específica de violência: a violência urbana.

As cidades da AMB, dentre elas Valparaíso de Goiás, conhecem de perto a violência urbana à qual o autor se reporta⁶². Esta se faz presente no contexto urbano da cidade em suas mais variadas formas de manifestação. O cotidiano dos moradores de Valparaíso de Goiás é constantemente recortado por problemas relacionados ao espaço urbano. Dentre tais problemas podem ser citadas as longas distâncias percorridas entre o lugar de moradia e o de trabalho e/ou estudo ou lazer, a ineficiência do sistema de saúde pública que obriga o indivíduo a buscar por atendimento na cidade polo⁶³, a má qualidade do transporte público, aliado às altas tarifas que consomem significativo percentual do já minguado salário, dentre outros.

É evidente nestas cidades a carência no que tange a equipamentos públicos e políticas sociais. O governo do estado de Goiás tem negligenciado, na opinião dos moradores, essa área. Em Valparaíso de Goiás esse sentimento se materializa no desencanto expresso no desabafo de um morador. Nas palavras do senhor Zacarias, morador do município desde 1984, em entrevista concedida em 17/10/2007 “*Nós somos a região do nem. Nem Brasília quer, nós somos vistos lá como um estorvo, algo que está atrapalhando. E para Goiânia a gente tá muito distante para eles olharem pela gente*” (Silva; Silva, 2008)⁶⁴. Na visão dos moradores de Valparaíso de Goiás, o governo do estado afigura-se como uma administração distante e abstrata.

⁶² As representações sobre a violência na cidade de Valparaíso de Goiás serão por nós abordadas mais detalhadamente no capítulo terceiro do presente trabalho.

⁶³ No caso em estudo a cidade polo procurada é Brasília ou suas cidades satélites, que é o antigo nome dado às regiões administrativas de Brasília, aqui entendida como o Plano Piloto. Atualmente são 31(GDF/2012). Cf. **Revista Nova Escola**. Seção: Na dúvida? Nova Escola responde. Edição 219 – Jan./Fev. 2009.

⁶⁴ Fomos informados tempos depois do falecimento do Sr. Zacarias. Morreu ansiando por mudanças na conjuntura dos fatos que tanto o angustiavam.

A cidade de Valparaíso de Goiás, dentre as que fazem parte da Microrregião do Entorno de Brasília, destaca-se por uma dinâmica econômica bastante positiva para o estado de Goiás. Apresenta uma economia voltada para o setor terciário. O que a coloca, no estado, de acordo com dados divulgados pelo IBGE-2010, em décimo lugar no setor. Suas principais atividades estão na área de prestação de serviços. Com destaque para o comércio e a construção civil. Deve-se ressaltar ainda a importância do setor imobiliário para a geração de renda e postos de trabalho na cidade. Esta atividade, presente desde a gênese de Valparaíso de Goiás, conheceu forte incremento nos últimos anos. A cidade conta também com um Arranjo Produtivo Local-APL⁶⁵ do setor moveleiro.

Por seu desempenho positivo, a contribuição da cidade de Valparaíso de Goiás para o crescimento econômico do estado foi na casa de 1,17%. O PIB do município, no ranking dos municípios goianos, é o 18º PIB per capita (IBGE, 2010). No ano de 2009, de acordo com os dados divulgados pela Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento-SEGPLAN do estado de Goiás, o município de Valparaíso de Goiás encontrava-se entre os dez municípios com maior participação no Valor Adicionado (VA) do estado.

⁶⁵ De acordo com Filho, R. S. e Paula, M. N. de. “O estudo das aglomerações produtivas, na forma de Arranjos Produtivos Locais (APLs), ganhou relevância nas últimas décadas no Brasil, a partir de experiências bem-sucedidas de organização produtiva/industrial em diferentes países, em particular na Itália. Estas experiências chamaram a atenção de diversos órgãos públicos e instituições nacionais e locais, que passaram a implementar medidas de apoio para promover a competitividade das empresas integrantes de aglomerações industriais. A partir de 2004, foi instituído o Grupo de Trabalho Permanente para Arranjos Produtivos Locais (GTP/APL), com intuito de integrar, articular e coordenar as diversas ações voltadas para APLs. Além dessa iniciativa, foi criado a nível federal o Grupo Interministerial de APL (GI), o qual, mesmo sendo inicialmente uma instância informal, reunia alguns ministérios com algum grau de articulação entre si, como Ministérios do Desenvolvimento Indústria e Comércio, da Ciência e Tecnologia, do Planejamento e da Integração Nacional. Esta iniciativa tem como uma de suas principais intenções evitar a duplicação de ações por parte de organismos do governo federal. O objetivo principal de sua atuação é articular, integrar e coordenar as ações, aumentando sua eficiência e eficácia além de estabelecer um elo entre o governo federal, os governos estaduais e municipais, orientando-as para a política pública. Algumas ações do GI são: i) Identificação da abordagem a ser utilizada; ii) Identificação de APLs e preparação de um banco de dados contendo mapeamento de todas as ações relacionadas à experiência passada dos organismos envolvidos com as diferentes formas de aglomeração produtiva.” Para maiores informações cf. Filho, R. S. e Paula, M. N. de. **INCENTIVOS À FORMAÇÃO DE APLs NO BRASIL: A atual distribuição espacial das iniciativas e evidências de uma falsa política industrial**. In: **Informe Gepec** – Vol. 12, nº1, jan./jun. 2008.

Tabela 05- Ranking dos 10 municípios com maior participação no Valor Adicionado (VA) 2010

MUNICÍPIOS	R\$ MIL
Goiânia	14.943.751
Aparecida de Goiânia	3.066.615
Anápolis	3.071.577
Senador Canedo	2.007.694
Rio Verde	1.799.764
Catalão	1.399.194
Itumbiara	1.105.613
Luziânia	926.227
Jataí	831.552
Valparaíso de Goiás	555.82

Fonte: SEGPLAN/SEPIN-2010.

Elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

A informação de que a cidade apresenta-se entre as dez maiores economias do estado é por muitos de seus moradores desconhecida. As condições de um cotidiano afastado do espaço urbano da cidade resultam em um alheamento da realidade vigente. Ao receber tal informação, o Sr. Josias mostrou-se surpreso. Não conseguindo conter uma exclamação indignada:

Mas isso é sério? Cê tá falando a verdade? Não... não é que eu teja duvidando de você... mas é que... eu fico me perguntando... por que intão ninguém nunca faz nada por nós aqui? Oia minha filha, vô te falá uma coisa... do tempo que moro aqui nunca vi o governo movê uma paia por essa cidade. Do jeito que cê tá falando eles só quer vem a nós, o vosso reino nada. Tá faltando é esse povo criar brio na cara e começar a brigar por melhoria. Tinha mesmo é que não votar em ninguém! Aí sim eu queria ver.

Importante ressaltar que a participação de Valparaíso de Goiás foi avaliada apenas no setor terciário, especificamente nos setores de comércio e prestação de serviços. Ao contrário dos outros municípios que se destacam também na agricultura e indústria. A partir destes dados é possível afirmar que, embora parte significativa de sua população exerça suas atividades de trabalho na capital federal ou em uma de suas Regiões Administrativas-RAs, Valparaíso de Goiás é uma cidade que oferece atrativos capazes de reter trabalhadores em seu

perímetro. Essa evidência não passa despercebida pelo poder executivo da cidade. A atual gestora atenta para a mudança do perfil daqueles que se dirigem para Valparaíso de Goiás. O que, segundo ela, em pouco tempo comporá uma nova realidade socioeconômica para a cidade. Em suas palavras:

Hoje as pessoas estão chegando em Valparaíso, seja do DF pra cá ou seja de outras localidades, como a gente vê que aumentou um pouco mais nos últimos anos, elas vêm com um olhar de... de... fixar em Valparaíso, de estabelecer a... a... sua vida aqui na cidade mesmo. Elas vêm com essa intenção. Vêm olhando para uma cidade que está oferecendo de alguma forma é... oportunidades. Perspectiva de moradia, de trabalho, em função do comércio. Essas pessoas estão vindo conhecendo um pouco mais do município né? Não só por Brasília e pelo que ela representa. Mas pelo município, pela dinâmica que ele apresenta no estado de Goiás, né... pela força do comércio, pelas oportunidades. Pelos novos empreendimentos que estão chegando e também por essa oferta de moradia.

O desempenho apresentado pelo município no contexto da economia goiana e as palavras da gestora levam-nos a questionar a concepção de que este venha a ser uma “cidade dormitório”⁶⁶. A expressão é usual entre os moradores. O fato de significativa parcela residir no município e trabalhar e/ou estudar em Brasília faz com se reforce a concepção de que Valparaíso de Goiás seja uma cidade dormitório. Não apenas a cidade em estudo, mas muitas outras que compõem a AMB são assim classificadas. A realidade vivida em Valparaíso de Goiás é partilhada com as demais cidades goianas que compõem a cita área. Ojima (2010: 395) em um texto que fala das dificuldades de morar longe do polo de trabalho e os estigmas daí oriundos faz uma reflexão sobre as cidades dormitório:

O uso do termo cidade-dormitório muitas vezes está associado a um conjunto de percepções que não é baseado em dados formais e, dessa forma, considera um conjunto de situações muito distintas. O seu uso normalmente está associado àquelas cidades nas quais uma parcela significativa da sua população trabalha ou estuda em uma outra cidade, além de também apresentarem uma economia pouco dinâmica. Serve - como o nome sugere - apenas como local de residência.

⁶⁶ O termo cidade dormitório, embora largamente utilizado na literatura brasileira é por alguns questionado por apresentar uma leitura homogênea do espaço, sem considerar as especificidades aí presentes. Segundo Ojima, R. “O termo cidade-dormitório é recorrente na literatura brasileira, sobretudo quando se trata de analisar os processos sociais e demográficos que se desenham dentro dos contextos metropolitanos. Sendo assim, não é raro encontrar referências a cidades que são classificadas dentro deste ambíguo termo, sempre associadas às situações de desvantagem econômica e social em relação a uma cidade que polariza os fluxos regionais tanto pelos aspectos econômicos quanto populacionais.” Cf. Ojima, R. et al. **O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as “cidades-dormitório” no Brasil**. In: **Cadernos Metrópole**. São Paulo, v. 12, n. 24, pp. 395-415, jul./dez., 2010.

Ainda que no começo a cidade de Valparaíso de Goiás fosse uma cidade dormitório, o cenário atual é outro. Pela dinâmica econômica apresentada no estado de Goiás e pelas considerações de Ojima o município foge ao conceito estabelecido na literatura brasileira para uma cidade dormitório. É significativo o número de pessoas que hoje trabalham e/ou estudam em Valparaíso de Goiás.

O gráfico que segue corrobora para as afirmativas precedentes. Nele podemos observar que, dos entrevistados, em torno de 44% afirmaram trabalhar na cidade de Valparaíso de Goiás. Embora o quantitativo de pessoas que trabalham no Distrito Federal seja maior, a diferença não é tão significativa. O que nos leva a inferir que, a médio e longo prazos o cenário em análise sofrerá alterações em sua configuração. O número de pessoas a trabalhar na cidade vai superar aqueles que trabalham em Brasília. O município caminha assim para uma consolidação em sua capacidade de oferecer postos de trabalho para seus moradores.

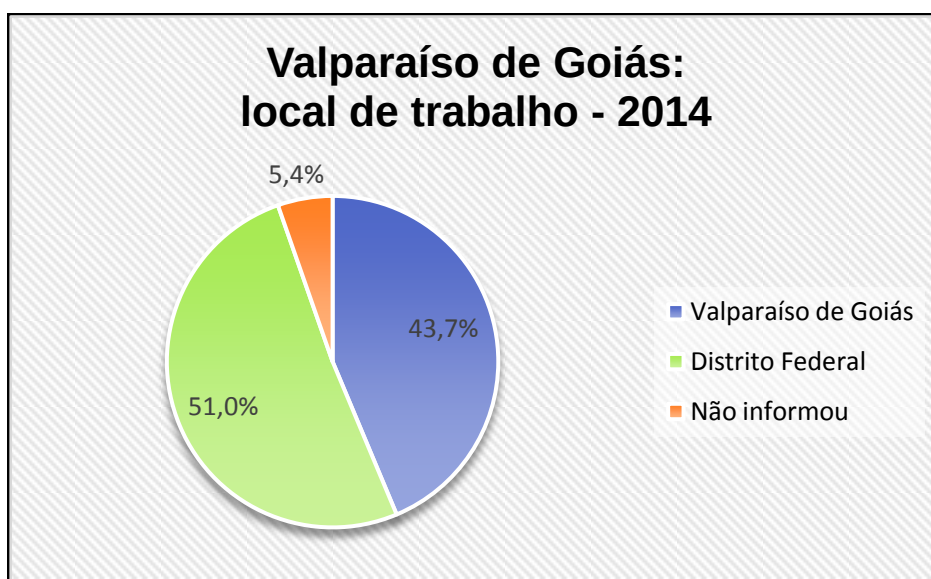


Gráfico 02- Relação de dependência: Valparaíso de Goiás/Distrito Federal.
Fonte: Entrevista a moradores de Valparaíso de Goiás. 2013. Elaboração e organização: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Os dados assinalados no gráfico demonstram que Brasília continua a representar um vetor para a migração em Valparaíso de Goiás. A mudança para uma das RAs do Distrito Federal, qualquer que seja ela, é parte dos projetos futuros de significativa parcela de moradores. Para essas pessoas morar no Distrito Federal significa ascensão social. Alguns chegam mesmo a dizer para os parentes que ficaram em suas cidades de origem, que residem em Brasília. É o caso de Maria, natural de Codó. Aos cinquenta anos, Maria já está há sete morando em Valparaíso de Goiás.

Oia minha fia, vô te fala... quando vim era pra morar em Brasília. Tinha uns parente que vieram e tava se danu bem aqui. Intão nós juntamo as traia e vinhem. Quando chegemo fomos morar no P Norte [Ceilândia-DF]. Na verdade, era um pouquinho depois... é, é isso mesmo. Foi na expansão do P Norte. Tava difícil o aluguel lá. A vida é custosa pro pobre né fia. Foi aí que a gente ficou sabendo de uma casinha aqui no Valparaíso. Viemo, agrademo e fomo ficando. Mas problema, não... aqui é quase Brasília né? É só um pulinho e tamo lá. Se o trânsito ajuda é rapidinho. Se bem que isso quase nunca acontece né? Do trânsito ajudá. O povo aqui de casa sofre nesses ônibus. (...) Desse jeito, eu trabalho no SIA, minha menina no box da rodoviária, da escola mesmo ela já vai pra lá e meu marido trabalha de flanelinha no Conjunto. (...) Não... não voltei pra Codó até hoje, tamo juntando dinheiro. Mas minha filha manda sempre foto pra eles de nós aqui. Dia desses ela colocou na internet uma foto que tiramos lá na torre. Vixe, ficou bunita que só! [risos]

A fala de Maria é a expressão da realidade de muitos dos que residem em Valparaíso de Goiás. Uma cidade composta por uma população de sempre chegantes. Alguns vindos das RAs, outros vindos diretamente para o município. Todos, porém, são carregadores de sonhos e de lugares (Silva, 2012). Essas pessoas embora não consigam uma boa colocação no mercado de trabalho, consideram-se privilegiadas em relação aos parentes que ficaram para trás. Em suas próprias palavras *“Aqui é muito melhor que lá. Aqui a gente tem trabalho, estudo pros minino. Aqui é melhor que carpir inxada na roça, sim senhor... aqui é bem melhor.”*⁶⁷

Valparaíso de Goiás, uma cidade eminentemente formada por migrantes, insere-se na lógica populacional da região Centro-Oeste que tem se destacado enquanto uma região atrativa para a migração. O estado de Goiás apresenta-se neste contexto populacional como um espaço retentor de população. O saldo líquido migratório para o estado tem se apresentado positivo nos últimos anos⁶⁸.

O contexto descrito pode ser atribuído à constatação de que o estado de Goiás abriga em seu território duas grandes áreas metropolitanas. A Região Metropolitana de Goiânia-RMG e a Área Metropolitana de Brasília-AMB. Para o presente estudo consideraremos os dados referentes ao estado de Goiás e à AMB. Especificamente aqueles que tangem à cidade de Valparaíso de Goiás. O estado de Goiás é, dentre os que compõem a região Centro-Oeste, o de maior concentração populacional urbana. De acordo com o Instituto Mauro Borges-IMB (2012:23) alguns fatores podem ser elencados para justificar tal assertiva no que se refere ao Centro-Oeste e ao estado de Goiás:

⁶⁷ Sr. Francisco. Entrevista concedida em 23/04/13.

⁶⁸ Cf. Silva, G. E. R. da. **VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: migração e dinâmica socioespacial-1995/2010**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012. 195p.

A região Centro-Oeste é a segunda em termos de concentração urbana no país, onde 87,9% dos habitantes vivem em cidades. A urbanização dessa região é bastante recente, tendo sido impulsionada pela fundação de Brasília, em 1960, e pelas rodovias de integração nacional que interligam a nova capital com o Sudeste, de um lado, e com a região Amazônica, de outro. Além disso, o desenvolvimento do setor do agronegócio impulsionou a urbanização do Centro-Oeste, cujas cidades apresentam atividades econômicas essencialmente de caráter agroindustrial.

Mediante o exposto e considerando as cidades da AMB, é lícito afirmar que a fundação de Brasília e a construção da rodovia BR-040 são os vetores responsáveis pela urbanização dessa área do estado de Goiás. Brasília atrai pela intensidade de investimentos públicos realizados em sua área. A BR-040 por sua vez, configura-se em elemento facilitador do acesso desses indivíduos ao Distrito Federal a seu destino de trabalho e/ou estudo. A cidade polo da metrópole não acolhe a totalidade de pessoas que para aí se deslocam. Estas vão à busca de moradia nas áreas adjacentes. Se observarmos a qualidade das moradias em relação àquelas da cidade central⁶⁹ é flagrante a desigualdade social aí manifesta.

Vão estabelecendo-se assim, ao longo da rodovia aglomerações residenciais. Ao percorrermos tais aglomerações, evidencia-se o fato de que as pessoas que ali residem encontram-se inseridas de forma desigual na lógica urbana das cidades. Aqueles que não conseguem instalar-se em áreas de melhor qualidade de vida buscam espaços, na maioria das vezes, carentes de investimentos públicos. Estes moradores são tangidos para as áreas periféricas aos grandes centros urbanos. A baixa qualidade de vida em tais espaços públicos, a carência na oferta de trabalho e/ou estudo forçam esses sujeitos a buscar solução na cidade polo. Essas pessoas são então constrangidas a um ir e vir diário.

Esse deslocar-se para outra localidade para trabalhar, estudar, utilizar serviços de saúde ou outros equipamentos públicos quaisquer, configura-se no chamado movimento pendular⁷⁰. A análise dos dados referentes aos deslocamentos populacionais no estado de

⁶⁹ No caso em específico a cidade central ou polo à qual nos referimos é a capital do país, Brasília e suas Regiões Administrativas. O conjunto destas forma o chamado Distrito Federal. O referido distrito tem se configurado em destino para as populações que efetivam diariamente o movimento pendular a partir da AMB.

⁷⁰ Para procedermos a uma análise dos deslocamentos populacionais diários ocorridos entre Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal, consideraremos as variáveis trabalho e estudo como elementos de análise. Seguimos assim a orientação do IBGE quando da realização do Censo-2010. Este deslocamento diário para o trabalho e/ou estudo é classificado pelo IBGE como “movimento pendular”. O Instituto Mauro Borges define o movimento pendular como sendo “O deslocamento para trabalho e/ou estudo em municípios distintos do local de moradia. Possui regularidade cotidiana, sendo normalmente denominado deslocamento ou mobilidade pendular. Os movimentos pendulares podem ser definidos como deslocamentos de pessoas ‘entre o município de residência e outros municípios, com finalidade específica’ (Moura; Castello Branco e Firkowski, 2005: 124). Esse tipo de deslocamento ocorre, via de regra, na escala urbana ou regional, tendo por contexto temporal o cotidiano dos indivíduos.” Cf. **Mobilidade Pendular da população em Goiás**. Estudos do Instituto Mauro Borges-IMB. SEGPALN/SEPLAN/Governo de Goiás. Goiânia, 2012.

Goiás evidencia que este estado desponta como destaque na região Centro-Oeste quanto ao movimento pendular efetivado por sua população. Aproximadamente 1/3 da população do estado de Goiás que executa o movimento pendular para trabalho e/ou estudo concentra-se na AMB (IMB, 2012).

Tabela 06 – Ranking de municípios da Microrregião do Entorno do Distrito Federal que executam movimentação pendular: Estimativa da população e movimentação pendular acima de 10% do total de habitantes dos municípios/2010

Município	Estimativa da população total	Sim, estuda em município diferente	Sim, trabalha em município diferente	Sim, e trabalha estuda em município diferente	Total da população pendular	% da população pendular
Cidade Ocidental	55.915	1.917	14.116	1.110	17.143	30,7
Novo Gama	95.018	4.981	22.429	1.341	28.751	30,3
Valparaíso de Goiás	132.947	4.844	30.859	2.126	37.829	28,4
Águas Lindas de Goiás	159.378	3.676	38.978	1.145	43.799	27,5
Planaltina	81.649	1.148	16.518	494	18.160	22,2
Luziânia	174.531	3.199	24.211	963	28.372	16,3
Padre Bernardo	27.671	845	2.271	108	3.224	11,7
Cocalzinho de Goiás	17.407	330	1.489	61	1.880	10,8

Fonte: SEGPLAN-GO/IMB. Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais-2012.

Elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

De acordo com os dados divulgados pelo IMB (2012), a região Centro-Oeste apresenta um percentual de 10% de sua população ocupada trabalhando em área distinta de seu lugar de moradia. Goiás, nesse quadro sinalizou um percentual de 15% da população ocupada trabalhando em município diverso daquele no qual reside. Pelo que se observa na tabela acima dentre os municípios goianos da Microrregião do Entorno do Distrito Federal com maior percentual de migração pendular encontra-se Valparaíso de Goiás. Pelos dados obtidos na pesquisa, o destino da maioria dessas pessoas é Brasília ou uma das regiões administrativas do Distrito Federal.

Em Valparaíso de Goiás, onde a desigualdade social é marcante, diariamente deslocam-se para Brasília um total de 37.829 pessoas (IBGE, 2010), o correspondente a aproximadamente 28% de seu quantitativo populacional. Em sua maioria estas pessoas exercem funções na área de serviços domésticos. Nessa ótica os movimentos pendulares executados podem ser lidos como indicadores das desigualdades socioeconômicas que pautam o universo das grandes metrópoles. As relações sociais encontram-se comprometidas no espaço metropolitano. Nas palavras de Ângela:

Não tem cristão que aguento uma vida dessas, minha filha! É um tal de levantar as quatro da manhã, correr pra garage pra pegar lugar no ônibus... se bobear já viu né? Cê vai até Brasília em pé. Sem contar que quase sempre os baú⁷¹ quebram... é um inferno! Dia desses eu mal tinha passado do Chifrudo⁷² o danado do ônibus quebrou. Novidade né... eles sempre quebram. Mais intão, como eu tava dizeno o baú quebrou e foi aquela correria pra pegar o que tava vindo atrás. Sinão já viu né... a gente chega atrasado e patrão qué nem sabê o que foi, acha que é desculpa da gente. Nesse dia que tô te contano, pra mau dos meus pecados, só fui chegar em casa por volta das dez da noite. A gente chega cansadu, de mau humor e ainda tem que fazê as coisas de casa. Afinal os minino tem que comê também né? Quase sempre vou dormir lá pelas meia noite. Chega final de semana tô morta! Tudo que quero é ficar sem fazê nada... quem me dera. Ó o monte de roupa pra lavá... Se pelo menos a gente morasse mais perto... hã? Vizin? Tem tempu pra isso não. Pra dizê a verdade, moro aqui há uns dez anos e não conheço vizin quase nenhum. Vizin bão era os que eu tinha lá em Minas. Esses sim era que era vizin de verdade. Aqui... tenho vizin não. Ah, qué saber? Melhó assim, menos dor de cabeça. [risos].

O indivíduo submetido às tensões da vida metropolitana assume uma atitude *blasé*⁷³. A vida na metrópole encontra-se permeada por uma ação de distanciamento em relação aos pares. Para Ângela o melhor mesmo é manter-se afastada dos vizinhos. Afinal não se sabe quem são eles. O cidadão metropolitano quer seja por desconfiança, quer seja por precaução, fecha-se a um estreitamento das relações de vizinhança⁷⁴. Impõe um isolamento voluntário. Explica-se dessa forma o fato de as pessoas não conhecerem seus vizinhos. Esta ação configura-se na materialização de seu instinto de preservação.

A organização populacional na cidade, os deslocamentos populacionais efetivados para o trabalho e/ou estudo dizem muito dos espaços de segregação presentes no meio urbano. Como falou nossa entrevistada, “morar mais perto” pode fazer toda a diferença na qualidade de vida que tanto almejam as pessoas que residem em áreas metropolitanas. Os grandes centros urbanos se constituem em laboratórios para o estudo do comportamento coletivo.

⁷¹ Baú é como são chamados na região os ônibus que realizam o transporte de pessoas.

⁷² Chifrudo é o nome atribuído ao monumento *Solarius*, criado e esculpido pelo escultor francês Ange Falchi e doado ao governo brasileiro no ano de 1967, pelo governo francês, em homenagem à construção da nova capital federal. O referido monumento encontra-se na Região Administrativa de Santa Maria, a aproximadamente 3 km do município de Valparaíso de Goiás.

⁷³ Simmel acerca do comportamento *blasé* dos moradores da metrópole afirma que “Os mesmos fatores que assim redundaram na exatidão e precisão minuciosa da forma de vida redundaram também em uma estrutura da mais alta impessoalidade; por outro lado, promoveram uma subjetividade altamente pessoal. Não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto a atitude *blasé*. A atitude *blasé* resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana. (...) Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa blasé porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente param de reagir. (...) Surge assim a incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada. Isto constitui aquela atitude *blasé* que, na verdade, toda criança metropolitana demonstra quando comparada com crianças de meios mais tranquilos e menos sujeitos a mudanças. (...) A essência da atitude *blasé* consiste no embotamento do poder de discriminar.” Cf. Simmel. George. **A Metrópole e a Vida Mental**. In: Velho, Otávio G (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987. p.16.

⁷⁴ Trataremos sobre as relações de vizinhança no capítulo III.

Autores como Bauman (2011), Simmel (1979, [1902]), Wirth (1979, [1938]) falam das fragilidades recorrentes nos espaços de intensa aglomeração populacional.

Simmel aponta a indiferença e a sugestibilidade indiscriminada como fenômenos característicos da vida metropolitana. Configuram-se em uma forma de se produzir a existência na metrópole. Nas palavras do autor essas são as novas formas encontradas pelo indivíduo da metrópole para garantir a sua sobrevivência. Afirma ele que (1979:18):

A extensão e composição desse estilo de vida, o ritmo de sua aparição e desaparecimento, as formas em que é satisfeito tudo isso, com os motivos unificadores no sentido mais estreito, formam o todo inseparável do estilo metropolitano de vida. O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como uma dissociação na realidade é apenas uma de suas formas elementares de socialização.

Considerando as palavras de Simmel e as da moradora Ângela, inferimos que o crescimento acentuado das grandes cidades trouxe consigo diversas patologias. O sujeito que vive na metrópole é constantemente colocado em situações diferenciadas de estresse. Dentre estas as formas precárias de habitar, a delinquência, o marginalismo, o choque cultural e também problemas de planejamento urbano. Resulta daí uma “intensificação dos estímulos nervosos”. O que nas palavras de Silva (2012) caracteriza um quadro da chamada “vida nervosa na metrópole”. A irritação, o descontrole emocional, o isolamento social, a competição exacerbada no meio urbano são a tônica desta vida nervosa que se anuncia.

O perfil dos moradores e da própria cidade de Valparaíso de Goiás vai assim, pouco a pouco, se delineando para nós. Migrantes, que buscam oportunidades para uma vida melhor. Vêm com o desejo de morar em Brasília, porém, são constrangidos a residir em terras goianas. O sonho jamais abandonado da vida na capital torna difícil o enraizamento⁷⁵ na cidade que os acolhe. Habitam um espaço de evidenciada vulnerabilidade social que, no entanto, apresenta dinamicidade econômica em relação ao estado de Goiás.

Expressivo número da população, conforme aponta a pirâmide etária abaixo, encontra-se na faixa entre 25-29 anos (IBGE, 2010). Valparaíso de Goiás constitui-se portanto em uma cidade de população jovem. Por apresentar um mercado de trabalho embrionário,

⁷⁵ A recente incorporação dos termos “enraizamento” e “desenraizamento” pela linguagem cotidiana do senso comum pode fazer pressupor alguma convicção quanto ao sentido de seu emprego. É preciso, entretanto, esclarecer o conceito assim concebido por Simone Weil (1943a, p. 411): “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”. O enraizamento pressupõe a participação de um homem entre outros, em condições bastante determinadas. O homem enraizado participa de grupos que conservam heranças do passado. Cf. Frochtengarten, F. **A memória oral no mundo contemporâneo**. Estudos Avançados 19 (55), 2005. p.168.

“perde” trabalhadores para o Distrito Federal. A oportunidade de trabalho e/ou estudo destes indivíduos se viabiliza, principalmente em Brasília. Desta forma, concluímos que os moradores de Valparaíso de Goiás, embora sejam conclamados a experienciar a cidade, elaboram sua existência no Distrito Federal.

Pirâmide etária de Valparaíso de Goiás, Goiás e Brasil, 2010

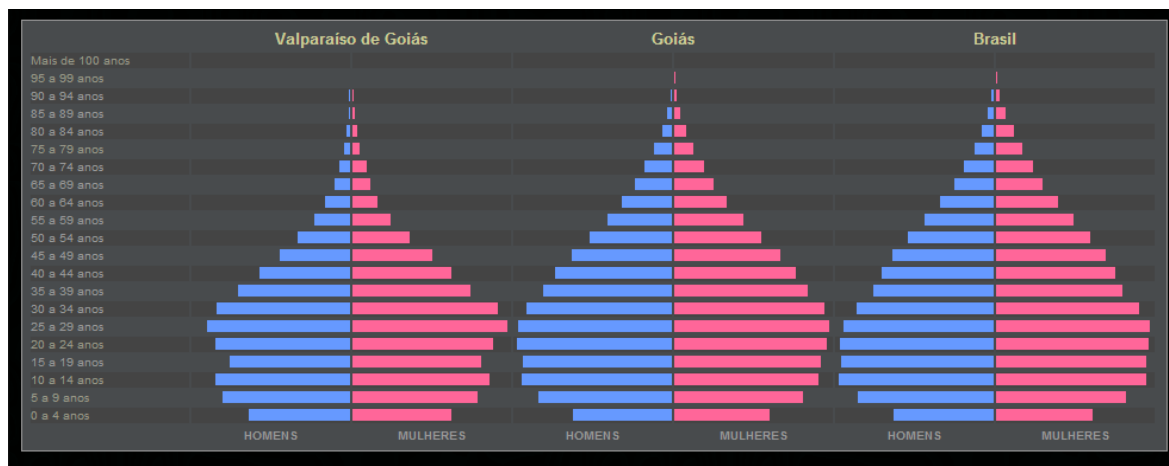


Gráfico 03- Pirâmide etária de Valparaíso de Goiás, Goiás e Brasil, 2010. Fonte: IBGE Cidades, Censo-2010.

Por ser uma cidade cuja população é, em sua maioria, formada por jovens,⁷⁶ o senso de pertencimento encontra-se em elaboração. Esses jovens representam o universo de pessoas que, embora não tenham nascido em Valparaíso de Goiás⁷⁷ não conhecem outro local de moradia. Ao contrário de seus pais e de outros migrantes que para cá vieram, eles não possuem uma opção de retorno. Consideram o custo/benefício de morar próximos a Brasília e concluem que Valparaíso de Goiás é uma opção viável.

O sonho de morar em Brasília, configura-se em um dos principais investimentos simbólicos a permear o imaginário dos valparaisenses. Os moradores da cidade escrutinam o cotidiano dos brasilienses no afã de brevemente compor tal cenário. Goiânia é para eles apenas um nome, pouco ou nada significando. Dos entrevistados, um significativo percentual 78% do universo escutado, afirmou nunca ter ido a Goiânia. Quando perguntados sobre o destino para o qual se mudariam, 89% respondeu que o destino seria Brasília. A moradia na cidade de Valparaíso de Goiás é concebida apenas como um interregno no sonho de morar na capital. Um ponto e vírgula no caminho para Brasília.

⁷⁶ Cf. dados registrados na **Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios – PMAD, 2013**. CODEPLAN. 2013.

⁷⁷ Alguns quando chegaram eram ainda crianças; outros as mães deram à luz em hospitais da rede pública do DF. Só recentemente, no ano de 2011, é que a cidade de Valparaíso de Goiás recebeu um hospital maternidade.

Finalizamos este capítulo afirmando que a construção da identidade social dos moradores de Valparaíso de Goiás é mediada pela existência de Brasília. Pela localização geográfica da cidade, aproximadamente 35 km da capital federal e 210 km da capital do estado de Goiás, as experiências de vida materializam-se em solo distrital. Os sonhos, os planos e projetos dessa população convergem para o Distrito Federal. A não realização de tais planos aprisionam os moradores no espaço valparaisense. Originam-se daí relações ambíguas nas quais os moradores da cidade almejam estar em terras distritais mas são instados pelas contingências a viver em Valparaíso de Goiás.

Em síntese, depreendemos que a cidade de Valparaíso de Goiás teve um processo singular de gênese. Embora fosse a princípio vinculada a Luziânia, o fato de os moradores trabalharem em Brasília e só voltar à noite “afrouxou” os vínculos com a cidade de onde se originou. Valparaíso de Goiás é uma cidade subsidiária de Brasília. Isto porque a cidade oferta mão de obra para a capital federal. É uma cidade cuja economia vem gradativamente fortalecendo-se.

Percebemos também que em Valparaíso de Goiás predominam as atividades do setor terciário. A cidade apresenta dinamicidade no cenário econômico de Goiás. Entretanto, por ser uma cidade para a qual expressivo número de pessoas somente veio por não conseguir estabelecer-se em Brasília, seus moradores estreitaram vínculos na capital do país. Essa relação é reforçada pelo fato destes sujeitos usufruírem dos equipamentos públicos ofertados no Distrito Federal. O estreitamento de tais relações será objeto de análise no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

VALPARAÍSO DE GOIÁS E DISTRITO FEDERAL: UMA SIMBIOSE URBANA

CAPÍTULO II

2. VALPARAÍSO DE GOIÁS E DISTRITO FEDERAL: uma simbiose urbana

No capítulo anterior contextualizamos historicamente o surgimento do município de Valparaíso de Goiás. Abordamos as políticas nacionais desenvolvidas com o intuito de “povoar” o estado de Goiás que resultaram na inserção deste na economia nacional. A construção da nova capital do estado, a cidade de Goiânia e as transformações daí originadas para o cenário político e econômico. Abordamos a construção de Brasília e o consequente adensamento populacional da região Centro-Oeste. A emancipação de Valparaíso de Goiás de seu município cessionário, Luziânia. A dinâmica econômica da cidade que se apresenta como destaque na economia goiana no que tange ao setor terciário. O gradiente populacional da cidade, em sua maioria migrantes que para a região se deslocaram com o intuito de estabelecer residência em Brasília, foram temáticas descortinadas.

Conforme dito, os moradores de Valparaíso de Goiás têm o projeto de morar em Brasília. Este se configura um dos principais investimentos simbólicos a permear o imaginário dos valparaisenses. As relações estabelecidas por esses sujeitos com a capital do Brasil são por vezes dicotômicas. A sensação por eles experienciada é de viver em um entremeio. De um lado o Distrito Federal, para onde convergem seus anseios de migrante. Local onde o aparelhamento estatal coletivo é eficiente e a vida flui com maior tranquilidade. Do outro lado encontra-se Valparaíso de Goiás, cidade que surgiu a partir da construção de Brasília e que representa, no imaginário desses sujeitos, a materialização do “fracasso” de sua jornada migrante. A dificuldade por estabelecer moradia em Brasília forçou-os a residir em plagas valparaisenses.

Em Valparaíso de Goiás, os moradores são confrontados com as mazelas de uma cidade que apresenta grandes deficiências. Que cresceu sem um planejamento urbano adequado. Entrecortada por uma multiplicidade de culturas. Pessoas oriundas de diversos lugares do país compõem seu tecido social. A busca por uma nova vida atraiu esses indivíduos para Brasília. A materialização dessa busca somente será possível com o estabelecimento da residência em Valparaíso de Goiás. Não significando, contudo que essas pessoas desistiram de seu objetivo precípuo: viver em Brasília. As conquistas efetivadas neste sentido darão o tom do sucesso ou não da jornada migratória.

Os moradores de Valparaíso de Goiás estabelecem em seu cotidiano uma estreita relação com Brasília. Embora morem cidade referenciada, é no Distrito Federal que estudam,

trabalham, se consultam, namoram e se divertem. A vida dessas pessoas é ditada pela dinâmica da capital federal. Uma vez que não puderam habitar aí, buscam seus equipamentos públicos coletivos para, de uma forma ou de outra, inserir-se na rotina da capital. Importante lembrar que, os mesmos equipamentos são ofertados, embora de maneira deficitária, na cidade em questão.

Entender o processo de simbiose⁷⁸ que se origina dessa prática é a proposta do presente capítulo. Para tal perscrutamos as relações estabelecidas entre os moradores de Valparaíso de Goiás e os do Distrito Federal. O contexto dado indicava que os estreitos vínculos estabelecidos nesta relação impossibilitavam aos moradores de Valparaíso de Goiás o enraizamento na cidade. Os elementos evidenciados nesta busca fomentaram as discussões presentes.

2.1 Brasília: a capital da segregação socioespacial

Conforme registrado no capítulo I, a mudança da capital federal era parte do plano de desenvolvimento econômico que se desejava implantar no Brasil. A construção de uma nova capital era um projeto já existente desde o período colonial. Vários foram os nomes atribuídos àquela que seria a nova capital do país: Cidade Pedrália (1821-1824), Imperatória (1839-1878), Tiradentes (1889-1895), Vera Cruz (1930-1955) e, finalmente, Brasília (1956-1960). A cada tempo destaca-se um defensor da mudança da capital. Porém, uma recorrência, todos afirmavam a importância de a localização do novo projeto de cidade no interior do país (Vidal, 2009).

A materialização da nova capital se dá com o projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubistchek. A política de interiorização iniciada no governo Vargas volta a receber importância. Muito mais do que a nova capital do país, Brasília foi pensada para inserir o Brasil em um tempo de “modernidade”. Também para que se construísse juntamente com Brasília, a nação brasileira. Nessa ótica, a cidade torna-se, em sua dimensão simbólica, o elemento mítico fundador de uma brasilidade, de uma nação. Logo, um projeto de cidade engloba, além de um “novo organismo urbano” as dimensões simbólica e imaginária. Nas palavras de Vidal (2009: 286):

⁷⁸ Aqui entendido em seu sentido figurado o termo indica o estabelecimento de uma vida em comum entre seres de mesma espécie, porém com características sociais diferentes. A convivência entre tais seres, no caso em questão os moradores de Valparaíso de Goiás e os de Brasília, pode se revelar vantajosa para ambos.

(...) a potencialidade de um projeto de cidade (sua intenção plástica, o modelo de ordem social que ele propõe) seria primeiramente psicológico e político; seu impacto urbanístico sendo de menor importância. O projeto de cidade vai muito além da criação de um novo organismo urbano. Este sendo, no fundo, apenas o pretexto ou a materialização física. Seu propósito é, primeiro, de essência simbólica, como era o sulco fundador de Rômulo. A cidade em projeto serve, em primeiro lugar, para dar ou devolver um sentido à coletividade social.

Por tal perspectiva, infere-se que o projeto desenvolvimentista de JK carecia de um centro administrativo, mas muito além, o que se desejava é que este centro administrativo exercesse também a função de um “catalisador social”. Torna-se pertinente que indagemos a que sociedade se almejava atrair para Brasília. Certamente não estava em pauta o estabelecimento dos trabalhadores braçais, por exemplo. O projeto de uma elite nacional esteve subjacente desde sempre no discurso fundacionista. Brasília traz intrínseco em sua gênese, o projeto de criar e se tornar o modelo de uma nova sociedade brasileira. Uma nova nação.

Todavia, essa sociedade que se pretendia nova, cristaliza práticas e concepções que se apregoa abandonar. O ato fundacional de Brasília é pautado por ações míticas. Tal ato se dá antes mesmo do início da construção da nova capital. Paulatinamente as pessoas são conclamadas a aderir ao sonho de uma cidade nova no sertão brasileiro. Para tanto, ressurgem a narrativa do sonho de Dom Bosco. A cidade, imaginada por conselheiros reais, assessores políticos, arquitetos, urbanistas surgiu em um sonho para o padre italiano. Criava-se assim a dimensão do sagrado que revestiria a construção da nova capital.

Essa associação permitiu que JK angariasse a adesão dos brasileiros a seu projeto. Como bom estrategista o presidente sabia da importância do universo simbólico para a concretização de um projeto. Isso porque, antes de sua materialização, é no mundo do imaginário que um projeto toma forma. É no campo das representações que ele se cristaliza. Em sua busca por consolidar o projeto da construção de Brasília, JK procura também difundir a concepção de que este se tornara um anseio de todos os brasileiros. Além dos ditos “civilizados”, o presidente divulga o apoio das comunidades tradicionais a seu projeto de cidade nova.

Com o intuito de convencer as pessoas da universalidade e aceitação de seu projeto, foi elaborado um agressivo plano de marketing. O presidente “bossa nova” deixa-se fotografar ao lado de um chefe indígena da etnia Carajá na primeira missa celebrada em Brasília. A intenção é destacar a imagem dos autóctones no processo de fundação de Brasília. A leitura possível de tal gesto é de adesão incondicional da população brasileira, em sua

totalidade, ao projeto. Outra forma de legitimação buscada foi vincular a construção da nova capital à história do Brasil.

O projeto tornava-se, dessa forma, um desdobramento natural da “descoberta” do país. Se no século XV, os portugueses “descobriram” o Brasil, no século XX, os brasileiros construíram Brasília. O marco na fundação de uma nação. A meta síntese do projeto que se queria para um Brasil moderno e desenvolvido. Portanto, a data de inauguração não foi nem uma coincidência nem uma escolha aleatória. Desde o lançamento de sua pedra fundamental, Brasília já tinha data certa para ser batizada.

Forjada em um alicerce que pretendia eliminar os resquícios de atraso que pairavam sobre o Brasil, a construção da nova capital acentua as desigualdades sociais do país. Reforça a divisão de classes. Os naturais do lugar não tiveram espaço na inauguração da nova capital. Não eram mais necessários aos planos de consolidação. Também os trabalhadores candangos, após as festividades populares que pautaram a inauguração de Brasília, tornaram-se dispensáveis e indesejáveis. Aliás, desde o canteiro de obras, quando se evidenciou a intenção destes em se fixarem na nova capital que medidas foram tomadas no sentido de evitar tal ação. Vidal (2009:223) apresenta uma entrevista de Lúcio Costa na qual a assertiva acima é corroborada.

Em Brasília, explica Lúcio Costa, tratava-se de estabelecer ao longo do eixo residencial, todos os modelos econômicos, de maneira que toda a população more na cidade e não na periferia. Juscelino Kubitschek disse que não, que isso não era possível, que a cidade era para os funcionários públicos, os comerciantes, e para a população que não tem condições se pensaria em centros urbanos na periferia: “Essa gente não deve se instalar no Plano Piloto” ele disse. Escolheram então quatro ou cinco centros na periferia, que se tornaram cidades-satélites⁷⁹. A tese era que as cidades satélites deveriam aparecer depois. No entanto, aconteceu o contrário, a cidade ainda estava em construção e as cidades-satélites se desenvolviam rapidamente, com total liberdade, de forma que os problemas se desenvolveram de maneira anormal [...] Estava previsto inicialmente que dois terços das pessoas da construção voltariam, e um terço permaneceria na cidade, mas na verdade, o plano falhou porque ninguém quis voltar. Desenvolveu-se então uma situação anormal, à brasileira.

A capital dita moderna, pensada numa lógica socialista, não se concretizou. A capital do arquiteto e do urbanista é sobrepujada pela capital do poder político e da elite

⁷⁹ É o antigo nome que se dá para as Regiões Administrativas-RAs de Brasília. Ao todo, são 31 e a maior é Taguatinga, seguida de Ceilândia e Sobradinho. Elas não têm autonomia política e, por isso, são dirigidas por administradores nomeados pelo governador local. Originalmente, foram planejadas para serem núcleos urbanos e para funcionar como cidade-dormitório. Sendo assim, as cidades-satélites geralmente não têm indústrias e contam somente com serviços básicos de educação, saúde, comércio e lazer. Cf. Neio Campos, Departamento de Geografia da Universidade de Brasília. In: **Revista Nova Escola**. Edição 219, Janeiro - 2009 e CODEPLAN/2013.

dominantes. Os trabalhadores da construção, tão necessários para materialização do sonho brasileiro de modernidade foram alijados do cenário por eles construído. A cidade que fizeram nascer não estava preparada para aqueles de “pé no chão”. Juscelino Kubitscheck selava assim o cenário futuro a se descortinar em Brasília.

Pelas palavras de Lúcio Costa percebe-se que Brasília não foi pensada para o contingente populacional que fora alocado para sua construção. A estes, porém, restavam poucas oportunidades em suas cidades de origem. O Brasil passava neste momento por grandes transformações no campo. A produção estava sendo mecanizada. Como resultado imediato, assistiremos a uma liberação de mão de obra. Para essas pessoas o meio urbano surge como espaço de oportunidades. Brasília, nessa lógica, emerge como resposta às angústias e incertezas de então. Não é de se estranhar, portanto, que nos planos dos trabalhadores a vida na nova capital configurasse uma permanência.

Embora a fixação de tais indivíduos estivesse fora de cogitação na área do Plano Piloto, não se encontravam predispostos a abandonar seu sonho de uma vida de oportunidades na capital federal. Restava aos excluídos em substituição à cidade dos sonhos, a cidade possível. Dito de outra forma serão as cidades-satélites que, em um primeiro momento irão abrigar os trabalhadores candangos de Brasília. Para alguns destes a fixação em uma das cidades satélites não será viável. Nessas circunstâncias, estabelecem-se nas cidades goianas próximas ao Distrito Federal. Valparaíso de Goiás, dentre as cidades é o destino preferido pela maioria desses migrantes. Pelo exposto percebe-se que Brasília não retém os migrantes que para aí se deslocam.

2.2 Valparaíso de Goiás e a dinâmica urbana: o desafio da migração

Os anos finais do século XX foram, no Brasil, marcados pelo interesse acadêmico por estudos com temática sobre a migração. É importante que esses estudos ao abordarem essa questão considerem desde as condições que levam o sujeito a migrar até os mecanismos de inserção deste no local de chegada. O papel do sujeito migrante na formação de dada sociedade deve, neste contexto, ser analisado (Sayad, 1998).

O ato de migrar é prática antiga na história da humanidade. A narrativa de experiências migratórias encontra-se presente na história de diversos povos. O homem em diferentes períodos de sua história buscou na migração uma solução para estabelecer melhores condições de vida. A convicção na oportunidade de melhorias faz com que o indivíduo abandone o lugar de sua experiência histórica de vida e parta rumo ao desconhecido. Tal fato

é uma recorrência nas narrativas dos migrantes que fizeram da cidade de Valparaíso de Goiás seu ponto de chegada.

O processo migratório no cenário atual geralmente é insuflado pelas redes familiares ou de amizade. Tendo migrado os membros dessas redes incentivam àqueles que ficaram a fazer o mesmo. A possibilidade de melhorar de vida, conseguir trabalho, são argumentos atrativos empregados pelos que precederam aos parentes. A essa forma de estímulo à migração dá-se o nome de contiguidade. Jerônima, aluna da Educação de Jovens e Adultos – EJA, conta-nos que:

Lá no interior a vida não é nada fácil. A solução que a gente tem é trabalhar em casa de família. E ainda assim é pra ganhar uns cinquenta reais por mês. Isso quando recebe. Eu mesma fui trabalhar em casa de família, de meu padrinho, num sabe? Pra poder aprender a lide de casa e também em troca de comida e roupa. Fui pra estudar também, mas a casa era muito grande e eu nunca conseguia terminar tudo antes da aula. Acabei largando. Purisso é que tô aqui hoje. Na EJA, num sabe... intão, lá na casa de meu padrinho eu lavava, passava, faxinava e oiava as crianças em troca de educação, roupa e comida. Isso indês de meus dez anos. Quando fiz meus 18 anos resolvi vim pra Brasília. Tinha já uns primos meus que tinham vindo e intão resolvi arriscar. Quando cheguei aqui vi que as coisas pra cá eram muito melhores. Meu padrinho não queria que eu viesse não, num sabe? Achava que eu tava seno ingrata e coisa e tal. Mas eu sou tinhosa que só e quando boto uma coisa na cabeça, ninguém num tira! Pois intão eu vim... lembro que quando cheguei fiquei assustada com a quantidade de gente. Era nego de tudo quanto era lugar. Mas deu tudo certo graças a Deus. Passado um tempo comprei minha casinha aqui no Ipanema e pude trazer o Zé, meu irmão caçula que andava batendo cabeça lá pelo interior. Para o ano acho que meu outro irmão e minha cunhada vão vim com os menino. Aquilo lá não dá futuro pra ninguém não. Aqui por ruim que seja, é mió que lá. Hoje tô feliz, voltei prá iscola, comprei minha casinha, tenho meu trabalho. É não posso reclamar de nada. Graças a Deus e nosso senhor Jesus Cristo.

A fala de Jerônima podia ser a fala de milhares de migrantes que, assim como ela encetaram a aventura de migração na busca por melhores condições de vida. Interessante observar que, se as condições aqui não são tão boas quanto almejadas, pelo menos são melhores do que aquelas deixadas no local de origem. Estes sujeitos incentivam a vinda dos parentes deixados para trás.

Embora haja recorrência na prática, migrar não representa um ato indistinto. Alguns elementos podem ser apontados enquanto diferenciadores dos processos de migração. Os motivos que levam o sujeito a migrar podem diferir quanto às causas motivadoras, às modalidades de deslocamento, às implicações desse deslocar, aos significados atribuídos ao ato de migrar e, finalmente, às emoções que esta ação suscita (Almeida, 2009). Tais elementos podem ser identificados separadamente ou em conjunto na análise do ato de migrar.

Migrar implica grandes transformações para aquele que migra. Antigas formas de vida entram em conflito com as novas. Advém daí tensões e sofrimentos. A decisão de migrar imprime na vida do sujeito a esperança, a crença no novo. Resulta também submeter-se a critérios preconceituosos de classificação por parte daqueles considerados “autóctones”.

O migrante é visto no lugar de chegada como o “diferente”, o “outro” (Almeida, 2009). A incerteza da origem cria naqueles considerados “do lugar”, em relação ao migrante, um sentimento de abjeção. Contribui para o fortalecimento dessa percepção da diferença o fato de que o migrante guarda em si resquícios de sua raiz cultural. Ao chegar, na condição “do outro”, sobressaem os valores culturais oriundos de sua vida anterior. Torna-se assim alvo de preconceito e rejeição. Fabiana, nordestina, moradora na Ceilândia há 40 anos, perguntada sobre a relação entre Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal afirma:

É inadmissível o governo de Goiás não cuidar do que é seu, mas tem uma questão óbvia, o entorno vive do DF, os impostos vão para os cofres goianos e eles não investem em absolutamente nada! Não procuram gerar postos de trabalho para manter seus moradores lá. Não constroem hospitais e as escolas públicas são muito fracas. Daí o resultado é esse absurdo de gente que vem pra cá [Distrito Federal] todo dia. O DF tem a obrigação de zelar de Brasília que é tombada. Eu amo morar no DF mais acho que a população do entorno tem que ter um pouco de dignidade pois a maioria já é beneficiada com a saúde, educação e emprego no DF. Eu não entendo porque eles ficam querendo vir pro DF. Pois se o Goiás não faz nada o DF que vai fazer? Não acho justo.

Foram inúmeras as opiniões expressas que seguem por essa linha de raciocínio. Podemos apontar dentre os elementos geradores de abjeção os mais recorrentes: as condições econômicas, questões de saúde, educação e principalmente a violência. Letícia, 26 anos, moradora do bairro Parque Araruama, acerca do preconceito contra a origem de lugar (Júnior, 2007) do qual foi vítima, diz que:

Foi assim, a Mariza, minha amiga já tava trabalhando no hotel fazia uns dez meses... é acho que era isso mesmo. Daí surgiu uma vaga pra camareira. Eu já tava de olho nessa vaga fazia um tempão. Quando ela me contou nem acreditei. Combinamos de no dia seguinte eu ir junto com ela pro trabalho que era pra ela me apresentar pro gerente. Dessa vez eu senti que ia dar certo. Já tava há um tempão desempregada. Tava mesmo precisada de um emprego fixo, com carteira assinada, sabe como é né? Segurança. Mas então...como eu tava dizendo, marcamos de eu ir com ela no dia seguinte. Botei o relógio pra despertar às quatro da matina. Da minha casa na casa da Mariza era meio longe e eu não queria fazer ela perder o ônibus. Tirando os atropelo de sempre, chegamos na hora certa. Mariza me deixou na sala do chefe e foi tomar de conta de suas obrigações. Seu Guilherme foi bastante simpático comigo. Disse que gostou de meu jeito e que a vaga já tava garantida. Nessa hora... eu e minha boca grande [risos]. Se arrependimento matasse eu nunca que tinha perguntado isso! Resolvi saber dos vale transporte, se ia receber no começo do trabalho ou depois de vencido o mês. Foi aí que o caldo entornou [risos]. Ele me disse que seria no começo mesmo... que era só pegar no departamento de pessoal.

Me perguntou onde eu morava eu então eu falei. Falei mesmo, não sabia que não podia contar, uai! Quando falei que morava em Valparaíso a conversa mudou de rumo e seu Guilherme então disse que infelizmente não ia poder me contratar, que eles estavam querendo alguém que morasse ali por Brasília mesmo e que se aparecesse outra vaga pra moradores do Entorno ele me chamaria. Já sabe né, nunca chamou. Isso já faz uns dois anos [risos]. Quando contei a história pra minha amiga ela ficou toda triste. Tinha esquecido de me falar pra não contar aonde a gente morava. É que lá no hotel eles não gostavam de contratar gente do Entorno. Ela mesma só tinha conseguido emprego lá porque tinha arranjado emprestado com uma cunhada dela um comprovante de residência do Gama [RA do DF]. E foi isso, perdi o emprego porque morava em Valparaíso. Depois desse dia, nunca mais contei aonde eu morava. Pra quê, né? [risos]

O preconceito expresso na experiência de Letícia manifesta-se também em relação à condição migrante. Alguns setores do local de chegada veem no fenômeno da migração um aspecto negativo para o meio social. Os migrantes são considerados indesejados, uma ameaça à estrutura social vigente. As representações estabelecidas em torno da figura do migrante são recortadas pelo estigma da pobreza, da indolência, do atraso e da violência⁸⁰. Mas estas representações não se restringem somente aos migrantes quando de sua chegada. Como pudemos observar na fala de nossa entrevistada, morar nas cidades do “Entorno” é um estigma difícil de ser carregado.

Tais concepções dificultam o enraizamento do sujeito migrante no local de chegada. Este necessita inserir-se no contexto urbano em uma existência social diferente daquela deixada para trás. Urge adaptar-se aos novos códigos sociais (Fischer, 1994). Essa adaptação se fará de forma menos traumática se “os do lugar” se dispuserem à inserção do migrante na nova realidade social. Ao se lançar na experiência de migração, o indivíduo, que tinha por propósito melhor condição de sobrevivência é confrontado com a constatação de que aqui como lá a inserção social é objetivo difícil de ser alcançado. As transformações almejadas necessitam ser cotidianamente perseguidas. Na condição de migrante encontra-se segregado e alijado de seu objetivo.

Suess (2009) analisando o fenômeno migratório, afirma que a migração é parte de um ciclo vicioso do sistema capitalista. O referido sistema, ao mesmo tempo em que se propõe eliminar a penúria promovendo privilégios sociais, recusa-se a “redistribuir” tais privilégios a todos. O que obriga ao excluído dessa redistribuição a abandonar seu lugar de origem em busca de sobrevivência. O ser migrante ao fim de sua jornada encontra-se totalmente desprovido de pertencimento. “Cultural e socialmente” desalojado, passa a

⁸⁰ Embora sejam representações recorrentes quando a temática é o migrante, não nos aprofundaremos, por hora, nessa questão.

alimentar, a partir da venda de sua força de trabalho, o sistema capitalista. Aquele mesmo sistema que o expulsara de seu lugar de origem.

Pela leitura do autor referenciado, infere-se que o termo “migração” encontre-se permeado por ambiguidades. A migração desterritorializa, individualiza e isola o indivíduo migrante. Este não encontra na estrutura institucionalizada respaldo para sua inserção. Configura-se um excluído, não possui um “lugar geográfico, nem social”. Portanto, não detém elementos para lutar ou barganhar por transformações no “sistema político-econômico” que o excluiu.

Na cidade de Valparaíso de Goiás, a ação de aparente inércia dos moradores ante à ineficiência dos equipamentos públicos coletivos pode a princípio chocar. Essa atitude por vezes assusta ao observador menos atento. Porém, a leitura de Suess nos aponta outro caminho possível. Na impossibilidade de modificar a lógica capitalista, esses migrantes buscam adaptar-se a ela. Na azáfama do cotidiano, somente conseguem ficar na cidade o tempo suficiente para dormir e ao raiar do dia iniciar uma nova jornada. Não há tempo para lutar por melhorias, não há tempo para “pertencer”, urge sobreviver.

O contexto das migrações realça conflitos que envolvem questões de identidade e pertença, como aqueles vivenciados pelos moradores de Valparaíso de Goiás. Evidenciam-se dificuldades para que se instale a noção de lar. O estabelecimento do senso de pertença não depende só do migrante. Materializa-se na relação de alteridade. Conforme dito, o migrante necessita ser aceito pelos “naturais”. Apenas seu desejo de enraizamento não é suficiente para que o pertencimento se estabeleça (Canclini, 2001). Por apresentar um percentual superior de não-naturais, as dificuldades apontadas para o enraizamento se fazem sentir na cidade de Valparaíso de Goiás.

No que tange aos moradores, a dificuldade encontrada para o estabelecimento do senso de pertença reside no fato de que estes buscam enraizamento no Distrito Federal. Nesse cenário inviabiliza-se a concretização “do que queremos ser” e surge o “quem podemos ser”. Não “podendo ser” no Distrito Federal, essas pessoas buscam na medida do possível “ser” enquanto aí estão. Tal constatação nos remete à afirmativa de que o processo de construção de identidade é necessariamente social (Araujo; Haesbaerth, 2007). A experiência de construção da identidade é intrínseca à relação do indivíduo com a sociedade na qual se encontra inserido. Daí a dificuldade de os moradores de Valparaíso de Goiás se inserir na lógica da cidade. Isso porque vivenciam o cotidiano do Distrito Federal.

O quantitativo populacional que em função das dificuldades de estabelecer-se no Distrito Federal migra para os municípios goianos de seu entorno, conforme apontam os

dados da tabela abaixo, é significativo. Porém, a experiência de migração não rompe os vínculos estabelecidos com o supramencionado distrito. Em função desta situação estes assistem à precarização de sua existência. Estabelece-se a partir dessa jornada empreendida uma rotina de acordar de madrugada, pegar ônibus lotado, chegar atrasado em seu destino, voltar em ônibus lotado, chegar tarde em casa. O universo sensorial desses indivíduos é a todo instante colocado em situação de choque (Cantinho, 2003).

Tabela 07- Principais fluxos de migrantes do Distrito Federal para seu entorno 1995/2000 - 2005/2010

Municípios	Fluxo de migrantes	
	1995/2000	2005/2010
Águas Lindas de Goiás	33.440	15.830
Cidade Ocidental	5.449	5.427
Formosa	2.161	1.951
Luziânia	11.828	6.059
Novo Gama	8.476	6.785
Padre Bernardo	1.832	2.352
Planaltina de Goiás	5.994	3.774
Santo Antônio do Descoberto	4.813	3.444
Valparaíso de Goiás	10.942	14.616

Fonte: CODEPLAN, 2013. Elaboração e organização: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

Valparaíso de Goiás é, pelos números expressos, dentre as cidades goianas, uma das que recebe maior número de migrantes oriundos do Distrito Federal. Encontra-se atrás apenas de Águas Lindas de Goiás e Luziânia, estas cidades receberam, no período em análise, 1995-2000, respectivamente 33.440 e 11.828 migrantes vindos do quadrilátero do DF. Já no período de 2005-2010, o município de Águas Lindas se mantém enquanto maior receptor de migrantes, enquanto que Luziânia é superada na preferência de destino por Valparaíso de Goiás. O município apresenta um quantitativo de 14.616 migrantes e Luziânia por sua vez atrai 6.059 migrantes. Justifica-se tal fato em razão da emancipação política e administrativa de Valparaíso de Goiás no ano de 1995.

O que se encontra implícito nos dados expressos é que, ao não conseguir moradia no Distrito Federal, os migrantes buscam estar o mais próximo possível deste. A cidade de Valparaíso de Goiás torna-se uma opção. Por estas considerações conclui-se que a migração enquanto elemento desde há muito presente em nossa estrutura social interfere de forma

contundente na experiência identitária do sujeito que migra. Devido às desigualdades oriundas do sistema capitalista, algumas localidades tornam-se, em menor ou maior escala centros atrativos de migrantes. Valparaíso de Goiás, neste contexto, pode ser classificado como um centro de atração de migrantes. É para aí que se desloca grande contingente de migrantes cujo destino era Brasília.

Esse acentuado processo migratório resulta, conforme visto no capítulo I, em intenso adensamento populacional. É perceptível na cidade grande diversidade cultural, conflitos sociais, bem como, a busca por oportunidades. Atribuem-se tais características ao fato de Valparaíso de Goiás localizar-se em uma região de fronteira⁸¹. A condição de moradores de fronteira revela-se difícil, dolorosa e ao mesmo tempo perpassada de esperança (Canclini, 1992). A vida na fronteira deve ser pensada nas ambivalências passagem/abertura, consecução/interpenetração, fixação/divisão de limites que encerram e fracionam. Há que se considerar nesse contexto o fato de que a cidade é produzida a partir de duas lógicas, a social e a econômica. Estas conduzem a uma segregação socioespacial do diferente. Os moradores de Valparaíso de Goiás enfrentam em seu cotidiano a ação segregadora oriunda dessa lógica urbana.

Migraram para o município, “expulsos” pela dinâmica do capitalismo. Esta segregação se deu primeiro em seu lugar de origem. Chegando ao Distrito Federal foram mais uma vez “levados”, pela lógica capitalista, a se mudarem. Desta feita o destino é a AMB. Ao se estabelecerem na localidade vão ser confrontadas com a seguinte realidade: estavam em uma área de fácil acesso em relação ao Distrito Federal, mas que, todavia, oferece condições mínimas de infraestrutura. Estas pessoas que foram “empurradas” para a área metropolitana continuam com vínculos em Brasília.

2.3 A vida materializada na metrópole: um contexto de relações conflituosas

A vida na metrópole provoca estranhamento no cidadão. É perpassada de situações e relações sempre fluidas. Diferentemente das pequenas e médias cidades, viver na metrópole implica viver em um tempo rápido. O sujeito é conclamado a ressignificar

⁸¹ Fronteira aqui concebida não apenas enquanto divisória entre espaços geográficos, mas também, enquanto linha imaginária que existe para ser atravessada. Um espaço altamente simbólico no relato de experiências de migração. Cf. Lopes e Bastos (Orgs.), 2010, p.96. **Para Além da Identidade: Fluxos, movimentos e trânsitos.** Para aqueles que desejam entender o contexto dos municípios circunvizinhos ao Distrito Federal em sua posição fronteiriça a este, sugerimos a leitura de Silva, L. S. D. da. **A construção de Brasília: modernidade e periferia.** Ed. UFG, 2010.

cotidianamente suas relações sociais. A metrópole é por excelência o espaço das manifestações do capital. A lógica que a rege é, pois, a econômica. Mumford (1998) ao tratar sobre a origem da cidade considera que nesta análise deve-se considerar não apenas o aspecto econômico. Este é marcadamente um elemento significativo no processo, porém, não é o único. É pertinente, segundo o autor, que sejam considerados também o aspecto social e o político.

Ressalta-se o fato de que na cidade estabelecem-se relações de trabalho, lazer, estudo. Embates pelo poder, também se efetivam em esalaridades que oscilam do micro ao macro, ou vice-versa, no cenário urbano. Nessa perspectiva é pertinente a concepção de que a cidade deve ser tratada como uma realização humana onde forças sociais se coadunam para o estabelecimento de um campo cultural (Simmel, 1979). Assim sendo, diversidade e identidade são temáticas recorrentes quando o mote são os estudos sobre a cidade.

Questões ligadas à problemática urbana e da construção de identidades são temas de interesse para investigações. A partir das diferenças é que se constroem as identidades. Estas podem ser individuais e/ou coletivas. Estruturam-se em consonância com a sociedade na qual o indivíduo se insere. A identidade é relacional, apresenta caráter híbrido, maleável, descontínuo e temporário. A alteridade e a representação podem ser apontadas como elementos constitutivos do processo de construção identitária e a polissemia como característica precípua do conceito de identidade.

Afirma Hall (1999:08) que o referido conceito é algo ainda em construção. Torna-se impossível, pois, emitir julgamento acerca das alegações e proposições teóricas que são atualmente apresentadas. O autor acrescenta que as identidades pós-modernas estão sendo deslocadas ou fragmentadas. Às suas considerações se agregam as de outros estudiosos das ciências sociais, dentre eles Bauman (2000), que creem que as identidades modernas estão em crise. Esta crise leva a uma fragmentação das paisagens culturais, de classe, de gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade dentre outras. A fragmentação por sua vez afeta as identidades pessoais.

Esse processo de deslocamento ou fragmentação de identidades é por estes autores classificado de “descentração do sujeito”. Nele o sujeito se desloca tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmo. Ainda pela lógica dos autores esse deslocamento vai redundar em uma crise identitária. As transformações advindas dessa crise de identidade irão promover mudanças estruturais na sociedade.

Este novo indivíduo que surge é o produto tanto das mudanças estruturais quanto das institucionais. Seu processo de construção identitária pode ser caracterizado como

instável e provisório. A identidade resultante deste processo apresenta-se pouco fixa e transitória. Resultante do processo de fragmentação, o sujeito pós-moderno não constrói uma identidade fixa, essencial ou permanente. Agrega, isso sim, várias identidades. Estas se coadunam, podendo ser contraditórias ou não resolvidas. A esse processo nomeamos “negociações identitárias”.

Bauman (2000) ao tratar dessa nova identidade que surge na pós-modernidade emprega a expressão metafórica “liquidez” para distingui-la. Segundo este, o termo é o que melhor define as características de efemeridade e fragmentação presentes nas relações culturais que compõem as novas identidades. Esse caráter de liquidez, segundo o autor, gera a perda de referenciais imprescindíveis para a estruturação da identidade social do indivíduo.

A liquidez das identidades se acentua principalmente entre os migrantes. Estes, em muitos casos, deixam seus lugares de origem fugindo da pobreza, da seca, da fome, do analfabetismo, de conflitos. Nessa fuga, que é em si mesma uma busca, os sujeitos migrantes são atraídos para as regiões onde as chances de sobrevivência são aparentemente melhores. Justifica-se aqui a necessidade de tal abordagem quando observamos que os moradores de Valparaíso de Goiás se inserem na lógica descrita alhures. Constituem-se migrantes que buscam materializar sua sobrevivência em condições mais propícias.

A escolha do local onde a vida materializar-se-á recai no espaço urbano. Importante salientar que as sociedades urbanas não surgem de um vazio. Elas reinterpretem suas formas antigas e adquirem assim novas configurações (Lepetit, 2001). A sociedade pós-moderna no decorrer do último século passou por significativas mudanças nas relações técnico-científico-informacionais (Santos, 2002) que resultaram em sua ressignificação. Faz-se mister que essas novas relações sejam perscrutadas. Entender as assimilações sociais efetivadas a partir dessas transformações torna-se o mote dos estudos urbanos de então. Aplicado a nosso contexto, deslindar o processo da formação identitária dos moradores de Valparaíso de Goiás, em sua relação com o Distrito Federal, pelo estudo da cidade e dos moradores na cidade, foi o nosso objetivo.

O meio urbano tem sofrido rápidas alterações em função dos avanços informacionais. Na sociedade que emerge de tal contexto as distâncias tornam-se menores, o tempo mais breve. Contatos são estabelecidos via satélite. Pelo computador compras são efetuadas e vínculos sentimentais são firmados/reafirmados. Pelas redes de alta tecnologia circulam ideias e propriedades mudam de mãos. Cunham-se representações que apontam para um encurtamento do tempo e do espaço.

No imaginário popular, o mundo globalizado altera, na essência, sua forma e suas relações; domina a imagem de aproximação entre os países que intensificaram suas relações comerciais. Nessa reviravolta na concepção espacial, o distante torna-se cada vez mais próximo. (Valença; Gomes, 2002: 141).

Vista pela ótica dos autores a globalização pressupõe ações ágeis e intensas. Impõe readaptações nos conceitos de espaço e tempo. Mais que alterar as relações estabelecidas, a globalização abriga em seu bojo a seletividade espacial. Na mesma proporção em que cresce o domínio técnico-científico-informacional, crescem também a espoliação, a segregação e a exclusão de determinadas camadas sociais. Traz em si mesma alguma contradição. Propõe a inclusão e promove a exclusão, gera produtividade e também fome, reforça a visão de melhor qualidade de vida na cidade em detrimento do mundo rural.

Valparaíso de Goiás insere-se nessa lógica quando seus moradores, anteriormente expulsos de seu lugar de origem pelo capital, são confrontados pela dinâmica econômica da metrópole. Esta absorve de forma desigual o migrante que deslocou-se em busca de melhores condições de vida. As vicissitudes a que estes sujeitos encontram-se submetidos em função dessa lógica perversa são consideradas por eles etapas de um caminho necessário para o alcance de um objetivo primeiro: o “bem viver”.

Se entendermos que a cidade se constitui a partir das lógicas social e econômica encontraremos respaldo para a atitude dos moradores de Valparaíso de Goiás. O motivo que os levou à migração é econômico: a busca por trabalho; mas é também social. Ao se encaixar no mercado de trabalho automaticamente alcançarão “ascensão social”. Os sujeitos são forçados por essa via a reorganizar suas condições de existência. As cidades também se reorganizam a partir de tal contexto. A reestruturação ocorre em espaços mais amplos, as chamadas metrópoles (Rochefort, 2002).

A vida na metrópole configura-se um constante readaptar-se. Simmel (1979), afirma ser esta uma oposição à vida na cidade pequena. A metrópole é o lugar do perigo. Nela, o indivíduo encontra-se em estado permanente de alerta. O processo intenso de circulação e o ritmo acelerado são apontados pelo autor como responsável por gerar no sujeito um estado nervoso acirrado. Os fundamentos sensoriais abalados originam um indivíduo irritado e explosivo. Marcos, morador de Valparaíso de Goiás, professor das redes municipal e estadual, relatou-nos um fato que coaduna com o quadro exposto. Narra ele que:

Era final de tarde, incincho da noite... eu cheguei do trabalho e resolvi descer no shopping para fazer umas compras. Chamei minha esposa e mais os meninos e fomos. O Vinícius, minha rapinha do tacho, sempre inquieto não queria sentar na cadeirinha. Foi com muito custo que saímos. Já tava quase desistindo de ir. Naquela

hora o trânsito já devia tá um inferno. Mas como já tinha assanhado as crianças, fomos. Na altura ali da etapa “A” um carro começou a dar luz alta pra mim. Eu já tava ficando injuriado com aquilo. Além de todo aquele engarrafamento, ainda mais essa! Teve uma hora que eu, no auge da ira, não aguentando mais aquele abusado, botei dedo pra ele. Na hora não pensei em nada, não lembrei que meus filhos e minha esposa tavam no carro, nem nada. Só queria desaforar aquele abusado. O que aconteceu depois me deixou extremamente envergonhado. O motorista do carro aproximou-se e me indicou com um gesto que a porta de Vinícius estava aberta. Não sei te dizer o que passou por minha cabeça. Mas o calor que queimou minha cara me fez pensar em quanto a gente anda estressado hoje em dia.

A narrativa de Marcos é apenas uma das muitas que cotidianamente têm lugar no palco das grandes metrópoles. A forma encontrada por nosso entrevistado para afrontar aquele que, em tese, era o seu concorrente no trânsito, é parte das estratégias desenvolvidas para a materialização da sobrevivência. O sujeito que vive na metrópole está constantemente desenvolvendo estratégias para diferenciar-se da multidão, para encontra-se a si mesmo. Para escapar às forças nervosas da metrópole o indivíduo desenvolve ações de fuga. Estas são constitutivas das estratégias mencionadas. São essas ações que possibilitarão a sua sobrevivência no ambiente metropolitano.

São denominados mecanismos de defesa. Dividem-se em três: a atitude *blasé*, caracterizada como aquela na qual o indivíduo torna-se mero expectador do contexto urbano; a reserva, onde o ser metropolitano desenvolve estratégias de preservação individual ante os elementos superficiais da vida na metrópole e a antipatia. No processo por se resguardar da superficialidade metropolitana o sujeito constrói aos olhos de seus pares uma imagem de frieza, adota uma postura antipática (idem, 2008). O contexto descrito resulta em uma “vida nervosa” recortada pelo medo, pela angústia, pela desconfiança. Nas palavras de Silva (2012:159) a “vida nervosa” oriunda da necessidade de adaptação do sujeito ao espaço metropolitano:

O espaço constituído pela ótica capitalista, pela necessidade de inserção do interior do país no contexto da modernidade evidencia disputas que se acirram pelo desejo do novo. A cidade planejada não comporta os diferentes. Expulsa-os. Constrangendo-os a uma marginalidade. A vida no entorno de uma metrópole configura-se nervosa. O sujeito fragmenta-se e é fragmentado na trama da cidade. É neste espaço de vida nervosa que emergem as muitas cidades.

As cidades goianas da AMB e diretamente Valparaíso de Goiás, dada à sua posição geográfica em relação ao quadrilátero do Distrito Federal, convivem diariamente com a lógica apontada por Simmel. A dinâmica populacional dessas cidades, pode ser considerada um agravante do quadro descrito. Pesquisa realizada pela CODEPLAN/DF acerca da dinâmica migratória na Área Metropolitana de Brasília entre os anos de 1991-2010 apontam

para um arrefecimento na vinda de migrantes para o referido distrito. O que implica no aumento deste contingente em sua área metropolitana. De acordo com o presidente da Codeplan, Júlio Miragaya:

A análise da evolução dos saldos migratórios mostrou que o Distrito Federal perdeu força de atração e capacidade de retenção. Os dados indicaram que o Distrito Federal, de um lugar eminentemente receptor, passou também à condição de emissor, especialmente para os demais municípios da AMB. (...) A migração já não é a principal componente demográfica da população do Distrito Federal como no passado, embora, tenha expressão significativa na composição populacional na sua área limítrofe. O Distrito Federal vem reduzindo forças na capacidade de atração e retenção populacional, provavelmente devido ao elevado custo de vida, principalmente, no que se refere à moradia. Em decorrência de problemas relacionados à habitação, devido aos altos custos imobiliários observou-se um processo de periferização, gerando um forte crescimento populacional nesses municípios goianos limítrofes. Esses imigrantes possuem uma relação de dependência com o Distrito Federal, sejam por trabalho, serviços de saúde e educação. Nesse processo, verifica-se a migração de pessoas para os municípios mais próximos, como os que compõem a Área Metropolitana Externa de Brasília.

Novamente se evidencia aqui a condição nomeada por Silva (2012) de “Trampolim Demográfico”, ou seja, existe em Brasília uma alta rotatividade populacional. A cidade atrai grande contingente de migrantes, mas também os expulsa. Esse quadro de instabilidade reflete-se no comportamento desses indivíduos. As pessoas tornam-se irritadiças, desconfiadas, explosivas. Constituem-se atores de uma “vida nervosa na metrópole”. Valparaíso de Goiás, neste contexto apresenta-se também como o município que executa o maior quantitativo de viagens interurbanas em direção ao Distrito Federal, ou à sua cidade polo, Brasília.

Tabela 08- Demandas anuais nas ligações interestaduais com o Distrito Federal e seu Entorno/GO

Principais Ligações		Passageiros	%
Municípios de Goiás	Distrito Federal	Anuais (milhões)	Relativo
Valparaíso de Goiás	Brasília	8,21	9,30
Águas Lindas de Goiás	Brasília	7,85	8,90
Luziânia	Brasília	6,67	7,60
Planaltina de Goiás	Brasília	5,80	6,60
Novo Gama	Brasília	4,66	5,30
Cidade Ocidental	Brasília	4,06	4,60
S. Antônio do Descoberto	Brasília	3,20	3,60

Fontes: Pesquisa ANTT/FIPE, 2010. /CODEPLAN, 2013.

Organização: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

Se considerarmos os dados expressos na tabela acrescidos da concepção de que a vida na cidade é intrínseca à vida da pessoa nesta (Mancuso, 2000), entenderemos a dificuldade encontrada pelos moradores de Valparaíso de Goiás em estabelecer vínculos de pertencimento com a cidade onde habitam. A rotina dessas pessoas inicia-se logo ao raiar do dia. Necessita madrugar para não pegar ônibus lotado e garantir um assento até o ponto final. É necessário também organizar o almoço das crianças. Estas ficam em casa, na maioria das vezes, sob os cuidados dos irmãos mais velhos. Não há tempo no dia-a-dia dessas pessoas para o fortalecimento dos laços familiares. Urge sobreviver e o mecanismo para a sobrevivência é buscado na capital federal. Ana sobre o exposto afirma:

Olha, tem vez que passo dois...três dias sem ver os minino. Sabe como é que é né? Saio de casa muito cedo, eles tão tudo dormindo e quando volto, o dia que chego mais cedo já é umas nove...nove e meia da noite. Isso quando o ônibus da Anapolina não quebra. Difícil é o dia em que esses danados não quebram. Intão, quando chego, os minino já tão quase dormindo ou então já foram dormir. Olha vou te falar uma coisa, eu acho até bom, porque cansada do jeito que chego tomo só um banho e nem cumê às vezes num como, vô direto pra cama. Porque amanhã é dia de São Garra Cedo. E tudo de novo. Hoje até que dei sorte tinha uma moça no ônibus que se ofereceu pra carregar minha bolsa.

O ambiente urbano configura-se em laboratório para o estudo do comportamento humano (Park, 1979). Pela fala de Ana podemos entrever elementos de uma vida na metrópole. O difícil cotidiano de ir e vir em transportes públicos de qualidade deficitária. A ausência da família no dia-a-dia das crianças; o que as coloca em uma situação de fragilidade social. Não sendo poucas as que são aliciadas pelo mundo do crime ou das drogas. E por fim o estranhamento da entrevistada ante o gesto de solidariedade recebido no ônibus.

O estranhamento se deve pelo fato de que, segundo Simmel (1979) a indiferença é um dos fenômenos constitutivos da vida na metrópole. Compõe aquilo que o autor nomeia como sendo o “estilo metropolitano de vida”. Este é marcado pela figura solitária de seus moradores. Simmel (1979: 22) destaca causas que podem ser apontadas como responsáveis pelo processo de individualização do sujeito na metrópole:

Primeiro a pessoa precisa enfrentar a dificuldade de afirmar sua própria personalidade no campo abrangido pelas dimensões da vida metropolitana. Onde o aumento quantitativo em importância e o dispêndio de energia atingem seus limites, a pessoa se volta para diferenças qualitativas, de modo a atrair, por alguma forma, a atenção do círculo social, explorando sua sensibilidade e diferenças. Finalmente, o homem é tentado a adotar as peculiaridades mais tendenciosas, isto é, as extravagâncias estritamente metropolitanas do maneirismo, capricho e preciosismo. (...) Refiro-me à brevidade e escassez dos contatos inter-humanos conferidos ao homem metropolitano, em comparação com o intercâmbio social na pequena cidade.

Considerada a situação posta e as colocações de Simmel, inferimos que os grandes centros urbanos viabilizam, além da individualização do sujeito, o surgimento ou a materialização de comportamentos por vezes não tolerados nos pequenos núcleos urbanos. Seria impensável em uma pequena cidade a ausência da mãe na vida cotidiana dos filhos. Ou mesmo o isolamento do qual se encontra refém o morador da metrópole. Em Valparaíso de Goiás, porém, essa é uma realidade presente. Para materializar o projeto de uma vida na capital do país, o sujeito segue constantemente renegociando sua identidade social.

2.4 Valparaíso de Goiás: a urdidura de uma identidade metropolitana

Brasília, desde a sua construção, apresenta-se envolta em um universo de simbolismos. A aura que envolve a capital federal enquanto expressão de modernidade é elemento vívido e perceptível nas representações sobre esta elaboradas. Brasília, a exemplo de Paris, representa um projeto arquitetônico fruto da modernidade. Ao observarmos o contexto arquitetônico da capital federal, perceberemos, em uma analogia à Paris de Haussmann, vias largas e retas que descortinam em seu término a visão de grandes monumentos. Se as largas ruas de Paris convidam à contemplação das vitrines, em Brasília as largas alamedas dispersam e impedem a circulação dos transeuntes. É perceptível, neste cenário, lá e cá, a influência do arquiteto Le Corbusier. São construções que privilegiam o ferro, o concreto e a transparência do vidro. O uso deste último elemento justifica-se na busca por promover um prolongamento e interação dos espaços interiores com a amplitude externa.

Entretanto, é-nos forçoso afirmar que os mesmos espaços exteriores amplos, além de compor o cenário arquitetônico, prestam-se a dispersar a massa⁸². Sobre o surgimento das massas em Paris, a partir do advento das lojas de departamentos, Benjamin (2007: 86) escreve: “Pela primeira vez na história, com a criação das lojas de departamentos, os consumidores começam a sentir-se como massa. (Antigamente, só a escassez lhes dava essa sensação.) Com isso aumenta consideravelmente o elemento circense e teatral do comércio”. Brasília apresenta-se nessa lógica como um grande centro urbano cuja dinâmica expropria o sujeito de sua individualidade.

Transforma-o em parte da massa amorfa, nega ou dificulta a esse sujeito a oportunidade por satisfazer as demais necessidades que não a do trabalho. Tal fato torna a

⁸² Lembrando que há, segundo Benjamin, uma diferenciação entre os conceitos de “massa” e “multidão”. Sendo esta possuidora de um rosto que a identifica; já aquela é amorfa, disforme. Cf. Benjamin, W. **Passagens**, 2007. A 4,1p.86.

vida na cidade um “fardo” a ser conduzido. Essa a face da modernidade preconizada. Para a massa a capital federal apresenta-se pouco acolhedora. Segrega aqueles que buscam em seu espaço os aparatos sociais de que carece a cidade onde residem. Ao término da jornada de trabalho esses cidadãos são compelidos a enfrentar o retorno para casa em condições de precariedade. Novamente aqui estabelecemos uma analogia com a Paris de Haussmann. Nesta, ao final do dia,

Milhares de famílias, que trabalham no centro, dormem à noite na periferia da capital. Esse movimento se parece com a maré; vê-se, pela manhã, o povo descer até Paris, e, à tarde, a mesma onda popular voltar. É uma triste imagem... Acrescentarei... que é a primeira vez que a humanidade assiste a um espetáculo tão desolador para o povo.

[Benjamin, 2007: 176. E 7, 5]

Assim também ocorre na Área Metropolitana de Brasília. A grande maioria dos trabalhadores do Distrito Federal reside nas cidades da AMB. Seu contingente populacional é marcadamente constituído por migrantes que, atraídos pela aura que envolve a capital do país e na impossibilidade de residir em seu espaço, aí se estabeleceram. Valparaíso de Goiás não se configura exceção à regra. A exemplo da Paris de Haussmann, os moradores da cidade, ao final do dia enfrentam além dos ônibus lotados o mal humor dos companheiros de jornada. Chegar em casa, dormir e retornar à rotina de mais um dia de trabalho no Distrito Federal. Estabelece-se assim uma relação simbiótica que remota ao surgimento do Núcleo Habitacional Parque São Bernardo ou Parque da Divisa, como era conhecido por muitos.

O primeiro loteamento registrado na área onde doravante seria o município de Valparaíso de Goiás é o hoje bairro “Parque São Bernardo”. Localizado às margens da BR-040, o loteamento, que recebeu a alcunha popular de “Parque da Divisa”⁸³, abrigava em seus primórdios pequena parcela populacional. Com o início das obras de construção de Brasília na segunda metade da década de 1950 aflui para a região grande contingente populacional. Ao término da construçãourgia “sanear” o espaço da capital federal. Deslocar para fora da fronteira do Distrito Federal as “mulheres de vida fácil”, os trabalhadores braçais. O loteamento Parque São Bernardo, dada à sua localização, torna-se o lugar ideal para abrigar as

⁸³ Essa alcunha surge em função de o loteamento delimitar o território da então cidade de Luziânia, hoje Valparaíso de Goiás, com o Distrito Federal. Seu Decreto de Criação é o de nº 255 e data de 17 de Dezembro de 1959. Cf. Valadão, L. A. N.; Nascimento, L. C. do. **Lixo e cidadania, a construção a partir da organização**. 2004. p.28.

“moças” que vieram “fazer a vida” na nova capital federal⁸⁴. Uma moradora do município, profissional da educação, sobre o exposto afirma:

O primeiro loteamento nosso foi registrado em 1959. Portanto um ou dois anos após o início da construção de Brasília... é... um ou dois anos né... e... naquele momento é... exatamente isso né... e... assim... eu já ouvi testemunhos de pessoas que viveram essa época aqui da prostituição de luxo. Quem frequentava o Parque São Bernardo na época eram as autoridades federais que ficavam em Brasília... e... e... vinham né... pra... pra... pros seus encontros amorosos aqui nessa região, só que aquilo ficou uma coisa bastante reduzida né... no Parque São Bernardo... ali, naquele pedacinho.

Em sua obra sobre a cidade de Valparaíso de Goiás, Mattos (2008:14) traz a letra de uma música composta por uma artista de nome Vera Verônika que nos possibilita elaborar um perfil dos moradores do Parque São Bernardo no referido período. Afirma a canção:

Em virtude da má distribuição de renda do meu país, Brasil, fui excluída do meu chão sem chance de reação. (...) A candanga negra, solteira, com família toda brasileira, com mãe e irmão, sem direito ao tão sonhado teto. Fomos expulsos, abandonados e jogados ao relento da ilusão. O pouco que tínhamos não dava para um aluguel decente e invasão não era pra gente. E foi no chão de barro vermelho, sem infraestrutura, sem água, sem esgoto, sem luz, sem vizinhança, sem esperança, que fomos acolhidos, Entorno Sul, Valparaíso, Parque São Bernardo, o bairro, que na verdade era mais distante, onde a cada 10 casas 09 eram ponto de prostituição, bocas de fumo e degradação. Em meio a tiros e gritos erguemos nosso barraco, hoje uma casa digna, considerada por nós o palácio, intitulado Recanto da Paz, o orfanato que acolhe crianças carentes dando-lhes um futuro decente.

O relato de vida expresso na letra da música de Verônika resume a experiência de migração de inúmeros brasileiros que acreditaram no projeto de construção da “Capital da Esperança”. O que esses homens desconheciam desse projeto é que somente sua força de trabalho era desejada. O ambiente da nova capital não fora planejado para abrigar os migrantes que aí aportaram. Assim como Verônika, muitos dos trabalhadores da construção de Brasília foram impelidos a mudar para as adjacências do Distrito Federal. Oriunda dessa necessidade surge a corrente migratória para Valparaíso de Goiás.

Acerca do surgimento de Valparaíso de Goiás, existe uma controvérsia. Alguns afirmam que este teria sua origem não em função do Decreto de nº 255 de 17 de dezembro de 1959. Mas sim em função da criação do Núcleo Habitacional “Valparaízo I”⁸⁵. Assim o fazem

⁸⁴ Cf. Pimentel, A. **Visão Histórica de Valparaíso de Goiás**, 2006. pp.13-14; Mattos, W. Valparaíso de Goiás de corpo e alma: o resgate da história de uma cidade, 2008. pp. 14-16.

⁸⁵ De acordo com Valadão e Nascimento (2004), o Núcleo Habitacional “Valparaízo I” foi planejado e construído pela Construtora ENCOL S.A. Sua construção se deu no ano de 1979. No ano seguinte foi inaugurado o bairro “Valparaízo II”. Assim sendo, o Núcleo Habitacional “Valparaízo I” é oficialmente o sítio urbano do município. Ou seja, o local onde a cidade surge de forma planejada. Quanto à grafia com “Z” do nome

com base na afirmativa de que foi a partir de então que surgiram respectivamente as etapas planejadas “A” e “B” do referido núcleo.

Não discordamos dessa leitura efetivada. Porém, ressaltamos que o povoamento da região do hoje município de Valparaíso de Goiás se dá pela existência do loteamento “Parque São Bernardo”. Já o sítio urbano⁸⁶ de Valparaíso de Goiás, esse sim, surge em função da construção do, já referido, núcleo habitacional. As informações aqui registradas elucidam, a nosso ver, as demandas em torno da questão.

Valparaíso de Goiás assume; mediante a impossibilidade de Brasília absorver o contingente de trabalhadores que se negam ao retorno após o término das obras, o papel de receptor de significativa parcela desses migrantes. A cidade é hoje, conforme exposto no capítulo anterior, no contexto do estado de Goiás e na Microrregião do Entorno de Brasília, a de maior densidade demográfica.

A partir do momento em que absorve o contingente de migrantes que não conseguiu se estabelecer em Brasília, o vínculo com o Distrito Federal torna-se mais estreito. Valparaíso de Goiás cresce em contingente populacional. As relações para uso de equipamentos sociais e urbanos se desenvolvem no Distrito Federal. Luziânia é uma realidade latente na vida dessas pessoas. Urge, pois, emancipar-se.

2.5 Valparaíso de Goiás: caminhos que levam a Brasília

*Valparaíso tu és forte, varonil,
Irmão da capital do meu Brasil.⁸⁷*

Versos do hino do município.

Conforme visto anteriormente, desde o período imperial que já se cogitava no Brasil a necessidade da interiorização da capital do império. Questões de segurança nacional, dentre outras, eram apontadas para justificar a premissa. Debalde os esforços envidados, o

dos núcleos habitacionais, as autoras afirmam dever-se o fato a um erro de grafia que não tendo sido corrigido, foi referendado pelo então governador, não podendo mais a partir daí ser alterado.

⁸⁶ Sítio urbano refere-se ao local no qual está superposta a cidade, sendo assim a classificação quanto ao sítio leva em consideração a questão topográfica. Como exemplo, temos: cidades onde o sítio é uma planície, um planalto, uma montanha. Cf. **IBGE, 2010**. O sítio urbano pode ser entendido como sendo um marco topográfico; relevo onde a cidade surgiu e se desenvolveu.

⁸⁷ Versos do hino da cidade de Valparaíso de Goiás. Letra: Esmael Lopes. Melodia: Kleber Carvalho.

sonho somente se materializou em fins da década de 1955. Sob a batuta de Juscelino Kubistchek inicia-se no sertão goiano a construção da nova capital federal.

Foram recrutados trabalhadores em diversos setores da população. Aportavam pessoas de todos os estados brasileiros para construir a “capital da esperança”. Passados 54 anos, pode-se afirmar que Brasília efetivamente cumpriu seu papel histórico de “interiorizar” o país. Mais, a construção de Brasília viabilizou o aumento populacional do Centro-Oeste. Paviani (2012:11), ao tratar do processo de interiorização a partir da construção de Brasília destaca a relevância da capital nesse contexto

(...) A solução macro do IBGE mostra o deslocamento da população para o Centro-Oeste, o que Getúlio Vargas denominou de Marcha para o Oeste. Juscelino Kubistchek fez diferente de Vargas ao transferir a capital e conseguiu aumentar a mancha do povoamento que era mais evidente no litoral e foi se alargando para o interior e aumentou o povoamento do Centro-Oeste. Para o Brasil foi bom, Brasília cumpriu seu papel, à medida que, se não existisse, não teríamos esses quase quatro milhões de habitantes no Planalto Central. Favoreceu também a região de Padre Bernardo, criou a Nova Planaltina- Brazilinha- aumentou o povoamento de Luziânia e de diversos municípios, Formosa também se expandiu.

Embora não tenha sido mencionado pelo autor, uma vez que à época pertencia ao município de Luziânia, Valparaíso de Goiás está entre aqueles que viram aumentar seu contingente populacional a partir da construção da nova capital. O processo de adensamento populacional da cidade de Valparaíso de Goiás pode ser analisado a partir de três momentos bastante distintos.

A vinda de pessoas, dentre elas as prostitutas, para o loteamento Parque São Bernardo em fins da década de 1950. Estas se viram impossibilitadas de permanecer em Brasília devido à necessidade de “sanear” o espaço da nova capital para a chegada dos “distintos moradores”. Em um segundo momento, marcado por um intenso fluxo migratório temos as dificuldades impostas pelo alto custo de vida e moradia em Brasília e suas cidades-satélites. A saída encontrada é migrar para as cidades goianas da Área Metropolitana de Brasília, dentre elas Valparaíso de Goiás.

E mais recentemente, com os programas de incentivo à moradia – Programa Minha Casa Minha Vida⁸⁸ – desenvolvidos pelo governo federal, novamente o município de Valparaíso de Goiás recebe acentuado número de migrantes. De acordo com a gestora do

⁸⁸ O Programa Minha Casa Minha Vida – PMCMV – Recursos FAR (Fundo de Arrendamento Residencial) é um programa do Governo Federal em parceria com os estados e municípios, gerido pelo Ministério das Cidades e operacionalizado pela Caixa Econômica Federal. O objetivo do Programa é a produção de unidades habitacionais, que depois de concluídas são vendidas sem arrendamento prévio, às famílias que possuem renda familiar mensal até R\$1.600,00. Cf. **Ministério das Cidades**.

município⁸⁹, o grande responsável na atualidade pelo aumento populacional deste é o programa já mencionado.

Após a década de 1970, acho que ficamos aí durante dez/doze anos que foram um crescimento normal. As pessoas saíam de Brasília e vinham para cá. De outros locais também, mas principalmente de Brasília. Acredito que nos últimos sete anos é que houve um crescimento muito grande realmente. E aí foi muito em função dessa questão da moradia. Esse crescimento rápido e muito grande, né... acho que muito em função da procura pela moradia e claro (...) da questão imobiliária, né... da moradia, das grandes construtoras que vão chegando aqui. Eu acho que isso tá muito vinculado a esse *boom* que foi criado no governo, no país como um todo né... estimulado pelo programa Minha Casa Minha Vida. Eu acho que isso teve um peso grande nesse crescimento imobiliário da cidade.

A oferta de moradia é incontestavelmente um elemento que atrai pessoas para Valparaíso de Goiás. Foi assim quando do “saneamento” da capital federal, quando da fixação dos “candangos” e novamente pela vinda daqueles que buscam por moradia a preços acessíveis. Pela fala da gestora confirma-se a inferência de que o PMCMV configura-se em um dos vetores de crescimento populacional de Valparaíso de Goiás na atualidade. A figura que segue ajuda-nos a entender essa dinâmica populacional que redundou em um aumento no número de moradores de Valparaíso de Goiás no decurso de sua existência.

⁸⁹ Prefeita Lucimar Conceição do Nascimento. Eleita para a gestão 2013/2016.

Representação gráfica do processo de expansão populacional no município de Valparaíso de Goiás - 1995/2010

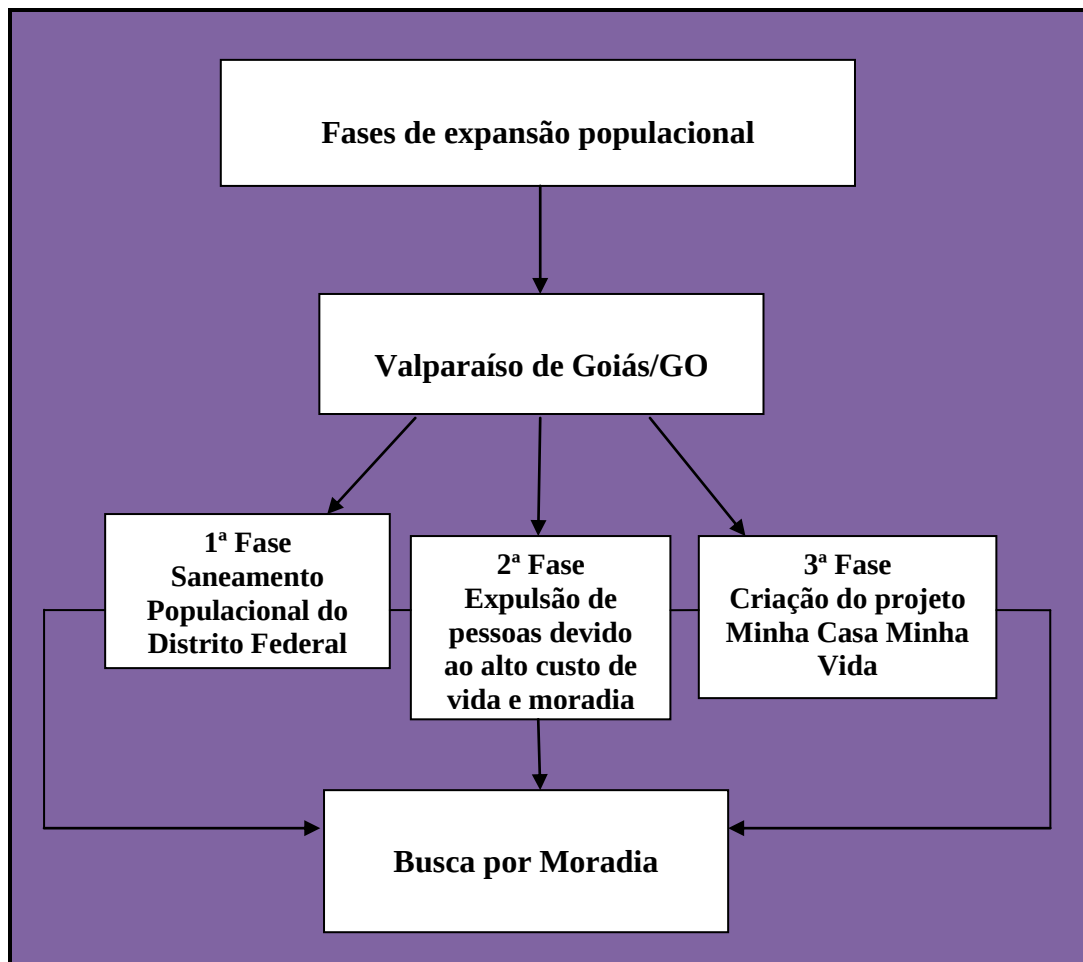


Figura 05- Fases de expansão populacional do município de Valparaíso de Goiás/GO.
Elaboração e organização: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

A representação gráfica do processo de expansão populacional de Valparaíso de Goiás nos leva a inferir que, embora os atores constitutivos de cada uma das fases difiram, o mote é sempre a moradia. Donde se conclui que a migração para a cidade se espacializa na busca pela moradia. Nessas circunstâncias é lícito afirmar que a migração é uma prática sociocultural. A cidade de Valparaíso de Goiás, em sua maioria composta por migrantes em uma condição transfronteiriça⁹⁰, figura enquanto objeto de estudo pelo viés cultural.

Acreditamos que, conforme exposto, os moradores de Valparaíso de Goiás encontrem-se em uma condição “transfronteiriça”. Explica-se. Os moradores da cidade deslocam-se diariamente entre duas unidades federativas. Nesse deslocar-se cotidiano necessitam negociar sua existência, gerenciar conflitos. Encontram-se no “entremeio de duas

⁹⁰ Termo aqui empregado no sentido de transposição de barreiras subjetivas e materiais entre duas unidades federativas.

condições de fronteira”. De um lado a cidade goiana onde estabeleceram moradia; de outro o Distrito Federal, local onde efetivam atividades para a sobrevivência. A mencionada condição de transfronteiriços se apresenta ainda no campo da subjetividade. Nas fronteiras imaginárias que necessitam ser transpostas.

A experiência migrante, dessa forma, resulta em adaptações na vida do indivíduo. A decisão de migrar, desde o momento em que se organiza mentalmente, vai promovendo um desenraizamento de seu local de origem. A jornada experienciada até o local de acolhimento traz em si novos elementos que comporão a identidade social desse ser migrante. Ressaltamos, embasados em Silva (2006:25), a importância dos Estudos Culturais em seu papel de deslindar esse universo permeado por subjetividades.

(...) os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante perigosa, talvez uma redução, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais.

O autor ao tratar da definição e aplicação dos Estudos Culturais reporta-se a Marx em sua obra *O Capital*, volume I, na qual é feita uma comparação entre o pior arquiteto e a melhor abelha. Esta analogia se justifica pelo fato de Silva proceder a uma análise da consciência humana e da importância desta na elaboração mental de nossos desejos.

Segundo o autor “(...) os seres humanos são caracterizados por uma vida ideal ou imaginária, na qual a vontade é cultivada, os sonhos são sonhados e as categorias elaboradas.” A análise da categoria migração pelo viés dos Estudos Culturais, estes por sua vez considerando a subjetividade do processo, configura-se procedente. Ao articular sua partida o migrante se equipara ao arquiteto em seu projeto. A mudança se dá no campo da consciência. A vontade é o propulsor para a elaboração e materialização do projeto de migração. O ato de imaginar é subjetivo e intrínseco ao ser humano.

Os moradores de Valparaíso de Goiás vivenciam essa lógica cotidianamente. Sua rotina de trabalho, estudo e/ou lazer os leva ao exercício mental de construção do cenário que os aguarda. As dificuldades enfrentadas desde cedo para a mobilidade vão se multiplicando no decorrer do dia e culminam com o processo sempre desgastante do retorno ao local de moradia. Nesse contexto, de uma condição transfronteiriça, negociações se efetivam. Os elementos resistentes e sobreviventes dessas negociações são classificados de culturais e podem ser apontados como componentes de uma “negociação identitária”.

O espaço de fronteira, sendo assim, configura-se em local de diferença. Espaço de pluralidade demográfica onde se efetivam ações que resultam em processos de construção de identidades. Vivendo em uma condição transfronteiriça, na qual a vida cotidiana se materializa em seu local de trabalho e não naquele onde residem, os moradores de Valparaíso de Goiás estabelecem negociações que redundam em aparente enraizamento no Distrito Federal e não na cidade que os acolheu em sua jornada migratória.

Segundo Fischer (1994:176) “(...) o local onde se vive constitui em si um traço cultural do habitante: a sua casa e, de maneira mais lata, o espaço social em que se encontra, são sempre vistos e designados à luz da norma de que ele é, do mesmo golpe, objeto.” Ou seja, o indivíduo imprime em seu local de moradia características de sua formação identitária. O espaço de moradia é em si mesmo um espaço de alteridade.

Por esse raciocínio, os moradores de Valparaíso de Goiás negociam sua relação identitária com Brasília. Uma vez que é no espaço da capital federal que desenvolvem suas atividades de trabalho, lazer, educação. E não raras vezes buscam também por atendimento na área de saúde. Desta forma, considerando as condições de materialidade da busca pela sobrevivência dos moradores de Valparaíso de Goiás, percebemos uma dificuldade por parte destes de viver em plenitude o seu lugar de moradia.

A condição expressa, aparentemente, tolda-os da percepção de aspectos positivos na cidade de Valparaíso de Goiás. Acreditam ser tributários da “generosidade” distrital que os acolhe em seu espaço e a eles oferece equipamentos de lazer, saúde e trabalho. Não conseguem perceber que é na cidade de Valparaíso de Goiás que se concentra significativo contingente de trabalhadores do DF. Assim sendo a cidade exerce papel de relevância na oferta de mão de obra para o referido distrito. Se buscam por equipamentos públicos em solo distrital é na AMB que a mão de obra se concentra. Configura-se assim uma centralidade dos municípios goianos em relação a Brasília.

2.6 Valparaíso de Goiás: uma centralidade possível

O conceito de centralidade, largamente empregado por vários autores, dentre eles Gottdiener (1993), Villaça (2009), Telles (2010) vem sendo questionado nos últimos tempos. Tal se deve ao fato da presente espacialização do capital. Este tem se organizado em áreas ditas periféricas. As grandes empresas estão abandonando os centros urbanos tradicionais,

quer seja por questões de espaço quer seja por incentivos fiscais recebidos e se estabelecendo em médias e pequenas cidades⁹¹.

Pela visão destes autores o conceito é cunhado a partir da ideia de que o que atribui a centralidade é a presença de investimentos do capital. O conceito é construído, pois, pensando nos grandes empreendimentos financeiros efetivados em determinadas localidades. O que tornaria esses locais um polo de atração. No caso de Valparaíso de Goiás, o que nos leva a propor uma inversão de centralidade é o fato de que, dos entrevistados, mais de 45% afirmou trabalhar no distrito Federal.

É assim que, em uma leitura invertida do conceito de centralidade, consideramos como elemento de referência a oferta de mão de obra. Para tal levamos em conta o fato de que para se materializar o produto financeiro prescinde de trabalhadores. Nessa lógica, o espaço onde eles se encontram torna-se central. Não negamos a importância de Brasília enquanto cidade polo. É neste espaço que os moradores buscam por lazer, serviços de saúde, trabalho e educação. Embora na atualidade esses serviços sejam ofertados na cidade, Torna-se conveniente para essas pessoas aglomerar tais atividades no local onde passam a maior parte de seu dia. Além de que, em Brasília, esses aparelhamentos estatais são classificados pelos mesmos como de excelência.

Essa convivência estreita em terras distritais desorganiza as relações identitárias desses sujeitos com seu local de moradia. De acordo com Haesbaerth (2007:33) reportando-se a Lévi-Strauss para falar da crise identitária no mundo moderno, a construção da identidade se estrutura em uma dimensão histórica e geográfica. Essa construção encontra-se vinculada ao passado, à memória, à imaginação e ao espaço vivenciado. Vincula-se ainda ao presente, ao entorno espacial que vivenciamos. Nas palavras do autor:

Lévi-Strauss acrescenta que, muito mais do que prendermo-nos aos aspectos meramente subjetivos dessa crise, devemos nos ater “às condições objetivas” que ela expressa. Daí a relevância, também, de uma abordagem geográfica da identidade,...). Como sabemos nossas identidades – em seu caráter mais ou menos múltiplo – são sempre configuradas tanto em relação ao nosso passado, à nossa memória e imaginação, isto é, à sua dimensão histórica, quanto em relação ao nosso presente, ao entorno espacial que vivenciamos, isto é, à sua dimensão geográfica.

Pelo raciocínio do autor, podemos afirmar que há latente no migrante o desejo de, embora preservando aspectos identitários de outrora, inserir-se e ser aceito nos novos padrões identitários expressos no lugar de destino. Em se tratando de Valparaíso de Goiás os dados da

⁹¹ Cf. Santos, M. **A urbanização brasileira**, 2009. p.60. O autor trata aí de aspectos da metropolização e desmetropolização dos grandes centros urbanos.

pesquisa apontam para um acentuado estágio de desenraizamento. Os habitantes da cidade, aparentemente não buscam o pertencimento ou enraizamento ao local de chegada.

Esse anseio por pertencer se evidencia em relação a Brasília. Os moradores de Valparaíso de Goiás desejam na verdade, viver em Brasília. É para lá que convergem seus sonhos de migrante. Esse suposto desenraizamento, a nosso ver, acentua a situação de fragilidade social presente no município. É registrado aí índices elevados de violência, baixa qualidade de vida, ineficiência na oferta do aparelhamento estatal.⁹²

Constata-se que a “matriz” populacional do município de Valparaíso de Goiás é o migrante. Que este morador não tem a cidade como ponto final de sua jornada. Em nossa pesquisa quando perguntamos aos entrevistados se pretendem mudar-se de Valparaíso de Goiás a resposta é, em sua maioria, afirmativa. Quase nunca a intenção é retornar ao lugar de origem. O destino apontado por aqueles que desejam mudar-se é marcadamente Brasília.

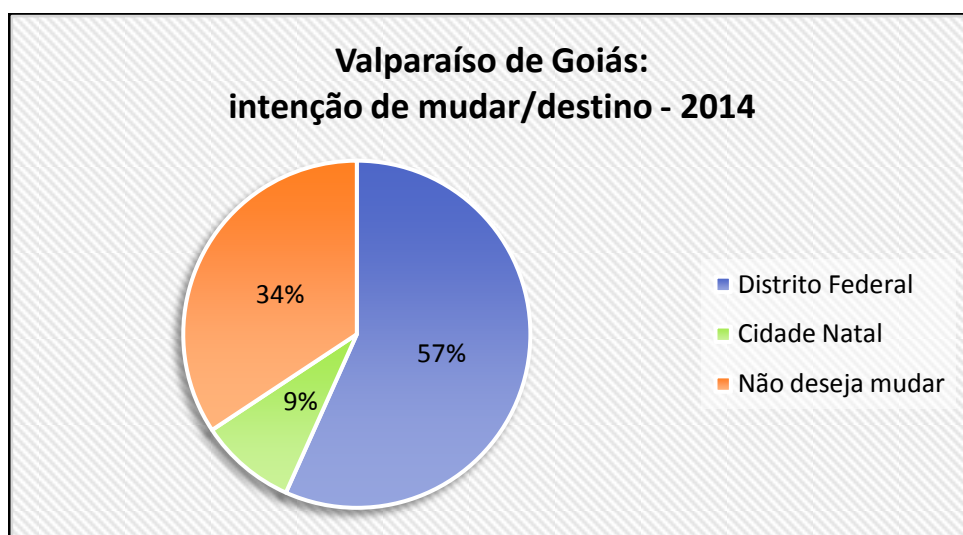


Gráfico 04- Intenção dos moradores de Valparaíso de Goiás de mudar de cidade, 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Esse desejo premente por viver Brasília é visto por parte dos moradores do quadrilátero com reserva. Ser morador do “entorno” é estigmatizante. Morar aí deixa de ser a referência a um espaço físico e torna-se padrão socioespacial. Elemento constitutivo de uma identidade por vezes renegada pelos próprios moradores e por seus vizinhos do Distrito Federal. De acordo com uma moradora do município, militante política, há por parte da

⁹² A carência ocorre principalmente nas áreas de saúde, lazer, educação, transporte e oferta de trabalho.

população do Distrito Federal certa abjeção à população das cidades da AMB. Inclusive aos moradores da cidade de Valparaíso de Goiás.

É... foi... interessante, quando eu mudei pra cá, o eu que eu percebi rapidamente, que a população, que mesmo a população que eu... aquele grupo que eu me... me... convivia um pouco mais, que era o partido dos trabalhadores dentro de minha militância política, uma compreensão dentro daquelas pessoas... né... entre aquelas pessoas lá no Distrito Federal de uma compreensão de que as pessoas que eram aqui do Entorno... do chamado Entorno de Brasília, dessas cidades vizinhas é... elas demonstravam em suas ações, palavras, atitudes uma compreensão de que essa população aqui do entorno é... pudesse ser uma população menos capaz, uma população que tivesse menos conhecimento né... e... enfim, uma certa marginalização. Um tratamento meio que de marginalização da população do Distrito Federal em relação à população do Entorno. Eu sempre percebi um sentimento muito forte disso.

Para a população do Distrito Federal, os moradores do “Entorno de Brasília” são vistos como problema. A esses sujeitos é atribuída a responsabilidade pelo elevado índice de criminalidade, pela desqualificação da mão de obra. Morar no “entorno” é algo como ser rotulado por antecipação com a pecha de inferioridade. Ressaltamos que essa é uma visão estereotipada por parte daqueles que residem no quadrilátero do Distrito Federal.

Estereótipo esse compartilhado por expressivo número de habitantes da AMB. Ser morador do “entorno” não simboliza em si um problema. Este corporifica apenas os problemas resultantes da ineficiência das políticas públicas aplicadas à região. Em função do exposto, os habitantes de Valparaíso de Goiás renegam sua condição de moradores da AMB enquanto referencial social.

Haesbaerth (2007) afirma que a diluição dos referenciais sociais de cunho coletivo resulta nas chamadas disfunções psicossociais contemporâneas. Em Valparaíso de Goiás essa diluição de referenciais interfere nas relações estabelecidas pelos moradores com a cidade. Causa certa intolerância por parte da sociedade da cidade mencionada em relação ao mesmo e impossibilita a construção de um senso de pertencimento.

Brasília, o objeto tão desejado, o “pomo de ouro” da trajetória migrante; está, para aqueles que aí desejam habitar, acima de qualquer crítica. As cidades da área metropolitana desta, por seu caráter de fragilidade social tornam-se um espaço indesejado, abjeto. As trocas são vistas sempre na perspectiva de Brasília enquanto uma “irmã” melhor equipada que tem por destino acolher seus “irmãos” desfavorecidos da AMB.

Não ocorre a esses indivíduos pensar que a relação que se estabelece com Brasília é de troca. Onde um se beneficia daquilo que o outro pode ofertar. Uma relação simbiótica. Embora os moradores das cidades goianas busquem em Brasília o aparato estatal que tanto

carecem, têm, eles também muito a oferecer à “irmã mais bem sortida”. A mão de obra é imprescindível para que o capital se reproduza. Este item é ofertado, em sua maioria pelas cidades da AMB, dentre elas, Valparaíso de Goiás. Delineia-se assim, uma interrelação para as personagens desse contexto.

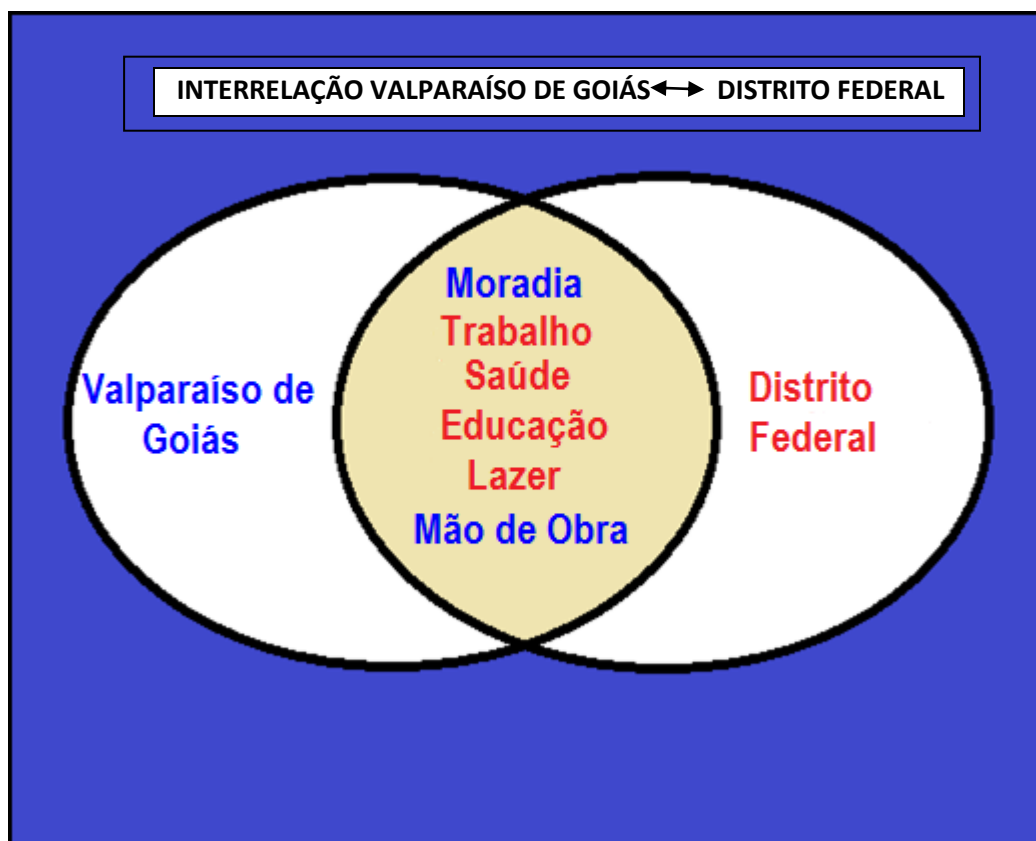


Figura 06- Representação da interdependência entre o município de Valparaíso de Goiás/GO e o Distrito Federal. Elaboração e organização: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

Em face do exposto e da análise da figura infere-se que Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal imbricam-se na tessitura do espaço metropolitano. A visibilização dessa relação promoverá uma mudança qualitativa nos referenciais identitários dos moradores da cidade. Evidenciará para esses sujeitos a condição do lugar de moradia enquanto um espaço do dever. Espaço este que pode, também ele, ser considerado de centralidade. Para a valoração dessa condição de centralidade invertida, mister se faz, a consciência de que em um universo de disputa pelo poder é necessário valorizar o “produto” ofertado.

Concomitante a esse processo de valoração proposto, ressaltamos a pertinência, por parte dos gestores das duas unidades federativas, em suas instâncias municipal, estadual e mesmo federal de desenvolver políticas públicas que contemplem com eficácia as cidades goianas da AMB. Essa proposta de gestão integrada é defendida por Paviani (2012:12).

Os governantes vão ter que pensar em termos de gestão futura e não em interesses pessoais, locais e clientelistas. Requer um planejamento reagrupado, totalizante, decisões a serem tomadas nos próximos quatro ou seis anos, inclusive com o apoio de senadores, deputados federais em um diálogo com as bases políticas para apoiar este tipo de integração estadual.

A lógica da gestão compartilhada reforça a ideia de que Brasília e suas adjacências goianas são unas e indissociáveis. Que políticas públicas precisam ser pensadas de forma a contemplar este espaço como um todo (Nogales, 2010). A elaboração de políticas públicas tendo por base os eixos enunciados impacta de forma positiva no processo de formação identitária dos moradores da AMB. Com destaque para Valparaíso de Goiás.

Importante assinalar que a construção da identidade social está vinculada a um caráter reflexivo, relacional e dialógico. Ela se arcabouça no simbólico mas também no material. Toda dinâmica de construção identitária é eminentemente socioespacial e histórica. Assim como as imagens e representações permeiam o mundo contemporâneo, também as simbologias se imbricam na construção das identidades sociais. Daí a importância de elaboração de políticas públicas eficientes que minorem as vicissitudes às quais são submetidos os moradores de Valparaíso de Goiás e demais cidades da Área Metropolitana de Brasília.

Por todos os aspectos aqui percorridos sobre as relações estabelecidas pelos moradores de Valparaíso de Goiás no Distrito Federal percebe-se que estes encontram-se reféns do sonho de morar em Brasília. Por não haverem logrado êxito neste intento quando da chegada ao DF, cristalizou-se nestes indivíduos uma visão mítica de Brasília. A capital é concebida como lugar de realizações. Não são enunciados em momento algum os problemas urbanos aí existentes. Porém, na cidade de Valparaíso de Goiás, a percepção acerca destes apresenta-se bastante aguçada.

Aos moradores de Valparaíso de Goiás, Brasília figura ideal para habitar. As representações acerca do espaço urbano da capital foram, no correr dos tempos, consolidando-se. Dessa forma, viver, trabalhar, estudar no Distrito Federal é, para esses sujeitos, sinônimo de ascensão social. O *status quo* eleva-se perante os familiares que ficaram no lugar de origem. Ainda que não tenham conseguido estabelecer-se em Brasília, o simples fato de desenvolverem suas atividades diárias aí, alimenta, tais representações.

Pelos aspectos elencados aspectos as dificuldades enfrentadas por residir e trabalhar em locais diferentes configuram-se minimizadas se comparadas à experiência de “estar em Brasília”. As representações elaboradas dessas relações com Brasília e sobre a vida

materializada no município de Valparaíso de Goiás a partir da realidade descrita nos capítulos I e II serão por nós abordadas no capítulo que segue.

CAPÍTULO III

VALPARAÍSO DE GOIÁS O EU, O TÚ, O NÓS: REPRESENTAÇÕES DE UM MUNICÍPIO NA ÁREA METROPOLITANA DE BRASÍLIA

CAPÍTULO III

3. VALPARAÍSO DE GOIÁS O EU, O TÚ, O NÓS: representações de um município na Área Metropolitana de Brasília.

As representações construídas pelos moradores de Valparaíso de Goiás em relação a Brasília bem como os conflitos oriundos dessas representações em contraposição à realidade vigente foram por nós priorizadas para a construção do presente capítulo. As páginas que seguem pretendem evidenciar manifestações do universo dos moradores apreendidas em nossas incursões na cidade. A partir das entrevistas nos foi possível deslindar o cotidiano desses migrantes, hoje moradores de Valparaíso de Goiás.

A preocupação por entender o papel das experiências pessoais e coletivas dos moradores de Valparaíso de Goiás que deslocam-se diariamente para o Distrito Federal num esforço por vezes gigantesco para a materialização da existência pautou as nossas investigações. Urgia entender a forma pela qual esses indivíduos negociam a construção de sua identidade social e também de um possível enraizamento no município.

Os indivíduos que vivenciam tais experiências tornam-se documento vivo através do qual nos foi possível descortinar os conflitos e realizações de um projeto de vida. A necessidade de estar próximo ao centro de poder do país, atraiu inúmeras pessoas. Fez surgir diversas cidades nas adjacências do Distrito Federal. Entre o desejo de chegar e a premência de habitar, surgem as chamadas cidades da Área Metropolitana de Brasília-AMB. Essas nascem já com graves problemas de planejamento e infraestrutura urbana. Constituem-se, desde sua gênese, espaços sociais de fragilidade. Morar em uma das RAs de Brasília, qualquer que seja ela, representa para os moradores desses espaços de fragilidade uma oportunidade de ascensão social.

Morar na AMB é apenas um interregno no sonho de morar na capital. Brasília mexe com o imaginário das pessoas. Estar em seu espaço, morar aí significa privar do *status quo* de poder e sucesso. Brasília é cidade de promessas. Ainda que não materialize sua existência na capital, residir próximo a ela já alimenta tais representações. O encantamento por Brasília se faz notar no desejo manifesto de estar aí. O fascínio desenvolvido pela capital é subsídio para a manutenção do sonho migrante. Brasília se refaz, se transmuta diariamente da cidade do real para a cidade das potencialidades.

A capital federal, nesse contexto, para além do centro político do país, simboliza a ascensão social daqueles que aí habitam. Por não conseguir aí se estabelecer ou mesmo em

uma de suas RAs, faz com que os “esparramados”⁹³ se vejam em posição de maior dificuldade para mobilidade em relação àqueles que, em tese, obtiveram sucesso. Na condição de “esparramados” esses indivíduos desenvolvem por Valparaíso de Goiás uma “visão utilitária”. A cidade serve para oferecer-lhes moradia, algo que não conseguiram no Distrito Federal.

Porém, uma análise do tecido social da cidade mostra-nos que Valparaíso de Goiás, para além de simples “albergue”, tem capacidade de ofertar a Brasília possibilidades essenciais para as relações econômicas e de trabalho. A partir dos elementos que o município tem a oferecer ao Distrito Federal identificamos potencialidades, não consideradas quando se efetiva a leitura das relações estabelecidas com o referido distrito. Estamos a nos referir à oferta de mão de obra para Brasília. Com relação ao local de trabalho, dados da PMAD (2013:35) apontam que:

Quanto ao local de trabalho, das 76.141 pessoas que trabalham [em Valparaíso de Goiás], observa-se que 30.098 pessoas (39,53% do total) trabalham no próprio município e mais da metade, 42.373 pessoas ou 55,65%, trabalham no Distrito Federal. A grande maioria, 30.355 pessoas (39,86%), trabalha no Plano Piloto, superando, inclusive, os que trabalham em Valparaíso.

O quantitativo acima expresso acerca das relações de trabalho estabelecidas entre Valparaíso de Goiás e Brasília apontam para a importância que a cidade possui no que tange à oferta de mão de obra ao Distrito Federal. Conforme visto, o número de pessoas que trabalham em Brasília supera o daqueles que trabalham em Valparaíso de Goiás. Numa projeção pessimista, imaginemos esse contingente de trabalhadores pressionando o Distrito Federal por moradia. Somem-se a esse grupo os trabalhadores das demais cidades da AMB. Possivelmente ocorreria uma pane na estrutura organizacional do DF.

Ainda que Brasília ofereça postos de trabalho não possui meios de absorver todos os trabalhadores que se deslocam diariamente para seu espaço urbano. A existência das cidades da AMB torna-se a solução. Isso porque, essas pessoas, mesmo que passem o dia todo no espaço distrital, ao término da jornada de trabalho e nos dias de folga ou finais de semana desoneram a cidade. Aqueles que para aí se dirigem em busca de lazer somam um percentual infinitamente menor do que os que se deslocam para o trabalho todos os dias.

⁹³Cf. Paviani, A. (org.) **Urbanização e Metropolização: A Gestão dos Conflitos em Brasília**. Brasília, Ed. UnB, 1987. Paviani, A. **Brasília: A Metrópole em Crise**. Brasília, Ed. UnB, 1989.

Por essa lógica, o conceito de uma “centralidade invertida”, desenvolvido no capítulo II, torna-se pertinente. Surge como mecanismo para justificar uma ambivalência entre universos aparentemente conflitantes. Buscamos a partir desta abordagem visibilizar e apresentar elementos que contribuam para a valorização da posição de centralidade da cidade de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal.

3.1 Valparaíso de Goiás: representações de uma cidade

Ao estudarmos a cidade de Valparaíso de Goiás buscamos registrar a experiência dos sujeitos da/na cidade. O olhar dos moradores acerca de sua vida na cidade. Dada à diversidade de contextos, não nos foi possível perceber a cidade em sua plenitude. Esta continua a ser uma incógnita. Por mais que nos esforcemos, não nos foi dado percebê-la em toda a sua extensão. Guardamos, isso sim, em nosso imaginário, retalhos da cidade. Estes por sua vez, constituíram-se nas tramas elaboradas por nosso olhar ao percorremos a cidade. Cada morador de Valparaíso de Goiás, que foi por nós entrevistado, contribuiu com um “retalho”. A junção de todos os “retalhos” resultou na leitura efetivada da cidade (Calvino, 2003). A partir dessa urdidura apreendemos um pouco de Valparaíso de Goiás.

Ainda que a totalidade fosse nossa intenção, não nos foi lícito reunir todas as impressões, todos os retalhos de cidade armazenados por seus moradores. A cidade somente se mostra a nós quando nos prontificamos a desvendá-la. Caso contrário, ela será sempre uma desconhecida. Entretanto, a disposição para conhecê-la não implica desnudá-la em todas as suas nuances. Nas palavras de Canclini (2008:17):

Nenhuma análise abarca a totalidade dos processos urbanos e dos imaginários que ela engendra. Ao contrário, [...] é próprio das cidades, sobretudo das megalópoles, nos proporcionarem experiências de desconhecimento. Atravessamos zonas nas quais só podemos imaginar o que ali sucede.

Pela premissa do autor, consideramos que as representações sociais constituem-se em uma das alternativas que nos permitem perceber as formas através das quais as pessoas vivenciam e elaboram o discurso positivo ou negativo acerca da cidade e das relações aí estabelecidas (Jodelet, 2005). O mundo das representações sociais localiza-se em um espaço onírico onde cada indivíduo se expressa de acordo com as experiências vivenciadas no mundo real. As representações sociais, uma vez que construídas no contexto de um tempo, tornam-se mecanismo para a materialização dos fatos. É a partir destas que o indivíduo através de

construções simbólicas do mundo real, dá sentido a este, entende-o e nele se coloca por sua identidade social (Chartier, 2002).

Em Valparaíso de Goiás, o tônus das relações acima referidas é dado pelo contato diário com as Regiões Administrativas do Distrito Federal-RAs. Logo cedo a cidade, ainda adormecida, é pouco a pouco dominada pelo ronco dos motores dos ônibus e carros particulares que tenazmente buscam vencer imensos engarrafamentos que se formam no caminho até Brasília. A vida dos moradores da cidade é cortada pela dura realidade do cotidiano e o expresso desejo de morar no DF.

Conforme mencionamos nos capítulos iniciais, é no referido distrito que expressivo número de moradores de Valparaíso de Goiás trabalha, estuda e se diverte. A cidade, neste contexto, torna-se um *corpus* desconhecido para seus moradores. Apresenta um tempo descontínuo no qual muitos saem de casa ao romper do dia e somente retornam à noite. Pouco ou nada vivenciam a cidade onde residem. Suas experiências se dão em outra unidade federativa. João, um de nossos entrevistados, afirma que:

Foi só nesse ano [2013] que eu consegui trabalhar em Valparaíso. Pra mim isso é muito bom. Foram mais de 20 anos trabalhando lá [em Brasília]. Eu saía de casa por volta das cinco e meia da madrugada, que era pra não pegar trânsito e na volta chegava em casa lá pelas nove horas. Final de semana tudo o que eu queria era descansar. Pra falar a verdade, tem só uns dois anos pra cá que eu comecei a conhecer Valparaíso. Antes eu só conhecia minha casa mesmo [risos].

Há uma recorrência na fala de João e dos demais entrevistados. O cotidiano estressante entre idas e vindas em condições precárias de transporte desanima as pessoas a uma experiência pela cidade nos dias de folga.⁹⁴ Desta forma, as representações sobre Valparaíso de Goiás que são elaboradas a partir do parâmetro do cotidiano em Brasília, constituem-se em mecanismo de apreensão das experiências desconhecidas. Percebe-se na fala dos entrevistados que as condições de existência são determinantes para as representações construídas e enunciadas acerca da cidade (Chartier, 2002).

Valparaíso de Goiás é uma cidade de “sempre chegantes”. Coexistem aí planos, sonhos, projetos, frustrações. Sua população é constituída por uma multiplicidade de pessoas. Estes têm origem diversa. A predominância é de migrantes oriundos da região Nordeste do Brasil. As vicissitudes que assolam a região impelem seus moradores à experiência migratória em busca de melhores condições de vida. O destino da maioria destes migrantes é Brasília. Para aí convergem seus planos de uma existência tranquila.

⁹⁴ A questão do exercício do lazer será tratada posteriormente com maior aprofundamento.

As entrevistas realizadas com os moradores de Valparaíso de Goiás evidenciaram que morar na cidade foi uma alternativa, não planejada, para a impossibilidade de habitar em Brasília. Muitos afirmaram que não queriam retornar para seu lugar de origem. A senhora Elizabete, filha de migrantes baianos, quando perguntada se voltaria a viver em sua cidade natal ou se mesmo seus pais considerariam a possibilidade do retorno afirma que:

Eu não voltaria... eu não me vejo...sério mesmo, fora de Valparaíso não. Nunca pensei em mudar daqui não. Aqui é perto de tudo...meu trabalho...a escola dos meninos [os filhos estudam em Brasília]. Meus pais...também acho que não. Nunca ouvi eles fazerem planos pra voltar. Quando você muda, sua vida toma um rumo diferente da vida que cê deixou pra trás, entende? Os amigos vão passando...a cidade vai mudando...você muda junto. Não...com certeza meus pais também não voltariam pro sertão.

A partir do depoimento de Elizabete é possível entrever as dificuldades enfrentadas pelo migrante em sua jornada de deslocamento. Ainda que os anos tenham passado, estas reminiscências permanecem vívidas em sua memória. Voltar implicaria reviver um contexto que se supõe superado. Além das questões inerentes à forma pela qual esses indivíduos vieram morar em Valparaíso de Goiás, percebemos nos depoimentos um desejo velado de permanência na cidade. Embora um dos motivos alegados seja a proximidade deste com Brasília, não nos é permitido ignorar essa predisposição em fixar-se.

Para nossos entrevistados Brasília sempre vai suplantar Valparaíso de Goiás. Afinal, morar na capital reforça a representação daquilo que Velho (1989:10) nomeou “mapa do prestígio”⁹⁵ quando de seu estudo acerca dos moradores de Copacabana que, em detrimento de morarem em um apartamento conjugado (quarto e sala), afirmavam seu desejo de permanência, justificando-o pela crença de uma “ascensão social”. Assim é com os moradores de Valparaíso de Goiás. Estes buscam, por suas ações, reforçar o “mapa do prestígio” e a condição de ascensão social. Ao enviarem notícias, fotos para os familiares distantes ou mesmo quando estes vêm em visita aos parentes que aqui residem, as imagens invariavelmente remetem à Brasília.

⁹⁵ Cf. Velho, Gilberto. **A UTOPIA URBANA: um estudo de Antropologia Social**. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, 1989. 115p.



Figura 07- Família posando para foto no mirante da Torre de TV de Brasília. Pai, morador de Valparaíso de Goiás; filho e nora moradores de Catalão-GO. 2013. Foto: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

Na foto acima temos uma família de Catalão-GO, cujo pai reside em Valparaíso de Goiás desde o ano de 2004. No dia em que tiramos essa foto, o genitor encontrava-se mostrando ao filho e à nora as “belezas” do lugar onde “mora”. Não é incomum a cena que presenciamos. Várias são as pessoas que se deslocam até a capital para tirar uma foto de “lembrança”. Tivemos a oportunidade de conversar com outras pessoas que também estavam ali com o mesmo propósito e que coincidentemente residiam em cidades da AMB. Seu Rafael, uma dessas pessoas, também morador de Valparaíso de Goiás, estava na torre com a netinha e o genro. Ambos residentes no Piauí. Seu Rafael nos contou que desde os anos 60 “mora em Brasília”.

Ihhh, já tô aqui já há um bucado de tempo, minha fia. Quando eu vim morar em Brasília, Valparaíso ainda era parte de Luziânia. Não...assim...deixa eu te explicar... eu moro em Valparaíso...mais até explicar pros parente que lá [Valparaíso de Goiás] não é Brasília...ixe! [risos] Já lá se vai temmpo. Eu até tentei algumas vezes, sabe...tentei mesmo! Mais aí ninguém sabia donde era. Então a gente simplifica que é pra eles intendê mais fácil, né? O negócio é tão isquisito que até ocê acostuma e acha que é mesmo né? [risos]. Assim... quando os parentes vem visitar a gente, não tem nada bonito pra mostrar lá [Valparaíso de Goiás] intão a gente traz aqui...que é pra ver as belezura do Planalto, né? Tirar umas fotos pra levar de lembrança [risos] Juscelino capricho, né não? Ademais, é tudo tão pertinho...não fosse o trânsito. Esse é o atapaio...eu tô aqui todo dia. É que trabalho no SIA faz uns vinte anos. Pode-se bem dizê que eu moro mesmo é aqui [risos].

Podemos, pela fala do Sr. Rafael, perceber o reforço de algumas representações construídas. Encontra-se impresso aí o desejo por estabelecer-se em Brasília, a negação do residir na AMB, o fascínio pela grandiosidade da “obra” de JK. Brasília é para esses

migrantes o lugar de referência. Não importa que residam fora do quadrilátero. A simples proximidade física já o predispõe a “morar” em Brasília. Estes sujeitos creem em uma mobilidade social que se materializa no momento em que se estabelecem, se não no DF, em suas adjacências.

Janete, moradora em Valparaíso de Goiás desde 1981, quando questionada acerca das relações estabelecidas com o município e do hábito de alguns dos moradores da cidade quando em viagem dizerem que moram em Brasília afirma que:

É...é engraçado isso eu já falei...e não é só quando eles estão aqui. Teve uma viagem que eu fiz e você vai pra um estado diferente. E numa delas a gente foi visitar uma praia...praia do Ermitão, salvo me engano. Aí tem um livro, pra você colocar né... da onde...o seu estado, sua cidade...e tal, aí a minha colega que tava comigo, porque a gente foi um grupo...colocou Brasília, aí eu fui lá e não, nós não somos de Brasília não. Eu coloquei Valparaíso. E eu não entendo porque as pessoas é...é...é a cultura. Talvez seja a cultura. Eu não sei te explicar bem porque as pessoas, mesmo morando é...no entorno querem dizer pra fora que moram em Brasília. E as pessoas que estão lá também, acham que tudo é uma coisa só. Quando a gente manda carta né ou você fala com um parente seu que está distante, mesmo você falando Valparaíso, quando você chega lá no local onde eles estão [lugar de moradia] eles falam pros colegas deles que nós somos de Brasília. E mesmo que a gente frise, não Valparaíso é próximo de Brasília. Mas eles têm uma cultura de que aqui é uma coisa só. Não sei te explicar mas talvez seja isso. As pessoas acham que Brasília, Valparaíso, Luziânia...mesmo Luziânia, não é só aqui né? As cidades do entorno são tratadas como Brasília! E até porque lá no Distrito Federal tem maiores opções culturais, esportivas...então as pessoas tiram foto lá e mandam né?

Vai-se evidenciando nas falas dos entrevistados uma estratégia de inserção social baseada na proximidade física entre os espaços urbanos. A cidade de Valparaíso de Goiás torna-se o elo possível entre a cidade de origem e Brasília. Os moradores acreditam que por residirem próximos a Brasília, seu *status quo* é elevado. Por essa lógica afirmam o desejo de morar em Valparaíso de Goiás e se negam a retomar sua existência em sua cidade de origem. Perguntamos aos moradores se planejavam voltar a morar em sua cidade natal. As respostas geraram os dados do gráfico abaixo.

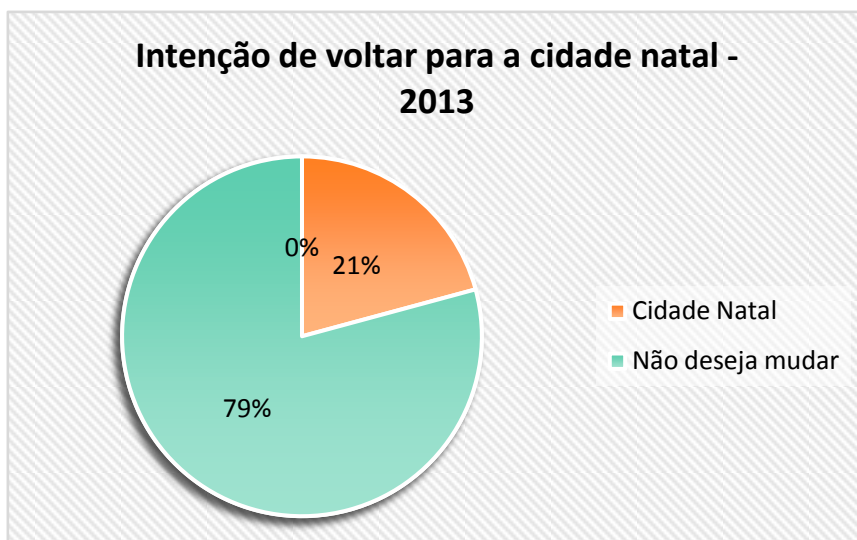


Gráfico 05 – Intenção de voltar para a cidade natal, 2013.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Entretanto, os dados apresentados pelo gráfico não pressupõem a existência de um senso de pertencimento⁹⁶. Para que se crie uma identificação com o lugar, no caso Valparaíso de Goiás, é necessário que este “diga” alguma coisa ao sujeito. E para esses moradores, outrora migrantes, a vinda para a cidade não implica no estabelecimento de vínculos afetivos com a mesma. Os moradores de Valparaíso de Goiás encontram-se em trânsito (Vidal, 2008). Vivenciam uma condição de ubiquidade. Escrutinam o cotidiano dos brasilienses no afã de brevemente compor aquele cenário. Goiânia é para eles apenas uma referência. Alguns nunca mesmo estiveram na capital do estado. Organizaram sua existência em terras goianas, mas é alhures, em terras distritais, que almejam estar.

Conforme afirmamos anteriormente, morar em Brasília configura-se a principal simbologia a permear o imaginário dos valparaísenses. Por esse contexto, se confirma o fato de que Brasília é o vetor da presença do migrante em Valparaíso de Goiás. Essa ubiquidade característica dos moradores da cidade, pela qual moram na cidade goiana e sonham com o habitar na capital, resulta em uma identidade de entremeio. A identidade pode ser definida como aquela que emerge no momento em que o sujeito encontra-se agregando novos elementos à sua identidade precípua. Ou seja, os moradores de Valparaíso de Goiás constituíram uma identidade intervalar (Bhabha, 1998). Encontram-se refinando suas experiências pretéritas. As permanências daí resultantes serão associadas ao novo modo de vida. Originar-se-á um novo ser. Esse processo configura as “negociações identitárias”.

Acerca dos pertencimentos locais e globais cf. Zanforlin, Sofia Cavalcanti. **Cidades, Migrantes e Pertencimentos: a Praça Kantuta como etnpaisagem intercultural**. Revista Esferas. Ano 1, no 1, julho a dezembro de 2012. pp. 81-88.

Negociar sua existência no lugar de chegada é parte do ato de migrar. Quando migra o sujeito carrega consigo as experiências vivenciadas no lugar de origem. Quando aporta necessita experienciar o meio. Este se afigura insondável. Por algum tempo o vivido fica relegado a um plano secundário. Nos embates cotidianos, passado e presente se imbricam para viabilizar a sobrevivência. As novas e antigas experiências vão se amalgamando. Desse modo, assume formato o morador de Valparaíso de Goiás. Um sujeito nostálgico de uma existência pretérita, porém, embevecido por um presente de possibilidades.

A nostalgia do migrante encontra-se por vezes transfigurada em objetos de memória trazidos da cidade natal, são fotos, vasilhas, livros. A memória armazenada é resultante não de um passado vivido, mas daquilo que escolhemos reter desse passado. Por essa ótica é lícito afirmar que a memória é algo seletiva (Candau, 2012). A organização dos elementos de memória ilustra as “negociações identitárias” efetivadas pelo sujeito migrante para a adaptação ao novo espaço de vida. Ao inquirirmos nossos entrevistados acerca dos objetos trazidos da cidade natal, aqueles que representavam o vínculo entre o que se deixou e o que se busca, muitos foram os que se emocionaram ao evocá-los. Foi assim com Lucimara:

É...tem, dois...dois objetos é...interessante...que, caminham comigo há mais de vinte anos...e que vieram, um foi, foi um pequeno sabonete de artesanato que eu recebi de uma amiga que foi colega do SESC. Nós trabalhamos juntas no SESC. E...num aniversário meu né ela me deu esse...esse sabonete e ele até hoje caminha comigo, né, fica na minha gaveta [lágrimas] [pausa] Ele...ele traz as lembranças de um momento muito rico... [suspiro]. Acho que sim...foi um momento muito bom quando eu...no período em que eu trabalhei no SESC em Goiânia. Foi meu primeiro emprego, na época um salário bom, enfim... Então esse, esse...eu nunca quis me desfazer desse...desse sabonete. E um outro objeto é uma cuia. Uma cuinha de cabacinha, aquelas cabacinhas de...de...[?] [a voz embargada pelas lágrimas impediu-nos de entender a palavra enunciada] né, de...de...orgânica. E o meu pai quando eu me casei e arrumando as minhas coisas né, da...da mudança [pausa] então naquele momento meu pai me deu essa cuinha, que a gente chamava de cabacinha né. Que lembra muito minha origem rural...a minha infância na fazenda. E aí quando eu me casei meu pai cerrou né, fez na serra...dessa cabacinha, fez a cuinha. E essa cuinha até hoje fica na vasilha onde eu guardo o açúcar...na minha casa. As pessoas até acham estranho, mas eu acho que é uma lembrança, uma...um objeto que traz minha história [lágrimas].

Lucimara é apenas um dos casos de moradores que se emocionaram ao referenciar objetos que contam de sua história no lugar de origem. Estes objetos constituem-se em importantes elementos para o ato de rememoração. Vidal (2008:211) sobre o sentido dos objetos de rememoração afirma que “(...) *Em geral, é exatamente nos objetos que manipulamos ou contemplamos que se aloja o que sobreviveu dos traços e dos gestos de um passado encerrado.*” Assim é para o migrante, quanto mais se afasta na aventura de migrar, maiores e mais fortes são os vínculos que o prendem ao lugar de origem. Quando Lucimara

atribui aos objetos que a acompanham o sentido de seu passado e ela os mantém por mais de vinte anos, inferimos que estes são para ela o elemento de ligação entre aquela que um dia deixou o “ninho” e o ser que surge no espaço de chegada.

É como se a presença de tais objetos se prestasse a transmutá-la a um tempo que, embora anseie muito, não pode retomar. O sujeito migrante encontra-se permeado por memórias plurais de sua vida pregressa. Estas são parte já do quadro identitário que o compõe. Entretanto, a decisão por migrar configura-se em uma aposta para estabelecer uma nova vida. Ante o descortinar de outra experiência esses sujeitos optam por desenraizar-se. Esse desenraizamento, conforme pudemos perceber nos depoimentos, não se dá por completo. A memória da existência no lugar de origem será sempre alimentada nos atos de rememoração.

Embora sintam saudades, mantenham vínculos aí, a vida na cidade de Valparaíso de Goiás figura melhor. O morador pode aqui ser comparado ao motorista, ainda que tenha os olhos no retrovisor, impulsiona seu veículo adiante. Ou seja, mesmo que não ignore sua experiência, ainda que reconheça a importância desta, não almeja o retorno. Justifica-se dessa forma o resultado apresentado no gráfico alhures e o depoimento dos entrevistados que alegam não querer retornar às cidades de origem. Em suma, a cidade é para nós, a medida de nossas buscas.

3.2 Valparaíso de Goiás: a moradia, o trabalho e o lazer como estatutos para o pertencimento

Uma cidade não se edifica somente por sua forma física ou mesmo pela disposição de suas ruas, casas ou comércios (Vidal, 2008). Conforme acima enunciado ela é configurada também nas lutas pela sobrevivência que têm lugar em seu bojo. Assim, a forma da cidade é dada também pelo gradiente populacional que nela habita. Por essa ótica figura como uma junção de variados modos e mundos. Inserem-se nestes mundos diversos os seus habitantes. Serão eles a partir das experiências cotidianas que nos possibilitarão apreender o maior número possível de facetas da cidade. Serão as representações por eles produzidas o veículo para a incursão na mesma.

Cada cidade é, pois, resultante da relação de seus moradores com seu espaço. Das experiências aí vivenciadas. Da trama da memória de seus cidadãos. A cidade é feita de ações cotidianas. Faz-se pelo pulsar da vida das pessoas (Calvino, 2003). Ao pensarmos nos elementos compositores de uma cidade a partir de seus moradores, somos incitados a

considerar as formas subjetivas da cidade. Estas são-nos apresentadas pela inserção destes em seus diversificados ambientes.

Cada habitante efetua sua própria leitura da cidade. Tal leitura é pautada pela forma através da qual esse sujeito vivencia o espaço urbano. Ao efetivar sua existência na cidade, o indivíduo a modifica e é por ela modificado. Constata-se assim que habitar implica deixar rastros, imprimir uma identidade. O exercício de habitar leva ao estabelecimento de um vínculo com o espaço habitado.

A partir da atribuição de valor a esse espaço, o sujeito desenvolve uma relação afetiva com a cidade. A cidade passa a ser então um “lugar”. Ao tornar-se um “lugar”, transforma-se uma referência afetiva para o sujeito que a habita. Tuan (1983:06) afirma que as noções de espaço e lugar encontram-se imbricadas. Este é consequência daquele.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra.

Para que haja uma transposição de “espaço” para “lugar” torna-se imprescindível o estabelecimento de pontos de identificação entre o primeiro e o sujeito. É necessário que aquele “diga” alguma coisa a este. Em outras palavras, é preciso que o sujeito seja capturado e comece a sentir-se parte do meio. Quando a cidade encontra-se organizada em torno de uma sociedade tradicional na qual as famílias que a habitam aí estão há várias gerações, a transição de espaço para lugar torna-se um desdobramento natural do habitar. Entretanto, nas cidades de formação recente, como é o caso de Valparaíso de Goiás, cuja composição populacional é de migrantes, a atribuição de valor ao espaço pode tornar-se um desafio a ser debelado.

Ao migrar o sujeito carrega consigo as experiências anteriores. Estas poderão ser buscadas a qualquer momento para direcionar ações no novo modo de vida. Nos embates cotidianos, portanto, passado e presente se fundem para o surgimento de uma nova identidade. Nesse exercício de adaptação o espaço vai gradativamente tornando-se lugar. Perscrutando a cidade de Valparaíso de Goiás, porém, percebemos em seus moradores um certo distanciamento para com a cidade. A diversidade e o excesso de contingente populacional desta, bem como a dinâmica do cotidiano de significativo número de seus moradores apontam para uma dificuldade por transformar “espaço” em “lugar”. Os moradores da cidade passam a maior parte de seu dia em outra unidade federativa.

Deslocam-se todos os dias para Brasília, porém, não frequentam os espaços da cidade na qual residem. Portanto, as experiências compartilhadas se dão em um espaço diferente daquele de onde procedem. Alguns moradores parecem mesmo desconhecer a totalidade urbana de Valparaíso de Goiás. Tratam os bairros da cidade de forma fragmentada. É como se cada bairro fosse outra cidade. Salientamos que este não é um comportamento isolado. No decorrer do trabalho de campo várias foram as vezes nas quais ouvimos alguém se referir a determinado bairro como se não pertencessem todos a uma mesma unidade municipal. Como se não formassem uma (uni)cidade. Moradora do bairro Céu Azul, Elizete diz não ter um conhecimento aprofundado do restante da cidade.

Eu conheço o Céu Azul e Valparaíso... eu não tenho assim...uma constância. Eu venho pra cá pra trabalhar. Conheço algumas pessoas aqui de Valparaíso, tanto da etapa “A”, “B” e “C”...do São Bernardo, mas eu...eu quase não venho a Valparaíso...minha vida fica mais entre Céu Azul e Brasília, né? Porque assim, no fim de semana eu vou pra lá ver meus parentes, às vezes a gente vai no culto. Intão assim...a vida é muito corrida né? Mesmo que a gente queira não dá pra ficar vindo a Valparaíso. Mas a cidade é boa né?

Pelo exposto evidencia-se uma fragmentação do todo citadino. Esse olhar fragmentado é reforçado, por exemplo, na estruturação das linhas de ônibus que servem a cidade. Existem linhas de ônibus para a cidade de Valparaíso de Goiás e uma linha específica para o bairro Céu Azul saindo da rodoviária de Brasília. Aqueles que desconhecem a dinâmica urbana local podem ser conduzidos a pensar que se trata de distintas cidades.

Inferimos que esses sujeitos, em função da forma “incompleta” pela qual experienciam a cidade, apresentam uma dificuldade para torná-la um lugar. Para que tal ocorra, faz-se mister que os moradores construam socialmente sua experiência de vida em Valparaíso de Goiás. Há que se estabelecer uma rotina de vida na cidade. Salientamos que tal rotina necessita ser coletiva. Somente assim esses sujeitos fruirão a cidade de forma efetiva. Necessitam não apenas residir no espaço urbano de Valparaíso de Goiás, mas inserir-se nele. Sentir a cidade em suas mais variadas formas. Agindo assim conseguirão recolher elementos, vivenciar experiências que viabilizem familiarizar-se com a mesma. Os dados levantados neste estudo apontam que as relações dos moradores de Valparaíso de Goiás com as RAs do Distrito Federal são bastante intensas. Acima de 90% dos entrevistados afirmaram ir diariamente a uma das RAs.



Gráfico 06- Valparaíso de Goiás: relação com as cidades do DF. 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Fica evidente pelo registro dos dados a integração dos moradores de Valparaíso de Goiás às RAs do Distrito Federal. Entretanto, conforme a fala dos entrevistados, o mesmo não se dá em relação ao espaço da cidade. O estreitamento das relações cotidianas entre os moradores da cidade e o aparelhamento público estatal do Distrito Federal encontra-se expresso no gráfico. Aparentemente essa relação implica em dificuldades para que se estabeleça o senso de pertencimento ao município goiano. Dona Gerusa acerca de seu cotidiano em Brasília nos dá a perceber uma identificação maior com esta do que com a cidade onde mora.

Sabe minha filha, num pense que tô sendo ingrata com a cidade onde eu moro não. Mais é que eu vim primeiro pra lá [Distrito Federal]. Vivi muitos anos na Candanga [Candangolândia, RA do DF]...lá vi meus filho nascer... lá tenho meu trabalho... meus amigos... sabe, quando vim pra cá [Valparaíso de Goiás] quase adoeci. O único alento que eu tinha era saber que aqui eu consegui adquirir minha casinha. E isso é importante né? A pessoa carece ter um lugar pra descansar os osso (risos). Mais assim, mesmo morando aqui eu vou todo dia pra Brasília. Meus menino trabalham e estudam lá. Também é tudo tão pertinho daqui que a gente nem sente que mudou. Moro aqui, mais continuo vivendo lá. É...é isso (risos).

A fala de dona Gerusa coaduna com o acima exposto quando afirmamos das dificuldades encontradas pelos moradores de Valparaíso de Goiás para desenvolverem o senso de pertencimento à cidade. Se considerarmos a oferta de equipamentos públicos urbanos eficientes como elemento promotor de pertencimento e mais, tendo em vista as declarações

dos moradores de que utilizam tais equipamentos no Distrito Federal, entenderemos o porquê do contexto que se apresenta.

A cidade de Valparaíso de Goiás cresceu de forma vertiginosa nos últimos dez anos⁹⁷. Dados da Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios/PMAD-2013 desenvolvida pela CODEPLAN em parceria com os municípios da AMB apontam Valparaíso de Goiás como o terceiro município mais populoso da área metropolitana. Com uma população estimada em 168.961 hab.⁹⁸ Apesar do comprovado crescimento populacional, a dotação do aparelhamento público estatal não acompanhou tal crescimento. A oferta de serviços básicos de saúde, educação ou lazer ficaram aquém das necessidades da população. Dessa forma, os moradores da cidade foram impelidos a buscar por estes equipamentos nas RAs do Distrito Federal.

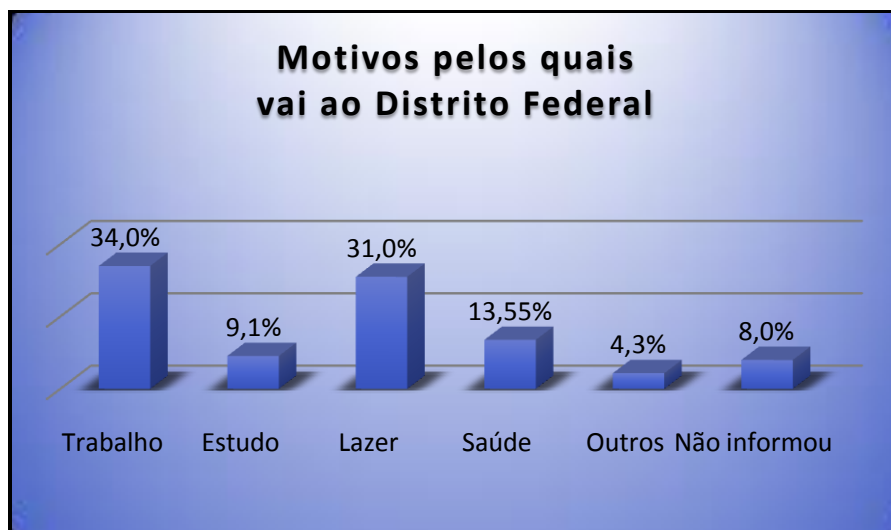


Gráfico 07- Valparaíso de Goiás: motivos pelos quais vai ao DF, 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Essa relação “umbilical” com Brasília vai determinando as representações sociais dos sujeitos acerca do local de moradia. O convívio com as pessoas da cidade foi descortinando para nós diferentes níveis de representações acerca de Valparaíso de Goiás.

⁹⁷ Silva (2012) acerca do crescimento populacional do município afirma que “em alguns períodos, em curtos espaços de tempo, o crescimento populacional do município foi expressivo. Entre 1980 e 1985, a população mais que dobrou, cresceu num percentual de 157,51%. Nos anos de 1987 a 1990 cresceu 89,55%. Entre os anos de 1991 e 1996, em apenas cinco anos, a população saltou de 52.500 habitantes para 75.380, crescendo 43,58%.” Cf. Silva, G. E. R. da. **Valparaíso de Goiás-GO: migração e dinâmica socioespacial- 1995/2010**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

⁹⁸ Cf. **Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios/PMAD- 2013**. Valparaíso de Goiás. Companhia de Planejamento do Distrito Federal- CODEPLAN. Brasília, 2014. 237p. il. Disponível em: <www.codeplan.df.gov.br>

Todos, porém, são perpassados pelo contraponto com Brasília. Para o presente contexto, consideraremos três desses níveis: a moradia, o trabalho e o lazer⁹⁹

O que se observa é que, a oferta destes vetores no espaço urbano viabiliza o estabelecimento do “sentido de lugar”. Silva, A. (1991:12) discorre sobre a concepção de habitar para além do simples residir. Para o autor:

A concepção de habitação referida ao modo de vida urbano implica, para além do mero abrigo, a existência de todo um conjunto de equipamentos e serviços, desde os infraestruturais, como redes de água, esgoto e energia, até outros recursos de uso coletivo como transporte, abastecimento, telefone, correios, serviços de segurança e outros.

Tal afirmativa vem corroborar para a concepção de que a moradia, o trabalho e o lazer configuram-se em vetores que possibilitam viver a cidade. Retomando os níveis de representações sociais acerca de Valparaíso de Goiás, passaremos agora a discorrer sobre cada um deles. O primeiro e o segundo níveis, a moradia e o trabalho, não implicam um problema. Isso porque, a moradia eles a conquistaram na cidade e o trabalho, aqueles que não o têm em Brasília, encontram-se empregados em Valparaíso de Goiás. Assim, quando questionados acerca dos problemas existentes no município, a questão da moradia e do trabalho não figurava na lista de problemas. No que tange à moradia, a leitura que se faz é de que esses sujeitos encontram-se bastante “satisfeitos” por morar em um espaço dito “privilegiado”.



Gráfico 08- Valparaíso de Goiás: satisfação por morar. 2014.

Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

⁹⁹ Imbricada nestes níveis a violência assumiu conotação de relevância. Desta forma, abordaremos também as relações da mesma e suas implicações em cada um dos níveis elencados.

O prazer por morar em Valparaíso de Goiás explicitado no gráfico acima arcabouça-se na justificativa de que foi na cidade que se realizou o sonho da compra de um imóvel próprio. Também o baixo custo dos aluguéis aí praticados é indicador que determina a satisfação por morar. Outro fator elencado é a posição geográfica do município em relação a Brasília. Visto por esse prisma, a cidade justifica a condição de espaço privilegiado. Define-se assim uma condição de grande relevância para a vida na metrópole; morar a preço acessível e próximo ao local de trabalho.

O mercado imobiliário, atento ao desejo de “bem morar” dos sujeitos tem realizado intensos investimentos no setor da construção civil. O que se observa nos últimos anos é um aumento significativo na demanda e na oferta de moradia. Os programas de incentivo à compra do imóvel próprio, dentre eles o programa Minha Casa Minha Vida, têm tornado viável a realização deste que é, aparentemente, um projeto de vida do cidadão. Por onde passamos sempre nos deparamos com cartazes de divulgação de novos empreendimentos imobiliários.

Residencial Costa do Paraíso

Aptos de 3 Quartos com Suite
Prontos p Morar
Próximo a BR-040

www.eliasbiano.wix.com/negocios
Valparaíso de Goiás

MÓVEB ELIAS BIANO (61)8481-0025
www.eliasbiano.wix.com/negocios (61)9160-7089
consultoreliasbiano@gmail.com

Casas novas em Valparaíso Etapa C

Publicidade | Início | Valparaíso de Goiás

Minha Casa Minha Vida

COMPRAR SEU PDG FICOU AINDA MAIS FÁCIL.

OS JUROS DO PROGRAMA MINHA CASA, MINHA VIDA FORAM REDUZIDOS.

Quartos: 3

CONDOMÍNIO FECHADO, VALPARAÍSO I TOTAL SEGURANÇA, PREVISÃO DE ENTREGA AGORA EM SETEMBRO DE 2014. CHURRAQUEIRA, PLAYGROUND, SALÃO DE FESTAS, QUADRA POLIESPORTIVA. PERTO DE TUDO: ESCOLAS, POSTOS DE SAÚDE NO BAIRRO, PROX. AO SHOPPING SUL, BANCOS, SUPERMERCADOS, FACULDADES E COMÉRCIO EM GERAL. FINANCIADAS PELA CADA ECONÔMICA FEDERAL, PROGRAMA MINHA CASA, MINHA VIDA VALPARAÍSO I - ETAPA "C". EXCELENTE OPORTUNIDADE PARA A REALIZAÇÃO DO SEU SONHO DA CASA PRÓPRIA.

Paulo Galvão (61) 8413-8846

Localização

Valparaíso de Goiás, GO
Valparaíso I
Valparaíso de Goiás

RESIDENCIAL RIVIERA PARAÍSO em VALPARAÍSO GO

Condomínio Riviera Paraíso Residencial Premium I Ao lado da BR-040

Figura 08- Presença dos imobiliários no município de Valparaíso de Goiás/GO.
Fonte: Silva, Eliete Barbosa de Brito. Acervo pessoal. 2013.

Entretanto, o que à primeira vista pode parecer a realização de um sonho, revela-se a partir de um olhar acurado uma fonte de preocupações. Nas áreas metropolitanas convive-se com a dificuldade para aquisição de imóvel nas ditas “áreas nobres”. Ou seja, por se constituírem em espaços urbanizados, nos quais o “habitar” é desempenhado em todas as suas nuances, o custo do imóvel torna-se inacessível aos trabalhadores de média e baixa renda. Estes são então espoliados em seu direito de “bem morar”. Veem-se impelidos a adquirir o imóvel em espaços menos “nobres”. A premência por moradia resulta da necessidade de ajuste dos vários arranjos realizados quando do momento de chegada na capital federal. Nas palavras de Santana, moradora do bairro Ipanema e residente na cidade há dezessete anos:

Ai eles chegam em Brasília, aí eles encontram a dificuldade, né? De...de um emprego, é...de um aluguel mais caro...porque lá [Brasília] normalmente eles vêm pra casa de um familiar. Aí...num dá pra pra você viver na casa de um familiar. Aí você tem que trazer a sua família do seu estado de origem pra cá, então você tem que procurar um lugar pra você morar e...e aí os aluguéis aqui no Valparaíso nos bairros são mais...mais acessíveis. Se for pra comprar uma casa...também dá. Então eles acabam migrando pra Valparaíso em virtude disso [moradia]. Mas o primeiro olhar é...é...Brasília. Sabe aquela música do Legião Urbana? Naquele estilo. Faroeste Caboclo! É mais ou menos dessa maneira. É...eles têm a visão né de que Brasília vai ser um sonho, o poder lá...aí quando chega aqui...lá em Brasília não dá, não é tão fácil como se propaga. Aí eles vêm pra Valparaíso ou pra outra...pras outras cidades do entorno.

Abre-se desta forma, um “nicho” comercial bastante explorado pelo mercado imobiliário. A construção de casas populares cuja compra é subsidiada, conforme demonstram as imagens acima. São apelos eloquentes ao “bem morar”. Aliam baixo custo, oportunidade de financiamento, segurança, acesso fácil à BR-040, que é a via que liga Valparaíso de Goiás ao DF. A resposta aos anseios e necessidades do sujeito materializa-se em tais ofertas. Em Valparaíso de Goiás, os setores de chácaras estão hoje praticamente extintos. Em seu lugar tomam forma condomínios com, em média, 45 casas na área interna e 15 na área externa.

Se observarmos a imagem que segue, perceberemos que tais condomínios são cortados por uma única rua e, aparentemente, não apresentam previsão para implantação de espaços de lazer. Esses fatores contrariam as orientações do movimento do Novo Urbanismo¹⁰⁰, que propõe cidades sustentáveis do ponto de vista ambiental e urbanístico. A disposição das moradias nestes condomínios compromete a qualidade de vida de seus ocupantes. Reforça a segregação urbana.

¹⁰⁰ O Novo urbanismo surge na década de 1980 nos Estados Unidos da América, inspirado nos padrões utilizados antes da ascensão e proeminência do automóvel no planejamento urbano das cidades, com o objetivo de resgatar a qualidade de vida e melhorar o relacionamento entre o homem e a cidade, num desenvolvimento sustentável de longo prazo pois em consideração estaria o impacto entre as novas e antigas intervenções urbanas e as suas repercussões nos planos social, ambiental e econômico. Cf. Irazábal, Clara. **Da Carta de Atenas à Carta do Novo Urbanismo: Qual seu significado para a América Latina?** Revista Vitruvius. Ano 02. Dez. 2001. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.019/821> >



Figura 09- Condomínio em construção no Setor de Chácaras Anhanguera C em Valparaíso de Goiás/GO. Foto: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

O aumento na construção de casas pressupõe um maior número de moradores. Por sua vez, esses novos moradores pressionam o aparelhamento público estatal já deficitário; fragilizando-o ainda mais. O direito à moradia previsto na Constituição da República de 1988 em seu artigo 6º é garantido, porém, com sérias ressalvas. As casas construídas propiciam um mínimo de privacidade¹⁰¹.

O espaço entre uma residência e outra é de, no máximo, 80 cm. O sujeito “invade” e tem sua vida “invadida” pelo vizinho. Pela imagem abaixo é possível perceber que os telhados das casas se sobrepõem um ao outro. Não é possível a colocação de janelas laterais, a circulação de ar torna-se assim, deficitária. A iluminação natural é precária. Entretanto, nas palavras de um morador “*vale a pena, o importante é ter um lugar pra descansar o corpo cansado da labuta diária*”.

¹⁰¹ “A Nova Carta de Atenas 2003. A Visão do Conselho Europeu de Urbanistas sobre as Cidades do séc. XXI”, CEU, Lisboa, Novembro de 2003, p.38.



Figura 10- Padrão das casas construídas em Condomínios populares. Setor de Chácaras Anhanguera C. Valparaíso de Goiás/GO. 2013.
Foto: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

Atraídos pelas facilidades na aquisição da casa própria, escapa aos sujeitos particularidades que se constituem condição precípua do habitar (Silva, A., 1991). As famílias ao mudar-se são confrontadas com deficiência no abastecimento de água, luz e segurança pública. São múltiplas as histórias sobre as dificuldades enfrentadas depois da mudança para a casa própria. Paula, casada, mãe de uma criança de 03 anos, moradora no Setor de Chácaras Anhanguera “A” discorre sobre os problemas aí enfrentados.

Meu marido e eu compramos essa casa pra ficar mais perto do trabalho. Eu trabalho numa clínica no Gama e ele no SIA [Setor de Indústria e Abastecimento]. Minha família é de Luziânia e a dele de Formosa. Pra ficar mais fácil pra nós, com a chegada da bebê, resolvemos que a gente ia comprar a casa aqui [Valparaíso de Goiás]. Quando a gente foi na construtora eles mostraram pra gente o projeto e era tudo muito bonito. Papel aceita tudo, né? [risos]. Mas olha, vou te contar, quando a gente mudou, passado uma semana, já começou o calvário. Falta água todo dia. Quando chega é já de madrugada. Dai tem que acordar pra encher as vasilhas e guardar água pro uso. Sem contar que as coisas aqui são bem diferentes do papel...você não tem uma árvore pra entrar embaixo e refrescar do sol. Pra onde olha é só casa! Num tem nem um parquinho pra ir com a bebê...o caminhão de lixo passa de vez em nunca [suspiro] fica a lixaçada toda na entrada do condomínio. Meu marido chega tarde da noite, eu não durmo enquanto ele não chega. É que fico preocupada sabe? O lugar aqui é meio perigoso. Mal tem iluminação na rua. Se eu me arrependo de ter vindo morar aqui? Olha, a bem da verdade...não. Foi aqui que conseguimos comprar nossa casinha né? Eu tenho fé de que as coisas ainda vão melhorar. Tão dizendo aí que a Saneago tá aumentando a rede né...quem sabe...o jeito é esperar.

Não muito longe dali, no setor de Chácaras Anhanguera “B”, encontramos Ana Júlia. Recém casada, ela e o esposo reuniram suas economias para a aquisição da casa própria. Queriam começar a nova vida em seu “cantinho” como ela mesma afirma. Estudante

universitária, Ana Júlia passa a maior parte de seu dia em uma universidade de Brasília. O esposo é funcionário da CAESB, empresa de abastecimento de água de Brasília. Lamentavelmente ela e o esposo tiveram pouco tempo para “curtir” a experiência da casa própria.

Saímos cedo de casa, como sempre. Quando meu marido voltou, no final do dia e foi abrir a porta, a chave não abria. Ele tentou várias vezes e nada. Então ele resolveu pular o muro dos fundos. Já sabia que alguma coisa estava errada. Não deu outra. A porta da cozinha tinha sido amassada na parte de baixo. O suficiente para passar uma criança. Foi assim que eles abriram a casa e entraram. Levaram tudo o que podiam. Tiveram tempo pra isso. Como a gente não conhece os vizinhos e nem eles nos conhecem, ninguém achou estranho o movimento na casa. Os policiais acreditam que foi alguém do condomínio mesmo. Alguém que conhecia nossa rotina. Como a casa é a última da rua...ficou fácil pra eles. Levaram inclusive minha gatinha [lágrimas] [pausa]. É muito triste sabe...você se sacrifica... tira dinheiro de onde não tem e vem um bando de desocupados e levam tudo o que você conquistou. Não sei se quero voltar a morar aqui de novo não. Deixa o tempo passar né? Talvez, quem sabe. Se de repente a gente não conseguir comprar casa em outro lugar, o jeito é voltar. Mas por enquanto estamos morando na casa de meus pais.

Os relatos de Paula e Ana Júlia associados a outros mais, evidenciam as fragilidades das políticas habitacionais. Estas visam à garantia do acesso à moradia, porém, não preveem condições para o “habitar”. O Ministério das Cidades encarrega-se tão somente da análise e aprovação das propostas de construção das unidades residenciais. Não há aí um programa para acompanhamento. Não possui registro dos impactos socioambientais ocasionados pela implantação das políticas habitacionais,¹⁰² e nem prevê a elaboração de possíveis ações de compensação ou amortização de tais impactos.

Os municípios não conseguem controlar a ação dos construtores, uma vez que seus Planos Diretores encontram-se defasados no que tange à regulação de uso do solo. A fiscalização de unidades habitacionais edificadas é deficiente. Configura-se, dessa forma, a fragilidade do poder público municipal. Logo, são justamente aqueles que deveriam ter o seu direito à moradia plenamente assegurado, os que mais sofrem as consequências nefastas da inépcia das políticas habitacionais e das pressões efetivadas pelo capital imobiliário. Morar torna-se assim, uma condição de fragilidade.

¹⁰² Procuramos informações junto ao Ministério das Cidades sobre as condições de habitação dos mutuários do Programa Minha Casa Minha Vida ao que fomos informados através de uma funcionária, membro da equipe responsável pelo projeto, que este não monitora os impactos socioambientais. Apenas libera as unidades habitacionais aos municípios de destino. Disse-nos que caso conseguíssemos as informações solicitadas ficariam muito gratos se a elas tivessem acesso.

3.3 Valparaíso de Goiás: a fragilidade expressa na violência urbana

O cenário deslindado anteriormente nas falas de Ana Júlia e Paula deixa entrever outra questão bastante impactante. Estamos a nos referir à violência urbana¹⁰³. Ao abordarmos tal problemática faz-se mister que consideremos os “conflitos” e “problemas urbanos” que nesta redundaram. Dentre os elementos geradores de violência urbana devemos considerar, por exemplo, a distância entre o local de trabalho e o local de residência. Deste com os espaços de lazer, estudo, enfim todas as formas que ocasionam um afastamento entre os espaços sociais devem, segundo Viana (2002) ser considerados.

Partindo do argumento de que a sociedade evoluiu de forma desigual e seletiva, não podemos considerar uma anomalia o fato de a desconfiança instaurar-se como premissa para a sobrevivência. As pessoas que vivem no meio urbano têm sua vida recortada pelo medo. São constantemente confrontadas com a face violenta da cidade. A intensificação da violência produzida no meio urbano tornou-se, dessa forma, um objeto de estudo bastante atual. Muitos são os estudos que se dedicam a entender a violência urbana¹⁰⁴

No cruzamento das referidas obras encontramos uma recorrência. A conclusão de que a violência urbana resulta dos processos de exclusão e segregação efetivados pela dinâmica capitalista. Viana (2002:38) alude o problema da violência urbana principalmente à “divisão capitalista do espaço urbano”, mas não exclusivamente. Para o autor:

A ação estatal sobre o espaço também gera conflitos e atos de violência. Tal ação segue a dinâmica da valorização do espaço urbano e a lógica da divisão capitalista do espaço urbano. Porém, o Estado busca também reproduzir as relações de produção e o conjunto das relações sociais e para concretizar isto precisa controlar o espaço urbano. A necessidade de controlar o espaço urbano é fruto dos conflitos urbanos e dos conflitos sociais em geral. Mas, uma vez instaurado este controle

¹⁰³ Assinalamos que a concepção de violência por nós abordada arcabouça-se no entendimento desta como um fenômeno social presente na sociedade e com maior intensidade nas regiões de grande adensamento populacional onde evidencia-se a espoliação humana pelas imposições do capital. Partindo do pressuposto de que a noção de violência varia de acordo com as concepções culturais, consideraremos para o presente texto o conceito de violência registrado no Dicionário de Conceitos Históricos (2009:412). Neste, a violência é definida enquanto “(...) um fenômeno social presente no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas. Em geral, ao nos referirmos à violência, estamos falando da agressão física. Mas violência é uma categoria com amplos significados. Hoje, esse termo denota, além da agressão física, diversos tipos de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, ou a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos e, ainda, o desgaste causado pelas condições de trabalho e condições econômicas. Dessa forma, podemos definir violência como qualquer relação de força que um indivíduo impõe a outro.” Cf. Silva, Kalina Vanderlei; Silva, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos** – 2.ed., 2ª reimpressão. Contexto. São Paulo, 2009. 440p.

¹⁰⁴ Viana (2002), Franco, Silva e Laranja (2004), Feghali, Mendes e Lemgruber (2006), Telles e Cabanes (2006), Bauman (2009), Buoro et. al. (2010) são alguns dos autores que têm se dedicado à temática.

estatal sobre o espaço urbano, ele se torna gerador de novos conflitos e novas formas de violência.

Pode parecer paradoxal que o Estado, que em tese deveria ser o garantidor dos direitos do cidadão, seja o promotor de sua segregação. Porém, ao atender aos interesses do capital em detrimento dos interesses do cidadão ou mesmo ao garantir de forma deficitária o acesso deste aos equipamentos públicos; este fomenta o surgimento de problemas, segregação e conflitos urbanos. Podemos nomear essa forma de violência que se materializa na ação estatal como uma violência invisível (Sodré, 2006). Ou seja, aquela que se executa de forma tão subliminar que não é claramente percebida pelos sujeitos aviltados. Esse tipo de violência encontra-se nas políticas públicas ineficazes, por exemplo. No que tange aos moradores de Valparaíso de Goiás, estes foram passivos dessa violência no momento em que se viram impedidos de viver no Distrito Federal¹⁰⁵.

A compra de uma residência na cidade goiana traz concomitante a exposição às vulnerabilidades de um “habitar” fragilizado. A ineficiência do aparelhamento público torna-se mais evidente quando o sujeito prima do cotidiano na cidade. Ainda que esse cotidiano seja traduzido nos momentos de partida e chegada, a leitura que se faz é de uma cidade “incapaz” de oferecer algo a seus moradores. Nesse contexto surge outro estágio de violência, aquele no qual o indivíduo vê-se ameaçado em sua integridade física ou psicológica¹⁰⁶. Estamos a nos referir aos roubos ao patrimônio particular, aos furtos, aos assaltos, aos assassinatos, aos latrocínios e homicídios. Essa é a face visível da violência (Sodré, 2006). Sob esse aspecto, a leitura que se efetiva de Valparaíso de Goiás é a de uma cidade por demais fragilizada.

De acordo com os dados divulgados pelo IMB¹⁰⁷ sobre as características socioeconômicas do estado de Goiás, a violência nas modalidades acima citadas apresenta, no estado, um aumento significativo em relação aos dados anteriores. Entre 2000 e 2010, anos base para análise, a criminalidade total cresceu 25%, a criminalidade contra a pessoa 20% e aquela contra o patrimônio 28%. Devemos considerar que o aumento populacional do estado foi de 20%. Donde se conclui que quanto mais abrangente é o número de crimes considerados, os resultados tendem a acompanhar o crescimento da população.

¹⁰⁵ O contexto que redundou na vinda desses sujeitos para a cidade de Valparaíso de Goiás foi por nós abordado nos capítulos I e II deste estudo.

¹⁰⁶ Tomemos por exemplo de violência à integridade psicológica o ocorrido com nossa entrevistada Ana Júlia.

¹⁰⁷ **Estado de Goiás: Características Socioeconômicas e Tendências Recentes.** Estudos do IMB: Maio de 2013. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento - SEGPLAN. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – IMB.

O mesmo estudo apresenta indicadores alarmantes para a cidade de Valparaíso de Goiás em comparação com os dados do estado e do Brasil. Considerando o número de homicídios no país a criminalidade foi, em 2010, de 27,4 % por grupo de cem mil habitantes, para a cidade esse quantitativo foi de 71,44%. A divulgação destes indicadores aliada ao destaque dado pela mídia aos mesmos e às situações de violência experienciadas na cidade, faz com que cresça, nos moradores, a sensação de insegurança. Mário já foi assaltado seis vezes. Na última vez ficou com uma bala alojada no rosto, próximo à orelha esquerda. Ele desenvolveu a Síndrome do Pânico.

Levei dois tiros, um acertou a minha boca. Fiquei com uma deficiência. Não me sinto seguro em sair mais...não tenho segurança. Toda hora que encosta um veículo do meu lado eu tô assustado. O governo não faz nada pra melhorar pra nós. Mas isso não é de espantar não. Rico é mais difícil de sofrer violência, né? Cada dia que passa a gente vai se tornando refém dessa violência toda. Denunciar não resolve. Mesmo que o bandido seja preso, rapidinho ele é solto e volta pra aprontar de novo.

Os municípios goianos da AMB figuram entre os mais violentos do estado de Goiás¹⁰⁸. Valparaíso de Goiás, pertencente à área, é membro de um grupo de municípios reunidos por sua condição de baixa receita per capita e alta vulnerabilidade social. Um dos elementos considerados para essa classificação são os indicadores de violência. Estamos a nos referir ao G100¹⁰⁹. As representações acerca dos variados níveis de violência no espaço urbano da AMB tendem a ser bastante negativas. Gabriel veio morar recentemente em Valparaíso de Goiás, porém, a sua representação sobre a cidade iguala-se à dos mais antigos moradores.

¹⁰⁸ Dados do Mapa da Violência 2012 do Instituto Sangari mostram que os assassinatos aumentaram 25% em 2011 em relação a 2010 nas cidades de Luziânia, Águas Lindas de Goiás, Planaltina, Valparaíso de Goiás, Santo Antônio Descoberto, Novo Gama, Cidade Ocidental. Em Valparaíso de Goiás a elevação ficou em 12%, passando de 103 casos em 2010 para 116, em 2011. No que tange aos crimes contra a vida, o índice de latrocínios (roubos seguidos de mortes) aumentou em quatro cidades: Águas Lindas, Valparaíso de Goiás, Novo Gama e Formosa. Cf. Waiselfisz, J. J. **Mapa da Violência 2012. Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil**. Instituto Sangari. São Paulo, 2011. 245p.

¹⁰⁹ O G100 é um grupo formado por cem cidades com população acima de oitenta mil habitantes que apresentam baixos níveis de receita per capita e alta vulnerabilidade social. Da AMB integram o grupo as cidades de Águas Lindas, Formosa, Novo Gama, Planaltina de Goiás e Valparaíso de Goiás. O ex-presidente da Frente Nacional de Prefeitos, João Coser, assim definiu o G100: “(...) Um grupo formado por municípios de médio e grande porte com pouca receita e grandes desafios. (...) Objetiva evidenciar e sensibilizar o Brasil sobre as condições socioeconômicas das cidades que o integram e avançar na construção de propostas viáveis que tornem mais justa a distribuição de recursos entre seus municípios. O G100 reivindica tratamento diferenciado e favorecido nas políticas públicas da União e dos estados, uma vez que o pacto federativo em vigor não sustenta o atendimento das suas populações.” Cf. **G100- Municípios populosos com Baixa Receita Per Capita e Alta Vulnerabilidade Social/Publicação da Frente Nacional de Prefeitos**. Março, 2012. Aequus Consultoria. Vitória, ES. 2012. 55p. il.

Tenho 29 anos de idade, depois dessa idade tive que morar na Valparaíso. Casei e por falta de oportunidade de comprar uma casa no DF vim morar aqui [Valparaíso de Goiás]. Aqui não tem asfalto, não tem água, e muito menos ônibus...polícia pra você ver tem que ir pra frente do posto policial. Não tem lei, nada, nada, nada. Aqui não tem nada. O pobre tá totalmente abandonado. Impunidade generalizada, pois ninguém mais fica preso, Estado negligente com a segurança, desarmamento do cidadão honesto, corrupção sem precedentes na história. Bandido não teme mais a polícia, que vive enxugando gelo, trabalhador virou ovelha na boca dos lobos, as coisas vão piorar ainda! Tá todo dia nos noticiários. Só vê coisa ruim da cidade [Valparaíso de Goiás].

Há nos depoimentos algumas questões que convergem. A sensação de insegurança, a ineficiência do poder público no combate à criminalidade, a condição social como justificativa para ausência de ações efetivas que coíbam a violência e também como condição para a criminalidade. Esta é, para esses indivíduos, a face exposta da violência. É inegável o direito que esses sujeitos têm de sentir-se desamparados. Por outro lado, essa sensação de desamparo é corroborada no teor do discurso midiático. Este vai (re)forçando as representações negativas a partir das quais o sujeito pensa a cidade onde reside.

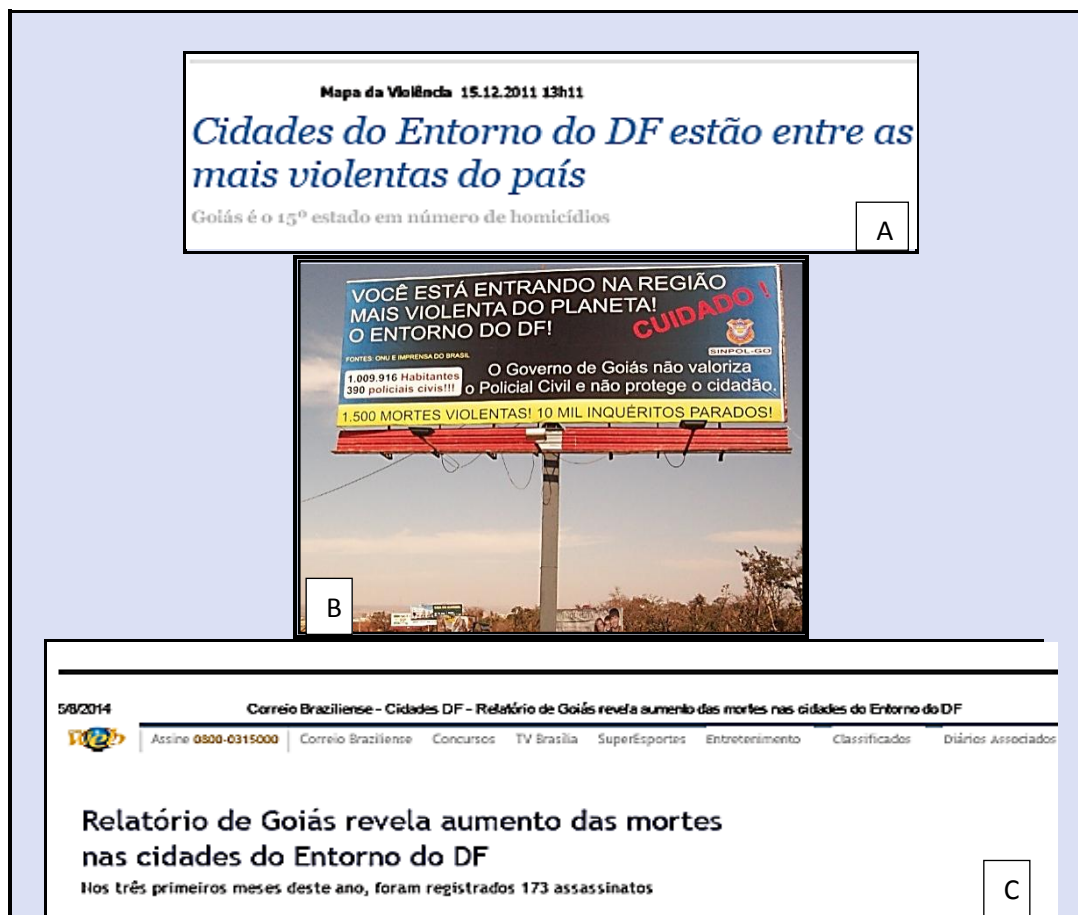


Figura 11 - Dados sobre a violência na Área Metropolitana de Brasília publicados na mídia. **A:** Manchete do Jornal “A Redação”. 15/12/11. **B:** Outdoor colocado pelo SINPOL-GO à entrada da cidade de Valparaíso de Goiás na divisa DF/GO. 2011. **C:** Correio Web. Correio Braziliense – Cidades DF. 06/04/11.¹¹⁰ Fonte: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

¹¹⁰As matérias em questão encontram-se disponíveis respectivamente nas páginas, **A:** <<http://www.aredacao.com.br/noticias/6291/cidades-do-entorno-do-df-estao-entre-as-mais-violentas-do-pais>>.

A ação da mídia, conforme explícito na figura acima; tende a fortalecer no imaginário dos moradores a representação de violência nos municípios que compõem a AMB. Os dados são divulgados com sensacionalismo. O enfoque recai, geralmente sobre os dados considerados mais impactantes. Dessa forma, os aspectos negativos da notícia ganham maior conotação. Valparaíso de Goiás, nessa lógica, figura dentre os mais violentos municípios. No ano de 2011 a cidade foi apresentada pela imprensa nacional como uma das mais violentas do mundo. Nas redes sociais reforça-se o estigma dessa violência.



Figura 12 – Representações da violência em Valparaíso de Goiás nas redes sociais.
Fonte: Disponível em <www.facebook.com> Acesso em: 15/04/14.

A imagem acima é emblemática da concepção de cidade violenta que pesa sobre Valparaíso de Goiás. Representativa da dita condição de violência e fragilidade social da cidade. Crianças em uma sala de aula portando armas. Embora seja uma montagem, a carga simbólica dessa imagem é imensa. A leitura que se faz aponta para um quadro no qual os pais, por trabalharem longe de casa deixam os filhos à mercê de bandidos. Estes agem com facilidade no sentido de aliciar os menores. A violência cruzou os pórticos da escola e instalou-se nas salas de aula. Não são raros os casos de professores ameaçados por atribuírem

baixa nota aos alunos. De diretores assassinados por tentar coibir o tráfico de drogas nas escolas. De alunos mortos por acerto de contas ou “queima de arquivo” dentro das escolas.

Ana Maria, ex-professora do ensino fundamental em uma escola da rede pública de Valparaíso de Goiás nos conta sua história. Infelizmente uma história trágica, mas não uma exceção no cenário de fragilidade social da cidade.

Eu tinha dado aula pra ela no quarto horário [alusão à aluna assassinada]! Naquele dia ouvi um zunzunzum, uns buchichos meio estranhos...mas sabe como é aluno né? Ainda mais na fase deles, nem quis me meter. Achei a Marcela [aluna assassinada na porta da escola] irrequieta. Perguntei e os alunos disseram que ela tava enrolada com “umas paradas aí.” Percebi que o melhor era não saber a que “paradas” eles se referiam. Bom, terminada a aula, esperei minha colega Glenda para almoçarmos, como sempre fazíamos. Quando voltamos do almoço para o período da tarde, antes de chegar na escola já veio a notícia de que ela [Marcela] tinha sido assassinada na saída da escola. Foram vários disparos. Aquilo me assustou, mas o pior mesmo foi que para entrar na escola tivemos que passar pelo corpo dela estendido ali pelo chão. Foram muitas horas à espera do IML. Até hoje quando fecho os olhos me vem à mente aquela imagem. E eu comecei a lembrar que pouco tempo atrás ela estava ali cheia de vida...será que eu não poderia ter evitado que aquilo acontecesse? Sei que ela já estava encrocada e a resposta para minha pergunta certamente é não. Não, não havia nada a ser feito. Mas ainda assim fico me perguntando... era tão jovem! Tinha apenas treze anos. Eles morrem muito jovens aqui...lá [Valparaíso de Goiás]. Ninguém merece morrer assim. A desestrutura social, a necessidade dos pais de trabalhar fora em um lugar distante de casa pra sustentar a família, resultam nisso. Não consegui continuar a trabalhar lá. Na verdade pedi exoneração e hoje trabalho em uma escola particular de Brasília. Sei que não tenho a mesma estabilidade que tinha lá [Ana Maria era concursada já havia oito anos]. Mas mesmo assim estou muito melhor aqui [em Brasília]. Tive que fazer terapia, nunca mais consegui voltar a Valparaíso. Sinto apenas pelos amigos que lá deixei. Por vontade minha, todos fariam concurso aqui e vinham embora. Aquilo ali [Valparaíso de Goiás] não é lugar de gente não!

A história de Marcela faz eco à de tantos outros jovens assassinados. Foram Adélias, Elianes, Jhonatans, Pedros as vítimas dessa que parece ser o flagelo da modernidade, a criminalidade. Muitos daqueles que não tiveram sua existência ceifada em plena juventude encontram-se envolvidos com o tráfico e consumo de drogas. Morrem muito cedo, afirmam uns. Já foi tarde enunciam outros. Por qualquer ângulo de análise a lógica é excludente. Estes e muitos mais foram vítimas de um acentuado processo de desigualdade social. As políticas públicas não conseguiram alcançar esses jovens. Não se desenvolveram ações capazes de retirá-los da condição de vulnerabilidade.

Olha, teve uma época em que todo dia morria um aqui em Céu Azul [bairro apontado como dos mais violentos do município]. Já teve vez de ficar uns três corpos o dia todo estirados no chão ali da praça esperando o IML chegar. Quando mata bandido ainda tá bom. Pior foi o filho de minha amiga...menino bom...estudioso...trabalhador. Tava chegando na casa da namorada quando malandro chegou querendo levar o carro dele. E ele sempre falava que pra roubar ele

precisava vir muitos de uma vez. Que que aconteceu? Ele reagiu, disse que não ia entregar porra nenhuma. O malinha então disparou contra ele três tiros só. Não deu tempo nem dele sentir dor. Já caiu morto. Mas sabe de uma coisa, vou te dizer...a culpa é desses políticos. Porque veja bem, uma cidade como essa não tem um lazer, uma escolinha de futebol, um nada pra essa garotada se entreter. Ficam por aí o dia todo de boeira. Assim fica fácil pros bandidos levarem eles pro lado deles [pra criminalidade]...você num acha? O que que você acha? O de hoje tinha uns quatorze pra quinze anos.

As palavras de Izalci, 50 anos, morador de Valparaíso de Goiás desde que o município ainda era um distrito, corroboram as informações da pesquisa. Porém, apresenta um elemento novo nesse cenário. Evidencia um efeito preocupante do quadro de violência urbana em Valparaíso de Goiás. As pessoas parecem não se espantar mais com os frequentes assassinatos de jovens. Sua fala nos mostra um “quê” de rotina nas cenas testemunhadas.

No estado de Goiás, segundo dados do IMB (2013), houve um aumento no índice de jovens entre 15 e 29 vitimados pela violência nas cidades¹¹¹. Valparaíso de Goiás, no ranking nacional de violência, está entre as 40 cidades mais violentas e no estado perde apenas para Luziânia, que é, de acordo com a pesquisa, a mais violenta cidade. As taxas apresentadas foram de 92, 6% de jovens mortos em Luziânia e 80,9% em Valparaíso de Goiás. Os moradores sentem-se abandonados pelo poder público. Associam a condição de pobreza, conforme dito alhures, ao aparente descaso dos governantes para com a população. Carmelo, residente na Vila Guaira, afirma:

Aqui [em Valparaíso de Goiás] quando não tem alguém com medo, tem alguém botando medo. Isso aí [atos de violência] é um pouco caso que se faz com a população. Porque a população tem direito à segurança. Deixasse ser num lugar de bacanas pra ver...mas como a gente é pobre, eles não estão nem aí pra gente. Eles têm que saber que num é todo pobre que é bandido não. Aqui [Valparaíso de Goiás] também mora gente boa.

Pela lógica proposta para o entendimento da violência como um fenômeno social, devemos considerar seu aspecto historicossocial. O bem estar do cidadão já há muito foi preterido em favor da conveniência dos arranjos do capital. Diante do exposto, nos deparamos com um cenário de acentuada desigualdade social. Não é por isso, entretanto, que devemos considerar a pobreza como condicionante para que a violência se instaure. A pobreza decorre de um processo de violência imposto pelas transformações econômicas e sociais às quais os indivíduos encontram-se à mercê. Entretanto, a violência não decorre da pobreza. Seria

¹¹¹ Para análise foram considerados os anos entre 2000-2011. Cf. Waiselfisz, J. J. **Homicídios e Juventude no Brasil: mapa da violência 2013**. 100p.

equivocado pensar assim. Telles e Cabanes (2006:11-12) alertam para as implicações de uma associação entre pobreza e criminalidade.

(...) todo cuidado é pouco quando se trata de lidar com as proximidades da pobreza e da criminalidade, sobretudo nesses tempos em que a nossa velha e persistente, nunca superada, criminalização da pobreza vem sendo reatualizada sob formas renovadas, algumas sutis, outras nem tanto, na maior parte dos casos, aberta e declarada. Mas todo cuidado é pouco também porque não é simples entender o que anda acontecendo (...) O fato é que também aqui, no lado pobre (e expansivo) dessas recomposições, o mundo social está muito alterado. As realidades do trabalho precário e do desemprego prolongado convivem com uma crescente e diversificada rede de integração nos circuitos de bens culturais e simbólicos, ao mesmo tempo em que a sociedade de consumo (e a lógica do mercado) vai se estendendo por todos os cantos, atingindo regiões tradicionalmente consideradas como lugares paradigmáticos da “pobreza desvalida”. Mesmo nas regiões mais distantes da cidade, os circuitos do mercado e os grandes equipamentos de consumo compõem a paisagem urbana, provocando mudanças importantes nas dinâmicas familiares e na economia doméstica, nas formas de sociabilidade e de redes sociais, nas práticas urbanas e seus circuitos.

Valparaíso de Goiás, por concentrar todos os aspectos resultantes das transformações sociais enunciadas, configura-se em um espaço de acentuada violência urbana. Quando da aplicação dos questionários, perguntamos aos entrevistados sua opinião sobre a condição de violência atribuída ao município. Um expressivo número de pessoas afirmou que acerca dessa concepção, com frequência ouve comentários negativos sobre Valparaíso de Goiás.

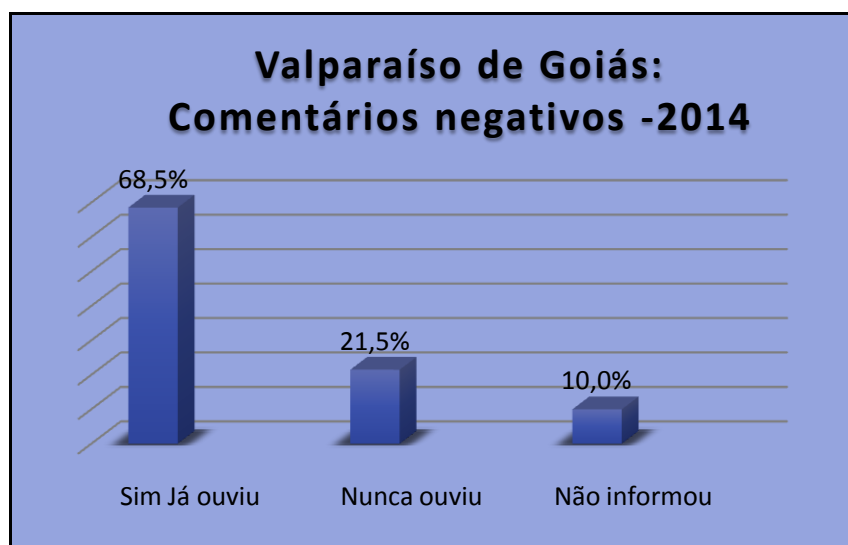


Gráfico 09- Valparaíso de Goiás: comentários negativos. 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Perguntados sobre o teor dos comentários enunciados, a violência na cidade de Valparaíso de Goiás é sempre o destaque. Interessante observar que quando as pessoas se referem à condição de violência na cidade, o aspecto considerado é aquele da violência visível. Dificilmente ouvimos considerações acerca da violência simbólica à qual os sujeitos são constantemente submetidos. Um rótulo de cunho tão negativo, acaba por afastar prováveis investidores que queiram estabelecer-se na cidade. Isso porque, a criminalidade é fator considerado por alguns comerciantes quando da decisão de fecharem suas portas.



Figura 13- Comércio fechado na Etapa “A” em Valparaíso de Goiás. 2013.
Foto: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

A imagem acima retrata um dos comércios que optaram por fechar as portas na impossibilidade de debelar as ações de violência a que se encontram sujeitos. Configura-se um protesto silencioso ante a impotência para lidar com o problema. O fechamento de estabelecimentos comerciais em função da condição de violência leva à extinção de postos de trabalho. Essa situação para uma cidade cuja principal característica econômica é o setor terciário¹¹², figura bastante problemática. Não conseguindo trabalho no local de moradia, a lógica é buscá-lo em Brasília. Reforça-se assim a interrelação com o DF expressa na

¹¹² No decorrer dos trabalhos de campo iniciou-se na cidade o primeiro Censo Diagnóstico: Perfil Econômico do município de Valparaíso de Goiás. Tivemos acesso aos dados preliminares e verificamos que do universo pesquisado até aquele momento, 3.600 estabelecimentos visitados, dois terços desenvolviam atividades do setor terciário. A pesquisa encontra-se em fase final de coleta de dados.

centralidade invertida por nós proposta no capítulo II. Passaremos a seguir a uma análise deste que simboliza um dos três níveis de representação sobre Valparaíso de Goiás: o trabalho.¹¹³

3.4 Valparaíso de Goiás: a dimensão do trabalho na Área Metropolitana de Brasília

Passamos grande parte do nosso tempo no ambiente de trabalho. Por meio deste nos relacionamos com a sociedade. Experienciamos e transformamos o espaço social ao mesmo tempo em que nele nos inserimos. Assim sendo, o trabalho deve ser pensado enquanto potencialidade. Configura-se em um dos principais elos do homem com o mundo e com outros homens. No ambiente de trabalho conhecemos e nos relacionamos com diversas pessoas. Influenciamos e somos influenciados por diversos modos de vida. São as trocas inevitáveis resultantes do contato entre os sujeitos.

O trabalho, por esse prisma, desenvolve em nós um sentimento de vinculação. Nesse sentido, podemos considerá-lo como um dos elementos constitutivos do sujeito. Assim, torna-se lícito afirmar que o trabalho confere identidade e sentido à vida. Esse raciocínio é corroborado por Oliveira e Silveira (2012:149).

O trabalho, como qualquer outra atividade humana, é uma atividade carregada de significados que impactam na (re)construção de identidades/papéis e na (re)definição de normas de vida. Ao longo da história, o significado de trabalho tem sido associado a diferentes valores sociais – positivos e negativos – e a diferentes sistemas sociais. Na modernidade, com o surgimento do trabalho assalariado, o trabalho passa a assumir um lugar central na vida dos indivíduos e passa a ser visto como sinônimo de emprego.

Na perspectiva dos níveis de representação da cidade, o trabalho configura-se elemento que possibilita ao sujeito viver a cidade. O exercício de percorrer as ruas da cidade, de nela se inscrever pelo trabalho possibilita o estabelecimento de vínculos com o tecido social. O trabalho pode ser visto ainda como fator de atração populacional. Isso porque, o

¹¹³ Poucas pessoas conseguem estabelecer diferenciação entre “trabalho” e “emprego”. Morin (2001) apresenta os conceitos de uma e outra categoria. Segundo a autora, por trabalho entende-se toda e qualquer atividade útil. Indépende que esta seja remunerada ou que se atribua prazer em sua realização. Já o emprego é definido pela autora como sendo a ocupação de uma pessoa. Envolve atividades remuneradas desenvolvidas em um sistema cujas regras são determinadas pelas relações econômicas. A concepção de emprego implica necessariamente na dotação de um salário e no consentimento em submeter-se a uma chefia. O emprego é, pois, a forma dominante assumida pelo trabalho. Mediante as dificuldades na diferenciação dos conceitos, optamos por nomear trabalho o que teoricamente seria emprego. Ressaltamos que tal opção se justifica para facilitar a nossos entrevistados o entendimento das questões colocadas. Para um maior aprofundamento dos conceitos empregados sugerimos a leitura de Antunes, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 3.ed. Boitempo, 2000. 261p.

surgimento de postos de trabalho na cidade faz com que para aí se desloquem aqueles que buscam inserção social por meio deste. Trabalhar é algo que impacta positivamente a vida do sujeito. As representações elaboradas pela sociedade acerca do ócio¹¹⁴ ou mesmo do desemprego tendem a estigmatizar aqueles que não se encontram trabalhando (De Masi, 2000).

No universo de nossas entrevistas foi significativo o número de pessoas que afirmou ser o trabalho ou a busca por este, o mote para sua migração. Acreditavam que as condições de vida em um grande centro urbano poderiam revelar-se menos penosas do que no local de origem. Que as oportunidades de trabalho na “cidade grande” seriam mais abundantes. Muitos alegaram que em suas cidades eram poucas as chances de um “bom trabalho”. Encontravam-se restritas à lida na roça ou mesmo em frentes de trabalho organizadas pelos governos. O fato de alguns familiares já terem empreendido a experiência migratória animou-os a arriscar-se. Esperavam com isso obter uma mudança de vida.

Assim...quando eu vim lá do Maranhão pra cá, já tinha minhas duas irmãs que moravam aqui. Elas vieram antes pra trabalhar, organizar as coisas e se desse certo a gente vinha também [a mãe o acompanhou na mudança]. Eu sei que o certo era eu tê vindo, afinal o homem da casa agora era eu [o pai faleceu]. Mas sabe o que é...na época... eu tava é... empregado na construção do açude. Não dava pra vim...não, não dava mesmo. A gente lá tinha já conhecimento de que as coisas [trabalho, sobrevivência] pra cá eram mais fáceis. Meu pai, que Deus o tenha, veio mais um tio nosso, irmão dele, quando os pau de arara vieram pra construção da capital. Só que meu tio ficou e ele [o pai] quis voltar. Pra falar a verdade, ele voltou logo no primeiro mês. É que minha mãe tava buchuda da Marlene, minha irmã mais velha. Meu pai não aguentou a saudade e voltou. Mas até bem pouco tempo antes de morrer ele dizia que tinha mesmo é que ter trazido minha mãe na época. Cê num tem noção das dificuldades que a gente passa naquelas berada de mundo. Mas com a morte dele a vida teve de seguir, né? Então minhas irmãs vieram morar com meu tio até conseguir uma colocação. E assim que as coisas se ajeitaram, viemos eu e mainha. Deu tudo certo. Eu consegui trabalho de chapa lá no CEASA...fica logo ali no SIA. Tô lá já faz uns quinze pra dezesseis anos.

A fala do Marlon, 35 anos, migrante, nordestino, mão de obra “desqualificada”, mas trabalhando, encontra-se permeada de elementos simbólicos. Estes foram construídos a partir das oportunidades que se supõe são ofertadas no espaço urbano de Brasília. É perceptível também a questão da migração por contiguidade. Veio o tio, vieram as irmãs e finalmente a família se reúne com a chegada dele e da mãe. Brasília é percebida aí como o

¹¹⁴ Aqui entendido em seu sentido de desocupação. Cf. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1986.

éden donde sorverão “leite e mel” ¹¹⁵. Essa concepção é ainda bastante marcante na fala das pessoas.

Juliete, 45 anos, natural de Paracatu-MG tem uma história semelhante à narrativa de Marlon. A busca pelo trabalho com certeza é uma convergência entre ambos. Ela nos conta que:

Bom, nasci e me criei em Paracatu. Vivi uma vida típica de uma cidade interiorana. Saí da proteção de meus pais para me casar. Casei-me muito nova, aos dezessete anos. O casamento não significou a minha entrada para o mundo. Essa viria mais tarde. Quando me casei ainda fazia o segundo grau. O curso era o Magistério. Sabe como é né, filho de pobre não podia naquele tempo pensar em fazer faculdade. O ensino técnico era o caminho mais rápido para o ingresso no mercado de trabalho. Fato é que me formei normalista. Fui trabalhar como contrato nas escolas de minha cidade. Tive três lindos filhos. Entrei para a faculdade. Pagava com muita dificuldade as mensalidades. Eu tinha crédito educativo, mas ainda assim era muito difícil me manter estudando. Tudo apontava para a continuidade do ciclo da vida em Paracatu. Mas ao completar trinta anos a condição de contrato temporário começou a pesar. Todo final de ano tinha que conviver com a expectativa de não ter expectativas. O contrato ia ser encerrado e nada assegurava sua renovação. Foi aí que comecei a estudar para concursos. Minha irmã já morava em Brasília fazia um tempo e eu sabia que o salário da Fundação [Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal-SEE DF] era muito bom! Resolvi então arriscar no concurso daqui [Brasília]. Fiquei sabendo por um colega de trabalho que ia ter concurso pra Valparaíso também. Resolvi fazer as duas provas. Nesse meio tempo separei-me e minha vida desestruturou-se. Mais que nunca precisava conquistar estabilidade. Passei nos dois concursos, mas foi Valparaíso que chamou primeiro. Assim eu vim tomar posse aqui até Brasília chamar. E isso já foi há dez anos atrás. Brasília não chamou e eu me vi de repente moradora de Valparaíso de Goiás. Se eu gosto daqui? Não sei dizer. Como disse o pai de um amigo “lugar bom é aquele de onde tiramos nosso sustento”. Meus filhos estudam hoje na UnB e a vida deles se organizou em Brasília. O que posso dizer...estou aprendendo a conhecer essa cidade. Mas meu umbigo ainda se encontra enterrado no mourão da porteira de Paracatu. Quanto a Brasília, continuo tentando aprovação para a Fundação [risos].

Observemos que as justificativas elencadas em ambos os depoimentos, para a decisão por migrar, concentram-se na expectativa de uma ascensão social via trabalho. Quando o foco recai sobre uma “vida melhor”, essa implica na existência de um trabalho e de uma moradia. Embora corramos o risco de um reducionismo ao emitir tal afirmativa, essa, entretanto, respalda-se nas narrativas ouvidas de nossos entrevistados e na frequência com que esses elementos foram enunciados. O trabalho é, segundo nossos depoentes, o meio através do qual seus objetivos serão alcançados.

É evidente que, ao migrar esses sujeitos têm como estímulo a busca por trabalho. Como projeto de vida a ascensão social via trabalho. Perguntados acerca de como definiriam essa propalada ascensão, muitos foram os que responderam configurar-se esta na “*posse de*

¹¹⁵ Estamos a aludir ao sonho de Dom Bosco. Acerca desse sonho, ver a introdução do presente texto dissertativo.

uma residência e em um trabalho com carteira assinada ou mesmo um trabalho fixo.” A leitura que efetuamos das respostas dadas recai em um axioma da sociedade capitalista. Aquele que vincula o sucesso pessoal à posse de um imóvel e à estabilidade trabalhista. A dimensão econômica é, por essa ótica, determinante para a ascensão social.

No gráfico que segue podemos observar o que aqui se propugna. Se somados os percentuais apurados veremos que em torno de oitenta por cento dos entrevistados afirmou ser a busca pelo trabalho e o desejo por aquisição de moradia¹¹⁶ os propulsores de sua aventura migratória.

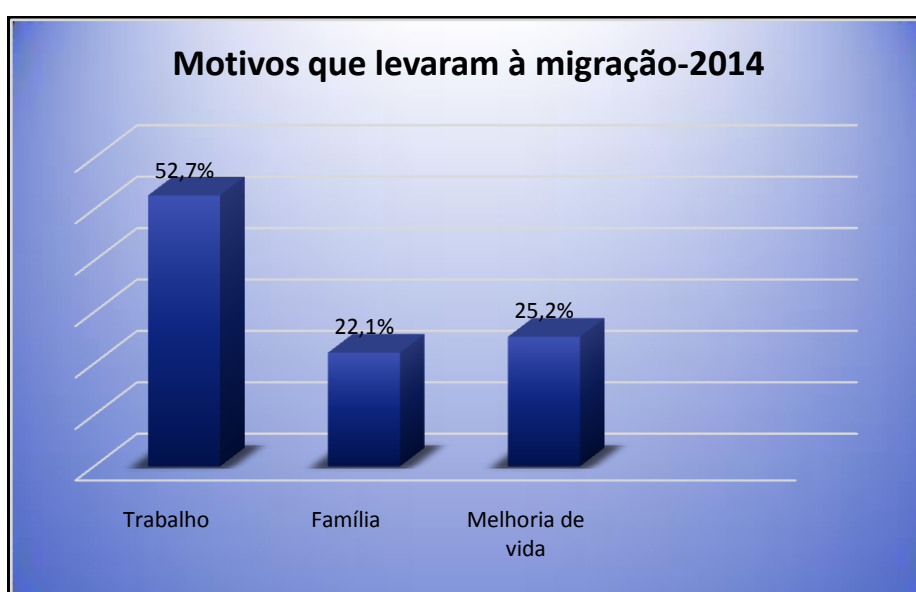


Gráfico 10- Valparaíso de Goiás: motivos que levaram à migração - 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Do contingente de moradores de Valparaíso de Goiás que afirmou ter migrado em busca de trabalho, poucos foram os que vieram com a intenção de encontrar trabalho na cidade. Os depoimentos de Marlon e Juliete comprovam tal afirmativa. É sempre Brasília o alvo desse querer. É em Brasília que a maioria encontra as condições propícias para o trabalho. A cidade de Valparaíso de Goiás, possui uma economia terciária. Não abriga em seu espaço grandes empresas. Assim sendo o quantitativo de postos de trabalho ofertados é restrito. O conjunto de trabalhadores que moram na cidade é composto por comerciários,

¹¹⁶ Embora no gráfico tenhamos colocado o indicador “melhoria de vida”, ao questionarmos os entrevistados sobre o que seria essa melhoria de vida, a quase totalidade das repostas vinculava a mesma à aquisição da casa própria. Em respeito ao quantitativo que apresentou outras respostas ao questionamento, optamos por manter o indicador “melhoria de vida”.

prestadores de serviços, trabalhadores domésticos e servidores públicos municipais. Portanto, os postos de trabalho aí gerados não conseguem atender à demanda da mão de obra ofertada.

Ressaltamos que o setor público é o maior empregador de Valparaíso de Goiás. São eles, os servidores públicos, aqueles que maiores oportunidades têm de viver a cidade onde moram e trabalham. Considerando o trabalho como uma “dimensão estruturante da vida social” do sujeito (Antunes, 2000), observamos que um significativo contingente de trabalhadores da cidade de Valparaíso de Goiás executa essa dimensão no espaço do DF. Como resultado desse processo o contato destes com a cidade não se configura expressivo.

Um olhar sobre os laços de dependência dos moradores de Valparaíso de Goiás em relação ao Distrito Federal¹¹⁷ evidencia que Brasília mantém sua posição de centralidade econômica. O quadrilátero continua a ser profícuo na oferta de postos de trabalho. Essa condição favorece o surgimento de um eixo de deslocamento de trabalhadores de Valparaíso de Goiás em direção a Brasília. É aí que permanecerão por todo o período de sua jornada de trabalho. Não raras vezes, ao término de um dia de trabalho, principalmente nos finais de semana, estendem sua permanência para descontrair e desestressar. Ou, como afirmam na cidade, para “uma social” com os amigos.

A existência do referido eixo reforça a concepção de uma inversão de centralidade delineada no segundo capítulo. No que tange a Valparaíso de Goiás, essa inversão de centralidade coloca o DF em posição de dependência ao mesmo. Explica-se. O fato de esses trabalhadores morarem em Valparaíso de Goiás diminui a pressão por moradia no DF. Além disso, a proximidade entre um e outro viabiliza o deslocamento diário de trabalhadores da cidade para o DF. Supre-se assim, a demanda por mão de obra no ceto distrito.

Os desdobramentos dessa inversão de centralidade se farão repercutir negativamente nas relações do sujeito com a cidade onde habita. Isso porque, o deslocamento diário para o local de trabalho em outra unidade federativa obriga o sujeito a ficar muito tempo fora de sua cidade de residência. Assim sendo, este se vê impossibilitado de interagir no espaço urbano onde reside. Infere-se que tal condição dificulta a atribuição de sentido de valor ao espaço por parte do morador de Valparaíso de Goiás. Desta forma, a transformação de espaço em lugar não se efetiva. Não ocorrendo essa valoração do espaço, o estabelecimento do senso de pertencimento encontra-se comprometido. Quiçá, inviabilizado.

Acerca dos dados apresentados sobre a dependência da cidade em relação a Brasília, chamamos a atenção para o percentual de pessoas que afirmaram trabalhar em

¹¹⁷Gráfico 03 “Valparaíso de Goiás: local de trabalho - 2014”.

Valparaíso de Goiás. Este é bastante próximo ao daqueles que informaram trabalhar no DF. A constatação nos leva a elucubrar sobre uma possível transformação no cenário apresentado. O quantitativo de trabalhadores cujo posto de trabalho fica em Valparaíso de Goiás tende a superar aqueles que se deslocam para o DF com essa finalidade. A atual gestora da cidade de Valparaíso de Goiás preconiza essa mudança de cenário para um futuro próximo. Afirma ela que:

Hoje as pessoas que estão chegando em Valparaíso, seja do DF pra cá ou seja de outras localidades...como a gente vê aumentou muito o número de chegantes. Elas vêm com um olhar de...de...de fixar em Valparaíso. Eu acredito nisso. Elas chegam, com a ideia de ficar. De estabelecer a sua vida aqui na cidade mesmo. Elas vêm com essa intenção. Vêm olhando para uma cidade que tá oferecendo de alguma forma é...oportunidades, perspectivas de moradia, mas também de trabalho. Sim porque estão sendo criados novos postos de trabalho aqui. A vinda da Havan [Loja de departamentos com sede em Santa Catarina] para o município é a prova do que estou dizendo. Só lá foram ofertadas duzentas vagas. As pessoas estão vindo pela dinâmica do município, né? Pela força do comércio, pelas oportunidades, pelos novos empreendimentos que estão chegando... as pessoas olham pra cidade olhando para algo que elas entendem que é algo bom. Que é um local onde elas vão poder realizar os seus desejos. Seja do ponto de vista do trabalho, da moradia...eu imagino que elas estão chegando com o sentimento de ficar. De fincar raízes.

As palavras da gestora ressoam o resultado de uma pesquisa realizada pela consultoria Urban Systems para a revista Exame, edição de abril de 2014¹¹⁸. O objetivo da pesquisa foi conhecer as cidades brasileiras em seus aspectos econômico, social, de infraestrutura e de capital humano. Foram pesquisadas trezentas cidades do país. Destas, cem foram ranqueadas a partir de vinte e sete indicadores. Valparaíso de Goiás figura em 81º lugar no ranking de cidades acima de 100.000 hab. com maior potencial para receber novos empreendimentos. A inserção da cidade no referido ranking, coaduna com as informações sobre o dinamismo econômico desta no estado de Goiás¹¹⁹.

A despeito da possibilidade de mudanças, o atual quadro de dependência em relação à cidade polo tende a permanecer por um longo período. Isso porque, a cidade ainda não consolidou seu cenário econômico de forma a atrair e reter em seu espaço os trabalhadores que diariamente deslocam-se para Brasília. Decorre dessa situação transformações nas relações familiares. Para cumprir com o horário de trabalho, muitos pais de família deixam suas residências nas primeiras horas do dia e somente retornam à noite. A

¹¹⁸ Para acesso a maiores detalhes da pesquisa cf. Revista Exame. Edição 1064. Ano 48. Nº 8. 30/04/14.

¹¹⁹ Acerca do referido dinamismo reporte-se ao capítulo I deste texto dissertativo.

convivência familiar vê-se assim reconfigurada. Joana, 35 anos, moradora do bairro Ipanema, necessita sair muito cedo de casa para atender às demandas de seu trabalho.

Olha, nessa casa que eu tô te falando eu já trabalho há pelo menos uns quinze anos. Praticamente fui eu quem ajudou a criar os dois meninos dela [a patroa]. Agora vou te dizer uma coisa, pra chegar lá [em Brasília] eu preciso madrugar. Acordo por volta das quatro da manhã que é pra dar tempo de me aprontar e ir pra pista pegar o baú das cinco. Só assim pra ver se pega ele vazio. Do contrário, minha filha, é pendurada até chegar lá. Antes eu até nem importava muito com essa vida não. Mas depois que o Lucas [o filho] nasceu, aí as coisas mudaram né? Dá uma dó deixar o bichinho dormindo sozinho em casa. É porque saio eu e meu marido tudo junto. Ele trabalha numa terceirizada lá no senado. Daí já viu né? Se não chegar na hora o bicho pega. E esses baús estão cada dia pior. Quando não quebra a gente até estranha [risos]. No meu trabalho preciso chegar cedo pra preparar o café da manhã pros patrões antes deles saírem pro trabalho deles e as crianças pra escola. E aqui em casa, é o Lucas mesmo que arruma o café dele, se arruma, vai pra escola...já é um homenzinho. Agora tem vez que eu fico pensando...Isso não é vida não. Confesso que já tô meio cansada. Se arranjasse trabalho por aqui [Valparaíso de Goiás] eu até que ia gostar. Mesmo ganhando menos até que ia ser bom. Mas tá tudo tão difícil!

É consenso entre os entrevistados que em função das atividades de trabalho desenvolvidas no DF não têm tempo para o convívio em família. Ora, se o vínculo familiar encontra-se alterado pela rotina de uma vida em trânsito, o que dizer das relações de vizinhança. Estas então, conforme os dados apontados no gráfico abaixo evidenciam um distanciamento entre as pessoas que vivem na metrópole. A vida na metrópole, pautada pela lógica econômica faz emergir um contingente amorfo de moradores que, dificilmente estabelecem relações de amistosidade. Estes, em um ato de autopreservação, promovem um distanciamento social. Resulta daí o anonimato, o isolamento do indivíduo (Simmel, 1979).

Submetido às tensões da vida metropolitana, esse indivíduo assume para com o espaço uma atitude *blasé*. Não parece encontrar aí nada que o surpreenda. Em função do exposto torna-se usual encontrarmos no ambiente metropolitano, vizinhos que não se conhecem. Quando alhures a Ana Júlia afirma que desconhece seus vizinhos e é por eles também desconhecida, ela apenas verbaliza um fato que é característico do ambiente metropolitano.

Este comportamento aponta para um confinamento do indivíduo. Contraria a natureza gregária do homem. O cidadão metropolitano quer seja por desconfiança quer por precaução, fecha-se cada dia mais ao contato aprofundado com seus pares (Bauman, 2009)¹²⁰.

¹²⁰ BAUMAN (2009, p.43), nomeia a esse receio por misturar-se, por aventurar-se em relações amistosas na cidade de *mixofobia*, ou seja, o medo de misturar-se. Segundo o autor essa *mixofobia* é uma reação à infinidade de sujeitos e estilos de vida que podem ser encontrados nas cidades contemporâneas. Se aplicados ao contexto

Em Valparaíso de Goiás, quando aplicamos as entrevistas semielaboradas solicitamos que fosse registrado o nome de pelo menos cinco vizinhos. O resultado corrobora para o que anteriormente já inferíamos: a existência de um isolamento social.

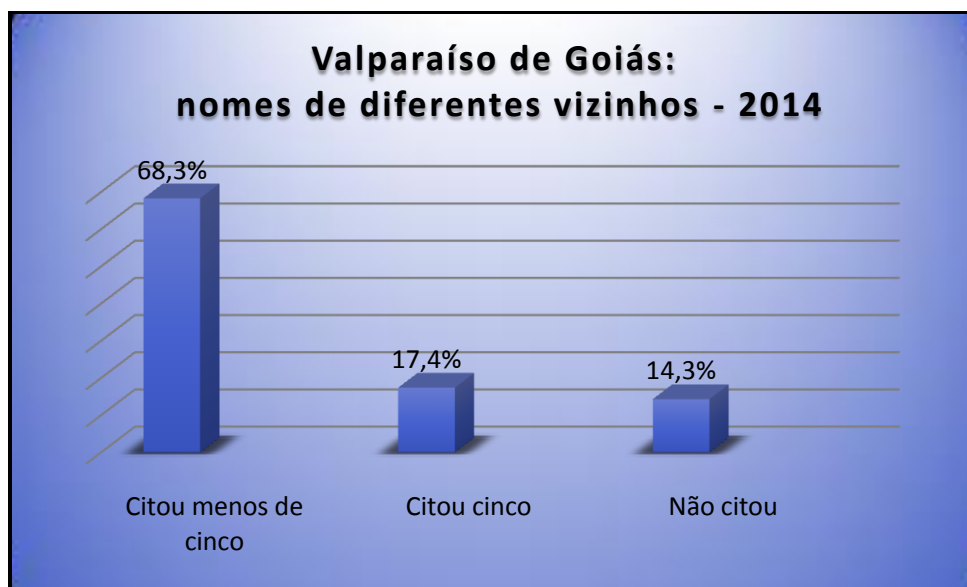


Gráfico 11- Valparaíso de Goiás: relações de vizinhança, 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Perguntados sobre como explicar esse isolamento, as justificativas foram associadas ao cansaço do dia a dia e à violência urbana. “*Nunca se sabe com quem estamos lidando*”, ouvimos repetidas vezes. O receio do desconhecido é algo inerente ao ser humano. É a consciência do perigo que nos mantém vivos. Todavia, no meio metropolitano, assistimos a uma exacerbação do medo. Quanto ao cansaço oriundo do deslocamento diário, também ele é característico do modo de vida metropolitano. Por residirem fora de seu endereço de trabalho, esses indivíduos encontram-se sujeitos a condições adversas de transporte. O constante deslocar-se para o trabalho em um local diferente daquele onde habita é apontado por Ferreira, Vasconcelos et. al. (2008:11) como aspecto de fragilidade na relação do indivíduo com seu local de moradia.

A população dessas localidades, originariamente de baixa renda, com pouco tempo de moradia no Distrito Federal ou no local de residência atual, muitas vezes transferida de outros locais (...) não têm uma história de vida comunitária (...) o trabalho no local de moradia inexistente ou é informal; deslocam-se [os moradores] diariamente para ir trabalhar, o que esvazia o lugar e desagrega o grupo social; não se conhecem e não construíram laços de vizinhança nem organização social, não criaram uma identidade.

das metrópoles veremos que o quadro exposto aumentará significativamente. Cf. BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 2009.

Mediante tais condições de vida, não se apresentam elementos para um estreitamento da convivência entre vizinhos. As relações de vizinhança são, pois, fortuitas e transitórias. Existem casos de vizinhos que residem há anos lado a lado e nunca trocaram mais que um cordial “bom dia” ou um aceno de cabeça ao cruzarem-se. Esse “isolamento” social gera tensões subconscientes. Num ambiente onde poucos se conhecem, todos se tornam suspeitos. As associações são transitórias. Até mesmo porque, os “vizinhos” mudam-se de residência com grande regularidade. A rotatividade de lugar de moradia principalmente para aqueles que moram de aluguel é uma realidade incontestável. Desta forma, os laços estabelecidos são fluídos (Bauman, 2007). Ana Paula descreve seu estranhamento ante a atitude dos “vizinhos” e por sua fala é possível identificar a fluidez nos vínculos estabelecidos.

Assim, pra mim que vim de uma cidade pequena [Buritis - MG] era muito estranho as pessoas morarem no mesmo lugar e não se cumprimentarem...sim, porque a gente podia até morar em apartamentos diferentes, mais era num mesmo lote que o prédio era construído. Então eu ficava ingasturada com aquilo. Ninguém dava um bom dia...ou um boa tarde. Às vezes eu ficava com uma vontade danada de tentar me aproximar, mais a atitude deles era tão distante que nem dava brecha. Teve um dia que foi estranho...o vizinho do terceiro andar bateu na mulher a noite toda...acho que a discussão começou porque ela descobriu um cacho dele...nem tem como não escutar né? As paredes aqui literalmente têm ouvidos! [risos] Pois então...como eu tava te contando...eles começaram a brigar cedo da noite. Lembro que eu tinha chegado mais cedo em casa naquele dia e o Zé Maria [esposo] tava pra Unai, ele é funcionário da Primavia, então a matriz é lá. Pois intão, cheguei pensando que ia aproveitar pra ver a novela das sete...ô engano! Foi um brigaceiro feio, ela gritava, pedia socorro...eu bem que queria ajudar, mas sozinha, não tinha o que fazer. Os outros vizinhos...ninguém acudiu a coitada. Ah, se fosse lá em Buritis, esse cabra tinha é levado uma surra pra aprender a ser homem! Onde já se viu. Achei que no outro dia alguém ia comentar o acontecido, mas qual nada! Só sei que o casal mudou de lá pouco tempo depois. Alguém deve ter reclamado pro dono e ele deve ter pedido o apartamento, né? Mas olha, depois disso eu aprendi uma coisa, vizinhos mesmo são aqueles que eu deixei lá em Minas. Aqui a gente tá sozinho. É cada um pra si e Deus pra todos. Né não? Pra falar a verdade, se eu soubesse do forrobodó que ia ser nesse dia, tinha ficado pra um chopp com o pessoal do trabalho. É que bem nesse dia foram todos pro Feitiço Mineiro [Barzinho localizado na Asa Norte de Brasília]. Ah, se arrependimento matasse! [risos]

O depoimento de Ana Paula é ilustrativo do estranhamento com que o migrante recém chegado vê a metrópole. O fato de não se cumprimentarem pelos corredores do prédio incomoda, a aparente falta de solidariedade entre vizinhos é também objeto de censura. A relação de amistosidade entre os colegas de trabalho é para Ana Paula um resquício de seu lugar de origem. Percebe-se em sua fala que não houve ainda com a cidade o estabelecimento de vínculos. Este, bem como seus moradores, configura-se em um espaço desconhecido e hostil.

Em virtude dessa fragilidade nas relações estabelecidas com o local de moradia, assistimos a um estreitamento dos vínculos com Brasília. O arrependimento expresso na fala de Ana Paula por não ter participado do *happy hour* com os colegas de trabalho e se tornar testemunha involuntária de um ato de violência, confirma o exposto.

O cotidiano de pessoas que assim como Ana Paula moram em Valparaíso de Goiás, mas trabalham em Brasília, é recortado pela hora da partida e da chegada. Pela ânsia do final de semana para o alívio dos embates diários. Alguns afirmam que em função do cansaço, não possuem disposição para investidas pela cidade em seus momentos de “descanso”. O adágio popular “de casa para o trabalho e do trabalho para casa” encontra entre os moradores de Valparaíso de Goiás ressonâncias de uma existência. Dessa forma, vai-se estabelecendo uma rotina na qual os momentos de lazer são poucos e muitas vezes se concretizam no Distrito Federal.

3.5 Valparaíso de Goiás: o lazer em um espaço de ubiquidade

Momentos de lazer configuram-se para esses indivíduos oportunidade de refazimento. Anseiam por tais momentos como panacéia para as intranquilidades do cotidiano. Nessa ótica, o lazer pode ser entendido como uma dimensão social (Marcellino, 1995). Suas práticas proporcionam sociabilidade, criatividade, liberdade e o desenvolvimento integral do sujeito. Figura entre os elementos garantidores de qualidade de vida¹²¹ e bem estar ao ser humano. Pode ser considerado como fator de relevância para o exercício pleno da cidadania. O direito ao lazer está previsto na Constituição da República Brasileira¹²². Os artigos, 6º e 217º (§ 3º) inserem o lazer na relação dos direitos sociais.

O lazer encontra-se vinculado à humanidade desde os primórdios desta. Se buscarmos evidências de sua ocorrência veremos que se configura em uma constante na vida das pessoas. Mudam apenas os mecanismos para a prática do lazer. Assim sendo, podemos

¹²¹Para as reflexões do presente texto vamos nos apropriar das concepções de qualidade de vida que englobam o direito ao lazer. Segundo Almeida et. al., o conceito de qualidade de vida é algo ainda em construção. Afirmam os autores que: “O senso comum se apropriou desse objeto de forma a resumir melhorias ou um alto padrão de bem-estar na vida das pessoas, sejam elas de ordem econômica, social ou emocional. Todavia, a área de conhecimento em qualidade de vida encontra-se numa fase de construção de identidade. Ora identificam-na em relação à saúde, ora à moradia, ao lazer, aos hábitos de atividade física e alimentação, mas o fato é que essa forma de saber afirma que todos esses fatores levam a uma percepção positiva de bem-estar”. Cf. Almeida, M. A. B. de. et.al. **Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades– EACH/USP, 2012. 142p. il.

¹²²Além da constituição federal, existem no Brasil, outros instrumentos que preveem em seu texto o direito ao lazer. São eles: O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990); o Estatuto do Idoso (2003); o Estatuto da Juventude (2004).

afirmar que o lazer é produto de seu tempo. Na modernidade, a concepção de lazer surge vinculada aos momentos de não-trabalho.

Entretanto, as mudanças e inovações tecnológicas desorganizaram as estruturas sociais de amizade, familiares e de trabalho estabelecidas. Reorganizou-as sobre outras bases. Assim, as antigas práticas de lazer foram ressignificadas. Foram alterados também os espaços onde as mesmas se dão. Os moradores de Valparaíso de Goiás, por exemplo, quando perguntados sobre onde executam suas atividades de lazer apresentaram-nos a dimensão dessa rearticulação dos espaços e práticas de lazer.

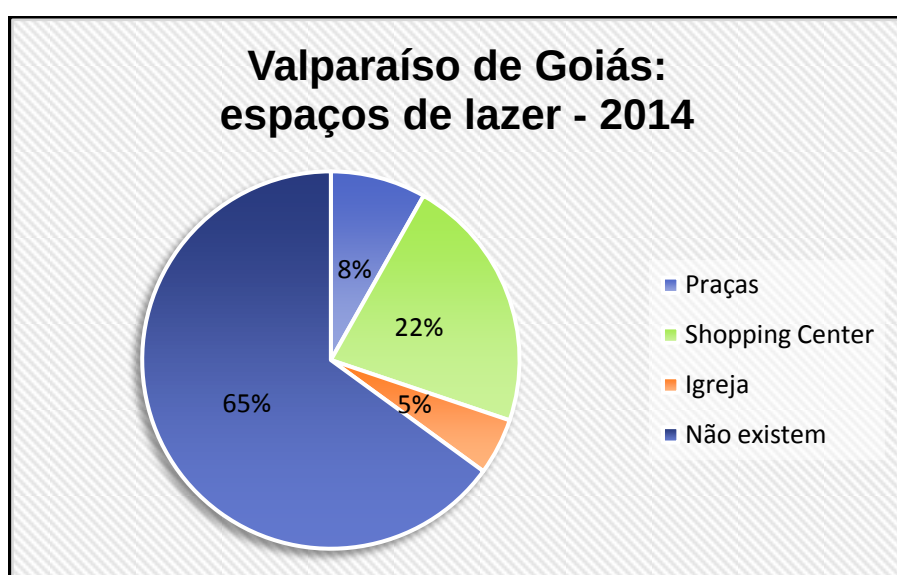


Gráfico 12- Espaços de lazer em Valparaíso de Goiás, 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Um significativo percentual de entrevistados afirmou que em Valparaíso de Goiás não existem opções de lazer. Afirmaram os moradores que os poucos espaços que conhecem encontram-se ou desativados ou são “mal frequentados”. Por mal frequentados leia-se que o espaço foi apossado por traficantes, usuários de droga, dentre outros. Não oferece assim condições para que a população deles usufrua. Alguns apontaram a igreja ou o shopping como o local escolhido. Seu Nicanor, 49 anos, morador da Vila Guaíra, pai de três filhos afirma:

Olha, bem que eu queria que aqui tivesse algum lugar pra gente ir né? Tem dia que a gente falta morrer de tédio dentro de casa. Sabe como é né...eu num tenho parente nenhum aqui...amigo também não. Tem os colegas de trabalho, mas mora cada um num lugar. Também num é muito bom ficar massando barro na casa dos outros não né...minha mãe sempre me ensinou isso. Intão...assim...desse jeito...eu também num sô muito chegado a ficar indo pra casa dos outros não. Também, vô te dizê uma coisa [aproxima-se e baixa a voz como se fosse contar um segredo] é minino demais pra levar pra casa dos outro [são três filhos]. Cê num sabe o trabalho que esses menino dá. Pra levar pro shopping em Brasília a gente num dá conta da passagem.

Sem contar que lá tudo é pela hora da morte. O shopping daqui também é complicado...pra num tê que gastá um dinheiro que depois vai fazer falta, a gente fica em casa mesmo, ou então vai pra igreja rezar que é de graça e ainda agrada a Deus né não? [risos]

Embora configure em equipamento de lazer válido, a igreja se projeta na fala dos entrevistados como única opção em função da ausência e/ou dos poucos recursos destes moradores. Tal situação os limita para se deslocarem em direção ao Distrito Federal e, assim como os demais, materializar aí o seu lazer. O que nos leva a inferir que a igreja se constitua para eles a única opção possível de lazer.

Quando indagados pelo uso das praças enquanto destino para a realização de atividades de lazer obtivemos uma reação negativa pela totalidade dos entrevistados. Segundo os mesmos as poucas praças existentes em Valparaíso de Goiás são *“locais de bandidos. Não se pode ficar em paz em nenhuma delas pois corre-se o risco de ser assaltado”*. Se os espaços apontados são deficitários, os moradores têm ainda que conviver com a extinção de alguns dos poucos espaços existentes. No contexto da pesquisa, acompanhamos o fechamento de um clube, que embora particular, era, segundo informações dos entrevistados, um dos poucos espaços de lazer disponíveis para os moradores da cidade. Em seu lugar foi construído um condomínio fechado que promete aos proprietários *“excelentes espaços de lazer”*.



Figura 14: Transformação de área de lazer em condomínio fechado. **A:** Antigo clube Tropical.

B: Condomínio residencial Belle Acqua construído onde outrora foi o clube Tropical.

Fonte: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

A nova lógica figura excludente e individualista. Os moradores que não possuem apartamentos no residencial viram-se aliados da oferta de lazer neste espaço. As alternativas

são escassas. Muitas pessoas afirmaram a inexistência de espaços de lazer em Valparaíso de Goiás. Houve aqueles que declararam que o seu lazer consiste em ficar em casa descansando ou assistindo à TV. Como alternativa citaram os jogos eletrônicos ou mesmo a internet e as redes sociais. Essa última opção de lazer foi bastante mencionada.

Percebe-se, a partir das opções apresentadas que as alterações na percepção do lazer foram marcantes. Nesse contexto, as relações se estabelecem, com frequência em ambientes virtuais. Cada vez menos a rua, as reuniões familiares, os antigos espaços de vivência e convivência são considerados. As pessoas, ainda que reunidas, encontram-se capturadas pelo “universo Matrix”¹²³. Isoladas e perdidas na amplitude dos gigabytes. Tornam-se uma constante as cenas familiares pautadas por pessoas reunidas, porém, separadas. Cada qual em seu universo encontra-se acessando as redes sociais, jogando no celular, verificando correspondências. Permanecem próximas e, paradoxalmente, distantes.

Esses novos modos de agir, oriundos das inovações tecnológicas, transformam não apenas o comportamento das pessoas em relação às práticas de lazer como também fazem surgir novas formas pelas quais o espaço é significado. Outra transformação imposta pelas ressignificações mencionadas é a mercadologização do lazer. Tal se evidencia principalmente nas áreas metropolitanas. Nestas localidades, como percebemos em Valparaíso de Goiás, praticamente inexistem espaços e equipamentos públicos de lazer. Surge daí uma equalização desigual do espaço urbano. Segundo Mascarenhas (2004:8) esse heterogêneo acesso ao lazer ocorre por que:

(...) os bens e serviços de lazer tornam-se acessíveis apenas para uma minoria, apresentando-se como um tipo muito específico de propriedade. Somente de posse desse ‘direito’, adquirido numa relação de compra e venda efetuada no mercado, nem sempre de modo direto, que o cidadão-consumidor, como ‘proprietário’, pode valer-se do direito ao consumo, usufruindo, desfrutando, fruindo ou gozando de um determinado complexo de experiências lúdicas proporcionadas por aquilo que doravante convencionaremos chamar por ‘mercolazer’, forma contemporânea e tendencial de manifestação do lazer como mercadoria.

A assertiva acima coaduna com a concepção de que existem, na atualidade, duas correntes que orientam o lazer. Tais correntes configuram-se antagônicas e polarizam a prática deste. Enquanto a primeira concebe o lazer como mercadoria a ser consumida, a segunda aponta para o lazer como prática social (Marcellino, 1995). A análise da primeira corrente nos mostra que a partir do surgimento do “mercolazer”, evidencia-se a necessidade de criar espaços apropriados para o consumo. Nascem os hotéis fazenda, os shoppings

¹²³ Fazemos aqui alusão ao filme Matrix que estreou no ano de 2009 e retrata a vida de um programador de computadores preso a um mundo cibernético.

centers, os pesque pague e tantos outros que apregoam horas de tranquilidade e prazer. São, entretanto, espaços pagos. Estes núcleos de consumo têm cada vez mais se alastrado pelos centros urbanos.

Se nas pequenas e médias cidades os espaços de lazer encontram-se localizados no “centro” da cidade e são, em sua maioria, espaços públicos de lazer, nas regiões metropolitanas eles se concentram nos espaços de consumo. Dessa forma, no meio metropolitano o lazer é quase que em sua totalidade exercido sob sua forma de consumo. A lógica capitalista tem regulado a organização do meio urbano. É ela quem valora o solo urbano. É por essa lógica que, conforme exposto alhures, os residenciais de luxo têm cada dia mais ocupado os espaços da cidade. Oferecem a seus compradores opções de lazer dentro dos muros do condomínio. Aliam a facilidade de morar e a comodidade de não precisar deslocar-se para efetivar ações de lazer. A mesma lógica exclui pessoas como o Sr. Nicanor. Dessa forma criam-se diferentes cidades dentro da cidade.

Nos espaços dos condomínios fechados, cujo acesso encontra-se restrito aos moradores e convidados, a promessa é a tríade moradia-lazer-segurança. A crescente sensação de insegurança leva o sujeito, ao adquirir seu imóvel, a considerar a oferta de lazer dentro do próprio condomínio como de relevância. Cada vez mais, o indivíduo isola-se na metrópole. Em Valparaíso de Goiás multiplicam-se os investimentos feitos pelo mercado imobiliário no sentido de atender à demanda pela tríade acima enunciada.



Figura 15: **A e B:** Mercado Imobiliário – Outdoors colocados às margens da BR-040 entre Valparaíso de Goiás e Brasília. Fonte: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

Observa-se na imagem acima que o empreendedor imobiliário utiliza-se da linguagem midiática para atrair pretensos compradores. Apropria-se do discurso de uma “cidade violenta” para reforçar a necessidade das práticas de lazer desenvolvidas com

segurança intramuros dos condomínios. Assim, transformam seu investimento em atrativo que suprirá as deficiências na oferta de equipamentos por parte dos gestores.

Pelo exposto, inferimos que aqueles que permanecem na cidade em seus dias de descanso, ainda assim não vivenciam a cidade. Suas atividades de lazer são desenvolvidas em um espaço privado. A cidade continua a ser para esses sujeitos uma desconhecida. Um espaço cindido (Chaveiro, 2007). De um lado temos a cidade dos condomínios particulares. Dotada de todos os equipamentos coletivos necessários a uma existência com “qualidade de vida”. De outro se encontram as “áreas marginais”. Aquelas esquecidas pelo poder público. Nestas inexiste aparelhamento estatal de qualidade e o lazer é tido como algo de somenos. Por residirem em áreas periféricas, pelo alto custo das atividades de lazer ofertadas pelo mercolazer, os indivíduos cada vez mais têm substituído o lazer extra doméstico por atividades em suas próprias residências.

Viver em grandes centros urbanos dificulta para essas pessoas o acesso ao lazer em espaços públicos. Ainda que estes existam, nem sempre se encontram em condições adequadas de preservação ou mesmo não se configuram em lugares seguros para tais atividades. Em Valparaíso de Goiás, percebemos a precariedade na oferta de equipamentos públicos de lazer. As poucas praças da cidade encontram-se fragilizadas para o convívio em função da apropriação para o crime. É comum encontramos esses espaços totalmente vazios nos finais de semana. É perceptível pelas pichações e depredações nestes espaços que os mesmos têm “donos”. As praças tornaram-se para os moradores apenas um lugar de passagem.



Figura 16: Praça Central da Etapa A, bairro Valparaíso I em Valparaíso de Goiás. 2013
Fonte: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2013.

O espaço da praça é inseguro para que as famílias o desfrute. Assim sendo, a alternativa para esses moradores da cidade de Valparaíso de Goiás são os espaços de consumo em Brasília. Porém, os gastos adicionais advindos desse momento de lazer comprometem o orçamento familiar. Não bastassem os fatores elencados, o deslocamento para os espaços de lazer, quer públicos quer de consumo, figuram experiência traumática quando consideramos as condições de mobilidade nos grandes centros urbanos. A ineficiência dos transportes coletivos, o caos nas vias de circulação, os altos preços das passagens são fatores que interferem na prática do lazer extra doméstico. A somatória desses fatores impele esses sujeitos, extenuados pela lida diária, a optar por práticas de lazer em suas residências.

Retomando as correntes que, segundo Marcellino¹²⁴, orientam a prática do lazer, temos na segunda, aquela que concebe o lazer como uma prática social, a orientação para as leituras ora efetivadas. Por essa perspectiva, cabe ao lazer propiciar ao indivíduo alegria, diversão, respeito ao semelhante, solidariedade, prazer e busca por uma qualidade de vida melhor. Este tipo de lazer deve ser pautado em uma prática historicossocial. Ocorrendo dessa forma poderá influenciar as relações sociais promovendo melhoria em na existência dos sujeitos. A concepção do lazer enquanto prática social aponta para a necessidade de democratização dos espaços da cidade.

¹²⁴ Op.cit.

A cidade deve ser pensada neste prisma para se tornar atrativa para seus moradores. Referimo-nos aqui àqueles moradores que, alijados dos condomínios de luxo nos quais a garantia do direito ao lazer é ingrediente no valor das prestações do imóvel, têm nos espaços públicos de lazer sua única alternativa. Deve-se, neste contexto, pensar os espaços públicos de lazer como lugares de encontro e convívio. Pensando tais espaços como ambientes sociais e de socialização já se caminhará para a democratização dos mesmos. Ressaltamos, porém, que democratizar o lazer implica democratizar o espaço urbano. Em Valparaíso de Goiás encontramos um exemplo de transformação de um espaço ocioso em um lugar de lazer pela ação da comunidade. Essa verdadeira exceção no cenário urbano da cidade fica no bairro Valparaíso I, etapa E.

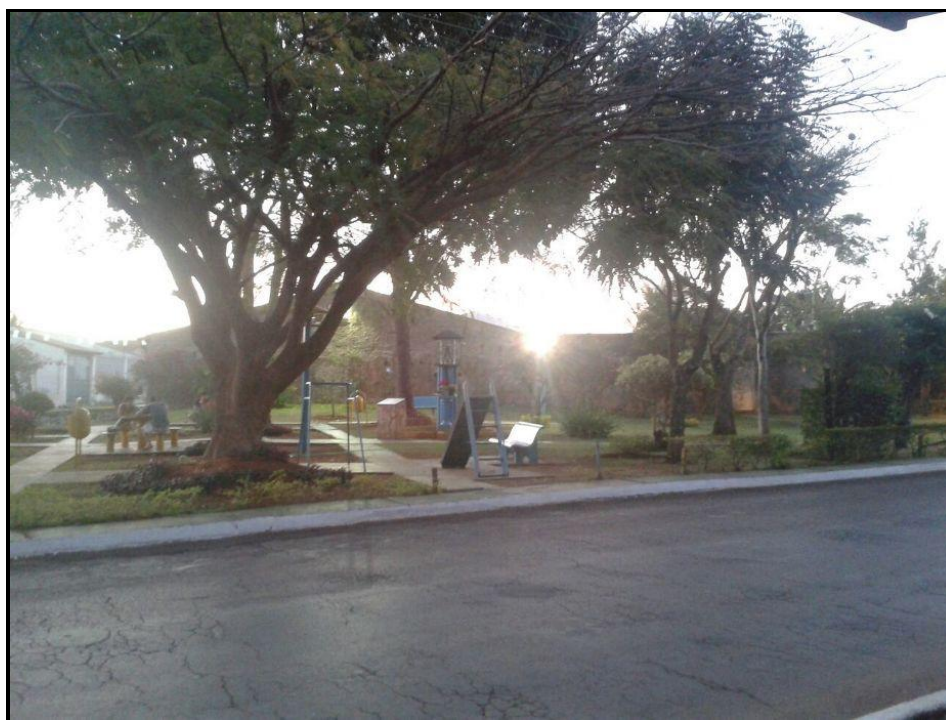


Figura 17: Praça construída pelos moradores do Bairro Valparaíso I, etapa E.
Fonte: Silva, Eliete Barbosa de Brito. 2014

A imagem acima é de uma praça cujo espaço é desfrutado por muitos dos moradores da cidade. É ilustrativa de que, com o envolvimento da sociedade, espaços ociosos podem deixar de ser um “gueto” de criminalidade e tornar-se uma opção a mais para a população. Esta é uma praça construída e cuidada pelos moradores da etapa E do bairro Valparaíso I. Antes, dizem eles, onde hoje tem a praça era um lote baldio cheio de perigo. Como o poder público não atendia às solicitações dos moradores para resolver o problema, decidiram então “organizar” o espaço. Em regime de mutirão fizeram a limpeza da área, a

arborização e o calçamento. Aqueles que tinham disponibilidade de tempo se encarregaram de regar e podar as árvores. O Sr. Jonas foi um dos idealizadores do projeto. Segundo ele:

A ideia foi dos moradores. A vontade de ter um lugar de lazer pras crianças foi o que nos levou a construir a pracinha. A cidade mal tinha começado a existir. Os poucos moradores que tinha aqui, não tinham um lugar pras crianças brincarem. Lá em Brasília, por exemplo, toda quadra tem um parquinho, uma área de lazer. Então resolvemos construir aqui pra nós uma área de lazer. Arrecadamos um pouco de dinheiro dos moradores, conseguimos que a prefeitura limpasse. Se o lugar era da prefeitura, isso não sei mas acho que no projeto da Encol o terreno já era designado para este fim. Só que depois que a Encol faliu parou tudo né? Daí foi isso...nos reunimos e cada um ajudou como pode. Hoje tá essa belezura toda. Dá orgulho saber que partiu de nós. A pracinha hoje é frequentada por muitos jovens e isso deixa a gente muito feliz. A cidade cresceu mas continua carente de lugares pro lazer. Tem gente que fica a vida inteira esperando pelo governo... a gente não. Fomos lá e fizemos. Depois de um tempo, acho que foi no ano passado...a prefeita mandou colocar essa academia aí...ixe! Agora é que ficou bom mesmo. [risos]

Percebemos no depoimento do Sr. Jonas que com o passar dos anos, o ambiente aprazível tornou-se ponto de referência para os bairros adjacentes. Assim, várias pessoas começaram a ir na “Pracinha da E” como é carinhosamente chamada. É um ponto de encontro de jovens, famílias, aposentados, enfim de todos quantos queiram desfrutar da serenidade do local. Há bem pouco tempo foi feito um acordo com a prefeitura e instalou-se no espaço uma academia ao ar livre. Este é um claro exemplo de democratização do espaço público. Talvez seja também uma demonstração de que o processo de pertencimento, embora lento, esteja se efetivando entre os moradores desse local. Uma coisa é certa, o lote baldio tornou-se o “lugar” de refazimento para as pessoas do bairro.

Outro exemplo de democratização dos espaços da cidade de Valparaíso de Goiás é a ação da Companhia de Arte Vem Viver. O grupo existe desde o ano de 1991, quando alguns amigos se reuniram com o objetivo de montar e encenar espetáculos teatrais para a comunidade. Desde então realizam diversas montagens de peças e apresentações em orfanatos, igrejas e escolas públicas, voluntariamente. A atuação do grupo diversificou-se. Hoje são oferecidos cursos em diversos setores da arte para a comunidade valparaisense. A concepção, segundo os membros da companhia, é de que não é preciso grandes espaços ou vultosos investimentos para que seja feita a diferença. “*Se houver união e boa vontade as coisas fluem*”, pondera um de seus fundadores.



Figura 18: Ponto de Cultura Companhia Vem Viver. 2013. **A:** Folders de divulgação da Companhia Vem Viver. **B:** Cartaz de divulgação das comemorações pelos 22 anos da Companhia Vem Viver.

Fonte: Arquivos da companhia. Org.: Silva, Eliete Barbosa de Brito.

De acordo com Marcos, um dos fundadores da companhia:

A Vem Viver presta um relevante serviço na região do entorno sul de Brasília... no Município de Valparaíso de Goiás... no bairro Jardim Céu Azul, na área de esporte, lazer, cultura, artesanato e cursos profissionalizantes nesses mais de dezenove anos com grande responsabilidade social. Reconhecemos a ausência do poder público devido à grande demanda na área em que atuamos. Por isso a Vem Viver tem esse papel de preencher lacunas, foi com muita dificuldade que desenvolvemos nossas atividades durante este período, hoje somos legalizados e podemos receber recursos do governo Federal e Municipal e ao longo desse tempo fizemos parcerias com diversas entidades. Inclusive com instituições de Brasília.

Novamente registramos na fala dos moradores a insatisfação para com o

desempenho do setor público no que tange à organização e/ou criação de espaços públicos de lazer. Verificamos também que o parâmetro para o lazer com qualidade é Brasília. Em ambos os relatos fica evidente o desejo de trazer para Valparaíso de Goiás um pouco de Brasília. Se há exemplo de democratização do lazer em espaços públicos a ser seguido, esse, certamente, vem do Distrito Federal.

Versiani e Silva (2009:7) acerca da democratização dos espaços de lazer no meio urbano colocam que “(...) para se buscar a democratização do lazer, é fundamental que se envolvam o poder municipal e a comunidade”. Gomes (2006) completa esse raciocínio afirmando que é possível, por meio de ações e inserções mais comprometidas com a construção de uma nova sociedade, mais justa, solidária e humana, buscar humanizar a cidade. Para ela, a cidade em vez de ser orientada apenas pelo desempenho do trabalho, necessita “expandir as possibilidades para que o lazer possa ser usufruído por todos os seus habitantes, com dignidade e criticidade, valorizando o ser humano que a constitui ao mesmo tempo em que é constituído” (Gomes, 2006:181-2).

A autora diz que o lazer pode deixar de ser restrito a um consumo alienado, para se transformar de fato em uma prática social que representa uma das dimensões da vida em sociedade. A lógica aplicada sobre o pensamento da autora pode ser percebida nos exemplos acima citados. O envolvimento da comunidade em ambos os casos, levou ao exercício social que visa a melhoria do grupo no qual se insere. Infere-se do exposto que uma tentativa para democratizar o lazer passa, necessariamente, pela elaboração e aplicação de políticas públicas eficazes que envolvam a participação dos moradores da cidade.

Na busca por promover a democratização do espaço urbano há que se considerar que as cidades se configuram em aglomerações sociais. Assim sendo, o espaço urbano é significado a partir das representações sociais de seus habitantes. As referidas representações constituem-se fomento para a construção de códigos e de quadros mentais acerca do meio social em que o indivíduo se encontra inserido. São sinalizadoras das dinâmicas e valores da sociedade.

Atenta-se então, para o fato de que a implementação de políticas públicas de lazer que desrespeite as referidas dinâmicas e valores expressos nas representações sociais do grupo pode resultar em desgaste para o poder público. Justifica-se assim a necessidade de a população ser inserida em quaisquer ações que se pense para a implantação de espaços públicos de lazer. Até mesmo porque tais ações podem impactar o ambiente urbano. Modificar mesmo o cenário posto. Alterar esses espaços urbanos demanda, necessariamente, considerar a forma como ele é representado pelos diversos grupos sociais que o habitam.

Não se pode esquecer que o mote de tais ações é a inclusão social e a promoção de melhoria de vida desses sujeitos. Justifica-se assim, a segunda corrente de orientação do lazer preconizada por Marcellino (1995) em sua obra *Lazer e Humanização*. Subjacente a essas reflexões encontra-se a questão do lazer nas cidades que compõem o perímetro urbano de uma metrópole. Conforme exposto alhures são poucos os espaços de lazer e os momentos dedicados a estes nestas localidades. Em geral configuram-se espaços de vulnerabilidade social¹²⁵ onde a violência, a precarização da moradia, a segregação e a exclusão social são ingredientes do cotidiano. Valparaíso de Goiás é exemplo pertinente para a observação do exposto.

As dificuldades acima evidenciadas para o estabelecimento de espaços públicos podem ser explicadas por essa cidade, em sua totalidade urbana. A ocupação deste espaço foi feita sem que fossem pensados locais públicos para o lazer. A ausência de ações efetivas para a criação de locais destinados ao lazer faz com que a população alimente um descrédito em relação aos gestores. Estes são diretamente responsabilizados pela fragilidade do município no que tange à criação dos citos espaços.

Ao percorrermos a cidade, visibilizam-se espaços “ociosos” que poderiam ser, em uma ação conjunta entre moradores e gestão, ressignificados para o lazer. As imagens abaixo foram registradas em uma área que deveria abrigar uma quadra poliesportiva e um campo de futebol *society*. No entanto nos deparamos com a carcaça de um veículo que segundo os moradores tinha sido levado para o local na noite anterior. Havia entulho jogado pelos mesmos no espaço improvisado para um campo de futebol.

¹²⁵ Compreende-se a vulnerabilidade como “situação de exposição e fragilidade vivenciada pelos indivíduos, famílias e grupos sociais decorrentes das precárias e desiguais condições socioeconômicas ou pela privação do acesso destes a bens, direitos, serviços e às oportunidades sociais que viabilizariam uma melhor condição de vida para esses sujeitos” (Rizinni et.al, 2006:18). Os apontamentos da Política Nacional de Assistência Social – PNAS, aprovada em 2004, vão ao encontro desses conceitos ao indicar que a vulnerabilidade social, especificamente, é resultante da pobreza, da privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e, ou, fragilização de vínculos afetivos – relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras).

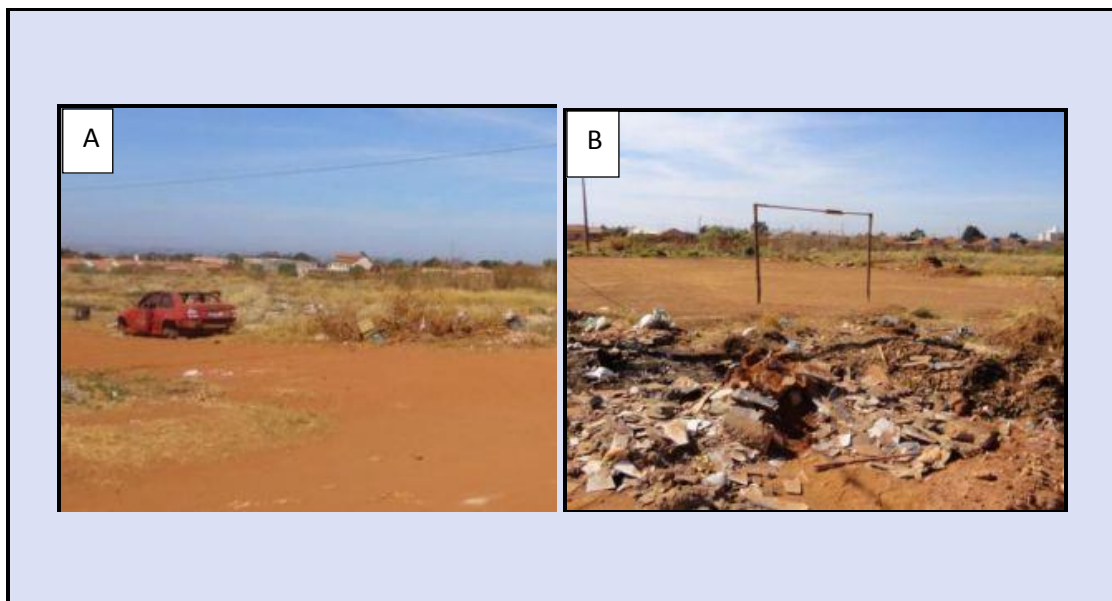


Figura 19: Áreas destinadas à construção de espaços de lazer. **A:** Lote baldio no bairro Céu Azul
B: Área de lazer improvisada pelas crianças. Fonte: Fernandes, Amanda. 2011.

Ambas as situações são impeditivas para que se desenvolvam nos referidos espaços qualquer atividade de lazer. Isso porque, a situação do lixo no meio do “campo” torna inviável a realização da partida de futebol. O carro abandonado, provavelmente resultado de um ato criminoso, faz com que as pessoas se afastem do local para não se envolver em “nenhuma roubada” conforme eles mesmos explicaram. Impera ali a “lei do silêncio”. Mesmo que não compactuem com o ilícito, não desafiam quem o faz. Apesar de os autores do delito serem muito jovens, conforme afirmaram os moradores, já conquistaram o “respeito” da comunidade. Ninguém ousa desafiá-los. De acordo com o depoimento de um de nossos entrevistados, o Sr. João, aposentado da antiga Terracap a criminalidade que captura os jovens do município decorre da ausência de políticas públicas que os contemple.

Moço, sou morador deste município desde 1999, vi Valparaíso crescer. Cresceu muito e ainda está crescendo. Só que é um crescimento desordenado. O município não tem opções de divertimento para oferecer a seus moradores. Não possui áreas públicas. Nossas crianças não têm onde brincar. Área de lazer, muito menos. As políticas públicas não contemplam nem os mais velhos nem o que realmente é necessário para nossos jovens. Valparaíso foi apontada como a cidade mais violenta do mundo. Isso não é de espantar não, viu? Não vejo incentivo na cidade para que as crianças e adolescentes saiam das ruas. Com isso elas acabam se tornando presas fáceis dos traficantes. As políticas e os programas sociais infelizmente não conseguem atender a todos que carecem ajuda. E com isso cada dia mais vamos assistindo à morte prematura de nossos jovens.

A fala de Sr. João nos remete aos dados de criminalidade e homicídio abordados anteriormente. Os jovens configuram-se no elemento de maior vulnerabilidade quando tratamos da ausência de políticas públicas de inclusão social. Outra constatação oriunda da

fala do entrevistado é que parece haver uma tendência à polarização de ações por parte dos moradores de Valparaíso de Goiás no que tange ao lazer. Descortinam-se assim dois cenários. O primeiro marcado pela ausência do poder público de um planejamento urbano que preveja a existência de espaços de lazer para a promoção do “bem viver” dos moradores da cidade.

Em um segundo cenário, percebemos na fala dos entrevistados que, mesmo que estes espaços existissem, a preferência é para os espaços de lazer localizados no Distrito Federal. Lá afirmam eles, “*dá gosto passear*”. Por esse raciocínio apresentado, os resultados expressos pela pesquisa não nos surpreendem. Aproximadamente 40% dos entrevistados afirmaram exercer suas atividades de lazer no DF. Reafirma-se desse modo a estreita relação entre os moradores de Valparaíso de Goiás com o lugar de existência idealizado.

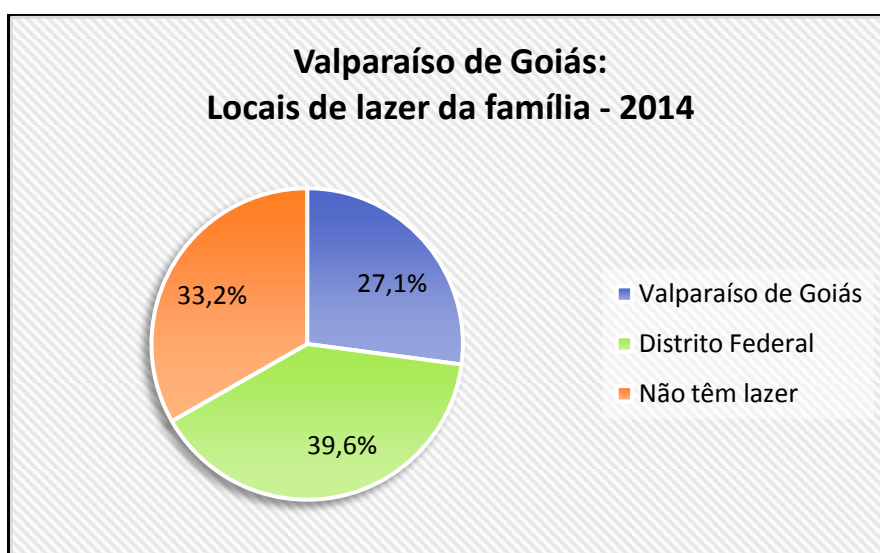


Gráfico 13- Valparaíso de Goiás: locais de lazer da família, 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Quando conversamos com os moradores e estes afirmaram que com exceção da igreja eles se divertiam “em casa mesmo” descortinou-se para nós um paradoxo. Embora as residências, por vezes, ofereçam condições favoráveis para o lazer da família, em sua maioria, as pessoas que fizeram tal afirmativa eram aquelas que apresentavam quadro de privações domésticas. Dessa forma, inferimos que o dinheiro gasto com o lazer de consumo ou mesmo o lazer em espaços públicos, acabaria por onerar o parco orçamento doméstico. Assim, o que resta a esses sujeitos é buscar outras alternativas para seus momentos de ócio (De Masi, 2000). Desse reajuste de práticas é que muitos afirmam não ter nenhum tipo de lazer.

Quando enunciam tal afirmativa é importante salientar que o lazer ao qual se referem encontra-se vinculado basicamente às formas do mercolazer. As condições expressas geram nos moradores de Valparaíso de Goiás uma animosidade em relação à cidade. Eles

acreditam que a ineficiência na oferta de equipamentos públicos de lazer oriunda da inépcia do poder público. Estabelecem comparações com o Distrito Federal. Concluem que viver em Brasília é melhor do que viver na cidade onde residem. Esta se encontra sempre em posição de inferioridade quando comparada com aquela.

O universo descortinado reflete-se, por exemplo, no alto índice de criminalidade ocorrida no município. No envolvimento de jovens no mundo do crime e das drogas. No aumento do índice de violência, em suas variadas formas. A ausência de atividades que canalizem as energias nos momentos de ócio bem como a precariedade na oferta de espaços de lazer nos quais essas atividades possam ser desenvolvidas transforma esses sujeitos em potenciais vítimas da criminalidade. Muitos são os que se deixam seduzir pelo mundo do ilícito.

Pela concepção do lazer enquanto dimensão social, efetuada por Marcellino (1995), realizamos a leitura do espaço de Valparaíso de Goiás. Pautados nessa leitura inferimos que o lazer pode proporcionar identificação social do sujeito com seu espaço de moradia. No caso de Valparaíso de Goiás cuja maioria da população é de não-naturais, estas práticas podem promover uma aproximação com o espaço da cidade.

A partir dessa aproximação será viabilizado o estabelecimento do senso de pertencimento. Por essa lógica, devemos atentar para o fato de que, a cidade é concebida nas representações enquanto espaço de acentuada ocorrência de criminalidade. A condição social dos moradores é em parte, o elemento que justifica tal quadro. Embora os atos de violência acima elencados encontrem-se vinculados a áreas de fragilidade social, não implica dizer com isso que o pobre tende a ser violento.

Podemos afirmar isso sim, que a expropriação constante a que se encontra submetida essas pessoas, o sentimento de impotência que os invade, explode sob a forma de atos de violência. Estes figuram como alternativa para visibilizar a condição periférica à qual se encontram relegados. É um ato insano que clama pela inclusão social. O acesso aos espaços de lazer pode minimizar essas sensações, canalizando-as para atividades que vão permitir externalizá-las de forma não-violenta. O lazer enquanto estatuto para promoção do enraizamento figura como estratégia de comprovada eficiência.

Isso porque ao ser chamado para pensar políticas de promoção de lazer em espaços públicos juntamente com os gestores, assumir a responsabilidade pela conservação dos referidos espaços de lazer, o cidadão sente-se visibilizado. Estabelece com o local de moradia os vínculos de pertencimento que redundarão em seu enraizamento.

Entretanto, para que tal se dê é preciso que o lazer seja entendido como uma conquista, além de um direito. É necessário buscar através das práticas de lazer a valorização do lugar, da cultura local. Deslocar as práticas de lazer do polo para a periferia metropolitana. Realizar o exercício de inverter a centralidade da lógica estabelecida.

A construção da “Pracinha da etapa E”, a criação da Companhia Teatral Vem Viver são ações desenvolvidas na cidade que confirmam a lógica acima enunciada. Tais projetos constituem-se um embrião para o surgimento de vínculos com a cidade. Estes propiciarão o estabelecimento do senso de pertencimento dessas pessoas com Valparaíso de Goiás. Minimizando assim os efeitos da condição de ubiquidade que aprisiona esses moradores. Isso porque, o uso que essas pessoas fazem dos espaços públicos do município pode ser considerado indicador para se avaliar o seu grau de enraizamento.

3.6 Tornar-se valparaisense: um exercício para o devir

As leituras efetivadas apontam para profundas transformações no modo de vida urbano. O crescimento acentuado das grandes cidades trouxe consigo diversas “patologias sociais” (Velho, 1979). Destas podemos evidenciar a precariedade no habitar, a delinquência, o choque cultural, o subemprego, a violência e até mesmo os problemas de planejamento urbano. Todas essas nuances podem ser percebidas no espaço de Valparaíso de Goiás. Os moradores da cidade vivenciam uma rotina estressante entre o ir e vir cotidianos. A agitação da vida moderna faz com que esses sujeitos se tornem irritadiços, cansados, por vezes intolerantes. O homem metropolitano encontra-se em estágio de “adoecimento”.

Apesar de todos os percalços apontados, é nesse ambiente que o indivíduo estabelece a sua moradia e busca por trabalho para a sobrevivência própria e de seus familiares. É também aí que as representações acerca do espaço de moradia vão sendo elaboradas. Estas são produtos culturais que se inserem em um tempo e em um espaço específicos. São resultantes de uma construção individual. Porém, somente tornam-se emblemáticas quando ocorre o cruzamento coletivo de tais construções. Assim sendo, as representações construídas e partilhadas dizem da sociedade e do tempo nos quais se constituíram.

Ao buscarmos deslindar o processo de formação identitária dos moradores de Valparaíso de Goiás, bem como as representações sociais por estes construídas acerca do município, foi se descortinando para nós um sujeito em construção. Podemos afirmar que também se encontra em estágio gestacional a identidade social da cidade. Isso porque, não há

como dissociar a relação entre o morador e a cidade. Ou seja, não há como entender um sem nos remetermos ao outro.

A experiência de vida no espaço de Valparaíso de Goiás é para esses sujeitos algo ainda muito recente. Não lhes foi possível reorganizar sua relação com a cidade. Atribuir-lhe simbolismos, significados. Estes só ocorrerão a partir do momento em que o vínculo com a cidade se estabelecer. As pessoas são conclamadas a se inserir no tecido social de Valparaíso de Goiás. Pagam aí suas contas de água, luz, telefone, IPTU. Porém, percebemos que tais elementos, por si só, não se configuram suficientes para promover uma aproximação do sujeito com a cidade. Este, ainda que instado a viver a cidade, desconhece o espaço da mesma.

Muitas vezes, preocupado em viver a cidade dos seus sonhos, o sujeito deixa escapar oportunidades de inserir-se na cidade real. Esta, ainda que permeada de “imperfeições”, constitui-se em um universo a ser desvendado. Percebemos que o morador de Valparaíso de Goiás por sua existência materializada no DF, “nega” a cidade de sua moradia. Não estabelece com ela vínculos mais aprofundados. O ato de ignorar os problemas e mazelas do espaço urbano onde reside, dificulta ou mesmo constitui-se impeditivo para que esforços sejam envidados no sentido de buscar melhorias. As construções simbólicas se dão na “cidade dos sonhos”.

O cotidiano dessas pessoas é constantemente recortado pela expectativa de transpor a fronteira do quadrilátero. Esse é um desejo tão pujante que quando em 2009, foi veiculada pela imprensa nacional a notícia de que cidades goianas seriam incorporadas ao DF houve um *frisson* geral em Valparaíso de Goiás. Segundo a reportagem do Correio Braziliense¹²⁶ houve um erro quando da delimitação da cidade de Santa Maria, que teria ocorrido aquém da linha poligonal do DF.

A poligonal do Distrito Federal foi estabelecida na Lei nº 2.874/56. No texto, ficou definido o traçado da linha ao redor dos territórios. A confusão, segundo representantes da Companhia de Planejamento do Distrito Federal/CODEPLAN, ocorreu com a expansão urbana. A notícia causou agitação e expectativa entre os moradores de Valparaíso de Goiás. Viam ali uma oportunidade para finalmente realizarem seu sonho de residir no DF.

Em debates realizados por um veículo da mídia local, cuja proposta era ouvir os moradores tanto de Valparaíso de Goiás quanto do Distrito Federal sobre a provável anexação, foi-nos possível observar a repercussão do tema no imaginário das pessoas. Os

¹²⁶ DF vai ganhar moradores de Goiás. **Correio Braziliense** em 06/10/2009. Reportagem de Capa.

moradores de Valparaíso de Goiás eufóricos não viam a hora de pertencer ao DF. Já os outros envolvidos, receberam com certa resistência tal possibilidade. Assim, as opiniões foram, não raras vezes, divergentes. Seu Joaquim, morador do bairro São Bernardo foi enfático ao afirmar que:

Deveria passar tudo o entorno para o DF, essas cidades vive com o dinheiro do DF, os seus habitantes trabalha e estuda no DF, ganha e gasta lá. Ótimo Valparaíso passando para DF, porque vai melhorar em tudo, segurança, saúde, educação, iluminação publica... enfim, tudo de bom que tem no DF. E mais uma... a maioria dos moradores de Valparaíso tem título de eleitor de Brasília.

A colocação do seu Quinzim, como gosta de ser chamado, embora seja baseada apenas em uma percepção holística é reforçada por nossa pesquisa. Ao perguntarmos sobre a origem dos documentos pessoais dos moradores de Valparaíso de Goiás verificou-se que mais de 40% dessas pessoas tiraram seus documentos no DF. A explicação pode ser encontrada nas palavras do seu Quinzim, mas pode estar também naquilo que a Jaqueline nos disse. Segundo ela *“tirar documento em Brasília é garantir atendimento médico, acesso à escola ou mesmo vaga de emprego.”* No caso do título eleitoral, vigora a expectativa de troca de favores nos períodos eleitorais. Na cidade ouvimos de algumas pessoas que em época de eleição no DF aumentam as transferências de títulos para essa unidade federativa e vice-versa quando as eleições acontecem no estado de Goiás. Não nos foi possível comprovar as informações acima, porém, o número de pessoas que afirmou possuir títulos no DF é expressivo.

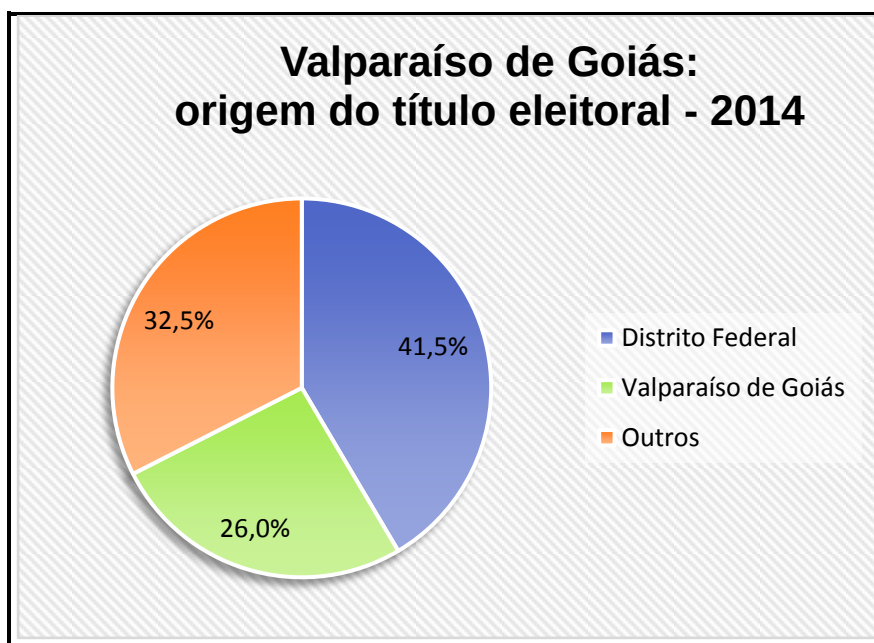


Gráfico 14- Documentos pessoais: origem, 2014.

Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Quando comentamos com o seu Quinzim sobre os resultados da pesquisa, ele olhou pausadamente para nós e com uma expressão triunfante proferiu:

Maria...ô Maria! Viu o que a moça tá dizendo? Repete, repete pra ela o que você acabou de contar [a informação foi repetida]. Tá vendo só, eu sempre soube. Esse povo aqui só quer saber da cidade pra dormir e mais nada. É sempre a mesma coisa. Eleição no Goiás, traz o título pra cá. Pra distrital, transfere o título prá lá. [risos] olha e eu vou te dizer mais, tem um conhecido meu que ganhou foi um lote muito bom do Tatico [personalidade política no DF], lá na Guariroba. Sabe que a família dele é fechada com o Tatico né? Isso de ganhar lote, já elegeram foi muita gente por aqui...que é Maria! Num tô falando nenhuma mentira. Todo mundo sabe disso. Agora, com Valparaíso virando Brasília, aí né... as coisas vão ficar melhor.

Não conseguimos identificar se por melhor o seu Quinzim queria afirmar que as práticas enunciadas também passariam a ser executadas na cidade ou se o fato de se tornar parte do DF consistiria na sublimação do sonho de migrante. Contudo à euforia de seu Quinzim outros mais fizeram coro.

Seria ótimo! Eu como servidor de GO, passaria a servidor do GDF [Governo do Distrito Federal] com salário bem melhor, meu imóvel teria um valor de mercado pelo menos três vezes mais. Primeiro, o entorno só existe por conta do DF, isso é fato. E as pessoas que residem aqui gastam boa parte do seu dinheiro no DF, inclusive eu, moramos aqui e gastamos lá. [José Pedro, funcionário público]

A situação de domicílio eleitoral divergente do domicílio de residência não é desconhecida aqui pelo conjunto de moradores que foram ouvidos. Essas pessoas parecem haver se habituado à situação. Inferimos a existência de um acordo tácito no qual essa prática foi incorporada ao modo de vida das pessoas. Estes não demonstram estranheza ante o fato. Diríamos mesmo que veem na prática uma espécie de compensação para as desigualdades sociais. Tal observação diz respeito tanto aos moradores da cidade goiana quanto àqueles que moram no retângulo distrital.

Eu amo Brasília, mas se isso acontecer, vou mudar daqui. É inadmissível o governo de Goiás não cuidar do que é seu, mas tem uma questão óbvia, o entorno vive do DF, os impostos vão para os cofres goianos e eles não investem em absolutamente nada! O DF tem a obrigação de zelar de Brasília que é tombada. Eles [os políticos] só podem estar de olho nos eleitores que ganharão, sei bem como funciona, "eles foram bonzinhos!", "agora estamos no DF!", "nossos imóveis valem mais!". Tenho saudades dos manifestantes dos anos 80, isso jamais aconteceria!

Configura-se na opinião do entrevistado Marcelo, morador de Sobradinho, aquilo que anteriormente já havíamos enunciado. O favorecimento político de candidatos que se valem da proximidade territorial para incentivar a migração de títulos eleitorais para as RAs

do DF. Essa transferência de votos tem fortalecido as alianças político-partidárias. Alimenta também as desigualdades sociais presentes no cenário metropolitano. Algumas falas abordam justamente as questões de fragilidade na gestão dos municípios goianos da AMB. Reforçam a concepção de que estes sempre foram um “peso” para os gestores distritais. Seguem as opiniões:

Quem fica mais feliz com isso é certamente o Goiás, pois já virava as costas pros municípios e agora ainda tem essa ajuda. O governo de Goiás é uma vergonha. O bom disso é que as cidades mais próximas, como Novo Gama e Valparaíso, vão ganhar *Status* de cidade do Distrito Federal, vão ganhar "melhorias", mas isso só no início!

[Mariângela, aposentada]

Pelos depoimentos percebemos que cada um dos moradores tem um motivo próprio para comemorar a notícia ou refugá-la. Ora, se pensamos a cidade a partir das experiências individuais na cidade, é compreensível que cada morador habite sua “própria cidade”. Isso porque, cada um de nós traz consigo seu ideal de cidade. Para que nossa representação sobre a cidade se materialize, envidamos esforços. São as nossas lutas cotidianas. Assim o curso da existência segue. Pelo exposto infere-se que entre os moradores de Valparaíso de Goiás a concepção de positividade na anexação é recorrente. Isso se deve à idealização do que seria a vida em Brasília.

Entretanto, quando as opiniões expressas foram as dos moradores do DF surgiu um elemento que realmente nos causou surpresa. Percebemos pelas colocações que existe um preconceito, ainda que velado, em relação aos moradores da AMB. Mesmo quando favoráveis, as opiniões encontram-se permeadas por uma visão negativa dos moradores das cidades goianas. Durval é morador de Planaltina e acredita que:

Incorporar ao DF as cidades do entorno é um erro. Primeiro, com isso se chancela a falta de governo de Goiás, que há tempos considera essas cidades parte do DF. Depois, logo um outro sem número de cidades virarão "do entorno", e precisarão ser também incorporadas. Vamos incorporar Goiás?

Em uma sociedade que se preconiza harmoniosa, não deveria haver espaço para o preconceito. Este é comprobatório das concepções de superioridade e inferioridade que permeiam nossa sociedade. Evidencia também as desigualdades sociais e as consequências que destas decorrem. Os moradores de Brasília, que em sua maioria aí chegaram na condição de migrantes, desqualificam os moradores da AMB pelo fato de estes terem, aparentemente, fracassado no projeto de migração. Assim sendo, consideram esses sujeitos indignos de pertencer ao DF. Tal preconceito pode ser justificado no temor que sentem os “estabelecidos”

de perder para os “de fora” o espaço conquistado (Elias, 2000). Assim sendo o preconceito se retroalimenta no temor de perda do *Status quo*.

A percepção da dependência por parte dos moradores de Valparaíso de Goiás em relação ao DF torna-se a justificativa para a aceitação do inevitável. Uma vez que foi comprovado o fato, não há contra o quê lutar. O que se percebe é uma tendência a considerar essa aceitação como uma concessão feita aos “cidadãos de segunda classe” residentes na AMB. Assim torna-se recorrente a afirmação da Manuela, moradora de Taguatinga:

Eu concordo que o entorno seja DF, pois quem mora no entorno já trabalha, estuda e quando precisa cuidar da saúde vem para o DF. O Goiás só recebe os impostos e não dá infraestrutura suficiente para a população. Pelos menos as cidades de Valparaíso de Goiás e Novo Gama serão incorporadas às do GDF já que segundo a pesquisa do IBGE, estas duas cidades estão na verdade em território candango, será inevitável.

A concepção de que ao aceitar a anexação promove-se uma “caridade” para com os moradores das cidades goianas tornou-se o cerne das justificativas. O discurso que apresenta esses sujeitos como desvalidos reforça a percepção de que estes se encontram numa espécie de limbo, onde os governos do estado de Goiás e do DF ignoram-nos. Essa recorrência se verifica tanto em Valparaíso de Goiás quanto no DF.

Ótimo para a população! Mas é lamentável que esses cidadãos precisem "ganhar de presente" um endereço no Distrito Federal para se ter a presença do estado, um direito constitucional. Negado a eles pelo governo do Goiás. Isto é Brasil! Será uma grande alegria para nós recebermos os novos moradores do DF, pois a grande maioria dos que moram nas cidades do entorno são trabalhadores que ajudam no desenvolvimento do DF.

Foram inúmeras as opiniões expressas que seguem por essa linha de raciocínio de Cláudio. Evidencia-se que enquanto trabalhadores que movimentam e viabilizam a economia do DF, os moradores das cidades do entorno deste, inclusive de Valparaíso de Goiás, são bem vindos. Porém, quando se trata de anexar essas cidades ao território distrital, as opiniões tornam-se recortadas por elementos do cotidiano associados a essas pessoas. Podemos apontar os mais recorrentes: as condições econômicas, questões de saúde, educação e principalmente a violência. Acerca desse último elemento é lícito afirmar que Brasília e Valparaíso de Goiás dadas a peculiaridades de um território conurbado, compartilham hoje um histórico de violência. Crimes são cometidos no DF e os bandidos fogem para o referido município ou vice-versa.

Deve-se ressaltar na fala dos entrevistados a forma pela qual se dá no imaginário dessas pessoas a construção do perfil dos moradores das cidades da AMB. Percebe-se que os

moradores do DF consideram os moradores da cita área uma espécie de “mal necessário”. Não querem conviver com eles, porém não conseguem prescindir dos mesmos. A aplicação do conceito de centralidade invertida torna-se pertinente neste contexto. Ao entenderem que há uma relação de mútua dependência, na qual, todos têm a contribuir, certamente ocorreria, por parte dos envolvidos, uma releitura do quadro exposto.

Enquanto a desvalorização social permanecer, referências preconceituosas dirigidas aos moradores da AMB continuarão a ser proferidas. Muitos perderam colocação de trabalho por causa de seu local de moradia. As justificativas apresentadas são de que os gastos com passagens, os atrasos dos ônibus coletivos inviabilizam e oneram os prováveis empregadores. O preconceito pelo lugar de origem manifesta-se assim sem que seja dada ao sujeito a oportunidade de provar sua competência para executar a função de vacância. Albuquerque Junior (2007:11) sobre o preconceito quanto ao lugar de origem afirma ser este:

(...) justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das ideias.

O campo das ideias apontado pelo autor é o campo das representações sociais. Estas, quando enunciadas, dizem dos simbolismos que as permeia. É usual que os moradores de Valparaíso de Goiás sejam rotulados por aqueles que residem no DF com expressões pejorativas, tais como, “*Pé de today, pé sujo, Paraíba, Ceará*”, dentre outras. Ocorre também o estereótipo no qual as pessoas que moram nos municípios da AMB são consideradas violentas, desonestas, preguiçosas. Acontece ainda de serem categorizados como bandidos. Sempre que o tema eram os estereótipos, múltiplos eram os casos a serem narrados. Patrícia, 20 anos se diz indignada com o preconceito.

Na verdade nunca aconteceu comigo não...mas poxa véi, eu fiquei muito p no dia em que eu tava no Pátio [Pátio Brasil, shopping da cidade] chegaram dois muleques e sentaram na mesa ao lado. Véi não dá pra acreditar naqueles caras. Um deles tava tipo zoando o outro porque o muleque tinha ficado com uma guria do Ingá [bairro de Luziânia] no show do aniversário da cidade [Brasília]. Não você não tem noção...sabe o que ele disse? “Não aí na moral, com tanta menina da hora aqui e você foi mexer com gente do Ingá? Fique esperto heim, tem medo não maluco, o povo de lá é da pesada, tudo bandidos!” Véi eu fiquei muito brava com aquilo. Mesmo que eu não seja do Ingá, eu moro no entorno, então fiquei pensando...eita

porra, esses manezinhos do Plano [Plano Piloto] se acham mesmo né? Na boa véi...fiquei revoltada. Me revolta essas palhaçadas.

Além do preconceito explícito na fala dos jovens, percebemos na narrativa da Patrícia um fato importante. Quando ela afirma “*eu moro no entorno*” consideramos este um enunciado que implica autorreconhecimento. Enquanto moradora da AMB, Patrícia incomodou-se com o preconceito explícito na fala dos garotos. Esse incômodo implica em pertencimento. É esperado que ao sentir-se “diminuída” em função de seu local de moradia, Patrícia tenha tido essa reação. Porém, é forçoso dizer, ela não reagiria assim se não se sentisse pertencer ao lugar depreciado pelos jovens.

A reação da Patrícia alertou-nos para algo que até então havia passado despercebido. As representações mais positivas a respeito da cidade de Valparaíso de Goiás foram elaboradas pelos entrevistados com até 25 anos. Este grupo é composto, majoritariamente, pelos filhos dos migrantes. Ainda que a maioria deles tenha nascido no DF é na cidade de Valparaíso de Goiás que suas raízes foram fincadas. Não conhecem outro destino que não a cidade onde cresceram. Calixto, embora tenha nascido em São Paulo, veio morar em Valparaíso de Goiás aos 9 anos de idade. Perguntado sobre se desejaria voltar para sua cidade natal respondeu:

Aff, nem pensar véi! Não tenho mais paciência pra aquilo ali não. Pra tudo tem que pegar metrô pra podê...não o metrô tá sempre lotado, você é quase massacrado. Aqui pelo menos os ônibus são cheios mas nem se compara com aquilo lá, não. Tenho meus amigos aqui, já me acostumei...aqui oferece mais opções para o adulto, lá era bom quando eu era criança. Tem aqui meu trabalho...com menos de uma hora a gente tá em Brasília. Olha, falando sério...eu sei que Valparaíso tem muitos problemas, mas vou te dizer, eu gosto mesmo daqui são as pessoas. São elas que fazem esse lugar valer a pena. Acho que não me acostumo mais morando longe daqui não.

As palavras de Calixto suscitam comentários. Ainda que reconheça as mazelas da cidade, ele admite sua preferência por esta. O motivo reside nos vínculos estabelecidos. Segundo ele, o maior bem de uma cidade são as pessoas. É uma observação a ser considerada uma vez que destoa das demais emitidas até então. Sentimos a necessidade de entender porque para um considerável grupo de pessoas a cidade se mostra fria e impessoal e para Calixto ela se configure o oposto. Calvino (2003:119) sobre a dicotomia entre as visões acerca da cidade afirma que:

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu

já tenha falado de Irene [cidade fictícia] sob outros nomes; talvez seu só tenha falado de Irene.

A cidade pensada pela ótica de Calvino, é a cidade múltipla. Aquela que se constrói a partir das experiências individuais aí materializadas. A leitura que se efetiva da cidade muda de acordo com os sujeitos envolvidos. Como um grande prisma que se transforma ao toque suave da luz, assim também a cidade vai se mostrando a seus moradores. A cidade é algo multifacetada e é justamente essa sua característica que retém as pessoas que aí habitam. Dohko, 26 anos, natural de Montalvânia - MG, estudante de direito, sobre a sua leitura da cidade de Valparaíso de Goiás afirma que:

Valparaíso é uma cidade que cresce muito, até mesmo porque...por causa da localidade dela. É uma cidade que liga as outras cidades [Cristalina, Luziânia e Cidade Ocidental] do entorno né, ao Distrito Federal. Né por causa que...tudo passa por dentro de Valparaíso. Então...o pessoal costuma fazer compras aqui. Ou vim aqui no cinema no shopping, infelizmente é uma cidade que oferece pouco ou quase nada aos jovens. Eu vejo que não tem um lugar onde os jovens se encontrem de uma maneira saudável. Mas Valparaíso tem uma coisa que eu gosto muito. É a mistura de culturas. Aqui acontece muito, o pessoal vem do nordeste, sudeste, do sul tem muita gente que vem também, de São Paulo. Tem muita gente que tá mudando do DF agora. Meu professor da faculdade por exemplo veio pra cá. Uma aluna lá da nossa sala, da faculdade tá vindo pra cá, porque o custo de vida lá tá aumentando, né. Então eu acho que essa mistura dependendo de como acontece é boa. Minha vida com certeza melhorou depois que eu vim morar aqui...hoje a minha faculdade...hoje eu faço faculdade... por exemplo, eu quando entrei tava pagando menos que o salário mínimo, né? Eu tava cursando direito em Brasília, na Asa Sul. É uma coisa que...mudou. Você só fazia a feira [no local de origem]...você subsistia...você não comprava um carro, não tinha nada. Eletrodoméstico? Eu lembro que a gente tinha uma tv em casa que a gente trouxe lá de Minas! Acho que foi presente, entendeu? [risos] Foi a partir de 2005 que a gente começou a comprar algumas coisas e agora recentemente que a gente...que a gente melhorou, né? Estamos vivendo melhor, né? Principalmente depois que mudamos pra Brasília, ops pra Valparaíso [risos]. Assim quando meus pais resolveram mudar pra Valparaíso, eu aceitei né...eu acho que...eu sabia que as coisas iam melhorar porque...aqui você tem um comércio mais aquecido, você tem...né, pela proximidade com Brasília o pessoal vai buscar muito a cultura em Brasília essas coisas, é diferente [do local anterior de moradia]. Minhas expectativas hoje em relação a Valparaíso são bastante positivas. Meu círculo de amizades aumentou muito depois que vim pra cá. Sempre tive muito amigo no DF, porque eu fiz o curso lá né, no Centro de Línguas, eu fiz amizades que estão até hoje aí. Eu tenho um círculo de amizade amplo, grande aqui. Quando vou a Montalvânia tenho vontade de ficar, por causa do pessoal lá né dos vínculos...a gente sente essa...esse sentimento de família né que...faiz...dá vontade de ir pra lá, de morar lá. Mas quando volta né...a gente se instala na cidade, se acostuma com a rotina da cidade, conhece os cantos da cidade, a gente acaba se apegando né? Acho é por aí... eu me apeguei a Valparaíso [risos].

Pelas palavras de Dohko vamos adentrando o universo de uma Valparaíso de Goiás que é acima de tudo potência, diversidade. É esse caráter multifacetado da cidade que mantém a magia de sua existência. Os jovens vêm Valparaíso de Goiás por uma lente diferenciada. Acreditam nessa cidade. Por acreditarem, ousam desvendar os mistérios da vida

na cidade. Calixto, Dohko, André, Maria, Terezinha, são jovens que embora não se conheçam, têm alguns aspectos em comum. Valparaíso de Goiás, cidade onde residem. Partilham também o gosto por morar nessa cidade. Seleccionamos dentre os questionários semielaborados aqueles cujo depoente tinha até 26 anos de idade. No total obtivemos 157 questionários. Destacamos as respostas dadas ao questionamento: prazer por morar em Valparaíso de Goiás. O resultado coaduna com as elucubrações iniciais desse texto.



Gráfico 15- Satisfação por residir em Valparaíso de Goiás, 2014.
Organização e elaboração: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Valparaíso de Goiás encontra-se em trânsito (Vidal, 2000). A cidade dos migrantes está pouco a pouco se tornando o lugar de referência para os filhos dos migrantes. A face ambígua da cidade é revelada aqui pelo apego à cidade expresso na fala de Dohko e Calixto e o desejo por deixar a cidade e estabelecer-se em terras distritais expresso pela maioria de nossos entrevistados. Fato é que, o desejo por residir na cidade ideal, aquela que o sujeito traz dentro de si, resultado de sua construção migrante, muitas vezes torna-se um impeditivo para que a cidade real seja experienciada.

É assim com os moradores de Valparaíso de Goiás. Na busca por sua “Macondo”¹²⁷ pessoal, o morador da cidade segue trabalhando, estudando, se divertindo em Brasília. Ao fim de sua jornada certamente perceberá que o seu ideal de cidade fundiu-se à cidade de moradia. Na busca pela cidade dos sonhos, deixou de viver, em maior ou menor

¹²⁷ Em seu livro *Cem anos de solidão* Garcia Marquez ambienta a novela em uma cidade fictícia por nome Macondo. Esta nada mais é do que a idealização de sua aldeia natal Aracataca, localizada na Colômbia. Cf. Garcia Márquez, G. **Cem anos de solidão**. 30ª ed. Editora Record, s/i. 364p.

intensidade o real espaço da cidade. Perceberá que pouco a pouco seus mortos¹²⁸ foram sendo enterrados em Valparaíso de Goiás. As raízes foram dessa forma, fortalecendo-se.

Assim como não nos é possível traçar os caminhos, os meandros, as ruas, as redes de trajetos visíveis e invisíveis percorridos pelos moradores todos os dias na cidade de Valparaíso de Goiás; assim também nos é impossível afirmar pelo enraizamento de seus moradores no espaço da cidade. O que nos leva à inferência de que este se dará a partir do momento em que os sujeitos permitirem o pulsar de suas vidas na cidade. É lícito afirmar, pois, que Valparaíso de Goiás configura-se em uma cidade do porvir.

Em face de todo o exposto percebe-se que a cidade de Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal, embora tenham contextos diferenciados, são complementares. Uma não pode prescindir da outra. Os moradores de Valparaíso de Goiás materializam no uso dos equipamentos públicos do DF as representações de pertencimento a este. O Distrito Federal encontra oferta de mão de obra abundante na cidade goiana. Confirma-se assim a centralidade invertida. Valparaíso de Goiás pela ótica da oferta de mão de obra torna-se centralidade em relação ao Distrito Federal. Cotidianamente ocorre um deslocar-se para o quadrilátero distrital.

Valparaíso de Goiás é preterida por seus moradores. As representações acerca da cidade apresentam-se mediadas pelas problemáticas de seu espaço. A violência urbana, em suas diferentes variáveis, fragiliza a cidade. O exercício de direitos sociais como a moradia, o trabalho e o lazer em Valparaíso de Goiás configura-se bastante restrito. Este último é também, em geral materializado no Distrito Federal. Os moradores pouco ou nada vivenciam a cidade de residência. A parca experiência de vida no espaço urbano de Valparaíso de Goiás resulta em representações por vezes negativas da cidade. Estas são reforçadas pela mídia que em suas manchetes visibiliza o caráter dito violento de Valparaíso de Goiás.

Considerados a moradia, o trabalho e o lazer como elementos de identificação com a cidade, infere-se que os moradores de Valparaíso de Goiás encontrem dificuldades para estabelecer com esta um senso de pertencimento. Dos vetores de pertencimento elencados somente a moradia é materializada na cidade. Resulta daí representações que a desabonam se comparada com o Distrito Federal. Entretanto, percebemos na fala de alguns moradores certa

¹²⁸ Nova alusão a Garcia Márquez. Em determinado momento da narrativa os personagens de José Arcádio Buendia e Úrsula discutem sobre a conveniência ou não de mudarem de Macondo. Segue o diálogo: “— Já que ninguém quer ir embora, nós iremos sozinhos. Úrsula não se alterou. — Nós não iremos não — disse. — Ficamos aqui, porque aqui tivemos um filho. — Ainda não temos um morto — ele disse. — A gente não é de lugar nenhum enquanto não tem um morto enterrado nele. Úrsula replicou com suave firmeza: — Se é preciso que eu morra pra que vocês fiquem aqui, eu morro.” Garcia Márquez, s/i. pp 18.

tendência à alteração do cenário exposto. Estes apresentaram uma leitura menos rigorosa da cidade. Definiram condições favoráveis para o estabelecimento de um projeto de vida em Valparaíso de Goiás. Conclui-se assim que o pertencimento à cidade estabelecer-se-á no decurso do tempo.

Considerações finais

Uma cidade jamais estará pronta e acabada. É justamente na azáfama da autoconstrução que se delineiam as nuances da cidade imaginária em contraposição com a real. A primeira, premida por ideais assemelha-se ao mundo perfeito dos contos de fadas. Enquanto isso, na cidade real a vida pulsa em suas artérias, becos, bairros, casas. Se nos prendemos ao ideal de construção da primeira corremos o risco de deixar passar a oportunidade de vivenciar a segunda. Toda cidade traz em si infinitas cidades. Quando nos dispomos a conhecer suas singularidades, a partir dos ínfimos espaços, somos surpreendidos pela quantidade de fatores que a nós se descortinam. É justamente esse caráter múltiplo da cidade que mantém a magia de sua existência. É preciso acreditar para que se possa desvendar.

Quando nos propusemos ao estudo da cidade de Valparaíso de Goiás, algumas questões se colocaram para nós: o entendimento de que os moradores da cidade estabeleceram seu senso de pertencimento no Distrito Federal era dentre estas questões aquela que mais se evidenciava. Notamos pelas incursões feitas na cidade, quando da realização das entrevistas, que a migração descortinou o surgimento de identidades fluidas. Que o sujeito migrante quando não consegue estabelecer-se no destino escolhido, encontra grande dificuldade para o enraizamento em local distinto. Por não ter logrado êxito em residir onde almejavam, os moradores de Valparaíso de Goiás desenvolveram certa dificuldade por experienciar a cidade.

Para esses sujeitos, Valparaíso de Goiás apresenta uma funcionalidade única. Que é a oferta de moradia em local de fácil acesso ao Distrito Federal. É no Distrito Federal, que significativo contingente populacional da cidade trabalha, estuda ou se diverte. Dessa forma, esses indivíduos, que não tendo conseguido estabelecer residência em Brasília devido principalmente às questões econômicas, encontram uma maneira de usufruir do espaço da capital federal. Essa relação simbiótica entre as referidas cidades foi erigida desde a construção da nova capital. Tornou-se mais intrínseca à medida que a cidade de Valparaíso de Goiás não conseguiu estabelecer um mercado de trabalho consistente que pudesse reter em seu espaço aqueles que para aí se dirigiam.

Significativo número de pessoas que moram em Valparaíso de Goiás nutrem um sonho que é coletivo. Almejam mudar-se para Brasília. Não manifestam, portanto, intenção ou predisposição ao enraizamento na cidade. Entendemos que esse comportamento é ratificado pelo fato de que a pessoa quando tem intenção de mudar-se não planeja nenhuma ação duradoura na cidade onde reside. O estabelecimento de laços afetivos é pré-condição para que o sujeito desempenhe papéis transformadores em sua comunidade. Não vislumbramos tal situação no transcurso da pesquisa.

Entretanto, uma situação bastante peculiar nos chamou a atenção. Embora os moradores afirmem o desejo de mudar-se para Brasília, foi expressivo o número de pessoas que disseram gostar de morar em Valparaíso de Goiás. Evidencia-se assim uma aparente dicotomia. Desejam mudar-se, mas gostam de morar. Tal fato nos levou à inferência de que, ainda que inconscientemente, os moradores de Valparaíso de Goiás negam-se à cidade. Isso porque, torná-la um lugar permeado de significados implica na negação do sonho de migrante. Eles afirmam gostar da cidade por ter sido aí que foram alçados à condição de proprietários. Compraram na cidade a sua casa própria. A condição de proximidade é percebida como uma forma de vivenciar, ainda que de forma insatisfatória, o espaço do Distrito Federal.

Assim sendo, os moradores de Valparaíso de Goiás colocam-se em permanente posição de “ubiquidade” e fragmentação. Pelo critério da moradia o sujeito materializa a vida na cidade. Mas seu gradiente simbólico de existência se efetiva em seu lugar de origem, primeiramente e depois em Brasília. Dessa forma ele encontra-se em “vários espaços”. Razão pela qual se torna ubíquo. Dito de outra forma, eles trazem consigo permanências de seu lugar de origem; residem no município goiano da AMB, porém, acalentam o projeto de estabelecer-se no Distrito Federal. Assim sendo, encontram-se concomitantemente em “muitos lugares” ao mesmo tempo. A não satisfação do desejo de morar no Distrito Federal ou mesmo o seu inevitável adiamento corrobora para a fluidez nas relações estabelecidas entre esses sujeitos e a cidade de Valparaíso de Goiás.

O estabelecimento de um senso de pertencimento ao município está na contramão do sonho migrante. Pertencer a Valparaíso de Goiás implica reconhecer a impossibilidade de materializar a existência no Distrito Federal. Evidencia-se assim a complexidade das relações dos moradores em sua existência na cidade. Estes veem-se constrangidos, em seu universo simbólico, a ressaltar os aspectos de fragilidade social da cidade para que assim se mantenha viva a possibilidade de no “futuro” transferirem-se para dentro do quadrilátero. Negam-se, a partir de diversos subterfúgios, a viver o seu local de moradia.

A cidade somente adquire sentido para seus moradores quando estes a experienciam. Quando se dispõem a produzir aí sua sobrevivência. Por essa lógica, inferimos que a esta se constitui espaço para a construção de memórias e identidades. Quer individuais quer sociais, estas identidades guardam relação com o ambiente citadino na qual se desenvolvem. Considerando que as relações dos moradores de Valparaíso de Goiás se dão no espaço do Distrito Federal, concluímos que as identidades que se estruturam guardam estreitos vínculos com este ambiente.

Por essa premissa percebemos a dificuldade dos moradores de Valparaíso de Goiás em estabelecer com a cidade um vínculo de pertencimento. As experiências por estes vivenciadas em outro ambiente alimentam o desejo de mudança no *status quo*. Viver em Brasília é ascender socialmente. É no espaço da “capital da esperança” que as representações de “bem viver” são construídas. São elaboradas também as representações acerca da cidade de moradia. A complexidade presente em tais relações acentua a magia que envolve a capital federal desde sua gênese.

Observamos que as representações construídas sobre Valparaíso de Goiás são tão múltiplas quanto múltiplo é o seu tecido social. Porém, uma destacou-se sobre as demais. A condição de violência que permeia os espaços da cidade. A maioria dos entrevistados tem uma percepção de Valparaíso de Goiás por sua condição de violência. Ficou evidente que tais representações são recorrentes entre os moradores do Distrito Federal. Em virtude do exposto surgiu por parte destes um forte sentimento de abjeção aos moradores da cidade goiana. Salientamos que esse sentimento é reforçado pelos próprios moradores de Valparaíso de Goiás.

Quando mencionam a questão da violência, recorrentemente as referências são à criminalidade. Parece fugir a essas pessoas o fato de que a violência urbana encontra-se materializada sob a forma de expropriação das condições de habitar. Entendida essa condição como o acesso a equipamentos públicos de qualidade. A aparente fragilidade não é uma prerrogativa apenas de Valparaíso de Goiás.

Outro fator que não é percebido pelos moradores da cidade, e se o é, não lhe é dado o devido crédito, é a dinamicidade econômica desta no contexto do estado de Goiás. Com repercussão nacional inclusive para esse aspecto. Também parecem ignorar a importância da cidade no que tange à oferta de mão de obra ao Distrito Federal. Este, em caso de insuficiência de pessoas para o trabalho nos municípios goianos de sua AMB, ver-se-ia em delicada condição. Isso porque, aqueles que se deslocassem para trabalhar em Brasília teriam

necessariamente que estabelecer moradia aí. O que fatalmente pressionaria o espaço urbano da capital.

Quando esse contingente é absorvido por Valparaíso de Goiás e demais municípios que compõem a AMB, ocorre a desoneração do DF. É nesse plano, de troca, que se constitui o que nomeamos “centralidade invertida”. A cidade de Valparaíso de Goiás adquire relevante posição em relação a Brasília por ofertar em seu espaço urbano mão de obra abundante e ainda oferecer a estes trabalhadores condições de moradia. Percebemos que esta invisibilização dos aspectos positivos da cidade é parte da estratégia de negação ao estabelecimento de pertencimento a Valparaíso de Goiás.

Para finalizar ressaltamos que o sentido do pertencimento se dá pelo ato de “ser” e “viver” na cidade. A forma como o sujeito se coloca e se reconhece no espaço citadino configura-se em condição para que os vínculos afetivos se estabeleçam. Estes se tornarão fertilizante para a elaboração das representações acerca da cidade. Os elementos simbólicos que ajudam a estabelecer um sentimento de pertença à cidade são constantemente apropriados e ressignificados pelos moradores.

A associação entre representações anteriores e aquelas que surgem favorecem o estabelecimento de uma identidade social e resultam no enraizamento das pessoas à cidade de origem ou àquela por elas escolhida para a materialização de sua existência. Percebemos entre a população jovem da cidade de Valparaíso de Goiás uma predisposição ao enraizamento. Assim sendo consideramos que este se efetivará nas próximas gerações de moradores.

Não temos a pretensão de esgotar nestas páginas os questionamentos sobre o tema. Porém, dentro do que nos propusemos: entender as construções identitárias dos moradores de Valparaíso de Goiás em sua relação com Brasília; consideramos ter alcançado o objetivo. Isso posto, encerramos afirmando que o contexto de residência em condição de ubiquidade cria relações fluidas, representações multifacetadas e situações de efemeridade.

Referências Bibliográficas

AGIER, M. **Antropologia da Cidade:** lugares, situações, movimentos. Editora Terceiro Nome. São Paulo, 2011. 213p.

ALMEIDA, M. A. B. de. et.al. **Qualidade de vida:** definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades– EACH/USP, 2012. 142p. il.

ALMEIDA, M. G. de. **Diáspora:** viver entre-territórios e entre-culturas. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E.S. (orgs.) **Territórios e Territorialidades:** teorias, processos e conflitos. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de pós-Graduação em Geografia, 2009. 368p.

ALMEIDA, M. G.; CRUZ, B. N. (Orgs.) **Território e Cultura:** inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Editora UFG/FUNAPE. Goiânia, 2009. 253p.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3.ed. Boitempo, 2000. 261p.

ARAUJO, F. G. B. de.; HAESBAERT, R. (Orgs.) **Identidades e Territórios:** questões e olhares contemporâneos. Editora Access. Rio de Janeiro, 2007. 136p.

ARAUJO, R. R. E SACHUK, M. I. **Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas.** Revista de Gestão USP. v. 14, n. 1, p. 53-66, janeiro/março 2007. São Paulo, 2007.

ARIAS, P. G. **La Cultura:** estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada/UPS. Quito. Ediciones Abya-Yala, 2002.

AUGÉ, M. **Não Lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª ed. Papirus Editora. Campinas, 2012. 111p.

BARROS, J. D'A. **O campo da História:** especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 222 p.

_____. **História, Espaço e Tempo:** interações necessárias. In: VARIA HISTORIA. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36. pp. 460-476. Jul./Dez, 2006.

_____. **Cidade e História.** Editora Vozes. Petrópolis, 2007. 124p.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2005. 110p.

_____. **Confiança e medo na cidade.** Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2009. 94p.

_____. **Vida em fragmentos:** sobre a ética pós-moderna. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2011. 413p.

_____. **Vida líquida.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2007. 210p.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia de população.** Tradução: CARVALHO, L. G. de. 2ª ed. Editora. Nacional. São Paulo, 1980. 442p.

BHABHA, H. K. **O local da Cultura.** Tradução: AVILA, M.; REIS, E. L.; GONÇALVES, G.R. Editora UFMG. Belo Horizonte ,1998. 395p.

BLOCH, Marc. L. B. **Apologia da História ou ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 159 p.

BORGES, B. G. **O despertar dos dormentes:** estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais. 1909-1922. Goiânia: Cegraf, 1990. 130p.

BOSCHI, C. C. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007. 72 p.

BOSI, A. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Cultura Brasileira:** temas e situações. Editora Ática. São Paulo, 1987. 224p.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219p.

BOURDIEU, P. **Espaço social e espaço simbólico.** In: **Razões Práticas:** Sobre a teoria da ação. Editora Papirus. Campinas, 1996. 224p.

BRANDÃO, C. A. L. (Org.) **As cidades da cidade.** Editora UFMG. Belo Horizonte, 2006. 197p.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2010.

BUORO, A. et.al. **Violência Urbana: dilemas e desafios**. Atual Editora. São Paulo, 2010. 72p.

BURGARDT, V. H. V. **Identidade, cultura e representação**: um reestudo histórico da “terra dos makuxi”. Em Tempo de Histórias, n°. 6, 2002.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **História e Teoria Social**. Editora UNESP. São Paulo, 2002. 275p.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução de Mainardi, Diogo. O Globo, Rio de Janeiro; Folha de São Paulo, São Paulo. 2003. 158p.

CAMPOS, F. I. **Coronelismo em Goiás**. 2ª Ed. Goiânia: Editora Vieira, 2003. 141p.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. 1ª ed. Editora Contexto. São Paulo, 2012. 219p.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.

CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. 508 p.

CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. Editora Contexto. São Paulo, 2011. 234p.

CARMO, P. S. **O trabalho na economia global**. Editora Moderna. São Paulo, 1998. 72p.

CARNEIRO, S. S.; SANT’ANNA, M. J. G. **Cidade: olhares e trajetórias**. Garamond Editora. Rio de Janeiro, 2009. 477p.

CASSAB, C. **Reflexões sobre a cidade capitalista a partir das contribuições de Simmel e Harvey**. Perspectiva Geográfica. Unioeste. Colegiado de Geografia. UFJF-Juiz de Fora, 2008. pp.41-56

CASSIANO, L. C. **Marcha para o Oeste: um itinerário para o Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação de mestrado, dat. UnB, 2002. Brasília, 2002. s/i.

CASTELLANI FILHO (1995) apud MARCELLINO, N.C. (org.) **Lazer: formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995.

CASTILLO, L. Apresentação. In: DUMAZEDIER, J. **Questionamento teórico do Lazer**. Porto Alegre: PUCRS, 1975.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes. Petrópolis, 1994. 351p.

CHARTIER, R. **La Globalización Imaginada**. Buenos Aires: Editorial Paidós SAICF, 2001.

_____. **História Cultural: entre práticas e representações**. Trad.: GALHARDO, M. M. 2ª ed. Memória e Sociedade. Editora DIFEL. 1998. 243p.

_____. **O Mundo como Representação**. Estudos Avançados 11(5), 1991.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Editora UFG. Goiânia, 1997.

_____. **Goiás: Identidade, paisagem, tradição**. 1ª Ed. Goiânia: UCG, 2001. 268p.

CHAUL, N. F.; DUARTE, L. S. (Orgs.) **As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás**. Editora da UFG. Goiânia, 2005. 254p.

CAHVEIRO, E. F. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. Editora da UFG. Goiânia, 2007. 102p.

CHAVEIRO, E. F. et al. **A dinâmica demográfica de Goiás**. Goiânia: Ellos, 2009. 130p.

COELHO, T. (Org.) **A cultura pela cidade**. Iluminuras: Itaú Cultural. São Paulo, 2008. 191p.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. Companhia das Letras. 2003. 262p.

DA GUIA, G. A.; CIDADE, L. C. F. **Segregação residencial e reprodução das desigualdades socioespaciais no aglomerado urbano de Brasília**. Cadernos Metrôpole. São Paulo. v. 12, nº 22, pp. 145-168. jan./jun. 2010

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Editora Contraponto. Rio de Janeiro, 1997. 238p.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2006. 136p.

DE MASI, D. **O ócio criativo**: entrevista a Maria Serena Palieri. Tradução de Léa Manzi. Ed. Sextante. Rio de Janeiro, 2000. 345p.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura popular**. 4ª ed. Editora Perspectiva. São Paulo, 2012. 333p.

DURHAM, E. R. **A caminho da cidade**. 3ª ed. Editora Perspectiva. São Paulo, 1984. 245p.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2000. 164p.

ESTEVAM, L. **O tempo da transformação**: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Editora do autor/Faculdade de Economia-UCG. Goiânia, 1998. 275 p.

FEGHALI, J.; MENDES, C.; LEMGRUBER, J. (Orgs.) **Reflexões sobre a Violência Urbana**: (In) Segurança e (Des)Esperanças. Editora Mauad X. Rio de Janeiro, 2006. 161p.

FERREIRA, I. C. B.; VASCONCELOS, A. M. N.; PENNA, N. A. **Violência urbana: a vulnerabilidade dos jovens da periferia das cidades**. Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu-MG. 29/09-03/10/2008.

FERREIRA, V. M. **Fascínio da Cidade**: memória e projecto da urbanidade. Lisboa: Ler Devagar, 2004. 405p.

FISCHER, N. G. **Psicologia Social do Ambiente**. Coleção Perspectivas Ecológicas. Editora Instituto Piaget. Lisboa, 1994. 216p.

FORTUNA, C. **As cidades e as identidades**: Narrativas, Patrimônio e Memória. In: SMITH, W. **Barão Geraldo**: História e Identidade Local. Monografia de iniciação científica na disciplina de História. São Paulo: USP, 1995. 25 p.

FRANCO, S. P.; SILVA, G. V.; LARANJA, A. L. (Orgs.) **Exclusão social, violência e identidade**. Floricultura Editores. Vitória, 2004. 210p.

FREITAG, B. **Cidade dos homens**. Editora Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 2002. 254p.

- FREITAS, L. **Poder e Paixão: a saga dos Caiado**. Vol. 01. Goiânia: Cãnone Ed. 2009. 544p.
- FREITAS, L. C. B. F. **Goiás e a goianidade**. Revista da Aflag- Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás - Goiânia, n. 1, p. 183-, 191.
- FROCHTENGARTEN, F. **A memória oral no mundo contemporâneo**. Estudos Avançados 19 (55), 2005. pp.367-376.
- GARNIER, J. B. **Geografia da População**. 2ª ed. Editora Nacional. São Paulo, 1980. 441p.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. R.J.: Zahar, 1978.
- GERAB, W. J.; ROSSI, W. **Indústria e Trabalho no Brasil: limites e desafios**. 4ª ed. Editora Atual. São Paulo, 1997. 72p.
- GIL, I. C. **O que significa Estudos de Cultura?** Um diagnóstico cosmopolita sobre o caso da cultura alemã. Comunicação e Cultura, nº 6, 2008, pp.137-166.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. Tradução: SOUZA, G. G. de. Editora USP. São Paulo, 1993. 312p.
- GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. Coleção educação física e esportes.
- GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. 13ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro. 2012. 262p.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro – 3ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p.
- _____, **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- HAESBAERT, R.; BARBARA, M. J. S. **Identidade e Migração em áreas transfronteiriças**. s/i.
- HOLSTON, J. **A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia**. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 1993. 362p.

JOHNSON, R. et al. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Org./Trad.: SILVA, T. T. da. 3ª ed. 1ª Reimpressão. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2006. 240p.

JUNIOR, O. M. **Cidade Partida:** segregação induzida e auto-segregação urbana. Caminhos de Geografia. Uberlândia, v.13, n.33, mar/2010. pp. 1-10.

JUNIOR, D. M. A. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:** as fronteiras da discórdia. Cortez Editora. São Paulo, 2007. 135p.

JUNIOR, G. F. C.; SILVA, V. C. P. (Orgs.) **Natureza e representações imaginárias.** Editora Appris. Curitiba, 2013. 178p.

KOWARICK, L. **Viver em risco:** sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. Editora 34. São Paulo, 2009. 318p.

_____. **Escritos Urbanos.** 2ª ed. Editora 34. São Paulo, 2009. 143p.

KUYUMJIAN, M. M. M.; MELLO, M. T. N. (Orgs.) **Os espaços da História Cultural.** Editora Paralelo 15. Brasília, 2008. 276p.

LAGO, L. C. **Trabalho, moradia e (i)mobilidade espacial na metrópole do Rio de Janeiro.** Cadernos Metrópole 18. 2º sem. 2007. pp. 275-293.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social: Um enfoque qualiquantitativo:** a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Série Pesquisa. Editora Líber Livro. Brasília, 2010. 224p.

LEPETIT, B. **Por Uma Nova História Urbana.** Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. 323p.

LIMA, D. M. M. C.; OLIVEIRA, M. V. F. O.; MAIA, L. F. S. **Políticas públicas de lazer:** papel do estado e o cotidiano urbano. (Orgs.). In: Políticas de lazer e suas múltiplas interfaces no cotidiano urbano. Natal: CEFET-RN, 2007. p. 9-26.

LOPES, L. C. **Brasília, o enigma da esfinge:** a construção e os bastidores do poder. Editora Unisinos. Porto Alegre, 1996. 247p.

LORENZON, A. **A pessoa humana, o enraizamento e o desenraizamento:** A fome e a questão ecológica no pensamento de Simone Weil. PERSONA. Revista Iberoamericana de Personalismo Comunitario nº12, año IV, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 8ª edição, Campinas: Papirus, 2001 a.

_____. **Lazer e Humanização**. 2ª ed. Editora Papirus. Campinas, 1995. 83p.

_____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 4ª ed. Autores Associados. São Paulo, 2006. 100p.

MARQUES, G. G. **Cem anos de solidão**. 30ª Ed. Editora Record. Rio de Janeiro, 1967. 364p.

MARRA, N. C.; GONÇALVES, R. G. **O acesso ao direito social à moradia nas metrópoles: a periferização da oferta de habitação da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Joaçaba, v.13, nº1, pp. 139-154. jan./jun. 2012

MASCARENHAS, F. **Lazer e trabalho: Liberdade ainda que tardia**. In: Seminário O Lazer em debate, 2001. Belo Horizonte. Coletânea Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR. 2001.

MASCARENHAS, F.; FILHO, A. L. (Orgs.) **Lazer, cultura e educação: contribuições ao debate contemporâneo**. Editora UFG. Goiânia, 2010. 142p.

MATTOS, W. **Valparaíso de Goiás de corpo e alma: o resgate da história de uma cidade**. Brasília-DF, 2008. 168p.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. Editora Contexto. São Paulo, 2011. 175p.

MELLO, M. de. **Luziânia: a fragmentação territorial de um município do Entorno de Brasília**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1999. 124f.

MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. (Orgs.) **Experiência e Representação Social: questões teóricas e metodológicas**. Editora Casa do Psicólogo. São Paulo, 2005. 314p.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31ª Edição. Editora Vozes. Petrópolis, 2012. 108p.

MORIN, E. M. **Os sentidos do trabalho**. RAE - Revista de Administração de Empresas. v. 41 • n. 3.. Jul./Set. 2001. São Paulo. pp. 8-19.

MOYSÉS, A. **O estado de Goiás e a Região Metropolitana de Goiânia no Censo de 2010**. Observatório das Metrópoles: núcleo Goiânia e do GEPUR-CO, 2011. 27p.

MUMFORD, L. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. Martins Fontes Editora. São Paulo, 1998.

MORAES, A. C. R. **Território e História no Brasil.** São Paulo: Annablume, 2005. 154 p.

MOREIRA, F.; BARROS, J. M. **Diversidade e Identidades:** fronteiras e tensões culturais no espaço urbano. Políticas Culturais em Revista, 2 (2). Universidade Federal da Bahia/UFBA, 2009. pp.50-59.

NASCIMENTO, C. S. **Cultura e Manifestações Culturais:** um atrativo turístico no espaço rural dos assentamentos do município de Rosana/SP. Universidade Estadual Paulista/UNESP – Rosana/SP. 2009. 125 p.

NASCIMENTO, A. E.; BARBOSA, J. P. **Trabalho:** Histórias e Tendências. Editora Ática. São Paulo, 1996. 87p.

NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares:** um panorama dos estudos migratórios. Editora Revan. Rio de Janeiro, 2005. 424p.

NOGALES, A. M. **Correio Braziliense.** Cidades, s.d., 2008.

NOGUEIRA, M. F. M. O **imaginário da goianidade:** turismo e cultura. Labirinto. Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. Universidade Federal de Rondônia. Ano VIII, n. 11, jan./dez. 2008.

NOVAES, A. **Tempo e História.** Companhia das Letras. São Paulo, 1992. 477p.

OJIMA, R.; PEREIRA, R. H. M.; SILVA, R. B. da. **Cidades-dormitório e a mobilidade pendular:** espaços da desigualdade na redistribuição dos riscos socioambientais? Disponível em: <www.unicamp.br/anuario/2008/IFCH/DD/DD-0012.html> Acesso em: jan./2011.

OLIVEIRA, M. C. L.; SILVEIRA, S. B. **Os sentidos do trabalho na contemporaneidade.** Linguística Aplicada das Profissões. vol. 16. nº 1. 2012. pp149-165.

OLIVEN, R. G. **A Antropologia de Grupos Urbanos.** 3ª ed. Editora Vozes. Petrópolis, 1992. 53p.

_____. **Urbanização e mudança social no Brasil.** Editora Vozes. Petrópolis, 1980. 136p.

PAVIANI, A. **Urbanização e Metropolização**. Brasília: Universidade de Brasília, Codeplan, 1987. 256p.

_____. **Radiografia da Área Metropolitana de Brasília-AMB**. In: Brasília em Debate. Org. Companhia de Planejamento do Distrito Federal/CODEPLAN. pp.07-12. dez./2012. Ano 2012. nº 1.

_____. (Org.) **Brasília 50 anos: da capital a metrópole**. Editora UnB. Brasília, 2010. 490p.

_____. **Brasília, metrópole em crise: ensaios sobre urbanização**. 2ª ed. Editora UnB. Brasília, 2010. 168p.

PELLEGRIN, A. **Equipamento de lazer**. In: GOMES, C. L. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2004. p. 69-73.

PEREIRA, E. M. C. **Goiânia, filha mais moça e bonita do Brasil**. In: BOTELHO, T. R. (Org.). **Goiânia: cidade Pensada**. Editora UFG. Goiânia, 2002. s/i.

PESAVENTO, S. J. **O outro no tempo**. História. Debates e Tendências (Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo, v. 4, n. 2. 2003.

PIMENTEL, A. **Visão histórica de Valparaíso de Goiás: pesquisa histórica**. Valparaíso de Goiás, 2006. 105p.

PMAD – **Pesquisa Metropolitana por Amostra de Domicílios** - 2013. CODEPLAN/SEPLAN. 2013. 237P.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História. São Paulo: EDUC, n. 14. Fev. /97

PÔRTO, G. **História do Tempo Presente**. Bauru, SP: EDUSC, 2007. 360 p.

PRORIDE – **Programa Especial de Desenvolvimento do Entorno do Distrito Federal**, 2002. 55p

REIS, G. **“Imobiliário de Luziânia”**. Luziânia-GO, 1975.

REQUIXA, R. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

_____. **As Dimensões do Lazer**. São Paulo: Sesc / Celazer, 1974.

_____. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer.** São Paulo: Sesc / Celazer, 1980.

RIBEIRO, H. S. **O Migrante e a cidade:** dilemas e conflitos. Araraquara, 2001.

RIBEIRO, M. B. A. Cap. III: **Memória, família e poder.** História de uma permanência política- os Caiado em Goiás. In: CHAUL, N. F. (Coord.) **Coronelismo em Goiás:** estudo de casos e famílias. Goiânia: Mestrado em História/UFG, 1998, pp.207-290.

RIZEK, C. S. **Trabalho, moradia e cidade:** zonas de indiferenciação? Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 27, nº 78. fev./2012.

ROCHA, J. C. C. (Org.) **Roger Chartier, a força das Representações:** história e ficção. Argos Editora da Unochapecó. Chapecó, 2011. 291p.

ROCHEFORT, M. **Cidades e Globalização.** Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 02, 2002. pp. 7-11.

ROMANELLI, C.; ABIKO, A. K. **Processo de Metropolização no Brasil.** São Paulo: EPUSP. Texto Técnico da Escola Politécnica da USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, TT/PCC/28. 2011. 34p.

ROLNIK, R. **O lazer humaniza o espaço urbano.** In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

RÜSEN, J. **Razão histórica.** Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001, 194 p.

_____, **História Viva:** Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UnB, 2007, 159 p.

SÁ, C. P. de. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais.** Editora UERJ. Rio de Janeiro, 1998. 95p.

_____. **Núcleo Central das Representações Sociais.** Editora Vozes. Petrópolis, 1996. 180p.

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. 10ª ed. Cortez Editora. São Paulo, 2005. 348p.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria.** Editora UNESP. São Paulo, 2002. 217p.

SANTOS, D. V. C. dos. **Acerca do conceito de representação.** Revista de Teoria da História. Ano 3, nº 6, dez/2011. Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira.** 5ª ed. 2ª Reimpressão. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. 176p.

_____. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, R. B. **Movimentos sociais urbanos.** Editora Unesp. São Paulo, 2008. 175p.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade.** Editora Edusp. São Paulo, 1998. 299p.

SILVA, A. A. **Política social e Cooperativas habitacionais.** Editora Cortez. São Paulo, 1991. 135p.

SILVA, E. B. B. e SILVA, G. E. R. **Aspectos Histórico- geográficos do município de Valparaíso de Goiás.** In: História de Nossa Terra: Valparaíso de Goiás. Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás (Org.) 1ª edição. Valparaíso de Goiás, 2008. 152 p.

SILVA, E. R. **A economia goiana no contexto nacional 1970-200.** Editora da UCG. Goiânia, 2007. 216p.

SILVA, G. E. R. da. **Valparaíso de Goiás-GO: migração e dinâmica socioespacial - 1995/2010.** Dissertação de mestrado. Goiânia. UFG, 2012. 195f.

SILVA, L. S. D. **A construção de Brasília: modernidade e periferia.** 2ª ed. Editora UFG. Goiânia, 2010. 133p.

SILVA, R. M. **Memórias e Identidades e Processos Migratórios.** In: Em tempo de Histórias – Publicação do Programa de Pós-Graduação em História / UnB, nº 12. Brasília, 2008. 24 p.

SILVA, T. T. da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** 10ª ed. Editora Vozes. Petrópolis, 2011. 133p.

_____. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3ª ed. 1ª Reimpressão. Editora Autentica. Belo Horizonte, 2006. 236p.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. In: O fenômeno urbano. VELHO, O. G. (Org.). Tradução: Reis. S. M. dos. 4ª ed. Editora Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979. pp.11-25.

SMITH, Warney. **Barão Geraldo: História e Identidade Local**. Monografia de iniciação científica na disciplina de História. São Paulo: USP, 1995. 25 p.

SOLLER, M. A.; MATOS, M. I. S. (Orgs.) **A cidade em debate**. Editora Olho d'Água. São Paulo. 1999. 271p.

SOUZA, B. T.; RIBEIRO, R. J. C.; **O antagonismo entre emprego e moradia no Distrito Federal. Cadernos Metrópole**. São Paulo. vol. 12, nº 23, jan./jun. 2010. pp. 125-143.

STEINBERGER, M. (Org.). **Território, ambiente e políticas públicas espaciais**. Paralelo 15 e LGE Editora. Brasília, 2006. 408p.

SUESS, P. **Migração, identidade, interculturalização: Teses e fragmentos para um discernimento teológico-pastoral**. Disponível em: <http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_76.pdf> Acesso em: 01/06/2011. p.01-13.

TELLES, V. S. **A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal**. Argumentum Editora. Belo Horizonte, 2010. 274p.

_____. **Mutações do trabalho e experiência urbana**. Tempo Social, Revista de sociologia da USP. vol. 18, nº 1, jun./2006. pp. 173-195.

TELLES, V. S.; CABANES, R. (Orgs.). **Nas tramas da Cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. Associação Editorial Humanitas. São Paulo, 2006. 442p.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Editora Difel. São Paulo, 1983. 250p.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12ªed. Trad. M. Irene Szmrecsányi e Tamás Szmrecsányi. Ed. Pioneira. São Paulo, 1999. 119p.

VALADÃO, L. A. N.; NASCIMENTO, L. C. do. **Lixo e cidadania, a construção a partir da organização**. Monografia de especialização. Universidade Estadual de Goiás. Formosa, 2004. 75f.

VELHO, G. **A Utopia Urbana**: um estudo de Antropologia Social. 5ª ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1989. 115p.

VERSIANI, I. V. L.; SILVA, G. P. **Espaço público de lazer no ambiente urbano**: ampliação das possibilidades de convivência, socialização e mudança violenta de cenários. In: Revista Latinoamericana de Desarrollo Humano. Disponível em <www.revistadesarrollohumano.org> - Boletín N° 74 – Junio 2011

VIANA, N. **Violência urbana**: a cidade como espaço gerador de violência. Editora Germinal. Goiânia-GO, 2002. 48p.

_____. **Senso comum, representações sociais e representações cotidianas**. Editora EDUSC. Bauru-SP, 2008. 160p.

VIDAL, L. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Editora Martins Fontes. São Paulo, 2008. 294p.

_____. **De Nova Lisboa a Brasília**: A invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Editora UnB. Brasília, 2009. 352p.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. Editora FAPESP. São Paulo, 2007. 373p.

VISCARDI, C. M. R.; DELGADO, L. A. N. (Orgs.) **História Oral**: teoria, Educação e Sociedade. Editora Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2006. 176p.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2012**: Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil. 1ª Edição. Instituto Sangari. São Paulo, 2011. 245p.

Zoneamento Ecológico-Econômico do DF-2010. Disponível em: <<http://www.zeedf.com.br/produtos.html>> Acesso em: 15/11/2011.

WEIL, S. **A Condição operária** e outros estudos sobre a opressão. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979. 399p.

Apêndices

Nota Metodológica

Encaminhamentos teórico-metodológicos da pesquisa

Ao propormos o estudo do processo de construção de representações sociais e das identidades dos moradores de Valparaíso de Goiás em sua relação com Brasília, apresentou-se a nós uma questão de ordem metodológica. Que caminhos trilhar para deslindar tais processos? Que abordagens empregar para o termo do proposto? Foram muitas as encruzilhadas a que fomos conduzidos no decorrer desta busca.

Após leituras várias, conversas com o orientador, com professores cujas disciplinas tivemos o prazer de cursar, trocas de experiências com os colegas de jornada chegamos àquilo que convencionamos chamar de “Encaminhamentos para a pesquisa”.

Por considerarmos que o imagético configura-se em elemento facilitador do entendimento estruturamos os passos da pesquisa no organograma que segue.

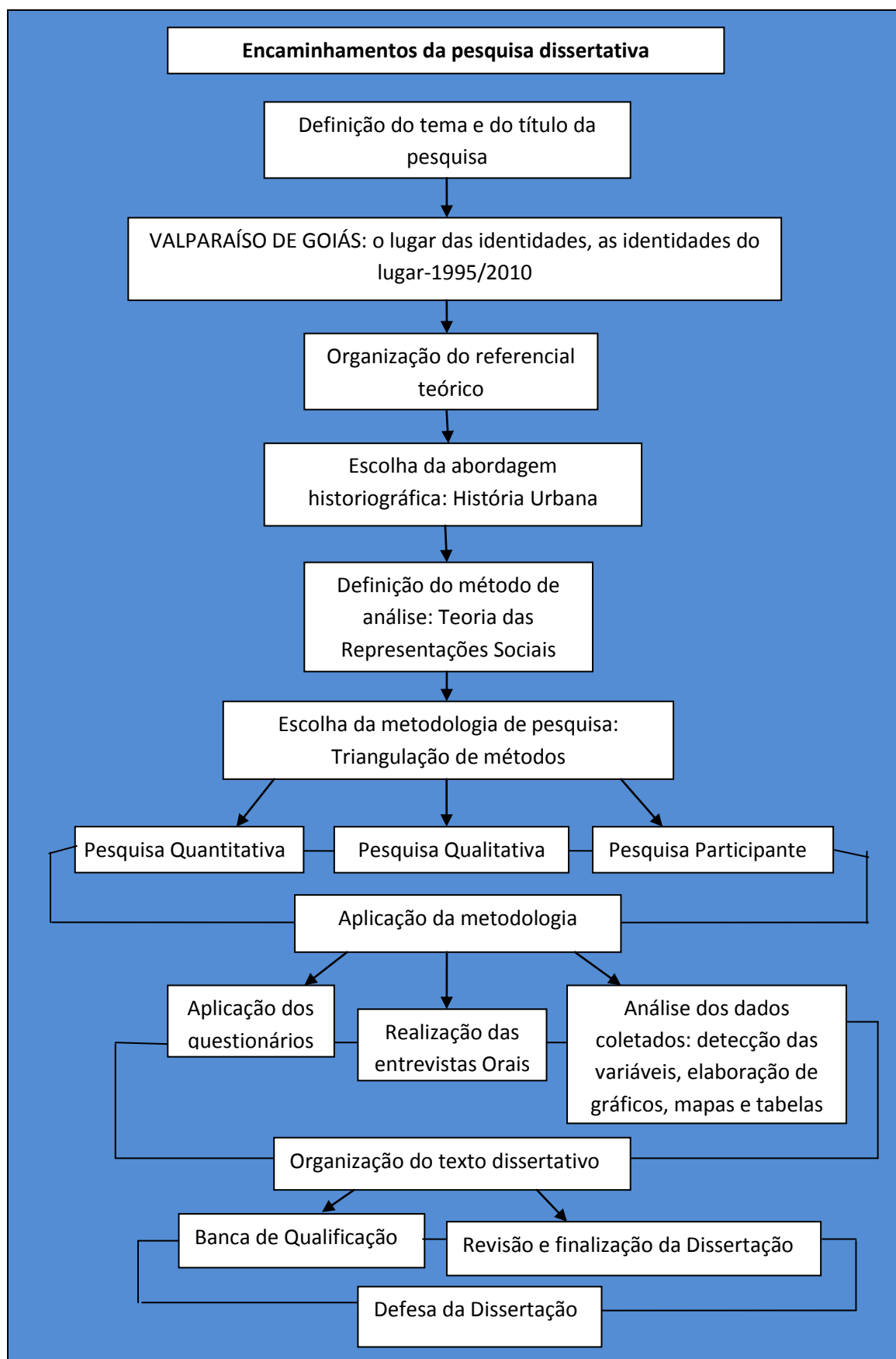


Figura 20- Encaminhamentos da pesquisa dissertativa. Elaboração e organização: SILVA, E. B. B. 2013

Conforme registramos no organograma, nossa escolha pela metodologia de pesquisa recaiu na Triangulação de métodos. Foram escolhidos os métodos quantitativo, qualitativo e a pesquisa participante. Na busca por entender o processo de construção identitária e das representações sociais dos moradores de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal consideramos o emprego de elementos qualitativos e quantitativos de pesquisa¹²⁹. Aliado a tais procedimentos, propomos integrar à abordagem metodológica anteriormente evidenciada a pesquisa participante. Tal se justifica pelo fato de sermos objeto e atores de nosso estudo.

Moradora da cidade de Valparaíso de Goiás desde o ano de 2004 encontramos-nos na posição de migrante que chega a estas plagas com o sonho de “mudar de vida”. Porém a materialização deste sonho é para nós em terras distritais. Vendo frustrado o nosso intento é em Valparaíso de Goiás que estabelecemos-nos. Compartilharmos nos aspectos de nossa trajetória, da história de muitos dos moradores do município de Valparaíso de Goiás.

Elegemos algumas variáveis que, através de uma análise qualitativa e quantitativa, nos ajudaram a entender o processo de construção das representações sociais no referido município bem como das construções identitárias aí estabelecidas. Seguem as variáveis¹³⁰:

Qualitativos

- Causas que levaram à mudança para Valparaíso de Goiás
- Sentimento experienciado ao chegar a Valparaíso de Goiás
- Como se sente morando em Valparaíso de Goiás
- O que pensa sobre a chegada de novos moradores a Valparaíso de Goiás
- Intenção de mudar de Valparaíso de Goiás
- Destino para onde gostaria de se mudar
- Retorno à cidade natal

Quantitativos

- Relação com as cidades do Distrito Federal
- Periodicidade das idas ao Distrito Federal

¹²⁹ De acordo com Lefevre e Lefevre “(...) as pesquisas quantitativas são sempre realizadas posteriormente a processos de qualificação das variáveis que se propõe investigar. (...) A partir do momento em que as qualidades forem descritas, será possível quantificá-las.” (2010:14).

¹³⁰ Para organização de algumas das variáveis aqui enumeradas nos orientamos também pelo trabalho dissertativo de Silva, G. E. R. da. **VALPARAÍSO DE GOIÁS-GO: migração e dinâmica socioespacial – 1995/2010**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012. 195f.

- Existência de espaços de lazer em Valparaíso de Goiás
- Mapeamento dos espaços de lazer em Valparaíso de Goiás
- Locais e formas de lazer em Valparaíso de Goiás
- Quantitativo de vizinhos em Valparaíso de Goiás, de diferentes casas
- Vantagens observadas em Valparaíso de Goiás
- Relação Valparaíso de Goiás X Distrito Federal
- Manifestações de preconceito por parte dos moradores do Distrito Federal em relação aos moradores da Área Metropolitana de Brasília
- Prejuízo por residir na Área Metropolitana de Brasília

Nas questões qualitativas, que são a rigor abertas, foi nossa intenção apreender a opinião dos moradores de Valparaíso de Goiás acerca do município. Importante ressaltar que a leitura do enunciado das entrevistas não implica em uma verdade estática daquilo que foi emitido pelo entrevistado. Estes revelaram-se ao pesquisador na medida de suas buscas e questionamentos. Podem, portanto, alterar-se a qualquer tempo. Desde que o enfoque dado seja ele também alterado.

Tendo as variáveis qualitativas preenchidas partiu-se então para a quantificação da problemática. Neste momento aplicaram-se as variáveis quantitativas procedendo a uma análise que resultou no surgimento de gráficos, tabelas comparativas ou percentuais do quadro analisado. Alguns gráficos foram utilizados no corpo do texto. Outros porém, encontram-se nos apêndices que seguem. Além dos gráficos, julgamos pertinente apresentar os modelos da entrevista oral e do questionário semielaborado. Em anexo encontra-se o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás – UFG.

Apêndices A – Gráficos

Apêndice A1

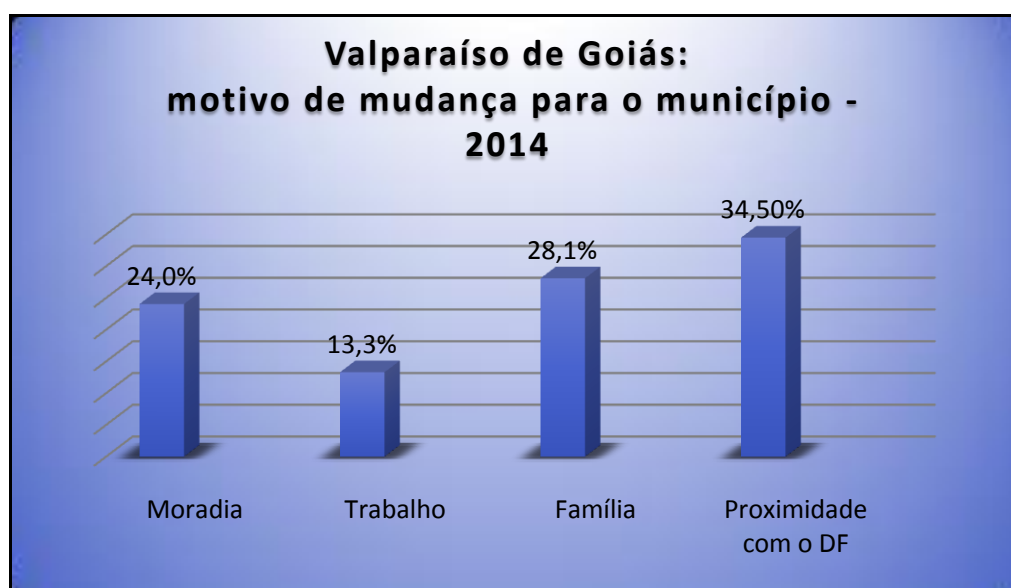


Gráfico 16- Valparaíso de Goiás: motivo de mudança para o município-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

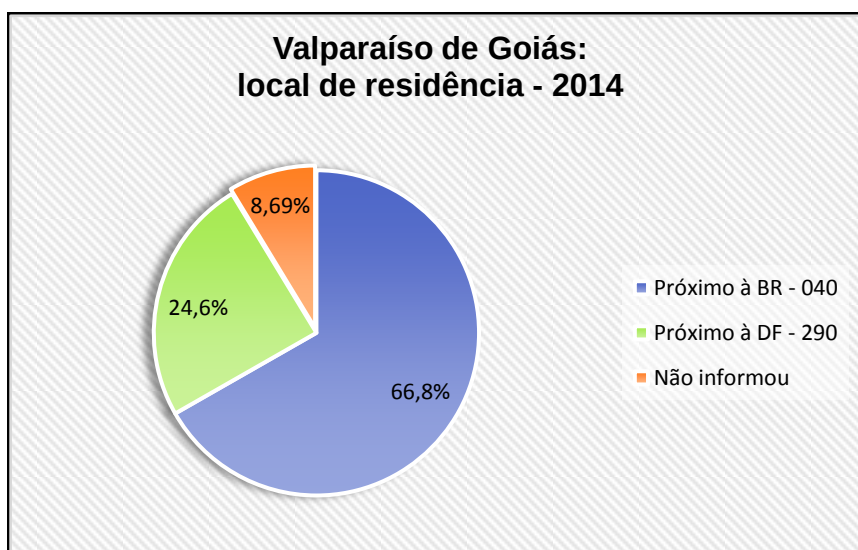
Apêndice A2

Gráfico 17- Valparaíso de Goiás: local de residência-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Apêndice A3

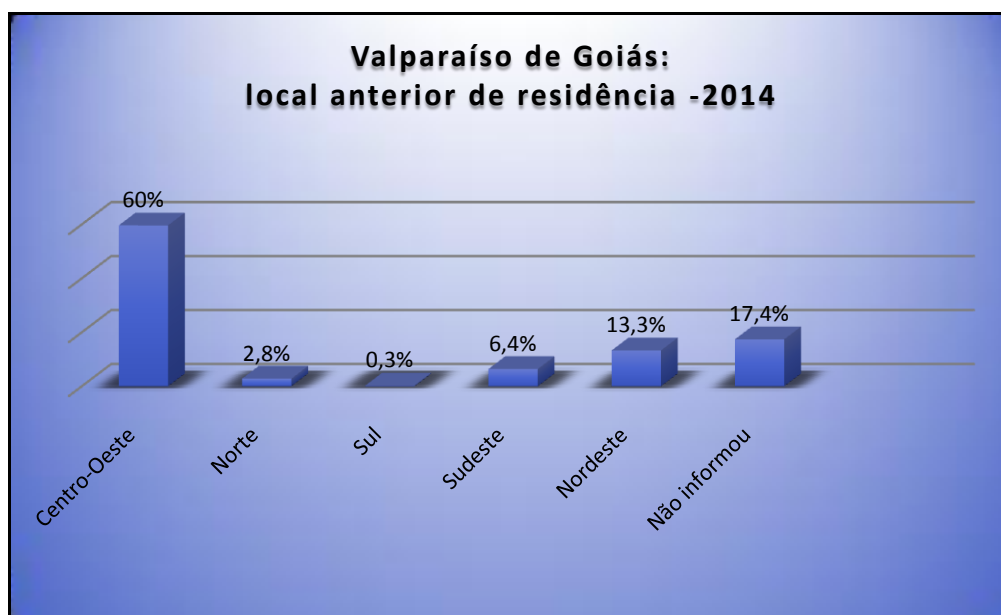


Gráfico 18- Valparaíso de Goiás: local anterior de residência-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Apêndice A4



Gráfico 19- Valparaíso de Goiás: problemas apontados -2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Apêndice A5



Gráfico 20- Dificuldades para obtenção de trabalho: local de moradia-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Apêndice A6

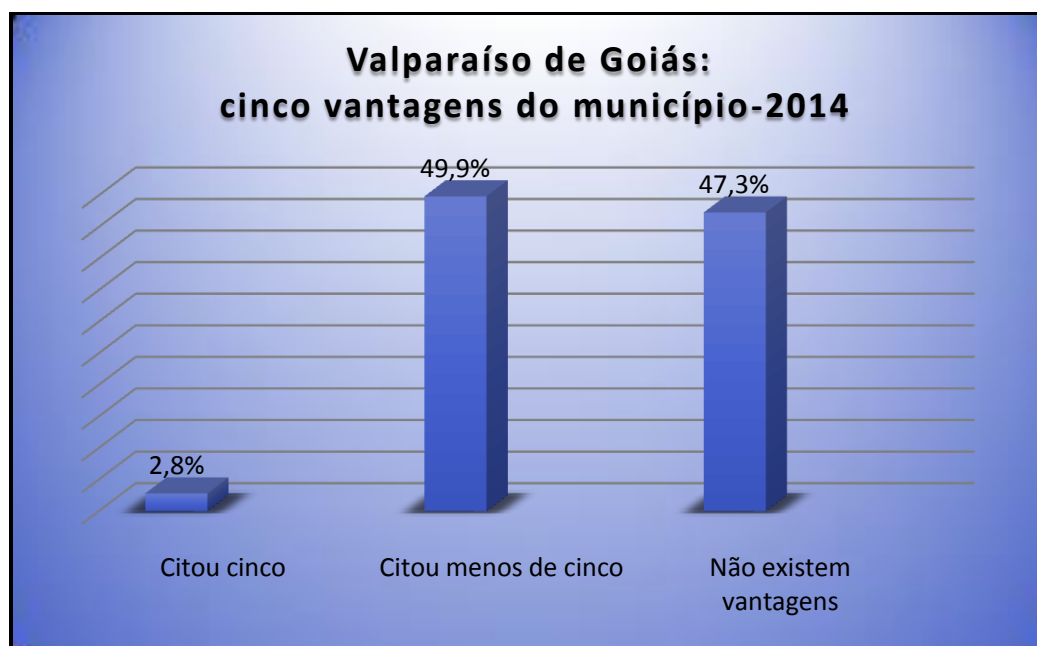


Gráfico 21- Valparaíso de Goiás: cinco vantagens do município-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Apêndice A7

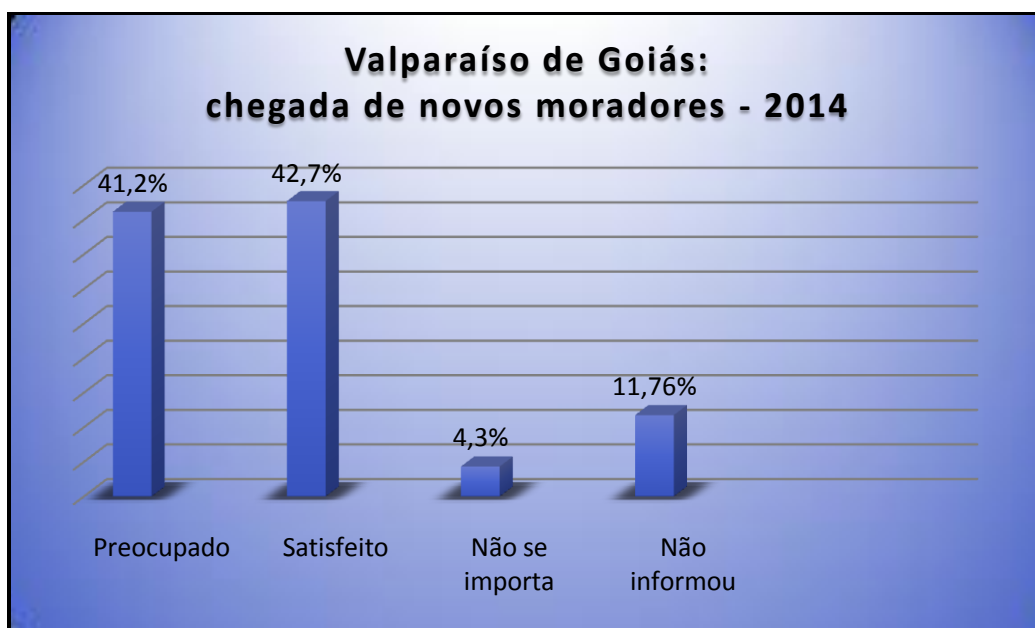


Gráfico 22- Valparaíso de Goiás: chegada de novos moradores-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Apêndice A8

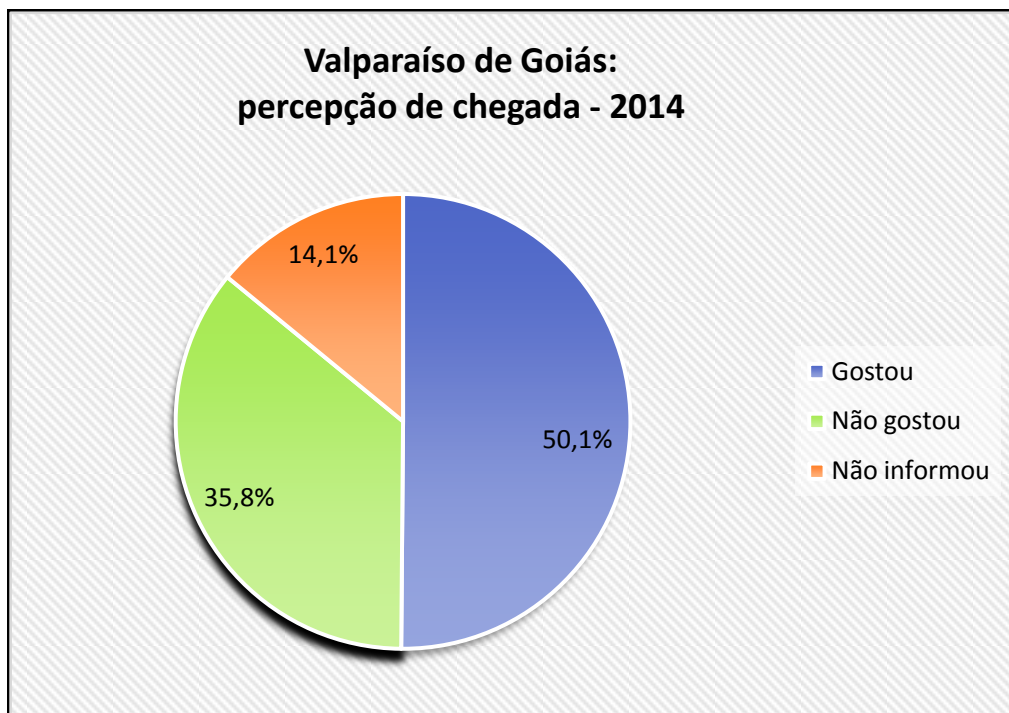


Gráfico 23- Valparaíso de Goiás: percepção ao chegar-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2014.

Apêndice A9

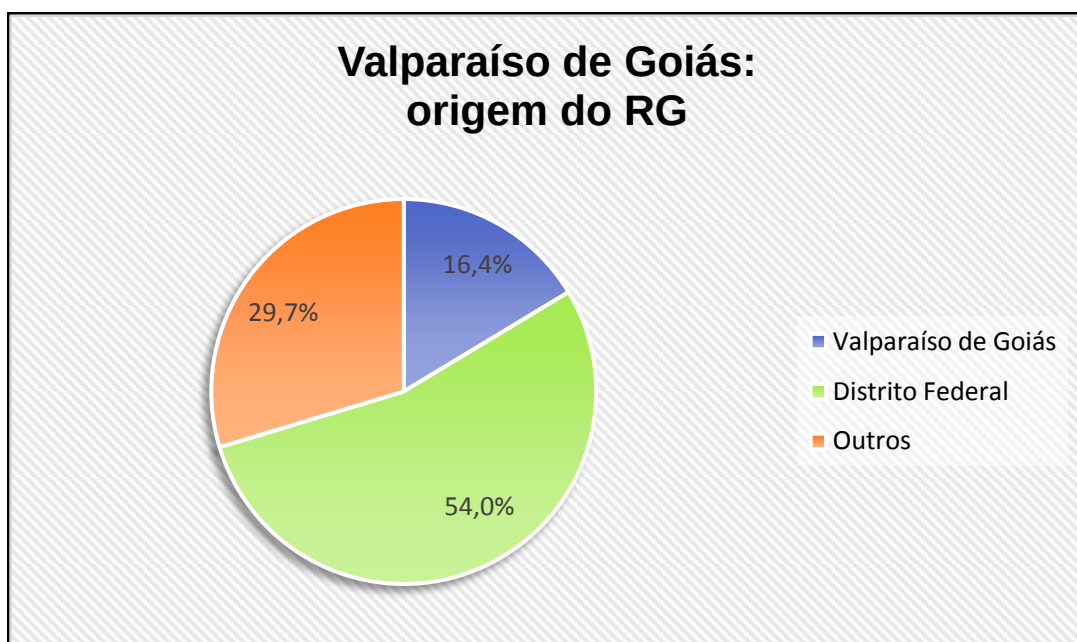


Gráfico 24- Valparaíso de Goiás: Origem do Registro Geral/RG-2014.

Fonte: Pesquisa realizada entre os moradores de Valparaíso de Goiás-GO, 2014.

Elaboração e org.: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2013

Apêndices B – Roteiros de Entrevistas

Apêndice B1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO

Este roteiro para entrevista/diálogo será aplicado como piloto nos trabalhos de campo em Valparaíso de Goiás. Decorre da pesquisa coordenada no âmbito da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação do professor Dr. Leandro Mendes Rocha, para colher informações acerca dos processos socioeconômicos, culturais e políticos no município que resultam na constituição das identidades sociais que permeiam o supramencionado município. A dissertação em nível de mestrado oriunda desse estudo intitula-se: “Valparaíso de Goiás-GO: o lugar da identidade, as identidades do lugar.”

QUESTÕES PARA ENTREVISTA ORAL

DADOS PESSOAIS

Nome:

Idade:

Cidade de origem:

Local onde vota:

Origem do RG:

Endereço:

- 1- Você é natural de Valparaíso de Goiás?
- 2- Que motivos o levaram a migrar?
- 3- Você veio direto de sua cidade natal ou passou por outras cidades antes? Quais?
- 4- Como era a sua vida na sua cidade natal ou de origem?

- 5- Porque escolheu Valparaíso de Goiás como local de moradia?
- 6- Como era a cidade quando você aqui chegou?
- 7- Como você vê a cidade hoje?
- 8- Como vê a chegada de novos moradores para a cidade de Valparaíso de Goiás?
- 9- Como você avalia a sua vida hoje em relação ao que era antes, houve melhorias? Quais?
- 10- Encontrou aqui o que esperava quando veio?
- 11- O que exatamente esperava encontrar aqui?
- 12- Com que frequência e porque motivos você retorna a sua cidade natal?
- 13- Você sente vontade de voltar para sua cidade natal? Por quê?
- 14- Existe em sua casa algum objeto que você trouxe consigo de mudança por te lembrar sua cidade natal ou de origem?
- 15- Você já ouviu comentários dos moradores do DF em relação aos moradores do Entorno? Como eram esses comentários?
- 16- Com que frequência você vai ao DF? Para quê?
- 17- Já perdeu alguma oportunidade de emprego no DF por ser morador do Entorno?
- 18- Cite 05 vantagens e 05 problemas que você identifica na cidade de Valparaíso de Goiás
- 19- Você gostaria de mudar de Valparaíso de Goiás? Por quê? Para onde?

Apêndice B2



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO**

Este roteiro para entrevista será aplicado nos trabalhos de campo em Valparaíso de Goiás. Decorre da pesquisa coordenada no âmbito da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação do professor Dr. Leandro Mendes Rocha, para obter informações sobre os processos socioeconômicos, culturais e políticos no município que resultam na constituição das identidades sociais deste. A dissertação em nível de mestrado oriunda desse estudo intitula-se: “Valparaíso de Goiás-GO: o lugar da identidade, as identidades do lugar.”

Dados Pessoais

Idade: _____ Estado civil: _____ Escolaridade: _____ Sexo: M () F ()

Nº de filhos: _____

Local onde vota: _____ Origem do RG: _____

Cidade e estado onde nasceu: _____

Data da chegada em Valparaíso de Goiás: ____/____/____

Local de residência antes de Valparaíso de Goiás: _____

Endereço em Valparaíso de Goiás: _____

Profissão: _____ Local de trabalho: _____

Local de estudo: _____

Seus filhos trabalham e/ou estudam? S () N ()

Onde? _____

Por quê? _____

Por que mudou para Valparaíso de
Goiás? _____

Como se sentiu quando chegou a Valparaíso de
Goiás? _____

Como se sente hoje morando em Valparaíso de
Goiás? _____

Como vê a chegada de novos moradores a Valparaíso de
Goiás? _____

Gosta de morar em Valparaíso de Goiás? S () N ()

Por quê? _____

Tem intenção de mudar de Valparaíso de Goiás? S () N ()

Por quê? _____

Para onde? _____ Por quê? _____

Voltaria para sua cidade natal? S () N ()

Por quê? _____

Vai a alguma cidade do DF? S () N ()

De quanto em quanto tempo? _____

Para quê? _____

Existem espaços de lazer em Valparaíso de Goiás? S () N ()

Quais? _____

Onde e de que forma você e sua família se divertem? _____

Cite os nomes de 05 vizinhos seu, de diferentes casas: _____

Cite 05 vantagens em Valparaíso de Goiás: _____

Cite 05 problemas em Valparaíso de Goiás: _____

Você já ouviu comentários negativos dos moradores do DF em relação aos moradores do Entorno?

S () N ()

Quais? _____

Já perdeu algum trabalho por residir no Entorno do DF? S () N ()

Comente: _____



Prof. D^r. Leandro Mendes Rocha
Orientador da pesquisa



Eliete Barbosa de Brito Silva
Pesquisadora/Mat.:2012061

Apêndice B3



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/CEP**

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA
PESQUISA**

Eu, _____, RG: _____

CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar das entrevistas para a dissertação de mestrado: Valparaíso de Goiás: o lugar da(s) identidades, as identidades do lugar, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador (a) Eliete Barbosa de Brito Silva sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento, se for o caso). Foi-me ainda esclarecido que minha participação na pesquisa não gera nenhum ônus ou bônus. Que não receberei nenhum pagamento ou gratificação. Estando de acordo com os esclarecimentos prestados, assino em duas vias, uma minha e outra do pesquisador, e dato o presente.

Local e data: _____

Nome e Assinatura do sujeito: _____

Apêndice B4

ANEXO IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de minha pesquisa de mestrado cujo título é: **VALPARAÍSO DE GOIÁS: O LUGAR DA(S) IDENTIDADE(S), A(S) IDENTIDADE(S) DO LUGAR**. O objetivo desta pesquisa é deslindar o processo de formação identitária dos moradores do município de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal. Meu nome é Eliete Barbosa de Brito Silva. Sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é na História.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

A sua participação na pesquisa, caso aceite contribuir, será voluntária, ou seja, não haverá nenhuma forma de pagamento ou gratificação por sua contribuição. Os nomes dos participantes não serão divulgados. O que garante sigilo e anonimato. Porém, é seu direito requerer indenização caso se considere prejudicado pelos dados apontados na pesquisa.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável **Eliete Barbosa de Brito Silva**, nos telefones: (61) 8135-4891 ou (61) 9684-2813. Sua ligação pode ser efetuada a qualquer momento e pode ser feita **a cobrar**. Caso seja necessário poderá contatar o orientador desta pesquisa o Prof. Dr. **Leandro Mendes Rocha**, no telefone (62) 3521-1166. Em caso de **dúvidas sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: (62) 3521-1075 ou (62) 3521-1076.

ANEXO

Anexo I



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Goiânia, 11/04/2013

PARECER CONSUBSTANCIADO REFERENTE AO PROJETO DE PESQUISA, PROTOCOLADO NESTE COMITÊ SOB O Nº: 072/13

I – Identificação

- Título do projeto: **“VALPARAISO DE GOIÁS: O LUGAR DA(S) IDENTIDADE(S), A(S) IDENTIDADE(S) DO LUGAR”**
- Pesquisadora Responsável: Eliete Barbosa de Brito Silva – PPGH/UFG
- Orientador: Leandro Mendes Rocha – UFG
- Instituição onde será realizado o estudo: Universidade Federal de Goiás – Faculdade de História
- Instância da Instituição responsável pela aprovação do Projeto de Pesquisa: Faculdade de História/UFG – Projeto aprovado em 13/03/2013
- Data de apresentação ao CEP/UFG: 13/03/2013
- Área Temática: III

II – Estrutura do Protocolo

- O presente protocolo encontra-se assinado pela Coordenadora do Curso de História/UFG e está composto pelos seguintes documentos:
- Folha de Rosto, com termos de compromisso assinados pela pesquisadora responsável e pela Coordenadora do Curso de História da Universidade Federal de Goiás;
- Projeto de pesquisa;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos sujeitos da pesquisa;
- Orçamento financeiro detalhado do projeto;
- Indicações para acesso ao Curriculum Lattes da pesquisadora responsável e do orientador da pesquisa
- Roteiro de Entrevistas e Questionário a seres utilizados

III – Projeto de pesquisa

- O presente projeto visa entender os mecanismos de construção identitária dos moradores do município de Valparaíso de Goiás em sua relação com o Distrito Federal, uma vez que o referido município é, em sua maioria, formado por migrantes que foram atraídos pelas oportunidades de trabalho da capital federal. Assim sendo, esses moradores encontram certa dificuldade em estabelecer pertencimento ao município no qual habitam, por estarem vinculados, a partir de seu trabalho, educação, saúde e lazer, a Brasília.
- O objetivo geral do projeto é interpretar a construção da identidade de um sujeito migrante que se estabelece em um município do entorno de Brasília, a relação entre a noção de pertencimento que se dá a partir da composição das identidades individual e coletiva e as interferências efetivadas por esse sujeito

na construção históricossocial do município. Como objetivos específicos, são enumerados: investigar a questão da elaboração ou não da noção de pertencimento social que resulta no surgimento de identidades compartilhadas; compreender a construção da identidade social de um sujeito em situação de segregação socioespacial; averiguar as transformações ocorridas na construção da identidade a partir do processo migratório na vida dos habitantes locais.

- Análise das questões éticas: O projeto encontra-se muito bem fundamentado no que diz respeito a seu respaldo teórico e seus objetivos, apresentando bibliografia relevante, com títulos atualizados. Foram, também, apresentados os roteiros de entrevistas orais a serem feitas e o modelo do questionário a ser aplicado, ambos com procedimentos que se acham claramente descritos no projeto. Os riscos de participação são praticamente inexistentes, pois se trata de uma pesquisa de caráter acadêmico, resumindo-se em coletar/analisar dados fornecidos por moradores da área, que serão conseguidos a partir de questionários de preenchimento anônimo e entrevistas orais gravadas, cujo conteúdo será disponibilizado aos entrevistados para serem consultadas ou mesmo solicitada a sua posse em caso de desistência de participação na pesquisa.

- A metodologia do projeto encontra-se minuciosamente especificada e se mostra adequada aos seus objetivos;

- Os sujeitos da pesquisa e critérios de inclusão e exclusão podem ser compreendidos da leitura do projeto, que circunscreve esses sujeitos aos moradores do município de Valparaíso de Goiás, maiores de 18 anos, constituindo um universo de pesquisa de aproximadamente 500 entrevistas, o que foi considerado uma amostra significativa da população residente no município com vínculos no Distrito Federal. A forma de recrutamento desses sujeitos entrevistados também é pormenorizadamente descrita pelo projeto.

- O cronograma de execução mostra-se coerente com o tempo de duração do projeto e o orçamento detalhado prevê a aplicação de recursos da pesquisadora responsável.

IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O TCLE, com previsão de assinatura pelo participante, traz a garantia de sigilo e privacidade dos dados coletados, assim como reserva liberdade ao sujeito de recusar ou retirar o consentimento sem qualquer tipo de prejuízo. Encontra-se bem redigido, de forma clara, contendo informações sobre a pesquisa e dados sobre a pesquisadora responsável e o orientador do projeto, com os respectivos números de telefone, assim como os números de telefones do CEP, para solução de qualquer dúvida.

V – Parecer do CEP

O Protocolo encontra-se de acordo com os termos definidos na Resolução CNS nº 196/96, e o parecer deste Comitê, SMJ, é favorável à sua aprovação.

VI – Data da reunião:

Assinatura do Coordenador CEP/UFV:

Prof. João Batista de Souza
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFV

12/05